

MÁRIO CÂNDIDO DE ATHAYDE JÚNIOR

Este exemplar e a redação final da obra
defendida por Mário Cândido de

Athayde Júnior

e aprovada pela Comissão Julgadora

21, 08, 95.

Prof. Dr. Sírio Possenti

Sinclair

O DISCURSO POLÍTICO EM REDAÇÕES DE

PROFESSORES: exercícios de leitura

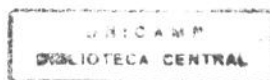
Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem

1995



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	At 38d
V.	E.
TEMPO	2.125876
PREÇO	433,95
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	2811,00
DATA	06/10/95
N.º CPD	

CM-00077393-8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Athayde Júnior, Mário Cândido de

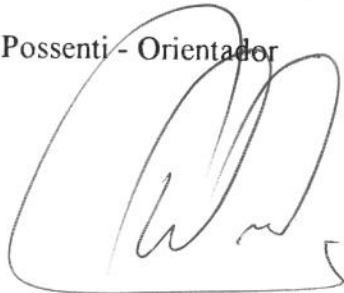
At38d O discurso político em redações de professores: exercícios de leitura / Mário Cândido de Athayde Júnior. -- Campinas, SP : [s.n.], 1995.

Orientador: Sírio Possenti
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Discurso político. 3. Redação - estudo e ensino. I. Possenti, Sírio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Sirio Possenti

Prof. Dr. Sírio Possenti - Orientador



Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

Rodolfo Ilari

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Mário Cândido de
Athayde Júnior
e aprovada pela Comissão Julgadora em
21,08,1995.

Prof. Dr. Sírio Possenti

À memória de meu Pai

e

Para Fátima, Thama e Mariana

Este trabalho só foi possível graças ao apoio e incentivo de alguns, motivo para que registre aqui a minha gratidão a

D. Hilma, minha mãe e primeira professora de vida, pelo infinito amor e dedicação com que guiou meus primeiros passos;

Prof. Eurides Rossetto, pelo desafio que seu apoio, ajuda e estímulo constituíram;

Prof. Sirio Possenti, meu orientador, pelo gesto amigo com que permitiu que, ao longo do trabalho, construíssemos uma verdadeira relação de parceria;

Prof. João Wanderley Geraldi, amigo e incentivador, cuja inquietação intelectual e política me ensinou a apostar nas pequenas revoluções cotidianas;

Prof. Rodolfo Ilari, pelas valiosas sugestões e questionamentos;

CAPES/PICDT, pelo suporte financeiro ao projeto deste trabalho;

ASSOESTE, pela rica experiência profissional que me proporcionou junto aos professores do ensino fundamental do Oeste do Paraná.

SUMÁRIO

RESUMO	08
--------------	----

INTRODUÇÃO	09
------------------	----

CAPÍTULO I

As características gerais de redações produzidas em situação de concurso e o contexto específico de produção do <i>corpus</i> sob análise.....	13
1. O gênero redação escolar: as regras do jogo.....	14
2. Redação em concurso: jogando de novo.....	20
3. A ASSOESTE: instituição aplicadora de concursos públicos para professores do ensino fundamental.....	25
4. As provas de redação nos concursos de abril de 1992 em Foz do Iguaçu e de março de 1994 em Palotina.....	28

CAPÍTULO II

“Voto: sinônimo de democracia?”: o que dizem os professores em suas redações	
1. Primeiras aproximações.....	32
2. Considerações em torno da paráfrase.....	40
2.1 A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação?.....	40
2.2 A paráfrase no quadro teórico da análise automática do discurso.....	44
3. As famílias parafrásticas: constituição e análises.....	51

CAPÍTULO III

Famílias parafrásticas: o extremo e o oposto

1. Radicalizando o projeto da AD1 na busca de identidades: novas propostas de redução.....	121
1.1 Proposta 1: as “macro-famílias parafrásticas”.....	123
1.1.1 As relações inter-famílias parafrásticas.....	124
1.1.2 As macro-famílias parafrásticas (MFPs).....	141
1.2 Proposta 2: um momento intermediário de redução.....	145
1.3 Proposta 3: a redução a enunciados elementares.....	150
1.3.1 Os enunciados elementares no movimento básico das redações.....	156
1.4 Algumas ressalvas necessárias.....	159
2. No idêntico, o diferente.....	162

CAPÍTULO IV

Monologia e polifonia no discurso político dos professores: como os discursos dialogam nas redações analisadas

1. Algumas considerações sobre a natureza do discurso.....	171
2. As heterogeneidades discursivas.....	179
3. A(s) heterogeneidade(s) em redações monológicas e polifônicas: alguns exemplos do <i>corpus</i>	186

CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
-----------------------------------	------------

SUMMARY	208
----------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209
---	-----

ANEXOS

Anexo I - Folha de critérios de correção para a prova de redação.....	214
Anexo II - Folha de temas sugeridos para redação.....	215
Anexo III - Relação de grupos de enunciados de base com respectivos enunciados que lhes deram origem.....	216
Anexo IV - Relação de enunciados presentes em mais de uma família parafrástica	244
Anexo V - Íntegra das redações analisadas.....	254

RESUMO

O presente trabalho consta da análise de 142 redações de professores e candidatos ao cargo de professor do ensino fundamental, produzidas em situação de concurso público, sob o tema “Voto: sinônimo de democracia?”. O discurso político dos professores é abordado tendo como referência os conceitos e procedimentos de análise da chamada corrente francesa da Análise do Discurso. Inicialmente, sugere-se que a existência de características comuns aos textos produzidos em situação de concurso e àqueles produzidos no ambiente escolar permitem caracterizar um gênero textual, no sentido bakhtiniano: o da redação escolar. A fim de mapear *o que dizem/escrevem* os professores, são destacados 633 enunciados retirados das redações. Por processos de *paráfrase discursiva*, estes enunciados são progressivamente reduzidos a 25, a 15 e, finalmente, a 6 enunciados elementares. Desta forma, o conceito de paráfrase discursiva é explorado no que apresenta de produtivo para a recuperação de um “outro discurso” como o “mesmo”, o “repetido”. Após esta organização prévia do *corpus*, são analisadas algumas redações inteiras, como forma de caracterizar *como* o discurso político aparece nos textos produzidos. Ao abordar-se o dialogismo interdiscursivo presente nos textos analisados, é destacada a possibilidade de, em termos discursivos, a *paráfrase* funcionar não só como recuperação de um “já-dito”, mas também como condição e pré-requisito para o surgimento do novo.

As principais contribuições da presente reflexão residem, por um lado, na recomendação de alterações em propostas de redação em concursos, a fim de motivarem a elaboração de textos polifônicos, que contemplem pontos de vista diversos sobre o tema proposto e, por outro lado, no apontamento da necessidade de se reconsiderar o conceito de heterogeneidade no campo da Análise do Discurso, levando-se em consideração a dupla possibilidade que a paráfrase discursiva mostrou apresentar.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso - Discurso político - Redação: estudo e ensino.

INTRODUÇÃO

Problemas de redação. Crise na linguagem. Leitura em crise na escola. E as crianças eram difíceis... Os títulos na estante parecem traduzir a realidade de um universo de problemas vivenciado pelos que habitam o espaço escolar. Desvelam, analisam, denunciam. Propõem alternativas. Compõem um discurso que, aos ouvidos da Academia, já começa a soar como repetição ou senso comum, uma crítica sobejamente conhecida, mas que o cotidiano das salas de aula espalhadas pelo país teima em manter atual. Não porque a crítica e as alternativas apontadas sejam mirabolantes, inviáveis ou descoladas da realidade. Menos pela ausência de quem tente pô-las em prática. Mais porque a dinâmica das relações que se estabelecem no interior (e exterior) da escola, a todo instante, impõe novos desafios à superação das precariedades que sucessivas décadas de políticas econômicas excludentes das chamadas “áreas sociais” impuseram não só, mas de maneira especial, ao sistema educacional brasileiro.

Já há alguns anos atuando como professor de língua portuguesa na rede pública, minha trajetória profissional no ensino médio e universitário não tem sido diferente da dos demais profissionais de educação, constituindo-se no enfrentamento e tentativa de superação dos reflexos desta situação

Esta dissertação é motivada pela necessidade de pensar alguns aspectos desta realidade, especialmente no que afeta o ensino da linguagem na escola. E, neste sentido, inevitavelmente se insere na já vasta tradição dos estudos que têm-se ocupado da questão.

Ao centrar seu objeto em **redações de professores**, as análises que o leitor aqui encontrará localizam-se no entrecruzar de dois aspectos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Por um lado, e de forma mais direta, se estará tratando com textos cuja especificidade é terem sido produzidos em situação de concurso, e que trazem, por isso, características que os aproximam das redações escolares, produzidas em sala de aula. Por outro lado, como os sujeitos que elaboraram estas redações são professores (ou candidatos a professor) do ensino fundamental, e não alunos, este trabalho traz elementos que, de forma indireta, podem vir a contribuir com a discussão da formação dos profissionais de educação.

A abordagem que aqui se fará do **discurso político dos professores** procura orientar-se pelos postulados da chamada corrente francesa da Análise do Discurso. No interior desta disciplina (em constante revisão), é notória a distinção - proposta por Pêcheux (1983) - entre, pelo menos, três momentos de revisão de conceitos e emergência de novos procedimentos de análise (o que tem permitido falar em “três épocas” da Análise do Discurso). No caso específico do percurso deste trabalho, não se encontrará a preocupação em levar em conta apenas os conceitos e procedimentos ditados pela última formulação da teoria. A natureza do material que compõe o *corpus* e os objetivos impostos a esta abordagem exigiram a articulação de momentos de análise que relacionassem noções e procedimentos das três épocas da Análise do Discurso. Neste sentido, este trabalho sugere que a passagem entre uma e outra época se dá por uma espécie de *continuidade* e não por *ruptura*, como poderiam querer aqueles que, na Teoria do Discurso, tomam o “antigo” por sinônimo de “ultrapassado”.

Assim, o Capítulo I trata das condições de produção do *corpus* escolhido para análise. Nele são recuperadas algumas das críticas já levantadas pela bibliografia corrente

em relação aos encaminhamentos metodológicos da produção de redações na escola. Ao mesmo tempo, argumenta-se pela possibilidade de caracterização da redação escolar como um novo gênero, no sentido bakhtiniano, presente não só na escola, mas que também seria reproduzido em determinadas situações de concursos que exigem do candidato a elaboração de um texto para posterior avaliação.

No Capítulo II, são analisadas 142 redações de dois concursos públicos aplicados a professores do ensino fundamental no Oeste do Paraná. Todas foram produzidas a partir da escolha do tema “**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**”. É nestas redações que se busca o discurso político dos professores. Para tanto, inicialmente, são destacados 633 enunciados produzidos pelos professores. Estes enunciados, por processos de redução, através do que se pode chamar de parafraseagem discursiva, são reduzidos a 25 enunciados de base. Têm-se, assim, a formação de *famílias parafrásticas*. A constituição de cada uma é justificada (pelo menos, em parte) pelas análises que ocupam o restante do capítulo.

A proposta de redução dos enunciados é radicalizada no Capítulo III, através de novos procedimentos de aproximação entre enunciados de base. E, neste momento, é levada ao extremo a possibilidade de tomar o conceito de *paráfrase discursiva* como matriz para a recuperação de um outro discurso como o mesmo, repetido. Já na segunda metade deste capítulo explora-se a possibilidade de partir do resultado destes processos de redução de enunciados e fazer o caminho oposto: dado o *idêntico*, sintetizado pelos enunciados de base, buscam-se as diversas formas de realização efetiva dos enunciados nas redações. É o momento em que o conceito de paráfrase mostra-se produtivo também para o destaque das *diferenças*, daquilo que, no interior de um mesmo discurso, mostra-se heterogêneo.

É a partir da organização prévia do *corpus*, resultante das análises dos Capítulos II e III - que se baseiam fundamentalmente em conceitos e procedimentos da “primeira época” da Análise do Discurso (AD-69) - que se tem condições de abordar o conjunto de redações aplicando conceitos produzidos pelas fases seguintes da disciplina. No Capítulo IV, são exploradas algumas destas possibilidades. Nele, as análises abandonam o nível do enunciado e tomam redações inteiras, em busca do **dialogismo interdiscursivo** que possa ser encontrado no *corpus* sob análise. A monologia e a polifonia discursiva são aí tematizadas, a partir do resultado do trabalho lingüístico que os candidatos-professores desenvolveram para traduzir seu discurso político nas redações produzidas.

CAPÍTULO I

AS CARACTERÍSTICAS GERAIS DE REDAÇÕES PRODUZIDAS EM SITUAÇÃO DE CONCURSO E O CONTEXTO ESPECÍFICO DE PRODUÇÃO DO *CORPUS* SOB ANÁLISE

Para a Análise do Discurso, a explicitação das condições de produção em que ocorre determinado ato de linguagem constitui-se como fundamental, uma vez que estas explicam a ocorrência dos discursos e participam, de forma decisiva, da explicação dos seus sentidos. Para melhor caracterizar as condições de produção das redações que servem de objeto para a presente pesquisa, num primeiro momento, procurarei destacar algumas das características mais gerais da modalidade escrita, confrontando-as com algumas práticas que têm ocorrido em seu processo de ensino-aprendizagem. Isto porque considero que as condições específicas de produção do texto escrito acabam incorporando características herdadas do ensino, as quais influenciam (na maior parte das vezes, de forma problemática) a constituição da imagem que os sujeitos têm do que deva ser um texto escrito. A partir deste confronto, defendo a hipótese de que algumas peculiaridades específicas e já cristalizadas, que diferem daquelas constitutivas da produção de outros textos, permitem que se possa afirmar a existência de um "novo" gênero textual: o da redação escolar. Por fim, procurarei confirmar esta hipótese caracterizando as redações de concurso público como ocorrências deste gênero. Compõe ainda este capítulo a explicitação das condições específicas dos concursos em que foram produzidas as redações que servem de objeto para o presente trabalho.

1. O gênero redação escolar: as regras do jogo

Uma redação constitui-se de um texto escrito, registro lingüístico que possui condições de produção historicamente estipuladas e distintas das da oralidade. A existência de um lapso espaço-temporal entre o momento da produção e o da recepção do texto ("*interlocução à distância*", na definição de OSAKABE (1982) e GERALDI (1984)) é uma de suas mais importantes características. Vai exigir que o autor, no momento da escrita e a partir dos objetivos específicos que tem com o texto, preveja as expectativas que seu(s) interlocutor(es) possa(m) vir a ter frente ao tema de que o texto trata, a forma de abordá-lo, etc. A partir desta antecipação, deve articular argumentos que consigam levar às conclusões por ele estabelecidas, cuidando ainda para que os aspectos formais (ortografia, pontuação, acentuação, uso dos parágrafos e até mesmo a disposição do texto no papel) também contribuam para a formação de um todo com significado, compreensível e claro, isto é, legível. O texto escrito é, assim, o registro de um jogo intersubjetivo entre sujeitos historicamente situados. Nele, as estratégias utilizadas por um dos jogadores (o produtor do texto) encontram-se marcadas, explicitadas na superfície textual, podendo ou não ser bem sucedidas em relação aos objetivos de seu produtor (e é esta característica de registro de estratégias que permite que o material seja examinado *a posteriori*, como no caso do trabalho que aqui proponho).

As características acima, se pertinentes, deveriam ser levadas em conta e estar presentes em qualquer processo de ensino desta modalidade de linguagem, o que tradicionalmente não acontece. A possibilidade de um efetivo domínio da modalidade escrita da língua é um direito que não se encontra democraticamente distribuído em nossa

sociedade, dentre outros motivos, pelo fato de que é um bem político e cultural cujo acesso é controlado. E controlado através de instituições.

Dentre os diversos mecanismos de controle social que atuam na definição e manutenção dos espaços e formas permitidos para o surgimento de discursos, a escola desempenha um papel preponderante¹. A inculcação das regras de uso da palavra (falada ou escrita) se dá através dos ensinamentos por ela veiculados aos sujeitos-aprendizes, com o que vai se definindo *quem* pode dizer *o quê*, *quando*, *como* e *para quem*.

Em relação à produção de textos escritos, este processo de enquadramento social se dá, desde as primeiras séries, com a prática da REDAÇÃO. Sob o pretexto de "ensinar a fazer bem feito", a escola estipula uma série de determinações que compõem um conjunto de condições de produção *sui generis* para este tipo específico de texto, condições essas que acabam por impedir um domínio efetivo da escrita: deve-se escrever sobre um tema definido e em determinado número de linhas - o que, por si só não é um fator inibidor, pois estas restrições também ocorrem, por exemplo, quando se escreve para jornais e publicações a serem editadas. Entretanto, no caso da redação escolar, além destas restrições, freqüentemente o tema é pré-estabelecido pelo professor, sem levar em consideração o interesse ou disposição do aluno em tratar, naquele momento, do assunto estipulado e, contraditoriamente, tendo que dirigir-se a um interlocutor (o professor) que, sabe-se de antemão, está mais preocupado com a correção gramatical do texto, do que com o seu conteúdo. Diversos trabalhos têm alertado para a impropriedade desta postura pedagógica, apontando como um de seus aspectos mais problemáticos a artifi-

¹ Mesmo não sendo partidário da crítica que atribui à escola uma função exclusivamente reprodutiva, acredito que esta não pode ser ignorada, especialmente no que se refere à constituição dos parâmetros do "bem escrever", que resultam no que aqui chamo de o gênero redação escolar. As bases para as análises da escola como instituição reprodutora estão em ALTHUSSER (1974) e BOURDIEU & PASSERON (1975).

cialidade que impõe à interlocução entre os sujeitos envolvidos². Práticas inovadoras têm procurado superar esta perspectiva mais tradicional no trabalho com a linguagem na escola, buscando criar condições para que se instaure um processo efetivo de interação lingüística na sala-de-aula no lugar do mero exercício.

Entretanto, o peso da tradição é ainda bastante forte, incrustado que está nas práticas sociais mais conservadoras. E, no que se refere às práticas escolares de redações, pode-se afirmar que o quadro acima descrito, de tanto repetir-se, acabou por instituir um tipo, ou gênero de discurso, moldado pela relação assimétrica entre professor e aluno, e regido pelas regras de funcionamento da instituição escolar: o gênero **REDAÇÃO ESCOLAR**.

Senão vejamos: conforme BAKHTIN (1975), cada esfera da atividade humana (portanto, esfera de utilização da língua) elabora os seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que vão constituir o que o autor chama de “gêneros do discurso”. Assim, a atividade escolar produz um gênero discursivo que lhe é próprio: o gênero didático. E dada sua forma de ligação com a sociedade, a escola recupera os gêneros produzidos nas outras atividades sociais, trazendo-os (supostamente) como seu objeto de ensino, visto que é tida como uma instância que deveria preparar os alunos para atuarem nessas atividades sociais.

Se, além disso, atentarmos para uma outra distinção proposta por BAKHTIN, desta feita entre gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos), em que

² Muitas são as críticas levantadas quanto aos problemas decorrentes do gênero redação escolar. Destes, retomo aqui o da não-constituição de sujeitos locutores responsáveis pelo seu dizer por considerá-lo uma das mais problemáticas conseqüências do processo tradicional do ensino de língua na escola, estando, a meu ver, na base das demais conseqüências. Para críticas mais abrangentes, ver, dentre outros, GERALDI (1984 e 1991) - que já apontou a distinção redação/produção de textos, DE LEMOS (1977), ROCCO (1981), PÉCORA (1983) e BRITTO (1991).

“Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. (Bakhtin, 1979, p. 281 - grifos meus)

podemos postular que o gênero redação escolar aqui proposto seria um gênero secundário, resultado da **apropriação** que a escola, enquanto instituição pedagógica, faz dos diferentes gêneros em uso na sociedade (os literários, como conto, crônicas, poesias, romances; os pragmáticos, como propagandas, normas, correspondências, etc). Teríamos aí, um movimento de constituição de um gênero (interno à escola) que toma outros gêneros secundários (em seu uso na sociedade; externos à escola) como primários para sua constituição. É um encontro entre dois gêneros secundários: o gênero didático e os diferentes gêneros de texto. Dele resulta um novo gênero secundário - o da **redação escolar** - que vai servir de matriz para os textos que são veiculados e produzidos no universo escolar.

Ao serem trazidos para a sala de aula, os diferentes gêneros em uso na sociedade são submetidos ao processo de didatização e inevitavelmente afetados por uma **artificialização**: são uma imitação, um **faz-de-conta**, um exercício didático de produção de textos que, entretanto, guardam as mesmas características formais do gênero tal como é utilizado na sociedade - e nem poderia ser diferente: o texto a ser “ensinado” na escola não pode ser completamente diferente do modelo buscado nos usos sociais. Se, por um lado, a carta comercial que, por exemplo, é escrita na sala de aula, guarda semelhanças com uma “verdadeira” carta comercial, por outro lado, ela não serve efetivamente como tal. É um produto **analógico** em relação aos textos em circulação na vida social, mas que esse processo de didatização/artificialização transformou em um texto de outro gênero: o da redação escolar. O gênero redação escolar é, portanto, resultado do processo pedagógico de apropriação, que se dá pelo didatismo e que produz a artificialização (o exercício), mas que tem que conter uma analogia aos outros tipos de texto que lhe deram origem.

As condições de produção específicas dos textos em sala de aula são também responsáveis por uma outra característica que marca uma distinção fundamental nos textos do gênero redação escolar: ao contrário dos demais textos, em que o sujeito-autor fornece um conjunto de pistas para seus leitores possíveis construírem uma compreensão, no gênero redação escolar quem fornece estas pistas são as outras instâncias enunciativas: a escola, o professor e o gênero a ser imitado (analogicamente). Deste modo, o “sujeito-redator”³ (o aluno, na escola) que, pela especificidade do processo ensino-

³ Utilizo aqui a expressão “sujeito-redator” por oposição a um “sujeito-autor”. O sujeito-redator faz redações; o sujeito-autor, escreve. Ao longo do trabalho, aparecerá ainda a expressão “candidato-redator”, utilizada para enfatizar a condição dos mesmos na situação de concurso público.

aprendizagem, já recebeu previamente as pistas a serem seguidas (especialmente aquelas que tratam da estrutura ou configuração do texto a ser imitado) opera com essas pistas e vai fornecer a seu leitor (o professor ou um outro aluno) pistas não para a compreensão do texto, mas pistas de que sabe operar com aquelas pistas. Ele é um sujeito que está num exercício de manuseio de pistas que lhe são fornecidas⁴, as quais vai ter que devolver por escrito. Pode-se dizer que, ao contrário do produtor de um texto efetivo, o que o sujeito-redator fornece não são “*pistas para uma compreensão (de seu texto)*”, mas sim uma “*compreensão das pistas (previamente estipuladas)*” e é com base nestas pistas de “compreensão de pistas” que ele é corrigido e avaliado pela escola. Neste sentido, os textos produzidos no gênero redação escolar são muito mais um exercício de demonstrar a um outro (o professor) um “saber-fazer” imitativo do que a prática efetiva de um “fazer-saber” discursivo.

Institui-se, assim, o gênero redação escolar como um dos lugares privilegiados do jogo pedagógico, no qual, para ser bem sucedido, o aluno precisa assumir um faz-de-conta, escondendo o seu dizer e construindo um texto apenas para agradar ao interlocutor (na figura da autoridade do professor). E uma das estratégias de que faz uso para ser bem sucedido neste jogo é a de construir textos que repitam não só formalmente o modelo a ser copiado, mas que também incorporem o discurso da instituição, veiculado na sala de aula pela voz do professor - valores e pontos de vista de acordo com os padrões estabelecidos pelo *status quo* social, do qual a escola é um dos perpetuadores. Tem-se, assim, a constituição de um jogo onde o aluno escreve o que imagina (ou já tem certeza) que o professor-avaliador quer que ele escreva. Um jogo de preenchimento de folhas e

⁴ E este exercício, segundo GERALDI (1984: 123), anula o sujeito, fazendo nascer o **aluno-função**. Aliás, muito do que acima se diz se deve a intervenções de Geraldi, inclusive por ocasião da qualificação do projeto desta dissertação.

mais folhas de papel, no qual as possibilidades de assumir-se como produtor efetivo de discursos, articulando visões de mundo e posicionamentos frente à realidade, se restringem ao máximo.

2. Redação em concurso: jogando de novo

Fora do ambiente escolar, os sujeitos que demonstram um domínio efetivo da linguagem escrita são aqueles que, a despeito da escola, continuam a aprender através das relações sociais que estabelecem em seu cotidiano, e que, vendo-se livres das imposições didáticas, acabam abandonando a produção do “gênero redação” em troca de textos escritos a partir de necessidades específicas. Têm, assim, contato com produções genuínas, porque servem efetivamente à comunicação interpessoal.

Entretanto, em determinadas situações, como a de um concurso em que uma das exigências é a redação de um texto sobre tema definido, as condições de produção são propícias para que se reproduza o que ocorre no aprendizado escolar: ao invés de produzirem-se textos, produzem-se típicos exemplares do que acima defini como o gênero “redação escolar”.

As rígidas e bem definidas determinações dadas ao sujeito-redator, a imagem que este faz da figura do interlocutor (o corretor ou a instituição para a qual presta concurso), associadas ao fato de que da correção dependerá seu futuro escolar ou profissional, exercem sobre o candidato uma influência muito forte. As redações produzidas sob estas condições procurarão seguir fielmente as recomendações formais estipuladas para o texto, ao mesmo tempo em que, guiado pela imagem que faz de seu interlocutor, o reda-

tor procurará construir um texto "sob encomenda", previsível, do tipo que imagina que o corretor considera que deva ser escrito sobre o tema. Este é um conjunto de características que, por assemelhar-se às condições de produção do gênero redação escolar, acaba por condicionar a ocorrência de grande incidência de redações típicas, textos que seguem o modelo básico acima esboçado.

Na situação interlocutiva que envolve a produção de redações em concursos, de início, um dos sujeitos (a instituição, através da prova) toma a palavra e, pelo anúncio de ordens e orientações, intima seu interlocutor (o candidato). Sai de cena e, a partir daí, sua presença fica a cargo das antecipações que o candidato, por hipótese, leva em consideração ao elaborar o texto-resposta que imagina deva apresentar. A imagem do corretor (que, por extensão, personifica toda a instituição para qual presta-se o concurso) paira como uma presença constante ao longo do discurso articulado pelo candidato em sua redação. Dependendo da distância que supõe existir entre ele e seu interlocutor, poderá tentar persuadi-lo, ou a ele se identificar. A estratégia típica dos candidatos em redações de concurso é tentarem convencer seu interlocutor procurando mostrar cumplicidade, através do alinhamento de seu discurso àquele supostamente esperado pelo corretor.

As condições de produção de redações em concurso incluem os lugares que os sujeitos (candidatos, de um lado, e a figura da instituição/corretor, de outro) vão ocupar na cena enunciativa. Estes lugares são representados nos processos discursivos e podem ser identificados recorrendo-se ao **jogo de imagens**, "*série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro*" e da imagem que fazem do referente ou objeto imaginado de que tratam (PÊCHEUX, 1969:82), bem como do que A (locutor) pretende de B (interlocutor) falando dessa forma (OSAKABE, 1979:49).

GERALDI (1991:69) tomou cada um dos itens que compõem o jogo de imagens e, considerando ainda os mecanismos de controle dos discursos propostos por FOUCAULT (1971), procurou exemplificar um possível funcionamento dessas imagens através de um quadro hipotético de respostas que, para o autor, um aluno constrói ao elaborar uma redação escolar. Retomo aqui esta análise, procurando as respostas que seriam dadas por um candidato ao elaborar uma redação de concurso:

1. Quem sou eu para lhe falar assim?

Sou um candidato e, como tal, estou à prova. Tudo o que eu falar deve ser bem planejado. Não posso expor qualquer fragilidade. Devo causar boa impressão para conseguir êxito na aprovação para o cargo que disputo.

2. Quem é ele para eu lhe falar assim?

O corretor e a instituição que ele representa são as autoridades que possuem o poder de julgar meu texto, aprovando-o ou não. O corretor possui uma ideologia e a instituição uma filosofia, às quais não devo me contrapor, sob pena de não ser aprovado. De preferência, devo demonstrar que também são as mesmas idéias que defendo.

3. Quem sou eu (corretor/instituição) para que ele me fale assim?

Sou o corretor/instituição, aquele que sabe, a quem cabe avaliar a competência dos candidatos para o cargo que disputam, através do desempenho lingüístico que demonstrarem na redação

4. *Quem é ele (candidato) para que ele me fale assim?*

Ele é um candidato que possui qualidades mas também defeitos. Precisa passar pelas provas do concurso para mostrar-se apto. Isso só acontecerá se as qualidades demonstradas pela redação que elaborar forem maiores que os defeitos, considerado o cargo em disputa.

5. *De que lhe falo eu (candidato)?*

De um assunto que a instituição escolheu para me testar. Minhas posições pessoais quanto ao tema escolhido devem ser cuidadosamente selecionadas para não provocar uma imagem negativa frente ao corretor da redação. Dessa forma, devo procurar antever o que ele pensa sobre o assunto e mostrar que é exatamente isso que também penso.

6. *De que ele (candidato) me fala?*

De um assunto que eu, que represento a instituição, defini como tema para comentário pelo candidato. É um assunto sobre o qual conheço os pontos de vista existentes, tendo eu mesmo uma posição frente a ele (e esta posição que se apresenta como institucional é também atravessada/marcada pelas minhas crenças pessoais sobre o tema). A posição do candidato está sujeita a minha avaliação: posso aprová-la ou não como uma postura válida para o tema, sempre levando em consideração o cargo em disputa.

7. *O que ele (candidato) pretende de mim falando desta forma?*

Pretende uma avaliação positiva (e, neste jogo, sei que está tentando “me enrolar”).

8. *O que o candidato pretende de si próprio falando assim?*

Mostrar competência e ser aprovado para o cargo que disputa.

Estas hipotéticas respostas compõem, a meu ver, o quadro do jogo de imagens que se articula no momento de produção de redações em concurso. De um lado, o candidato tudo fazendo para passar uma imagem positiva de si mesmo e, de outro, a instituição para a qual presta o concurso, cuja poder de avaliação acaba coagindo o candidato a produzir uma redação que, à sua maneira, incorpore as respostas acima.

É necessário ressaltar que as estratégias discursivas dos sujeitos-redatores, a partir do jogo de imagens acima referido, não podem ser entendidas como resultado da simples confrontação psicológica de dois indivíduos. No quadro teórico da Análise do Discurso (abreviadamente, AD), o que está em jogo neste processo são coerções de diferentes formações discursivas. O candidato procurará alinhar seu discurso àquele da formação discursiva que julgue mais agradar o interlocutor, bem como instituirá polêmica com outras formações discursivas diferentes ou antagônicas a esta que pretende reproduzir.⁵

Para comporem-se as condições de produção das redações que servem de objeto para o presente trabalho, é necessário que sejam levadas em consideração algumas informações sobre a entidade aplicadora das redações e sobre as provas de redação por ela aplicadas; dados que, na perspectiva de análise aqui esboçada, ajudam a explicar as ocorrências discursivas encontradas nas redações produzidas naquela situação específica.

⁵ Cf. MAINGUENEAU (1987:96 e 122).

3. A ASSOESTE: instituição aplicadora de concursos públicos para professores do ensino fundamental

Por exigência de dispositivo constitucional, a partir de 1988, os órgãos públicos foram obrigados a só contratar pessoal aprovado em concurso público. Isso fez com que a demanda por concursos aumentasse significativamente, especialmente na área educacional, onde é grande o número de profissionais atuantes e grande também a rotatividade de pessoal.

Na região oeste do Estado do Paraná, as administrações municipais recorreram à ASSOESTE - Associação Educacional do Oeste do Paraná - para a elaboração das provas de seus concursos de admissão de professores de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental.

A ASSOESTE é uma entidade criada em agosto de 1980, pelos próprios municípios da região, com o objetivo de assessorá-los nas questões educacionais. É uma entidade de caráter privado que possui inclusive uma editora educativa voltada para a produção de material didático-pedagógico de apoio aos professores das redes de ensino fundamental dos municípios. Conta também com uma equipe de assessores pedagógicos nas diversas áreas do conhecimento, que presta atendimento aos docentes através da realização de cursos, seminários, grupos de trabalho e atendimento permanente às necessidades de suporte teórico e metodológico à educação dos 48 municípios que compõem seu quadro associativo. É uma entidade *sui generis* a nível nacional, não vinculada aos órgãos educacionais da administração estadual. Atua no ensino de 1ª a 4ª séries, cuja oferta está constitucionalmente determinada como papel prioritário das administrações municipais. Desde sua criação tem ocupado um espaço de atuação junto às secretarias

municipais de educação que os órgãos da administração estadual historicamente têm pouco atendido (o que não impede de, na ótica destes, a atuação da ASSOESTE ser considerada uma atuação concorrente e, por vezes, indesejada, porque não atrelada às estritas determinações oficiais).

Ao longo de seus quinze anos de atuação, a ASSOESTE, a partir de um referencial teórico que incorpora os postulados da corrente histórico-crítica da educação⁶, vem desenvolvendo um trabalho pedagógico junto aos municípios com vistas a garantir um mínimo de continuidade para as propostas educacionais ao longo das mudanças de administração dos municípios. Como marcos desta atuação, tem-se, no início da década de 80, a assessoria de professores da UNIJUÍ/FIDENE, que desenvolveu um trabalho de resgate da história da população da região e, a partir de 1984, o desencadeamento de cursos de atualização de professores na área de língua portuguesa, em conjunto com um grupo de professores do IEL/UNICAMP, que resultou em um projeto de implementação de uma proposta interacionista para o ensino da língua.⁷

A vinculação da ASSOESTE a estes grupos (e conseqüentemente às correntes teóricas por eles assumidas, que tinham por base o materialismo histórico) marcou definitivamente a imagem da entidade na região. Por um lado, tensionou ainda mais sua relação com os órgãos oficiais de ensino, que na época, em decorrência da mudança de Go-

⁶ Concepção pedagógica proposta por Demerval Saviani, em: SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1983; "O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira." *Revista da ANDE*, São Paulo, nº 7, p. 9-13, 1984; "A pedagogia histórico-crítica e a prática escolar." In: BERNARDO, M. V. C. et al.(1989), *Pensando a educação: ensaios sobre a formação do professor e a política educacional*. São Paulo, USP, p. 23-33 e "A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da educação brasileira." *Revista da ANDE*, São Paulo, nº 11, p. 15-23, 1986.

⁷ Com este projeto originou-se a coletânea *O texto na sala de aula*, organizada por Geraldi, J. W. e publicada pela Assoeste Editora Educativa, obra que teve repercussão nacional, constituindo-se em referência obrigatória na área do ensino de língua portuguesa.

verno no Estado do Paraná, ainda ensaiavam a mudança no “discurso oficial” da educação. Por outro, rendeu-lhe, junto aos profissionais de educação da região, a imagem de uma entidade progressista, isto é, de orientação política de esquerda.⁸

A partir da citada exigência constitucional quanto aos concursos públicos e a solicitação de provas por parte dos municípios, a ASSOESTE passou a elaborar e aplicar provas com o cuidado de tratar o evento do concurso como um momento que também guardasse fidelidade à concepção de educação postulada pela entidade. As provas elaboradas pela Associação constavam de uma média de quinze questões para cada área do conhecimento (Fundamentos da Educação, Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências), em sua maior parte questões discursivas, o que, supunha a entidade, exigiria dos candidatos uma maior competência, pois implicariam reflexão e elaboração mais aprofundadas do que questões de múltipla escolha. A preocupação da ASSOESTE em manter o nível qualitativo das provas ia desde a recomendação para que o tempo de aplicação das provas não fosse inferior a quatro períodos (16 horas), até a preocupação em elaborar provas que pudessem avaliar da forma mais completa o candidato ao cargo de professor no município. Este cuidado pode ser exemplificado pelo caso extremo das primeiras provas para a área de Língua Portuguesa, que chegavam a solicitar dos candidatos a elaboração de dois textos para a prova de redação: um narrativo e outro dissertativo.

Durante os anos de 1991 e 1992, na qualidade de assessor pedagógico para a área de língua portuguesa, participei pessoalmente do trabalho de elaboração e correção das provas de concursos públicos encomendados à ASSOESTE. Posteriormente, já cur-

⁸ Para uma descrição mais pormenorizada da atuação da ASSOESTE na região, ver GALAN, M. R. A. C. (1991), onde a autora recolhe e analisa o depoimento de professores e alunos envolvidos com a efetivação da proposta interacionista de linguagem fundamentada em GERALDI (1984).

sando o Mestrado, decidi-me pela escolha de redações de professores elaboradas nestes concursos como objeto de análise para a presente dissertação. Num primeiro momento, selecionei redações de um concurso realizado em abril de 1992, complementando o material com redações de um outro concurso, de março de 1994.

4. As provas de redação nos concursos de abril de 1992 em Foz do Iguaçu e de março de 1994 em Palotina

Em abril de 1992, a ASSOESTE elaborou, aplicou e corrigiu as provas de um concurso público para ingresso de professores de 1ª a 4ª série no município de Foz do Iguaçu. As provas foram aplicadas nos dias 25 e 26 de abril daquele ano. Estavam inscritos 401 candidatos, que disputavam 100 vagas para o cargo de professor (Categorias I a IV), com salário inicial, na época, variando entre Cr\$ 168.000,00 e Cr\$ 256.000,00 (US\$ 76.47 e US\$ 116.53)⁹, conforme a habilitação do candidato. A exigência mínima é de que tivessem completado o Curso de 2º Grau com habilitação em Magistério de 1ª a 4ª série.

Na qualidade de Assessor Pedagógico de Língua Portuguesa da ASSOESTE, elaborei a prova de língua portuguesa deste concurso, que constava de 15 questões, além da parte de redação.

Para a prova de redação, foram relacionados três temas:

- 1º) "MERCOSUL: OS PASSOS DA INTEGRAÇÃO", acompanhado de um pequeno texto informativo retirado da revista "Faces", edição de março/92;

⁹ Cotação Dólar Médio Abril/92: US\$ 1.00 = Cr\$ 2.196,779 (Fonte: Revista Suma Econômica - Set./94)

- 2º) "VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?", apresentando o desenho de uma cédula sendo colocada em uma urna eleitoral; e
- 3º) Uma charge de Cláudius, na qual um personagem esfarrapado e maltrapilho encontra-se na porta do céu, recepcionado por São Pedro, a quem pergunta indignado: "Tá bem. Deus é brasileiro. Mas, pô, de que lado ele está, afinal?!"

Aos candidatos foi solicitado que escolhessem um dos temas para elaborar um texto dissertativo. Foi ainda apresentada uma folha com os critérios de avaliação da prova de redação. (Anexos I e II)

Quando da correção das redações, constatou-se que a maioria dos candidatos (280, ou 70% do total) optara pelo tema **VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Tomando aleatoriamente um universo de 71 redações elaboradas a partir deste tema, para dele tentar depreender o discurso político dos candidatos ao cargo de professor, procurei depois ampliá-lo, comparando o material deste concurso com redações produzidas também por candidatos ao cargo de professor, mas em época e local diferentes. Assim é que, em março de 1994, solicitei à ASSOESTE que fossem repetidos os mesmos temas e recomendações para a prova de redação de um concurso que a entidade aplicou no município de Palotina.

Neste concurso, foram oferecidas 04 vagas para o cargo de professor do ensino fundamental (1ª a 4ª séries primárias), com salário de CR\$ 42.904,00 (US\$ 55.85)¹⁰ para 20 horas semanais de trabalho. As exigências de formação para o cargo eram idênticas àquelas estipuladas pelo município de Foz do Iguaçu, ou seja, os candidatos deveriam apresentar, no mínimo, diploma de conclusão do Curso de 2º Grau com Habilitação em

¹⁰ Cotação Dólar Médio Março/94: US\$ 1.00 = CR\$ 768,120 (Fonte: Revista Suma Econômica - Set./94)

Magistério. Inscreveram-se 82 candidatos. Destes, 71 (ou 86% do total) escolheram como tema da redação "VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?".

Esta grande incidência do tema não foi surpresa, pois, numa possível escala hierárquica de "dificuldades" para escolha dos temas, pensada a partir do conhecimento da clientela do concurso e das experiências em concursos anteriores, pressupunha-se, já no momento de elaboração da prova, que o tema "VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?" seria considerado o "mais fácil", apresentando o maior número de escolha pelos candidatos. Tanto assim que, em sua apresentação não foi colocado nenhum texto para subsidiar a discussão dos professores. Pressupunha-se que os candidatos recorreriam a seus conhecimentos prévios dos discursos sobre o tema, freqüentes em seu cotidiano. Esta quase certeza na grande incidência de escolhas pelo tema foi confirmada em ambos os concursos. No caso do concurso de Foz do Iguaçu, a atualidade de temas políticos devia-se à proximidade das eleições municipais naquele mesmo ano e à grande incidência de noticiário em torno do escândalo PC-Collor. À época do concurso de Palotina, mais uma vez era ano de eleições e continuavam presentes na mídia os escândalos políticos, agora enfocando a CPI do Orçamento.

Entretanto, acredito que o fato de a entidade aplicadora do concurso ser reconhecida como defensora de uma proposta educacional considerada "progressista" ou de esquerda também pode ser considerado um dos motivos desta preferência e merece destaque, pois, conforme poderá ser comprovado pela análise das redações produzidas, é a uma imagem estereotipada da esquerda que se dirige grande parte dos candidatos em seus textos. Estariam assim seguindo os preceitos da produção de redações escolares: tratar do tema supostamente preferencial do interlocutor/instituição, procurando posicio-

nar-se frente a ele a partir da imagem que eles, candidatos, pressupõem ser o ponto de vista deste mesmo interlocutor.

CAPÍTULO II

"VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?":

O QUE DIZEM OS PROFESSORES EM SUAS REDAÇÕES

1. Primeiras aproximações

O fato de o tema "VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?" ter sido apresentado na forma interrogativa, permite especular sobre as possíveis leituras que dele fizeram os candidatos: seria mesmo uma pergunta, do tipo que admite um SIM/NÃO como resposta, ou seria, na verdade, uma afirmação indireta, que questiona o discurso corrente de que o "voto é sinônimo de democracia", provocando o candidato a posicionar-se, elaborando um texto com argumentos que sustentem seu ponto de vista? Parece-me que a segunda interpretação é a mais provável. Senão, vejamos: a situação interlocutiva específica em que é feito o questionamento traz consigo elementos que vão influenciar na direção de uma ou de outra leitura. Assim, é necessário destacar **quem** pergunta, **a quem** pergunta e **quando** pergunta. Aqui, "VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?" é uma pergunta:

- a) proposta pela ASSOESTE - uma entidade supostamente tida como progressista e que, portanto, seria favorável a uma transformação da realidade político-social do país;

- b) dirigida a candidatos em situação de concurso público - candidatos estes que serão submetidos a avaliação por esta mesma entidade que propõe o questionamento; e, por fim,
- c) esta pergunta é feita em momentos em que grandes escândalos políticos ocupam destaque na imprensa nacional (em abril de 1992: “Collorgate”; em março de 1994: “Máfia do Orçamento”), escândalos que permitiram que se duvidasse da capacidade da democracia de resolver determinados problemas..

Estes elementos imprimem à pergunta subentendidos (freqüentemente ditos, aliás) e implícitos de enunciação que conduzem o leitor minimamente competente a interpretá-la como uma forma de questionar a relação entre “voto” e “democracia”¹. Pois bem: ao elaborarem suas redações, foi exatamente a este questionamento que a maioria dos candidatos respondeu (com argumentos pró e contra).

Agrupando as redações produzidas em ambos os concursos, pode-se constatar que o lapso de tempo e a diferença de município parecem não ter afetado as produções dos candidatos (até porque nada houve que pudesse produzir discursos novos sobre o tema e nada distingue profundamente, em termos ideológicos, os dois municípios). As redações dos dois concursos formam um conjunto relativamente homogêneo em termos do posicionamento que seus autores assumem frente ao tema.

Assim, ao se adotar o critério geral de classificar as redações quanto aos posicionamentos pró ou contra, pode-se destacar dois grandes grupos: um OTIMISTA e outro

¹ O raciocínio implícito a esta leitura seria: “*Se é a ASSOESTE quem pergunta, quer que diga que não!*” (Por algum motivo como: “*o processo eleitoral já está viciado...*”) Esta, uma leitura pertinente à **aquele momento histórico**. Se a **mesma** pergunta tivesse sido feita pela **mesma** entidade, por exemplo, no contexto do movimento pelas Diretas-Já, a interpretação poderia ser a de que “*Se a ASSOESTE pergunta, é para dizer que sim!*” (O voto, neste outro momento, representaria um valor que seria interessante defender).

PESSIMISTA quanto à crença nas possibilidades de democratização através do voto ou do processo político-eleitoral. Em termos quantitativos, foram encontrados os seguintes dados:

TABELA 1
POSICIONAMENTOS FRENTE À
POSSIBILIDADE DE DEMOCRATIZAÇÃO PELO VOTO

POSIÇÃO	OTIMISTA		PESSIMISTA		TOTAL	
	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%
FOZ	37	52%	34	48%	71	100%
PALOTINA	32	45%	39	55%	71	100%
TOTAL	69	48%	73	52%	142	100%

Conforme mostra a tabela acima, a proporção de posicionamentos otimistas e pessimistas distribui-se em níveis próximos a 50%, tanto levando-se em consideração o total do *corpus* em análise, bem como em cada um dos grupos de redações por município. Os índices acima e abaixo desta média não são suficientemente altos para que se caracterizem grandes diferenças de posicionamento dos grupos frente às possibilidades de democratização pelo voto. É importante destacar que este levantamento não pode ser entendido como prova de que houve um número equilibrado de respostas do tipo SIM/NÃO à pergunta contida no tema para a redação. O que se pode medir é, sim, o posicionamento sobre a possibilidade de o voto ser sinônimo de democracia. A quase-totalidade dos posicionamentos positivos apresentam uma avaliação negativa da veracidade da relação voto/democracia na atualidade e, portanto, não podem ser consideradas posições totalmente positivas. Somente em 10 redações de Foz do Iguaçu e em 23 de

Palotina foram encontradas afirmações categóricas que consideram que o voto (já) é sinônimo de democracia.

Ainda em relação às razões apresentadas pelos candidatos-redatores, uma leitura preliminar das 142 redações do *corpus* possibilitou destacar quais os enunciados mais recorrentes na argumentação dos sujeitos-redatores. O elenco dos enunciados mais frequentes permite ter uma visão geral do que dizem os candidatos quanto ao voto e sua relação com a democracia em nosso país.

Ao se depararem com o tema da prova de redação, tanto os candidatos que demonstraram um posicionamento otimista, como aqueles que tiveram um posicionamento pessimista quanto às possibilidades do voto ser um sinônimo de democracia, recorreram a um número não muito variado de argumentos, retirados dos diversos e mais variados discursos correntes em torno do processo político em nosso país.

Neste sentido, os enunciados produzidos pelos sujeitos não são originais e nem inéditos. Para o quadro teórico da Análise do Discurso, esta não-originalidade e falta de ineditismo está relacionada ao fato de que cada formação discursiva define **o que pode e deve ser dito** a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada, o que atua na **limitação da quantidade de enunciados efetivamente proferidos a partir de certa posição**. Trata-se da **raridade dos enunciados** de que fala FOUCAULT (1969):

“Esta raridade dos enunciados, a forma lacunar e recortada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas, globalmente, podem ser ditas, explicam que os enunciados não sejam uma transparência infinita, como o ar que se respira, mas coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais tentamos nos apropriar.”(pp.138-9)

Uma outra forma de explicar esta raridade dos enunciados é a de reconhecer, a partir de BAKHTIN (1975:86-9), que o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto de discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele: o objeto já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras. Assim, o discurso deste locutor não pode deixar de relacionar-se dialogicamente com as opiniões de interlocutores imediatos, com as visões de mundo, as tendências ou teorias já lançadas sobre este objeto de discurso. Assim é que todo enunciado repete (reformulando, em maior ou menor grau) um enunciado já-dito em relação ao seu objeto de enunciação.

Repetidas leituras das redações produzidas pelos candidatos ao cargo de professor possibilitaram selecionar um levantamento de 633 ocorrências de enunciados (numa média de cinco enunciados por redação).

Constatou-se, a seguir, que este universo de enunciados caracterizava-se pela repetição, sinonímia e/ou reformulação de um número restrito de enunciados em torno do tema em questão (i. e., o voto, e, por extensão, o processo eleitoral e sua relação com a democracia em nosso país).

Quanto aos critérios de segmentação do *corpus* em enunciados, considero necessário registrar aqui que não seguiram nenhuma fórmula pré-estabelecida. Por este motivo é que neste trabalho não se encontrará um “capítulo metodológico”, ou um anexo explicativo (tal qual se encontra, por exemplo, em LIMA, 1990:201) com a equação exata que defina o rigor dos recortes - algum critério de segmentação “mais forte”, outro “mais fraco”, nem mais claro, ou mais escuro... Até porque eles não se mostrariam produtivos para os objetivos deste momento do trabalho, muito possivelmente se constituindo num fator de limitação, que não permitiria abarcar a totalidade dos dados que, efetivamente,

foram agrupados e constituem a matéria-prima para uma das etapas da análise. Aqui, os recortes foram como que definidos “em processo”: ao longo da leitura das redações, determinadas expressões, que traduzem pontos de vista ou opiniões usadas como argumento para respaldar esta ou aquela posição frente ao tema proposto mostraram-se constantes no discurso dos professores. E foi exatamente esta primeira impressão de aproximação de pontos de vista (quando talvez um conceito - ainda intuitivo - de paráfrase discursiva começava a sedimentar-se) que orientou a delimitação das diferentes passagens que aqui recebem o nome genérico de “enunciados”. Como pode ser constatado no Anexo III, sempre que necessário foram recuperados os termos anafóricos dos quais dependia o entendimento da passagem, agora retirada do contexto de sua redação de origem; os limites finais de um enunciado geralmente (mas nem sempre) coincidem com pontos finais; alguns enunciados são partes de orações, outros englobam duas ou mais orações e alguns poucos quase alcançam a totalidade de um parágrafo. E todo esse processo foi resultado de um ir-e-vir constante, que foi arranjando e re-arranjando os recortes em torno de pontos comuns que, por sua vez, também iam sendo definidos neste mesmo processo.

Agrupando estes 633 enunciados com base nas variações parafrásticas de determinado enunciado, chegou-se a um grupo de 25 (vinte e cinco) enunciados-síntese, ou enunciados de base, que serão analisados individualmente no item 3 deste capítulo.

Para uma aproximação inicial ao discurso encontrado nas redações analisadas,² apresento a seguir um texto-síntese do posicionamento dos candidatos frente ao tema proposto para a redação. A elaboração deste texto-síntese segue as seguintes orientações:

² A íntegra das 142 redações que compõem o *corpus* do presente trabalho encontra-se no Anexo V, p. 254

- a) os enunciados que o compõem correspondem parafrasticamente aos enunciados encontrados no *corpus*. Para compor o texto-síntese, foram selecionados dentre os 25 enunciados-síntese aqueles encontrados com maior incidência nas redações dos candidatos; e
- b) a ordem de aparecimento dos enunciados neste texto-síntese procurou seguir a sequência original das redações dos candidatos, de forma que foram organizados de acordo com a estratégia argumentativa encontrada com maior frequência nas redações analisadas.

Voto: sinônimo de democracia?

Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto. Por isso mesmo, o voto deveria ser um sinônimo de democracia, pois ele é a arma que o eleitor tem nas mãos.

Acontece que, em nosso país, a atual situação econômica impede a conscientização da população. O povo é manipulado e ludibriado por políticos demagogos, corruptos e desonestos. Uma elite econômica minoritária domina a maioria.

Assistimos a uma série de barbaridades que acontecem com o voto, que impedem que ele seja realmente um sinônimo de democracia: em primeiro lugar, o voto é obrigatório e, a partir do momento que alguma coisa é feita por obrigação, deixa de ser livre, democrática. Em segundo lugar, há a compra e venda de votos, que acontece em cada eleição. O direito ao voto dos analfabetos e dos jovens aos 16 anos foi outra manipulação dos políticos, pois uma criança que ainda não sabe o que quer na vida não está preparada para votar e, muito menos, uma pessoa sem escolaridade, que facilmente é corrompida por promessas não cumpridas. Por tudo isso, concluímos que a grande maioria da população precisa ser conscientizada da importância que representa o ato de votar.

Muitos pregam o voto nulo ou em branco, mas isto não resolveria a situação.

Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país e devemos todos nos engajar na luta pela democracia, cada um fazendo a sua parte, dando a sua pequena contribuição para que se estabeleça uma sociedade mais humana, com união e igualdade entre as pessoas. É preciso que cada um se conscientize, votando em políticos sérios e honestos. E nós, educadores, mais do que ninguém temos um papel fundamental na conscientização política da população.

Neste texto-síntese pode-se, ainda, encontrar o movimento básico presente na seqüência textual (e argumentativa) da maioria das redações analisadas³.

Como se pode ver, ao deparar-se com o tema da redação, grande parte dos candidatos respondeu ao questionamento quanto ao voto ser ou não sinônimo de democracia através de redações que:

- inicialmente afirmam que o voto, idealmente, possui um valor democrático;
- a seguir, relacionam uma série de constatações sobre a realidade da vida política, que desqualificam a efetivação daquele ideal; e
- em um terceiro momento, fazem recomendações de posturas, atitudes ou ações que devem ser levadas a efeito para concretizar o ideal apontado inicialmente, ou seja, para que o voto seja realmente um sinônimo de democracia.

Esquemáticamente, tem-se como macro-estrutura dos textos:

A	= “deveria”, uma possibilidade, um ideal
Mas B	=“é assim, não se está dentro de A”
Deve-se fazer X para acabar com B e retornar a A	= “devemos”, um jussivo, um dever para concretizar o ideal de A

³ Registre-se que o esquema aqui apresentado não representa a totalidade das redações produzidas pelos candidatos. Conforme se pode conferir no Anexo V, muitas são bastante precárias do ponto de vista da textualidade, não preenchendo sequer o esquema básico de apresentar um texto com a seqüência tese-antítese-síntese. Outras não seguem linearmente o esquema aqui proposto. Em outros momentos deste trabalho, serão apresentadas propostas complementares de esquemas que contemplem estes casos.

2. Considerações em torno da paráfrase

Conforme já mencionado, a fim de organizar o material lingüístico-discursivo encontrado no *corpus* sob análise, uma das etapas iniciais desenvolvidas no presente trabalho constou da segmentação das 142 redações em 633 enunciados. A seguir, a partir do resultado de exercícios de parafraseagem empreendidos pelo pesquisador, estes enunciados foram agrupados em 25 famílias parafrásticas (Ver Anexo III).

Considerando a diversidade de relações parafrásticas encontradas (e explicitadas ao longo da análise para justificar o pertencimento dos enunciados à sua respectiva família parafrástica), são necessárias algumas considerações em torno dos pressupostos teóricos com que a paráfrase tem sido tratada por algumas das correntes da lingüística contemporânea que se ocuparam deste fenômeno. Inicialmente, retomo sumariamente o artigo “*A paráfrase lingüística*” (FUCHS, 1985: 129-134), por apresentar um panorama destas abordagens. A seguir, complemento estas considerações destacando os postulados de uma abordagem discursiva do fenômeno da paráfrase, mais precisamente, aqueles da análise automática do discurso (Cf. PÊCHEUX, 1975 e PÊCHEUX & FUCHS, 1975).

2.1 A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação?

Em seu artigo, FUCHS examina três fontes históricas que originam as reflexões lingüísticas em torno do fenômeno da paráfrase: a perspectiva lógica da **equivalência formal**, a perspectiva gramatical da **sinonímia** e a perspectiva retórica da **reformulação**.

O conceito de equivalência formal, em lógica, aplica-se a duas proposições se elas têm o mesmo “valor verdade” e se há regras que permitam estabelecer a equivalência entre elas. Assim, “Todos os homens são mortais” = “Não há nenhum homem que não seja mortal” e “Eu partirei” = “Eu não ficarei”, por exemplo, são paráfrases formalmente equivalentes.

Segundo a autora, muitos lingüistas formalistas, mesmo recusando o critério da identidade de valores de verdade, retomam da lógica a idéia de tratar a paráfrase em termos de equivalência: duas paráfrases são equivalentes na medida em que compartilham uma propriedade comum. Assim, deve-se estabelecer as famílias de enunciados que, em língua, são equivalentes, isto é, dos quais o lingüista pode descrever o parentesco sintático e que ele postula terem “o mesmo sentido”. A maior parte destes lingüistas formalistas estabelece as famílias parafrásticas sobre a base de uma *derivação* de enunciados equivalentes, a partir de uma fórmula abstrata comum, que se considera representar as relações gramaticais profundas e, portanto, a constância semântica partilhada por estes enunciados. Nesta perspectiva, o protótipo da paráfrase entre frases é a relação entre frases ativas e passivas (“Paulo comprou a casa” = “A casa foi comprada por Paulo”) e a relação entre frases conversas (“Pedro vendeu a casa a Paulo” = “Paulo comprou a casa de Pedro”).

Já as diferentes abordagens da paráfrase como sinonímia de frases oscilam entre a consideração da sinonímia como (i) uma identidade verdadeira de sentido (concepção quantitativa), ou (ii) somente proximidade semântica (concepção qualitativa). Na lingüística contemporânea, a abordagem estritamente sintática da paráfrase seria representante da primeira concepção (isto é, de que na língua são abundantes as palavras que têm o mesmo sentido), pois faz o inventário de todas as estruturas parafrásticas sem se inter-

rogar sobre a natureza semântica do fenômeno, contentando-se com a idéia intuitiva de “certa identidade de sentido”. A segunda concepção (a qualitativa, que entende que a língua instaura sutis diferenças semânticas entre as sinonímias) estaria subjacente às semânticas posteriores à abordagem sintática (a semântica gerativa e semânticas formais). Estas procuram qualificar, no plano da significação, aquilo que as paráfrases têm em comum e aquilo que as diferencia.

Esta abordagem da paráfrase repousa sobre a idéia (já desenvolvida pelos clássicos) de uma identidade da “idéia principal” e de diferenças de “idéias acessórias”, ou um núcleo semântico de partida comum (tipo “significado de base”), sobre o qual anexam-se semantismos diferenciais, que modulam diversamente o núcleo de partida (tipo “significados secundários” variáveis).

De qualquer forma, esta abordagem implica no reconhecimento da possibilidade de pontos de vista diferentes, de conceptualizações múltiplas, a propósito de um mesmo referente: sua estabilidade é que autoriza postular um núcleo semântico comum, enquanto que a diversidade de pontos de vista sobre este referente é que dá origem às diferenças semânticas secundárias.

Contudo, ressalta FUCHS, a identidade referencial é uma condição necessária mas não *suficiente* da sinonímia, pois pode-se referir a um mesmo objeto ou estado de coisas de modo semanticamente divergente e até contraditório. Assim, é necessário que não só o referente denotado, mas também o sentido denotativo de base sejam idênticos.

Na base desta perspectiva sinonímica, opõe-se sempre a idéia de um núcleo “duro”, **objetivo**, às variações **subjetivas**, julgadas menores. O caso é que, exatamente estas variações ditas menores, alerta FUCHS, podem ser muito significativas. A própria escolha feita pelo enunciador dentre diferentes paráfrases possíveis - que seriam equiva-

lentes do ponto de vista da referência e da significação denotativa - é, por si só, pertinente: manifesta o domínio que o sujeito tem das sutilezas da língua, ao utilizar uma formulação ou outra, conforme a situação. E, neste sentido, cada enunciado de uma família parafrástica é sempre um entre outros, e único.

O principal problema levantado por FUCHS tanto na abordagem em termos de equivalência formal como de sinonímia semântica está no fato de tratarem a paráfrase como uma propriedade intrínseca de grupos de enunciados, relação virtual na língua e não como uma relação atualizada no discurso; uma abstração feita a toda consideração sobre a prática lingüística concreta dos sujeitos.

Ao contrário, a tradição retórica e literária aborda a paráfrase no plano do discurso, como uma atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo. Nesta perspectiva, leva-se em consideração explicitamente os parâmetros ligados ao locutor e à situação particular de discurso, pois trata-se de estudar os tipos de reformulação a adotar em função do contexto e das circunstâncias.

É este o ponto de partida das abordagens da paráfrase nas perspectivas enunciativas, discursivas e pragmáticas.

E, nestas correntes, a autora identifica três tipos de questões:

a) *a reformulação parafrástica repousa sobre uma interpretação prévia do texto-fonte.*

E este trabalho de interpretação é sempre variável e divergente, segundo os sujeitos e as situações. Esta divergência se deve não só à ambigüidade intrínseca de algumas expressões, mas sobretudo à multiplicidade inerente a todo texto, à pluralidade dos níveis de decodificação, à diversidade de graus de exigência semântica segundo as situações de decodificação;

- b) a reformulação parafrástica consiste em identificar a significação do texto-fonte àquela do novo texto. Esta identificação é sempre momentânea e frágil, daí a possibilidade de polêmicas: da identidade impossível à alteridade manifesta, se estende um *continuum* sobre o qual os sujeitos estabelecem limites de tolerância variáveis. Assim, a paráfrase oscila entre a reprodução pura e simples do conteúdo e a sua deformação;
- c) a reformulação parafrástica se traduz por formas características de emprego metalingüístico da linguagem. Alguns discursos atestam cadeias de reformulações explícitas (por exemplo, “X, quero dizer, Y”, “X e Y querem dizer a mesma coisa”, etc.) que podem ser objeto de uma análise lingüística.

Para esta perspectiva da reformulação parafrástica como reformulação, o problema é, então, segundo a autora, articular a língua e o discurso, o sistema e seu emprego, determinando aquilo que, da interpretação e da reformulação, permanece previsível para o lingüista.

2.2 - A paráfrase no quadro teórico da análise automática do discurso

No quadro teórico esboçado para a análise automática do discurso por PÊCHEUX & FUCHS (1975), a paráfrase passa a ter seu funcionamento explicado a partir das relações de sentido que se dão no interior de determinada formação discursiva.

Para a teoria materialista do discurso, a questão da constituição do sentido junta-se à questão da constituição do sujeito através da **interpelação**: assim como a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, com o mesmo *efeito ideológico elementar* com que dá como *evidente* a existência deste sujeito como “sempre-já-sujeito”, fornece também evidências para que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (donde

decorre a ilusão da transparência da linguagem). Este efeito de ocultamento mascara o *caráter material* do sentido das palavras e dos enunciados, qual seja:

- a) que as palavras, expressões, proposições, etc., não têm um “sentido próprio”, “literal”, mas mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam; adquirem seu sentido em referência a essas posições, ou seja, às formações ideológicas nas quais essas posições se inserem. Daí o conceito de **formação discursiva** como:

“...aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de uma exposição, de um programa, etc.).”
(Pêcheux, 1975: 160)⁴

Assim, ao mesmo tempo em que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada “ter o mesmo sentido”. Para PÊCHEUX, a expressão **processo discursivo** designa o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos - significantes - em uma formação dada;

- b) que toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se forma, sua dependência ao **interdiscurso** (o “todo complexo com dominante” das formações discursivas), que determina esta formação discursiva como tal e que, por

⁴ Esta formulação aparece originalmente em Haroche, Henry, Pêcheux. ‘La sémanthique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours’, *Langages*, nº 24, 1971, p. 102.

sua vez, também é submetido à lei da desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas.

O interdiscurso, enquanto traços daquilo que determina o sujeito no interior de seu discurso, impondo-dissimulando-lhe seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, atua de dois modos: pelo efeito do *encadeamento do pré-construído* e pelo efeito da *articulação*. O pré-construído

“... corresponde ao ‘sempre-já-ai’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (‘o mundo das coisas’), ao passo que a articulação constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela represente, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito.”(Pêcheux, 1975: 164)

A possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) de uma formação discursiva dada pode tomar duas formas fundamentais:

- a) a da **equivalência**, ou substituição simétrica, em que dois elementos, A e B, possuem o mesmo sentido na formação discursiva considerada (uma meta-relação de identidade), e
- b) a da **implicação**, ou possibilidade de substituição orientada, em que a substituição $A \rightarrow B$ não possui a mesma relação da substituição $B \rightarrow A$. Ela é um encadeamento ou uma conexão, como se uma outra seqüência (um “discurso transversal”) atravessasse perpendicularmente a seqüência que contém os elementos substituíveis, unindo-os por um encaixe necessário. Este discurso transversal remete ao que é classicamente designado por metonímia: a relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa, etc.).

Algumas considerações de HENRY (1975) são também importantes para explicitar a noção e os processos de paráfrase discursiva, ainda na perspectiva da análise automática do discurso.

Para o autor, numa análise discursiva, é necessário primeiro levar em consideração que os aspectos semânticos e sintáticos que estão em jogo num determinado discurso são manifestações do que se pode chamar de “autonomia relativa da língua”. Por “autonomia”, deve-se entender a independência de um nível de funcionamento do discurso em relação às formações ideológicas que nele se articulam, independência esta “relativa”, pois na produção e interpretação das seqüências discursivas, isto é, dos discursos “concretos”, as fronteiras entre o que separa o que releva da autonomia relativa da língua e o que releva da determinação destes discursos “concretos” face às formações discursivas não podem ser assinaladas *a priori*. Todo discurso “concreto” é duplamente determinado: de um lado, pelas formações ideológicas que relacionam este discurso a formações discursivas definidas; e, de outro lado, pela autonomia relativa da língua.

É da relação entre esses dois tipos de determinações do discurso que decorre a noção de paráfrase discursiva como

“uma noção ‘contextual’, no sentido de que as paráfrases discursivas dependem das condições de produção e de interpretação, ou seja, das formações discursivas às quais o discurso pode estar relacionado para nelas produzir o sentido. Formulações diferentes jamais podem ser tomadas como ligadas por uma relação de paráfrase discursiva a não ser a partir da aproximação entre seqüências nas quais elas aparecem nos mesmos ambientes.” (Henry, 1975: 59)

E esta relação parafrástica entre formulações diferentes só pode ser feita com base na referida autonomia relativa da língua, posto que, se o discurso fosse inteiramente determinado (em sua produção e interpretação) pela língua, não haveria lugar para a noção de paráfrase discursiva, pois os sentidos já estariam *a priori* fixados no sistema.

Ressalta ainda HENRY que as relações de paráfrase (tanto a **intra-seqüência**, em que se põe em relação específica uma seqüência discursiva com ela mesma; quanto a **inter-seqüência**, em que duas seqüências discursivas distintas são postas em relação) podem acontecer sem que se realizem materialmente sob a forma de uma relação entre seqüências efetivas, explicitamente marcada na superfície discursiva. O processo faz intervir o que (vagamente) se chama de “memória”:

“Pode operar fora da consciência daquele que fala, escuta ou lê, e neste ‘esquecimento’ reside, como mostram Pêcheux e Fuchs, o fundamento da ilusão do sujeito como fonte de suas próprias falas ou de seu discurso. Em outras palavras, a materialidade das formações discursivas não se reduz à materialidade das seqüências discursivas”.
(Henry, 1975: 61)

O conceito de paráfrase para o quadro teórico da Análise do Discurso aqui esboçado permite que se estipulem dois tipos de paráfrase: aquela resultante da análise do pesquisador, que se debruça sobre determinado *corpus*, valendo-se de estratégias de parafrase para organizá-lo e aquela que é produzida pelo próprio enunciador, no momento de sua enunciação.

Para a AD, as marcas de paráfrase deste segundo tipo são a manifestação de uma forma de heterogeneidade mostrada⁵. Através dela, o enunciador realiza uma “metapredicação de identificação”, que serve para identificar, no discurso, dois termos cuja equivalência não é instituída pela língua. Não se trata de simples processos de “esclarecimento” de eventuais dúvidas quanto ao sentido de determinada palavra, expressão ou proposição que possam atrapalhar o processo de comunicação. Para a AD, a parafrase está ligada às coerções de uma formação discursiva e ao confronto que esta estabelece com as demais formações discursivas de seu campo discursivo (o interdiscurso). Constitui-se, assim, numa tentativa de controlar a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso, bloqueando a infinitude de possíveis interpretações de uma mesma seqüência discursiva e definindo uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva.

Além disso, a paráfrase, remetendo ao código lingüístico ou ao saber que presume, coloca aquele que a ela recorre numa posição de enunciador “autorizado”, capaz de dominar os signos:

“Enquanto o enunciador comum contenta-se em dizer, aquele que pode lembrar o que as palavras significam e retornar ao fundamento se apresenta como o que tem acesso, ultrapassando as armadilhas e as imperfeições da linguagem, a este lugar onde o discurso reencontraria a própria coisa.” (Maingueneau, 1987:97)

⁵ Sobre o conceito e demais formas de heterogeneidade mostrada, ver p. 181 e subsequentes deste trabalho.

As relações de paráfrase entre enunciados que serão encontradas a seguir, nas análises das famílias parafrásticas - repito - são propostas pelo analista. E, dessa forma, foram obviamente estipuladas *a posteriori*, do exterior do processo de enunciação.

A partir de respaldo teórico nas diversas correntes da lingüística, especialmente na Análise do Discurso - daí os textos acima retomados - e para dar conta da diversidade de paráfrases encontradas no interior das 25 famílias parafrásticas, lançarei mão dos diferentes conceitos aqui resgatados, utilizando um número reduzido de rótulos que, numa transposição mais ou menos livre, pretendem significar, respectivamente:

a) **PARÁFRASE LINGÜÍSTICA**: este termo - até certo ponto, bastante genérico e abrangente - será utilizado nos limites deste trabalho para nomear aquele tipo de paráfrase '*stricto sensu*', que pode ser localizado explicitamente na superfície textual, ou, ainda, que possa ser sintaticamente explicável por relações simétricas (por exemplo, do tipo oração ativa x oração passiva); um tipo de paráfrase que - pode-se dizer - está prevista na/pela autonomia (relativa) da língua. Um exemplo típico deste tipo de paráfrase pode ser observado confrontando-se os seguintes enunciados, duas ocorrências distintas no *corpus* de redações analisado:

"Todos nós sabemos que voto é sinônimo de democracia". (Redação n° 009)

e

"O voto é um sinônimo de democracia, como todos nós sabemos". (Redação n° 065)

b) **PARÁFRASE SEMÂNTICA/SINONÍMIA**: utilizado para designar as relações de paráfrase que se estabelecem a partir de aproximações de sentido entre duas ou mais seqüências, quando o contexto permitir estipular tais equivalências, como ocorre entre os seguintes enunciados:

"Voto tem que ser com a cabeça, não com a barriga". (Redação n° 121)

e

"Devemos analisar, raciocinar com muito cuidado ao escolhermos os futuros governantes desta nação". (Redação n° 136)

e

c) **PARÁFRASE DISCURSIVA**: este, o conceito mais abrangente e que, de certa forma, está implicado no funcionamento dos anteriores. Designa as paráfrases resultantes de coerções de determinada formação discursiva e que, por oposição às anteriores, não são nem previstas na língua e nem possuem aparente relação de identidade semântica. São aquelas em que só uma abordagem discursiva pode explicitar as aproximações que se estabelecem entre os enunciados de cada família parafrástica, em razão do contexto discursivo específico de produção dos textos de que fazem parte (no caso, redações produzidas em concurso público, para professores, sobre o tema “Voto: sinônimo de democracia?”, aplicado pela ASSOESTE, etc...). Na maioria dos casos, a utilização do termo “paráfrase” sem adjetivação, ao longo das análises, também remete a este tipo (discursivo) de paráfrase. Um exemplo de paráfrase discursiva entre enunciados, está na relação parafrástica que o contexto enunciativo de produção das redações em análise estabelece para os seguintes enunciados distintos:

“Mas, infelizmente, com tanta fome e miséria em nosso país, o brasileiro vai vendendo seu voto a quem der mais”. (Redação nº 005)

e

“Mas o povo, sem o mínimo de poder aquisitivo, não tem conscientização, porque só pensa em como poderá sobreviver nesse mundo”. (Redação nº 120)

3. As famílias parafrásticas: constituição e análises

Os 25 enunciados-síntese serão apresentados a seguir. Tendo por base enunciados selecionados como exemplares de cada grupo, serão ainda descritos os exercícios de

parafrasagem empreendidos pelo pesquisador e que permitiram chegar a organização do *corpus* nestes enunciados-síntese, ou **enunciados de base** (abreviadamente, EBs). A ordem de apresentação dos grupos de enunciados-síntese não obedece nenhum critério de importância quantitativa de suas ocorrências no conjunto das redações (Ver Gráfico 1, a seguir). Assim como na produção do texto-síntese (pg.38), serão apresentados procurando seguir a seqüência em que originalmente aparecem na argumentação construída pelos candidatos-redatores em suas redações.⁶

São os seguintes os enunciados de base que representam cada uma das 25 famílias parafrásticas definidas para análise:

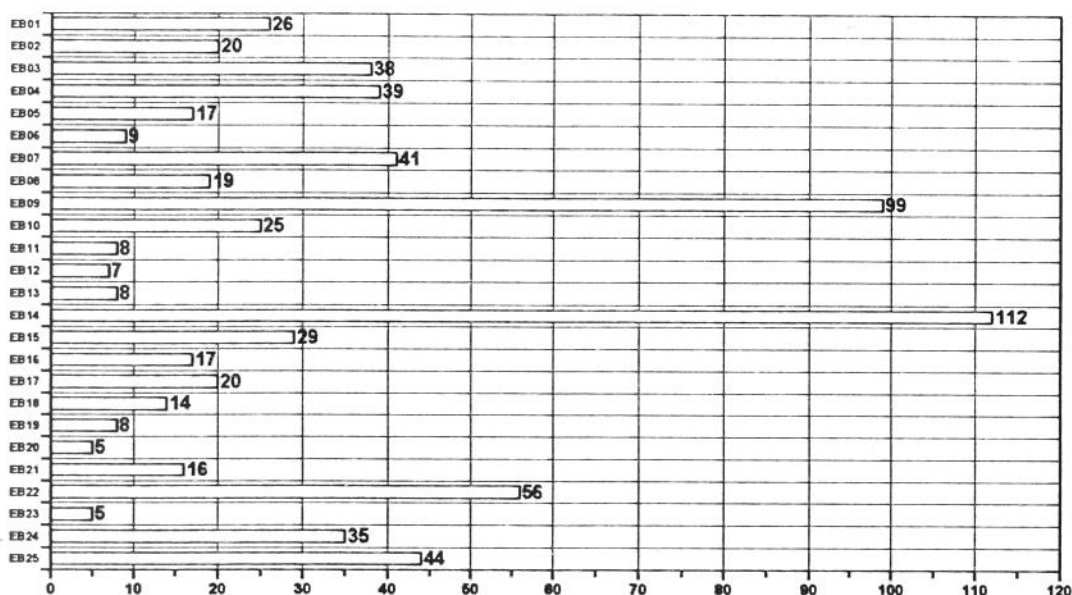
EB01	"Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto"
EB02	"O voto deveria ser sinônimo de democracia."
EB03	"O voto deixa de ser democrático ao ser comprado/vendido em troca de dinheiro ou de pequenos favores."
EB04	"O voto não é democrático porque é obrigatório."
EB05	"O voto é uma arma do eleitor."
EB06	"A atual situação econômica do país impede a conscientização do povo."
EB07	"O povo está desiludido/revoltado com a política."
EB08	"Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país."
EB09	"Os políticos não prestam: são corruptos, demagogos..."
EB10	"O povo é manipulado/ludibriado pelos políticos."
EB11	"O voto aos 16 anos foi um casuísmo demagógico e não contribui para a democratização do país: o jovem não sabe votar."
EB12	"Os analfabetos não sabem votar."
EB13	"Não adianta votar em branco ou nulo."
EB14	"A maioria da população não sabe votar: precisa adquirir consciência/ser conscientizada."
EB15	"Todos devem engajar-se na luta pela democracia."
EB16	"Em nosso país, uma elite minoritária domina a maioria."
EB17	"É preciso resgatar os valores da união e da igualdade fraterna entre as pessoas."
EB18	"Já vivemos em uma democracia plena."
EB19	"A educação do povo é um instrumento de democratização."
EB20	"Um futuro melhor depende de cada indivíduo."
EB21	"Atualmente, não existe democracia em nosso país."
EB22	"O país precisa de políticos sérios e honestos."
EB23	"Votar em branco ou nulo são formas legítimas de protesto."
EB24	"O voto é sinônimo de democracia."
EB25	"No Brasil, voto não é sinônimo de democracia."

⁶ Como pode-se observar, existe uma aproximação do conteúdo da redação-síntese anteriormente apresentada com estes enunciados de base, pois foram exatamente os enunciados desta relação que apresentaram maior ocorrência no conjunto das redações os escolhidos para compor aquela redação.

Com o intuito de propiciar melhor visualização estatística dos dados quantitativos encontrados, apresento a seguir um gráfico com o número de ocorrências dos enunciados efetivamente produzidos no conjunto total das 142 redações analisadas e que foram agrupados em cada uma das 25 famílias parafrásticas.

GRÁFICO 1

NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DOS ENUNCIADOS DE BASE



Segue-se a análise e explicitação dos exercícios de parafraseagem que constituíram as 25 famílias parafrásticas.

EB01. "Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto" (26 ocorrências)

Exemplos⁷:

B01	R009	E032	Sabemos também que o povo conseguiu o direito ao voto através de muita luta. Foram muitos os anos em que as pessoas lutaram para exercer este direito, que agora nos é dado.
B01	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.
B01	R029	E116	...precisamos estar conscientes que foi uma democracia conquistada com muitos esforços e que não devemos deixar que esta democracia tome um rumo diferente em nossa história.
B01	R046	E182	Para conseguir o voto livre, os nossos antepassados lutaram muito. Foi uma conquista que se deu por etapas e muito vagarosa.
B01	R069	E262	Desde o dia em que nos foi dada a oportunidade de escolhermos nossos governantes, de poder falar, defender nossas idéias, já se deu o grande passo para a democracia.
B01	R076	E291	Queria-se a liberdade de votar. Muitas lutas ocorreram, muitos morreram pela causa que mais tarde nos foi dada.
B01	R081	E316	O povo brasileiro lutou muito para conseguir esse direito, que há tempos atrás não lhe era concedido.
B01	R086	E338	Após muitos anos de luta, conquistamos o direito de votar.
B01	R092	E370	Nos moldes atuais da nossa sociedade, da nossa realidade brasileira, o voto é uma conquista do povo às custas de uma sofrida e árdua luta.
B01	R100	E418	Precisamos nos lembrar que a democracia é muito importante e que foi com muita luta que conseguimos fazer do Brasil um país democrático.
B01	R125	E547	Finalmente o povo brasileiro adquire o direito de votar.
B01	R129	E569	O voto foi e é uma conquista do povo brasileiro.

Propositadamente, este grupo de enunciados parafrásticos é apresentado como o primeiro da série. Nas redações dos professores, suas ocorrências se dão exatamente nas frases iniciais. É o momento em que os candidatos estão introduzindo sua linha de argumentação, “preparando o terreno” para as conclusões a que chegarão ao longo do texto. Tanto assim que o conteúdo do enunciado de base não se refere explicitamente à questão central (“voto é ou não sinônimo de democracia?”).

A partir de um esquema bastante simples, composto de dois momentos, pode-se começar a delinear as similitudes que agrupam os enunciados desta família parafrástica:

⁷ Os códigos utilizados nos exemplos representam:

B: Grupo de Enunciado de Base a que pertence o enunciado;

R: Número da Redação em que ocorre o enunciado; e

E: Número do Enunciado catalogado.

MOMENTOS ANTERIORES (LOCALIZADOS NO PASSADO DA HISTÓRIA BRASILEIRA)		MOMENTO ATUAL
PASSADO 1	PASSADO 2	PRESENTE
“NÃO-DEMOCRACIA”	“LUTA”	“VOTO = CONQUISTA DEMOCRÁTICA”

Nos diversos enunciados desta família parafrástica, os candidatos-redatores recuperam um certo passado na história política brasileira, exaltando-o como momento de conquistas consideradas democráticas. Neles, assume-se explicitamente que o momento político então vivido no país era positivo em relação a momentos anteriores. Assim, relatam a passagem de um estado inicial de não-democracia, para o momento atual de democracia. Entretanto, mesmo destacando que a conquista da democracia é fato consumado, visto que **garantida e registrada na legislação**, os enunciados desta família parafrástica não a apresentam como uma democracia **efetivamente praticada**.⁸

As marcas lingüísticas comuns a estes enunciados (e que os fazem participar de uma mesma família parafrástica) são:

- a) expressões que designam a passagem de um estado temporal anterior a outro (caracterizado como atual) e identificado com a “democracia” (sublinhada nos exemplos abaixo). Este item lexical vem acompanhado de índices que o qualificam como resultado desta passagem (em negrito), como em:

“o nosso país tornou-se democrático”(E066),

⁸ Desta forma, para efeito das análises aqui desenvolvidas, fica registrada a distinção entre “democracia formal” e “democracia efetiva”, à qual se fará alusão quando necessário.

*“**democracia conquistada**”* (E116),

*“já se deu o grande passo para a **democracia**”*(E262)

e *“**conseguimos fazer do Brasil um país democrático**”*(E418).

Os itens assinalados em negrito não só caracterizam como também modulam de forma distinta a passagem de um estado a outro. Assim, pode-se fazer a aproximação entre *“**conseguimos fazer**”* (E418) e *“**conquistada**”* (que, no contexto do enunciado pode ser transformada para *“**nós conquistamos**”*) (E116), expressões que incorporam a idéia de uma ação levada a efeito por agentes específicos, com o enunciador se apresentando como um deles, pelo NÓS implícito. De outro lado, os itens *“**tornou-se**”* e *“**se deu**”* afirmam o fato como se tivesse ocorrido independentemente de qualquer agente, por isso deixam seu agente apagado, não nomeado. No caso, o país (expressão genérica e abstrata) teria (como que por milagre!) *se tornado democrático e dado passos para a democracia*.

b) expressões que fazem referência à dificuldade desta passagem, com alusões à “luta”, “esforço”, “sacrifício”:

*“**povo e políticos começaram a lutar...**”*(E159),

*“...**uma democracia conquistada com muitos esforços...**”*(E116),

*“...**os nossos antepassados lutaram muito.**”*(E182),

*“...**uma conquista do povo às custas de uma sofrida e árdua luta.**”*(E370) e, até mesmo, *“**Quantos e quantos mitos da nossa história morreram de uma maneira brutal para defender a idéia de liberdade de um povo oprimido...**”*(E229).

Entretanto, se estas marcas comuns atestam o “pertencimento” dos enunciados a uma mesma família parafrástica, uma análise mais detalhada revela uma subdivisão interna a este grupo de enunciados. Há os momentos em que ocorrem desvios, contradições entre concepções, e até mesmo casos de imbricamento de ideologias contrárias num mesmo enunciado. Senão vejamos: Tome-se como referência o conceito de que “voto é um direito”. Para um discurso típico de esquerda, este direito vai ser aludido como sendo “**uma conquista**”, fruto da luta do povo. Já num discurso de direita, aparecerá como “**uma doação**”, um ato de benevolência da classe dirigente para com o povo. Pode-se imaginar ainda um terceiro tipo de discurso: aquele que imagina que os acontecimentos da vida política se dão por uma espécie de “consenso” (mesmo que um “falso consenso”) entre os interesses do povo e os da classe dirigente. Se, por um lado, nestes dois últimos tipos de discurso não há diferença entre uma e outra expressão, numa formação discursiva do primeiro tipo (de esquerda) há grande contradição em aludir-se ao direito ao voto como “**conquista**” e como “**doação**”.

É interessante notar que, nos enunciados desta família parafrástica, a posição majoritária é a que se identifica com a primeira posição (“conquista”, reforçada ainda pelas referências à “luta”, conforme acima destacado). São exemplos desta posição os enunciados:

B01	R086	E338	Após muitos anos de luta, conquistamos o direito de votar.
B01	R129	E569	O voto foi e é uma conquista do povo brasileiro.

e em

B01	R125	E547	Finalmente o povo brasileiro adquire o direito de votar.
-----	------	------	---

Nesta última passagem, a expressão “adquire” possui um traço semântico que neutraliza tanto a idéia de esforço, luta, quanto a de pura e simples “doação”, constituindo-se num meio-termo impreciso. Sua ocorrência pode ser resultado de uma hipercorreção do candidato que, numa situação de prova, procura termos que supõe mais sofisticados, por vezes (como é o caso) incorrendo em associações um pouco estranhas.

Entretanto, a posição contrária ao ponto de vista majoritário também aparece de forma explícita, como nos enunciados:

B01	R069	E262	Desde o dia em que nos foi dada a oportunidade de escolhermos nossos governantes, de poder falar, defender nossas idéias, já se deu o grande passo para a democracia.
B01	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.

Nos exemplos abaixo, pode-se ainda localizar enunciados em que convivem estas duas posições simultaneamente. Para um discurso em que haveria contradição entre “conquista” e “doação”, os sujeitos-redatores estariam mostrando, nestas passagens, uma inconsistência ou falta de clareza quanto ao seu ponto de vista em relação a estas posições conflituosas e, conseqüentemente, a seu pertencimento a esta ou aquela formação discursiva. Para o discurso que aceita a tese “da conciliação”, seriam passagens perfeitamente normais, sem nenhum índice de contradição

B01	R009	E032	Sabemos também que o povo conseguiu o direito ao voto através de muita luta. Foram muitos os anos em que as pessoas lutaram para exercer este direito, que agora nos é dado .
B01	R076	E291	Queria-se a liberdade de votar. Muitas lutas ocorreram, muitos morreram pela causa que mais tarde nos foi dada .
B01	R081	E316	O povo brasileiro lutou muito para conseguir esse direito, que há tempos atrás não lhe era concedido .

EB02. "O voto deveria ser sinônimo de democracia." (20 ocorrências)

Exemplos:

B02	R005	E017	Na verdade, o voto é considerado um sinônimo de democracia. Um direito que a todos assiste, só que está sendo pouco democrático, com tantas coisas acontecendo.
B02	R011	E052	Mudar para melhor seria a função do voto na minha opinião, mas acho que está acontecendo o contrário.
B02	R048	E190	A democracia é o poder que emana do povo, porém se existissem circunstâncias e condições ideais para que realmente esta frase tivesse veracidade, poderíamos sentir o voto como sinônimo de democracia.
B02	R093	E376	Desde que surgiu, o voto teve a intenção de ser um meio, uma possibilidade para que o povo pudesse escolher os seus representantes.
B02	R097	E396	Houve um tempo em que realmente acreditava-se que o voto era uma "conquista da democracia", um direito do povo, através do qual ele daria sua participação na escolha de um candidato.
B02	R119	E511	Na teoria e principalmente para quem está no poder, para quem já recebeu o voto do povo, para quem está por cima, enfim, para os governantes em geral, voto é, sem dúvida, sinônimo de democracia.
B02	R142	E631	O voto deveria ser sinônimo de democracia...

Neste grupo estão os enunciados que associam o voto à **possibilidade** de democracia efetiva. Estes enunciados também se encontram no início das redações produzidas pelos candidatos, sendo que caracterizam um momento na argumentação que tanto pode encaminhar para uma conclusão positiva quanto negativa em relação ao tema proposto.

Aqui, os argumentos remetem a um "mundo possível"⁹, onde o voto seria um sinônimo de democracia. Este lugar é construído por oposição ao real, ficando assim implícita uma postura negativa quanto a veracidade da relação voto X democracia no presente.¹⁰ O conteúdo destes enunciados, ao apontar para uma possibilidade, pode também levar à postura otimista de que o voto é (a-temporalmente) um sinônimo de democracia, sendo a sua efetivação possível de ser realizada (mesmo a despeito de, no presente, não ser).

⁹ Segundo ECO (1977:142), "um mundo possível faz parte do sistema cultural de qualquer sujeito e depende de esquemas conceituais. Segundo Hintikka, os mundos possíveis dividem-se naqueles que concordam com as nossas atitudes proposicionais e aqueles que não concordam com elas. Neste sentido, o nosso compromisso com um mundo possível é, como diz Hintikka, um fato 'ideológico'". No caso deste EB, ao contrapor-se ao presente, este mundo possível encerra a utopia de, um dia, transformar-se em realidade.

¹⁰ Em outros enunciados, esta postura negativa aparece explicitamente, como no caso do grupo EB21, analisado na seqüência deste capítulo.

Constituem-se as marcas desta família parafrástica:

a) enunciados com verbos no futuro do pretérito do indicativo (condicional), como em:

B02	R011	E052	Mudar para melhor seria a função do voto na minha opinião, mas acho que está acontecendo o contrário.
B02	R142	E631	O voto deveria ser sinônimo de democracia...
B02	R048	E190	A democracia é o poder que emana do povo, porém se existissem circunstâncias e condições ideais para que realmente esta frase tivesse veracidade, poderíamos sentir o voto como sinônimo de democracia.

b) enunciados com conjunções subordinativas adversativas e condicionais:

B02	R005	E017	Na verdade, o voto é considerado um sinônimo de democracia. Um direito que a todos assiste, só que está sendo pouco democrático, com tantas coisas acontecendo.
B02	R011	E052	Mudar para melhor seria a função do voto na minha opinião, mas acho que está acontecendo o contrário.
B02	R048	E187	A democracia é o poder que emana do povo, porém se existissem circunstâncias e condições ideais para que realmente esta frase tivesse veracidade, poderíamos sentir o voto como sinônimo de democracia.

c) enunciados com termos e expressões que remetem a situação em tempo passado, como “houve um tempo” e “acreditava-se”, ou ainda que remetem a contextos intencionais ou a uma situação ideal ou não-concretizada, como “intenção”, “possibilidade” e “na teoria”:

B02	R093	E376	Desde que surgiu, o voto teve a intenção de ser um meio, uma possibilidade para que o povo pudesse escolher os seus representantes.
B02	R097	E396	Houve um tempo em que realmente acreditava-se que o voto era, uma "conquista da democracia", um direito do povo, através do qual ele daria sua participação na escolha de um candidato.
B02	R119	E511	Na teoria e principalmente para quem está no poder, para quem já recebeu o voto do povo, para quem está por cima, enfim, para os governantes em geral, voto é, sem dúvida, sinônimo de democracia.

Todas essas marcas, exatamente por caracterizarem a associação entre voto e democracia como uma situação ideal, afirmam-na como não-existente, não efetivada no presente.

EB03. "O voto deixa de ser democrático ao ser comprado/vendido em troca de dinheiro ou de pequenos favores." (38 ocorrências)

Exemplos:

B03	R012	E053	Só que muitos políticos esquecem que o voto deveria ser algo particular de cada pessoa e ficam pressionando-as, tentando comprá-las com dinheiro ou outras coisas materiais.
B03	R019	E077	Acontece, com frequência, pessoas ligadas a um partido querendo comprar voto, só para conseguir maioria. Não é certo. Devemos escolher o melhor por livre e espontânea vontade.
B03	R032	E135	Voto democrático é ter o direito de votarmos em nosso candidato favorito. Bela mentira, pois muitos só votam naquele que pode mais, que tem maior poder aquisitivo. Aquele que paga mais alto leva o maior número de votos.
B03	R032	E136	Uma grande parte do povo já se acostumou a tocar seu voto por dinheiro, cargos públicos e muitas coisas mais. Isto é Democracia? Não. É um verdadeiro comércio.
B03	R080	E311	O voto não é para ser vendido.
B03	R133	E588	O que dizer a respeito da constante distribuição de dinheiro, medidas econômicas milagrosas, gêneros alimentícios e outros em época de campanha eleitoral? Não é esta uma maneira de ludibriar as pessoas, induzindo opiniões positivas a respeito de algum candidato?

Esta família parafrástica constitui-se de enunciados cuja característica comum é indicarem a existência de compra/venda de votos em períodos eleitorais e de apontarem-na como justificativa para o voto não ser sinônimo de democracia efetiva. Este fato é repudiado por todos os sujeitos-redatores, sendo apresentado como característica que desqualifica tanto os políticos como os eleitores que o praticam.

A existência da prática do comércio de votos aparece modulada numa escala em que pode-se hierarquizar as referências (e críticas) a esta prática. Assim temos:

a)

B03	R133	E588	O que dizer a respeito da constante distribuição de dinheiro, medidas econômicas milagrosas, gêneros alimentícios e outros em época de campanha eleitoral? Não é esta uma maneira de ludibriar as pessoas, induzindo opiniões positivas a respeito de algum candidato?
-----	------	------	---

em que aparece o eufemismo “distribuição de dinheiro” para referir-se ao comércio de votos (junto ainda a outras práticas, também qualificadas como “ludibriadoras” do eleitor);

b)

B03	R012	E053	Só que muitos políticos esquecem que o voto deveria ser algo particular de cada pessoa e ficam pressionando-as, tentando comprá-las com dinheiro ou outras coisas materiais.
B03	R019	E077	Acontece, com frequência, pessoas ligadas a um partido querendo comprar voto, só para conseguir maioria. Não é certo. Devemos escolher o melhor por livre e espontânea vontade.

onde “tentando” e “querendo” são também referências menos diretas, pois não admitem explicitamente o fato como efetivamente ocorrido;

c)

B03	R032	E135	Voto democrático é ter o direito de votarmos em nosso candidato favorito. Bela mentira, pois muitos só votam naquele que pode mais, que tem maior poder aquisitivo. Aquele que paga mais alto leva o maior número de votos.
B03	R032	E136	Uma grande parte do povo já se acostumou a trocar seu voto por dinheiro, cargos públicos e muitas coisas mais. Isto é Democracia? Não. É um verdadeiro comércio.

onde as passagens destacadas admitem (e repudiam) a efetivação do fato; e

d)

B03	R080	E311	O voto não é para ser vendido.
-----	------	------	--------------------------------

em que, através da negação polêmica, a existência da venda de votos é, de fato, afirmada. Este enunciado deve, assim, ser analisado como contendo uma asserção afirmativa de um enunciador que sustentaria o ponto de vista que: “O voto é para ser vendido” e uma asserção contrária, posição assimilável à do locutor: “O voto não é para ser vendido”.

A análise deste último enunciado leva em consideração o conceito de negação polêmica, proposto por DUCROT (1984:202). Retomo aqui sucintamente sua formulação para melhor explicar a inclusão do E311 nesta família parafrástica. Para o autor, o locutor da maior parte dos enunciados declarativos negativos - o exemplo é “Pedro não é amável” - locutor este que assume a responsabilidade do enunciado, “*coloca em cena*

um enunciador E_1 que sustenta que Pedro é amável, e um outro, E_2 , ao qual L (o locutor) é habitualmente assimilado, que se opõe ao E_1 . (...) faz aparecer sua enunciação como o choque de duas atitudes antagônicas, uma positiva, imputada a um enunciador E_1 , a outra, que é uma recusa da primeira, imputada a E_2 . É necessário chamar atenção para o fato de que, originalmente, na teoria da semântica da enunciação, a negação polêmica decorre do confronto entre os **pontos de vista de dois enunciadores antagônicos**. Já para o quadro teórico da Análise do Discurso, a polêmica aí instaurada se dá porque **representam posições de sujeito determinadas por formações discursivas antagônicas**, decorrentes do confronto entre práticas discursivas sociais. Assim, no caso do E311, o locutor, ao assumir um ponto de vista que defende que “o voto não é para ser vendido” e, simultaneamente, opor-se ao ponto de vista contrário - “o voto é para ser vendido” - , está refutando um possível enunciado de outra formação discursiva, exterior a sua formação discursiva. E é exatamente a alusão e refutação deste ponto de vista que justifica a inclusão (por oposição) do enunciado nesta família parafrástica.

EB04. "O voto não é democrático porque é obrigatório." (39 ocorrências)

Exemplos:

B04	R011	E047	Eu acredito que se abolir a obrigatoriedade do voto, o povo participará ativamente no progresso do país.
B04	R024	E098	...o voto deixa de ser um direito quando passa a ser um dever. "É obrigatório votar!". Votar por obrigação representa o mesmo que votar livre e conscientemente? Continua o voto a ser sinônimo de democracia, a representar a vontade, a escolha do povo?
B04	R033	E140	Se o voto fosse realmente sinônimo de democracia, não nos seria imposto.
B04	R033	E141	A partir do momento que alguma coisa é imposta, ao meu ver, isso não é ser democrático.
B04	R064	E248	A meu ver, isso (<i>o fato de sermos obrigados a votar</i>) não é democracia e sim pressão sobre o povo, que é coagido, embora diplomaticamente, para agir como os políticos querem.
B04	R070	E269	...as pessoas dizem constantemente que, na próxima eleição, irão anular o seu voto, não o dando para ninguém. Dizem que irão participar do processo de votação porque é uma obrigatoriedade na nação. Mas, infelizmente, não fazem isso com alegria, com satisfação.
B04	R091	E366	Voto democrático? Até onde? Se o voto é obrigatório e, se não votarmos, sofremos penalidades.

Nestes enunciados, a justificativa comum para o fato do voto não ser considerado sinônimo de democracia efetiva é a sua associação à obrigatoriedade constitucional de comparecimento do eleitor às seções de votação. O silogismo por elas produzido é o que aproxima democracia a um certo conceito de liberdade:

"se não se é livre para deixar de votar" (= o voto é obrigatório),

logo,

"não há democracia" (= o voto não é democrático)."

Nesta família parafrástica, as relações de sinonímia são bastante diretas entre os enunciados, girando todas em torno da apresentação da obrigatoriedade de votar como o fator determinante da não existência de relação entre voto e democracia:

- a) Em E047, temos, **"...se abolir a obrigatoriedade..."** que pressupõe (e critica) a existência da obrigatoriedade;
- b) Em E098, **"...quando passa a ser um dever..."** é uma forma de dizer (e criticar) que o voto é um dever, uma obrigação;

- c) Em E140, encontramos também uma outra forma de dizer que o voto, sendo obrigatório, não é sinônimo de democracia: “...**não nos seria imposto**”, por oposição (uso da negativa), pressupõe que **é imposto**, obrigatório, o que é repetido, agora de maneira direta, em E141: “...**alguma coisa é imposta...**”;
- d) E248 e E366, são exemplos de enunciados em que há a condenação explícita da obrigatoriedade do voto: “...**isso não é democracia...**” e “**Voto democrático? Até onde? Se o voto é obrigatório...**”;
- e) Finalmente, em E269, aparece uma crítica mais indireta da obrigatoriedade, resultado da apresentação de uma situação (o fato de *as pessoas dizerem que vão anular seus votos porque são obrigadas a votar*) como negativa pelo enunciador, pois, após relatar esse “discurso de alguns”, avalia que “...**infelizmente, não fazem isso com alegria, com satisfação.**” Se interpretarmos a anáfora em “**isso**” como remetendo para “**participar do processo de votação**”, lê-se uma crítica a esta postura e (implicitamente) à obrigatoriedade, apresentada como o motivo desta prática.¹¹

¹¹ Esta, parece-me, é a relação anafórica mais autorizada pelo contexto da redação. A outra, também possível sintaticamente, seria fazer a leitura do “**isso**” como recuperando “...**anular o voto, não o dando para ninguém.**”, o que resultaria numa postura do enunciador completamente contraditória para o contexto do enunciado, pois estaria defendendo o voto nulo (que deveria ser dado “alegremente”!).

EB05. "O voto é uma arma do eleitor." (17 ocorrências)

Exemplos:

B05	R022	E086	Voto é a arma que o povo tem para escolher os seus governantes.
B05	R079	E304	Vejo no voto uma arma muito importante que a população tem em seu poder, pois é dele que os candidatos necessitam para se eleger.
B05	R086	E342	O nosso voto é uma " arma " poderosa que temos em nossas mãos.
B05	R093	E381	Precisamos refletir com seriedade nesta questão do voto, pois este é a nossa maior arma para lutarmos contra as desigualdades sociais...
B05	R127	E558	Pelo menos é uma das armas que nós eleitores possuímos para nos defender dos maus políticos...
B05	R130	E577	Mas alguém precisa esclarecer o povo que essa é a única arma que temos como <u>garantida</u> , pois somos nós quem os escolhemos.

Como já registrado anteriormente (p. 35 do presente trabalho), na construção de argumentos para a crítica ou defesa da relação entre VOTO e DEMOCRACIA, os sujeitos-redatores incorporam e repetem enunciados não-originais, retirados dos mais diferentes discursos correntes na sociedade em torno da questão em pauta.

Este grupo de enunciados pode ser considerado um exemplo extremo desta repetição. Aqui, tem-se a transposição direta do "slogan": "O VOTO É UMA ARMA DO ELEITOR", um chavão corrente e comum aos discursos sobre o voto que circulam tanto nos meios de comunicação como nas conversas informais.

A utilização do chavão carrega o efeito argumentativo de não responsabilizar unicamente seu locutor pelo seu dizer. Assim como no caso do argumento por autoridade, sua própria enunciação evoca um locutor autorizado, aqui reconhecido como toda uma coletividade, estando aí incluído o indivíduo que o profere. Assim, o enunciado surge como um eco, uma retomada de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo slogan¹².

¹² Estas observações são encontradas em MAINGUENEAU(1987:101). Originalmente referem-se ao "provérbio". Adaptei-as, utilizando-as para o slogan pois considero-as pertinentes para o caso. A distinção proposta por DUCROT (1984: 141) entre dizer₁ (asseverar) e dizer₂ (mostrar) também parece-me servir como análise para esta ocorrência. No caso do uso deste chavão, o dizer₁ estaria em estipular a metáfora Voto/Arma e o dizer₂ seria algo como: "Não digo isso sozinho, estou acompanhado de toda uma coletividade que também diz o mesmo, o que respalda meu dizer".

O critério de seleção dos enunciados para esta família parafrástica é a presença explícita do item lexical “ARMA” (marcado em negrito nos enunciados acima), quando associado ao “voto/ato de votar”.

A definição metafórica do voto como uma “arma” do eleitor contrapõe-se diretamente ao contido em EB04 (“O voto não é democrático porque é obrigatório”) e em EB25 (“No Brasil, voto não é sinônimo de democracia”). Ao contrário do que ocorre naqueles EBs, nos enunciados desta família parafrástica atribui-se ao voto um papel positivo na democratização do país.

O uso específico da metáfora “arma” denota que os sujeitos-redatores destes enunciados atribuem um papel fundamental aos eleitores no processo de democratização do país, em conformidade com o contido nos EB08 e EB15 (respectivamente, “Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país” e “Um futuro melhor depende das ações de cada indivíduo”). Simultaneamente, reforça a distinção (também presente em outros EBs) que opõe, de um lado, os eleitores e, de outro, os “maus políticos”, num confronto cuja arma é o voto. Esta oposição, inerente ao conjunto dos enunciados, aparece de forma explícita em:

B05	R127	E558	Pelo menos é uma das armas que nós eleitores possuímos para nos defender dos maus políticos...
-----	------	------	---

que traz ainda a expressão “*nos defender*”, que reforça ainda mais a representação do processo eleitoral como uma luta, um confronto - que, ademais, não se trava somente contra os políticos, mas também “*contra as desigualdades sociais*”, como registra o E381.

EB06. "A atual situação econômica do país impede a conscientização do povo."

(09 ocorrências)

Exemplos:

B06	R005	E020	Mas, infelizmente, com tanta fome e miséria em nosso país, o brasileiro vai vendendo seu voto a quem der mais.
B06	R036	E151	Num país como o que vivemos, com o salário baixo, quase que um pai de família não pode sustentar seus próprios filhos, como ele vai poder ter consciência de que um voto dele é muito importante?
B06	R093	E379	Devido aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida.
B06	R097	E401	...mas o problema é que a maioria do povo vive em situação tão precária, desesperadora, que vende o seu voto, pensando que suas dificuldades serão resolvidas e elege maus candidatos.
B06	R120	E521	Mas o povo, sem o mínimo de poder aquisitivo, não tem conscientização, porque só pensa em como poderá sobreviver nesse mundo.

Apontar a situação econômica precária em que vive a maioria da população como responsável pela sua falta de conscientização política é a marca comum a esta família parafrástica. A referência a esta "SITUAÇÃO ECONÔMICA PRECÁRIA", é feita, nos enunciados deste grupo, através de uma série de paráfrases discursivas (compostas por sinônimos quase semânticos). Assim, temos:

E020 - "fome e miséria"

E151 - "não poder sustentar seus próprios filhos"

E379 - "sérios problemas"; "fome, miséria, desemprego, etc."

E401 - "situação precária, desesperadora"

E521 - "sem o mínimo de poder aquisitivo"

apresentados como causa desta falta de conscientização.

Nos enunciados E151 e E521, aparece explicitamente a referência à falta de conscientização: "...como ele vai poder ter consciência...?" e "...não tem conscientização...", respectivamente. Já nos demais enunciados da amostra acima (E020, E379 e E401), faz-se referência à **venda de votos**. E, no contexto das redações do *corpus* sob análise, "vender votos" é uma paráfrase discursiva de "falta de consciência".

EB07. "O povo está desiludido/revoltado com a política." (41 ocorrências)

Exemplos:

B07	R021	E083	O povo atualmente já não acredita e nem confia mais em nada, porque muitos de nós fomos enganados, ficamos só nas promessas.
B07	R041	E164	A democracia que existe hoje em nosso país já é desacreditada, isto é, não existe mais o voto de confiança do povo.
B07	R043	E173	O povo sofre tanto que não acredita mais nos candidatos. Por isso, nas eleições, observa-se um índice elevado de votos em branco.
B07	R067	E256	Quando ouve-se falar em eleições, logo sente-se aversão ao assunto, pois ao longo da história política brasileira, percebeu-se que escolher livremente nossos dirigentes nem sempre foi solução para os grandes problemas sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil.
B07	R091	E365	Ouvimos muitas pessoas dizerem que não confiam em políticos e preferem votar em branco ou, então, anular seu voto.
B07	R131	E579	Só que o nosso povo se encontra um tanto incrédulo dessa forma ou desse meio de escolher os governantes...

A relação parafrástica dos enunciados que compõem este grupo está baseada em duas relações de sinonímia discursiva.

A primeira é a que aproxima os termos e expressões associados à "situação política", que seria o objeto do descontentamento dos eleitores, segundo os sujeitos-redatores destes enunciados. No contexto discursivo desta família parafrástica, são sinônimos:

"nada"

=

"candidatos" = "políticos"

=

"democracia" = "eleições" = "forma ou meio de escolher os governantes"

Senão, vejamos:

- a) Em E083, tem-se que *"o povo (...) já não acredita e nem confia mais em nada..."*. À primeira vista, pode-se estranhar a presença de "nada" nesta família parafrástica, já que este item lexical pode servir de sinônimo para qualquer coisa. Só que essa "qualquer coisa" não é qualquer coisa sempre, mas definida no contexto. Aqui, dizer que *"o povo (...) já não acredita e nem confia mais em nada..."* é o mesmo que dizer que *"desacredita e desconfia de tudo"* ("tudo" o que está ligado ao processo polí-

tico: eleições, políticos, candidatos, etc.)”. Esta associação é autorizada pela alusão à “promessas”, na seqüência do enunciado, certamente, e mais uma vez apelando para o contexto, “**promessas de candidatos, políticos, em época de eleições**”. Assim, no contexto das redações aqui analisadas, dizer que “*o povo (...) já não acredita e nem confia mais em nada...*” é dizer que o povo já não acredita e nem confia mais em **candidatos/políticos/política/democracia/eleições**;

- b) Em E164, “**democracia**” é tomada como significando “*o processo (como um todo) de escolha dos representantes do povo*”, sinonímia direta com “**eleições**” do E256 e com “**forma ou meio de escolher os governantes**” do E579;
- c) Em E173, a crítica dirige-se diretamente a um dos protagonistas deste processo, “**os candidatos**”; sinonímia com “**políticos**” do E365. Neste caso, toma-se a parte, para criticar o todo;

O segundo grupo de sinonímias (estas, sinonímias semânticas) é o que veicula o sentimento de descontentamento do povo. Numa escala de gravidade, este sentimento aparece desde a forma mais amena, modalizada por “um tanto”, em:

“*se encontra um tanto incrédulo*” (E579)

passando pela afirmação mais direta, sem modalizações, em:

“*não acredita e nem (= não) confia*” (E083);

“*desacreditada (= desacredita)*” (E164);

“*não acredita*” (E173);

“*não confiam*” (E365);

chegando, finalmente, nesta escala gradativa, na forma mais grave de:

“*sente-se aversão*” (E256)

EB08. "Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país."

(19 ocorrências)

Exemplos:

B08	R022	E092	O Brasil é muito rico. Ele tem jeito. Basta querer.
B08	R027	E108	... um país caído que, com certeza, um dia, com a força brasileira, há de se levantar e produzir bem mais que no momento.
B08	R088	E353	Mas, um dia, chegaremos lá.
B08	R089	E356	Com tudo isto, nós, os brasileiros, devemos ter cautela e esperar dias melhores.
B08	R092	E375	Mas, como dizem os políticos: "Minha gente, a luta continua..."
B08	R106	E447	...e, assim, quem sabe, contribuir para que nosso país seja um país com futuro promissor, onde a miséria e o banditismo possam não mais existir, dando alívio a todos nós.

Os enunciados que compõem esta família parafrástica ocorreram todos nos finais das redações dos professores. Procuram seguir o que dita a tradição do "bem-escrever", quando esta prescreve que, para que o texto não fique "solto", é necessário dar-lhe um "fecho", com as conclusões tiradas da linha de argumentação desenvolvida anteriormente. Estes enunciados são exemplos de uma das conclusões mais frequentes das redações analisadas. Após um conjunto de críticas ao momento político nacional, os professores-redatores, ao tentar dar um "fecho" condizente às suas redações, fogem dos temas mais diretamente ligados ao processo político-eleitoral e apontam para a **esperança** em um futuro otimista, melhor para o país (Vide esquema da redação-síntese, p. 39).

Esta esperança é traduzida basicamente pelo apelo a fórmulas e palavras de ordem estereotipadas, chavões e frases-feitas, como em:

B08	R022	E092	O Brasil é muito rico. Ele tem jeito. Basta querer.
B08	R088	E353	Mas, um dia, chegaremos lá.
B08	R092	E375	Mas, como dizem os políticos: "Minha gente, a luta continua..."

O recurso a utilização destes fórmulas, especialmente no momento final dos textos em que aparecem, é uma ocorrência típica do que Cláudia T. DE LEMOS (1977) chama de "estratégia de preenchimento de um arcabouço ou esquema formal previa-

mente dado ou inferido”¹³. Se com elas cumpre-se, de certa forma, a função de, ao apontar para um futuro melhor, dar um acabamento formal para o texto, estas mesmas fórmulas também acabam deixando um “buraco argumentativo”, pela vaguidade que as caracteriza.

Em E092, por exemplo, a seqüência do enunciado é composta de uma afirmação genérica (“O Brasil é muito rico”), de tom ufanista - que o discurso oficial do regime militar reforçou. A seguir, aparece a forma coloquial “Ele tem jeito”, que pode ser entendida como “*Ele tem condições de ter sucesso, de superar a crise*”, seguida de um “Basta querer”, forma que não especifica o sujeito deste querer (o Brasil? Nós? Os eleitores? Todos? Os políticos? Quem, afinal?), além de desqualificar o problema político (da construção da democracia), introduzindo um elemento voluntarista.

Também em E353, recorre-se a termos vagos para compor o enunciado. “Um dia”, não especifica nada, a não ser apontar para um futuro distante. “Chegaremos lá”, faz lembrar o refrão de um certo candidato liberal. Mas, “lá” onde? Obviamente que, a despeito da vaguidade da expressão, um leitor cooperativo, como o descrito por ECO (1979:53), que “ajude o texto a funcionar”, acaba interpretando esse “chegar lá” como “superar nossos problemas” ou algo semelhante.

¹³ Ao analisar redações de vestibulandos, a autora levanta a hipótese (que os dados de sua pesquisa parecem confirmar) de que o processo de treinamento e instrução que o vestibulando possa ter recebido, quando calcado na exposição a textos-modelo ou na utilização de um esquema formal previamente dado, faria com que o momento de elaboração de seu texto seja por ele encarado como um momento de seguir a “*um conjunto de operações de preenchimento de uma estrutura previamente dada, ou inferida de textos-modelo. Essa estrutura-esquema ou arcabouço - definível como uma articulação de posições vazias - seria preenchida com asserções genéricas ou específicas, construídas a partir das evocações que o título da redação possa sugerir.*” (De Lemos, 1977, p. 62). Se por um lado, pode-se considerar pertinente a aplicação generalizada deste conceito a qualquer passagem das redações aqui analisadas, destaco especialmente estas ocorrências pois, a meu ver, não só se constituem numa forma de preenchimento **formal** de um suposto modelo de bom texto, como também, a meu ver - pelo fato de ir buscar em fórmulas e chavões genéricos (que fogem ao tema específico em questão) o conteúdo para este fecho formal - funcionam **discursivamente**. De certa forma, funcionariam como uma estratégia de “preenchimento discursivo”: para finalizar a redação, o sujeito vai apelar para uma fórmula já pronta, cristalizada, que serviria para dar um “desfecho otimista” para uma redação, qualquer que fosse o tema proposto.

Mais interessante é o que ocorre em E375. O sujeito-redator faz uso do discurso de “alguns políticos”, citado de forma direta, como um apelo ao não-desânimo, à esperança por dias melhores. E, nesta citação, junta, num só enunciado, dois bordões, cada um originário de discursos políticos diametralmente opostos no campo ideológico: “Minha gente...” era o vocativo preferido do ex-presidente Collor e “A luta continua” é uma palavra de ordem de grupos de esquerda. Mesmo não sendo possível afirmar que este imbricamento de expressões tenha sido proposital (talvez, exatamente por não ter sido), parece-me ser mais um indício que confirmaria: (a) a falta de clareza dos sujeitos-redatores quanto ao seu pertencimento a determinada formação discursiva (hipótese levantada na análise de EB01, p. 57), ou (b) um indício de que a intensidade da crítica aos políticos (ver EB09, a seguir) e o conseqüente ceticismo quanto à soluções no campo político (também referida em EB17, p. 94) provocam uma crítica generalizada que não distingue vertentes ideológicas dentre os políticos.¹⁴

Em E356, esse “futuro melhor” apontado para o país também aparece na forma genérica e indefinida de “dias melhores”. Já em E108, é associado à economia, ao aumento de produção: “produzir bem mais que no momento” e, em E447, além da economia, aponta-se para uma melhoria no aspecto social: “...onde a **miséria** e o **banditismo** possam não mais existir.”

As diferentes formas de anúncio do “futuro melhor” (conforme acima descritas), sofrem também outro tipo de modalização, esta não mais localizada na expressão-substantiva usada para nomear o futuro esperado, mas sim nas expressões e verbos que traduzem o movimento (de espera) rumo a este futuro. Em E356, este movimento é mar-

¹⁴ Obviamente que estas hipóteses - (a) e (b) - não são excludentes, sendo factível que ocorram alternada ou simultaneamente.

cado pelo uso reiterado de termos que traduzem uma postura passiva, sem muita certeza: “...**ter cautela e esperar...**”. Em E447, tem-se uma postura intermediária, entre a certeza e a descrença com o uso do modalizador “**quem sabe**”. Já em E108, o termo genérico “um dia” é acompanhado de “...**com certeza...**”, expressão que, vindo a seguir, acaba por sobrepor a afirmação da esperança à de indefinição do termo genérico.

EB09. "Os políticos não prestam: são corruptos, demagogos..." (99 ocorrências)

Exemplos:

B09	R006	E025	Pessoas que fazem da vida política um jogo de interesses pessoais e dos grupos que se escondem por traz, colocando dinheiro e prestígio nos seus candidatos.
B09	R022	E087	Mas, eu me pergunto: será que vale a pena? Neste mundo tão cheio de políticos inescrupulosos e corruptos, quem você vai escolher? Não está escrito na testa de nenhum deles se são bons ou ruins.
B09	R022	E089	Liberdade de escolher: Quem? Políticos como Magri, Alcení e tantos outros que ajudaram a fraudar a Previdência.
B09	R032	E131	...como já sabemos, o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.
B09	R032	E134	Todos dizem: - Precisamos escolher políticos novos, com idéias modernas! Qual nada, todos copiam os mesmos estilos dos políticos antigos e nada fazem para o bem do povo, mas sim para o seu próprio bem-estar.
B09	R035	E145	Todos aqueles que se candidatam só querem aproveitar as mordomias do cargo.
B09	R041	E166	...os corruptos somente roubam do povo e não pensam nos baixos salários e nas dificuldades pelas quais atravessa o país, tanto na área educacional, como na saúde, bem-estar social e outros.
B09	R050	E202	...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.
B09	R051	E204	...os políticos apresentam sua capacidade cada vez mais aguçada de ludibriar e enganar os poucos que ainda acreditam e a nação está prestes a assumir a sua verdadeira identidade de colônia.
B09	R083	E329	Pulam de partido, como macacos de galho em galho, visando não o povo, mas sim favorecendo-se, para poder continuar trapaceando.
B09	R103	E430	Não possuem o mínimo de responsabilidade com o cargo que lhes foi confiado através do voto daquele desesperado que, a cada eleição, renova sua esperança em melhorar as condições de vida, que seja mais digna e mais humana.
B09	R118	E507	Os políticos que estão aí (Brasília, é claro, porque os nossos acho que estão fazendo a parte deles), voltando a Brasília, que nós ajudamos a colocá-los, não estão fazendo absolutamente nada para que o Brasil dê certo. Ao contrário, só se preocupam com eles. Estão aí seu João Alves, Ibsen Pinheiro etc... e, se não bastasse isso, agora eles não estão nem preocupados em começar a revisão da Constituição.

A esmagadora maioria das críticas ao atual sistema político brasileiro encontradas nas redações analisadas constitui-se em referências negativas à figura dos políticos. A insistência desta crítica pode ser avaliada pelo peso quantitativo de suas 99 ocorrências. Estes enunciados estão aqui agrupados sob o enunciado de base, genérico, "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM". "Não prestar" é uma expressão popular, corrente, que aplicada a outros casos, ganha diferentes sentidos: por exemplo, em "Essa mulher não presta" e "Esse leite não presta", tem-se, no primeiro caso, uma possível alusão negativa

ao comportamento sexual da citada e, no segundo, uma constatação de que o leite está vencido, azedo.

Esta família parafrástica pode servir para catalogar as diferentes especificações que a expressão recebe ao longo das redações, quando vinculada a “OS POLÍTICOS”.

Aqui, “NÃO PRESTAR” é sinônimo de:

a) “PENSAR SÓ EM SEUS INTERESSES PESSOAIS EM DETRIMENTO DO POVO”, como em:

(E025) “...fazem da vida política um jogo de interesses pessoais...”

(E134) “...nada fazem para o bem do povo, mas sim para o seu próprio bem-estar...”

(E166) “...não pensam nos baixos salários e nas dificuldades pelas quais atravessa o país ...”

(E202) “...oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente. ...”

(E329) “...visando não o povo, mas sim favorecendo-se...”

(E507) “...não estão fazendo absolutamente nada para que o Brasil dê certo. Ao contrário, só se preocupam com eles...”

b) “ROUBAR DOS COFRES PÚBLICOS”, como em:

(E089) “...fraudar a Previdência...”

(E131) “...sugar, ganhar muito dinheiro...”

(E166) “...somente roubam do povo ...”

c) “NÃO TER ESCRÚPULOS”, como em:

(E087) “...inescrupulosos e corruptos...”

(E204) “...*ludibriar e enganar os poucos que ainda acreditam...*”

(E329) “...*para poder continuar trapaceando...*”

(E430) “*Não possuem o mínimo de responsabilidade com o cargo que lhes foi confiado através do voto...*”

Reforçam estas críticas as alusões a políticos como (Rogério) “Magri” e “Alceni” (Guerra), em E089, e “João Alves e Ibsen Pinheiro”, em E507, que ganharam notoriedade por, supostamente, estarem envolvidos em esquemas de corrupção. Seus nomes surgem aqui como símbolo de toda a classe de políticos nacionais, objeto da crítica dos enunciados desta família parafrástica.

EB10. "O povo é manipulado/ludibriado pelos políticos." (25 ocorrências)

Exemplos:

B10	R047	E186	É assustadora a maneira como o povo brasileiro é enrolado nesse fio sem duas pontas que é a chamada política.
B10	R050	E202	...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.
B10	R055	E219	Somos manipulados, obrigados a concordar com decisões governamentais sem o direito democrático.
B10	R099	E413	A população é um brinquedo nas mãos do governo.
B10	R116	E496	...a mídia invade nossos lares com "verdades" vistas com os olhos de quem as faz, tornando-se um condicionamento para nós.
B10	R122	E533	Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.
B10	R127	E561	O direito de votar seria sim uma democracia, se os votantes, eleitores, estivessem cientes do que estão fazendo, não deixar serem levados por promessas e outros argumentos que os políticos se utilizam para induzir os eleitores a seu favor.
B10	R133	E589	...mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?

Neste grupo, estão sendo considerados parafrásticos todos os enunciados do *corpus* de 142 redações em que os sujeitos-redatores utilizam o argumento de que a população (em geral ou parte dela) é manipulada. Esta posição pode ser entendida como uma extensão das críticas aos políticos (analisadas acima, no grupo B09), pois os agentes desta manipulação são identificados, prioritariamente, como sendo "os políticos". Os outros "manipuladores" apresentados, como em:

E186 ("a chamada política"),

("governo") em E413 e E219 (implícito em "decisões governamentais"),

em E496 ("a mídia"),

em E533 ("os 5% que comandam este país"),

podem todos ser identificados como representantes do *establishment*, o qual, na situação discursiva das redações aqui analisadas, tem em "OS POLÍTICOS" uma paráfrase típica.

O enunciado-base desta família parafrástica pode, ele mesmo, ser entendido como uma paráfrase de “Os políticos são demagogos, ‘enganadores’ do povo” (EB09), que aqui aparece na forma inversa, apassivada: “O povo é ludibriado pelos políticos”.

Neste grupo pode-se ainda destacar a existência de uma certa hierarquia dentre as diversas formas parafrásticas utilizadas para apresentar a aludida situação de manipulação do povo pelos políticos. Numa escala dessas formas, atendo-se às expressões predicativas do sujeito implícito “povo”, que correspondem, na oração transformada ativa, à ação de manipulação dos políticos, pode-se notar maior ou menor força argumentativa quanto à gravidade do ato descrito.

As expressões encontradas¹⁵, pela ordem de apresentação, são:

“é enrolado” (E186)

“se torna cada vez mais envolvida” (E202)

“é manipulado” (E219)

“é um brinquedo” (E413)

“(é condicionado)” (E496)

“(é manipulado)” (E533)

“(é levado por promessas)” (E561)

“(é pré-direcionado)” (E589)

Reorganizados segundo a gravidade que imprimem ao “ato de manipulação”, resultam na seguinte escala:

¹⁵ Para efeito de aproximação morfológica, as quatro últimas expressões (marcadas por parênteses) foram obtidas a partir de transformações simples:

- E496: “um condicionamento para nós” = “somos condicionados” = o povo “**é condicionado**”.

- E533: “forma de manipulação dos 5% que comandam este país” = “forma de os 5% que comandam este país manipularem (implicitamente, o povo)” = o povo “**é manipulado**”.

- E561: “não deixar serem levados por promessas” = (Pressuposto) “são levados por promessas” = o povo “**é levado por promessas**”.

- E589 (Pergunta para afirmar): “Já não estão (...) pré-direcionadas?” = “**estão/são pré-direcionadas**”.

MAIS FORTE	“é um brinquedo” (E413) “é manipulado” (E219 e E533) “é enrolado” (E186)
MAIS/MENOS FORTE	“(é condicionado)” (E496) “(é pré-direcionado)” (E589)
MENOS FORTE	“(é levado por promessas)” (E561) “se torna cada vez mais envolvida” (E202)

EB11. "O voto aos 16 anos foi um casuismo demagógico e não contribui para a democratização do país: o jovem não sabe votar." (08 ocorrências)

Exemplos:

B11	R018	E072	Jovens com dezesseis anos votam, é um direito, alguns pode ser que estejam conscientes que a melhora virá, mas em compensação, alguns apenas votam por votar.
B11	R040	E163	Mas será que uma criança que pensa ser adulto se interessa realmente pela política? Será que tem maturidade para definir o futuro de seu país?
B11	R046	E183	Até que ponto o voto dos adolescentes de 16 anos e dos analfabetos favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?
B11	R092	E371	O voto aos dezesseis anos foi mais uma manipulação do que uma conquista.
B11	R107	E452	Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, faça do seu voto um sinônimo de democracia?
B11	R126	E553	No Brasil, com dezesseis anos os jovens já podem votar. Essas pessoas têm estrutura para isso? Acho que não!

Nesta família parafrástica, os sujeitos-redatores expressam um ponto de vista preconceituoso - porque generalizante - em relação aos jovens menores de 18 anos, calcado no argumento de que estes são imaturos para assumirem a responsabilidade inerente ao ato de votar.

Todos os enunciados desqualificam a conquista do direito ao voto desta faixa do eleitorado, vendo nela uma manipulação dos políticos para preservarem o poder e seus privilégios.

São três as estratégias lingüísticas utilizadas para expressar este raciocínio:

a) a associação de **"jovem"** a expressões parafrásticas denotadoras de **"imaturidade"**:

(O jovem)	<p>"...apenas vota(m) por votar." (E072)</p> <p>(é) "...uma criança que pensa ser adulto..."(E163)</p> <p>"...não quer nada com nada..." (E452)</p>
------------------	--

b) a afirmação direta, exemplificada em E371, de que **"...foi mais uma manipulação do que uma conquista."**; e

c) a forma menos direta de utilização de perguntas retóricas, tais como: **“Mas será que...?”** (E163) e **“Até que ponto...?”** (E183), que possuem o efeito argumentativo de questionar ou pôr em dúvida a legitimidade do voto dos jovens. O mesmo efeito é encontrado em E553, onde o enunciador recorre à estratégia da pergunta, para ele mesmo responder negativamente: **“Acho que não!”**

EB12. "Os analfabetos não sabem votar." (07 ocorrências)

Exemplos:

B12	R065	E252	Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca
B12	R107	E452	Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, faça do seu voto um sinônimo de democracia?
B12	R108	E456	A situação é horrível, pois o grande problema é que a maioria de nossos votantes são analfabetos e isso enfraquece o valor do voto.
B12	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.

O direito de votar dos analfabetos é desqualificado nesta família parafrástica. Mais uma vez, os sujeitos-redatores apelam para um discurso preconceituoso e discriminatório, antigo, que ignora, por exemplo, o advento do rádio e da televisão, como se a informação só circulasse por escrito. Pressupõem, também, que todos os alfabetizados lêem, não são manipulados e nem vendem seu voto. Em outras palavras, o voto válido é o voto "daquele que sabe". E o saber que é válido é o saber escolar (isto é, veiculado na/pela escola). Portanto, os alfabetizados sabem votar. Os outros, não.

O que sustenta esta posição preconceituosa é uma certa visão mitificadora da função social da escola, como se o saber escolar *per se* tornasse efetivamente o leitor consciente. Esta supervalorização da escola foi bastante disseminada em décadas passadas e sustenta enunciados como "*Para vencer na vida é preciso estudar*" ou "*A melhor herança que um pai pode deixar para seus filhos é o estudo*", que até pouco tempo eram considerados verdades inquestionáveis pelo senso comum.

Nesta linha de raciocínio, nos enunciados que compõem esta família parafrástica sobram somente imagens e associações negativas para os analfabetos. Em E252, fica implícito que vendem seu voto. Em E452, afirma-se que não fazem de seu voto um sinônimo de democracia. E503 apela para que o direito ao voto seja retirado dos analfabetos e somente dado aos alfabetizados (que, no conceito do enunciador são os que sa-

bem “fazer o nome” ou que “tenha(m) uma escolaridade de primeiro grau”). A desqualificação mais grave ocorre em E456, enunciado que, sozinho, reúne três fortes críticas ao voto dos analfabetos: é uma **“situação horrível”, “o grande problema” e “enfraquecedor do valor do voto”**. E essas críticas incidem não só no fato de ter-se concedido o direito de voto aos analfabetos, como também - já que este direito é um fato consumado - ao fato de que vota uma população que é, em sua maioria, analfabeta.

Um dado interessante a destacar é o fato de que, apesar da citada valorização do saber escolar estar presente nas redações analisadas, sua ocorrência não corresponde, em termos quantitativos, ao peso de uma suposta verdade inquestionável, como aquela que sustenta esta visão preconceituosa. De um total de 633 enunciados retirados do *corpus*, somente 07 remetem a este ponto de vista. E, além disso, destaque-se que são enunciados produzidos por professores ou candidatos a professor, num concurso elaborado e corrigido por uma entidade educacional! Assim, é possível levantar pelo menos duas hipóteses explicativas para esta baixa incidência:

- a) a primeira é a de que a desqualificação dos analfabetos como eleitores não-conscientes é um argumento que perde força quando contrastado com outros fatores que também impedem que o voto seja efetivamente um sinônimo de democracia (veja-se, por exemplo, a “corrupção dos políticos” em EB09, com 99 ocorrências);
- b) outra hipótese para a baixa incidência dos enunciados desta família parafrástica é a de que esta visão mitificadora, de supervalorização do saber escolar, praticamente não mais existe em nossa sociedade ou, se existe, perdeu muito da força (de verdade absoluta) que tinha tempos atrás. Os dados da realidade, que mostram o crescente número de jovens recém-formados que não encontram colocação no mercado de trabalho, o desemprego generalizado, a crescente desvalorização da educação em todos os níveis

e dos profissionais que nela atuam (que supostamente formariam uma elite intelectual, portanto com o maior índice de escolarização); tudo isso aliado ao fato de, numa região agrícola como o Oeste do Paraná, os grandes produtores e latifundiários fazerem fortuna sem precisar de escolarização, faz com que a máxima de “valorização mitificadora do saber escolar” perca completamente sua validade, não sendo incorporada nem mesmo pelos próprios professores.

EB13. "Não adianta votar em branco ou nulo." (08 ocorrências)

Exemplos:

B13	R008	E030	Devemos ter responsabilidade no votar porque votar em branco não ajuda em nada e sim votar em alguém competente, que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.
B13	R068	E260	É por muita gente pensar assim que fala: "Bom seria mesmo que toda a população desse o voto em branco, para ver se os governadores percebem a revolta do povo." Mas isso não resolveria.
B13	R073	E281	Agindo dessa forma (<i>votando em branco</i>), estamos colaborando para que a situação continue como está.
B13	R078	E302	O eleitor que vota em branco ou anula o seu voto, não ajudará a mudar em nada o nosso país, estado e município.
B13	R109	E465	Há também a campanha do voto em branco, mas, no fundo, isso também não resolveria a situação.

Nesta família parafrástica, retirada de enunciados que ocorrem no final das redações, momento em que os sujeitos-redatores apontam posturas que qualificam como desejáveis no processo eleitoral, está um posicionamento contrário ao discurso que defende o voto em branco ou nulo como forma legítima de protesto (Ver EB23, a seguir).

As paráfrases que aproximam os enunciados deste grupo são bastante diretas e quase-lingüísticas, localizando-se nas passagens em que é expressa a ineficácia do voto nulo ou em branco. Tem-se, assim, as seguintes expressões parafrásticas:

“...não ajuda em nada...” (E030);

“...não resolveria.” (E260);

“...colabora para que a situação fique como está.” (E281)

“...não ajuda a mudar em nada...” (E302)

“...não resolveria a situação.” (E465)

EB14. "A maioria da população não sabe votar: precisa adquirir consciência/ser conscientizada." (112 ocorrências)

Exemplos:

B14	R003	E010	Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante, com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.
B14	R003	E011	Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.
B14	R005	E019	O voto seria um sinônimo democrático, se o povo parasse, pensasse e soubesse escolher.
B14	R015	E062	Se todos tomassem consciência do que verdadeiramente é, não teríamos um país como é o nosso Brasil, onde pessoas clamam por melhores salários a procura de algo melhor para sua vida.
B14	R029	E115	Ouvimos dizer que os brasileiros têm uma força grandiosa nas mãos através do voto, mas será que estamos realmente preparados para esta responsabilidade?
B14	R031	E125	É dever do cidadão estar consciente do que é votar.
B14	R045	E180	Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.
B14	R048	E191	São muitos os esclarecimentos a serem feitos em todos os setores. No educacional, quando falo em educacional, não estou me referindo somente a aprendizagem nos bancos escolares, mas àquela que trazemos de nossos pais, nos ambientes de trabalho, entre amigos, enfim, o esclarecimento em vários segmentos da sociedade, de onde somos participantes ativos, de que o voto tem uma importância fundamental e é muito valioso para todos nós e precioso para aqueles que o querem.
B14	R065	E251	Mas quem sabe o que é votar?
B14	R075	E289	Então, na minha opinião, o que está faltando é nós, enquanto sociedade, procurarmos desmistificar e deixar transparecer que devemos recorrer a vários recursos para podermos enxergar além daquele "xis" na hora do voto, termos consciência de que aquele momento individual é histórico...
B14	R076	E293	A realidade é muito triste, pois poucos sabem o que fazer com tão grande responsabilidade.
B14	R113	E484	A maioria não tem senso crítico formado. Engolem o que vêem ou ouvem através dos meios de comunicação, ou pela rua, ou mesmo no meio onde vivem.
B14	R121	E525	Voto tem que ser com a cabeça, não com a barriga.
B14	R136	E613	Devemos analisar, raciocinar com muito cuidado ao escolhermos os futuros governantes desta nação.

Os recursos utilizados nos enunciados desta família parafrástica para denunciar a falta de consciência política dos eleitores são:

a) afirmar diretamente a FALTA DE CONSCIÊNCIA, através das paráfrases:

“...não têm consciência...” (E010)

“...não fazem o uso devido...” (E010)

“Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico...” (E180)

“...o que está faltando é (...) termos consciência...” (E289)

“...poucos sabem o que fazer...” (E293)

“A maioria não tem senso crítico formado...” (E484)

b) afirmar a **NECESSIDADE DE SE TER CONSCIÊNCIA** (o que tem por pressuposto a não-existência da consciência), através das seguintes paráfrases, que expressam uma recomendação do enunciador para que se vote com consciência:

“...deveria haver uma campanha de conscientização e educação...” (E011)

“...se o povo parasse, pensasse e soubesse escolher...” (E019)

“Se todos tomassem consciência...” (E062)

“É dever do cidadão estar consciente...” (E125)

“São muitos os esclarecimentos a serem feitos...” (E191)

“Voto tem que ser com a cabeça...” (E525)

“Devermos analisar, raciocinar com muito cuidado...” (E613)

c) questionar a **EXISTÊNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO**, pelo uso de expressões interrogativas introduzidas pela adversativa “mas”:

“...**mas** será que estamos realmente preparados...?”

“**Mas** quem sabe o que é votar?”

Após a análise dos mecanismos lingüísticos desta família parafrástica, é quase inevitável acrescentar algumas observações para além da análise estritamente lingüística.

O primeiro dado que chama a atenção é o peso das 112 ocorrências deste enunciado de base. Este número fica ainda maior ao aproximarmos a presente família parafrástica às ocorrências de EB11 (“O jovem não sabe votar”) e de EB12 (“Os analfa-

betos não sabem votar”). A ocorrência destes enunciados demonstra que os candidatos-redatores incorporaram e repetem variantes do bordão **“O BRASILEIRO NÃO SABE VOTAR”**, utilizado ao longo dos governos militares para justificar a não abertura do regime. E esse “brasileiro” é identificado como sendo o adolescente, o analfabeto e, principalmente, o pobre. É este que “não sabe votar”, “vende seu voto”.

Outra constatação se dá ao fazermos o paralelo das críticas à massa de eleitores nestes enunciados de base com a crítica aos políticos (em EB09 e EB10). Ambas ocorrem com, praticamente, a mesma frequência (as maiores de todos os enunciados analisados). Constata-se que os sujeitos-redatores acabam criticando e desqualificando os dois lados envolvidos no processo político. Parecem não ver solução para os problemas (por eles mesmo levantados ao longo das redações) no campo político-eleitoral. Esse dado poderá ser confirmado ou não pela análise dos enunciados de base (EBs) 15, 17, 19, 20 e 22, que apresentam as alternativas apontadas pelos sujeitos-redatores para a democracia no país.

EB15. "Todos devem engajar-se na luta pela democracia." (29 ocorrências)

Exemplos:

B15	R018	E073	Democracia: se a queremos, devemos lutar por ela e por um país mais justo.
B15	R023	E095	Também compete a nós colaborar nessa missão, pois se nos acomodarmos, nosso País entrará numa desordem ainda maior.
B15	R027	E110	Luta, palavra fácil de ser pronunciada, mas por muitos difícil de ser praticada.
B15	R073	E282	O homem deve ser um agente ativo da história e, desta forma, transformar a realidade social. Na história não há neutralidade.
B15	R093	E383	Devemos lutar, independentes de cor, raça e nacionalidade para que a democracia seja igual para todos.
B15	R096	E395	Esperança e coragem para nós não devem faltar. Vamos continuar lutando pelos nossos ideais.
B15	R128	E568	Mas há de mudar esse quadro, com o povo brasileiro, que é a maioria, lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos.
B15	R137	E615	...mas o que não podemos esquecer é que nós somos brasileiros e responsáveis por esta pátria.

Uma das alternativas para que o voto passe a ser sinônimo de democracia é apresentada pelos sujeitos-redatores na forma deste enunciado de base: um apelo a favor do engajamento político. Este pedido vem marcado por uma ressalva: o uso do item lexical “luta” carrega semanticamente o enunciado com índices que apontam para (uma certa) dificuldade neste empreendimento. No contexto discursivo do conjunto das redações dos professores, o uso do item lexical “luta” é recorrente neste grupo de enunciados e no EB01 (Ver análise à página 56). Assim, se naquele momento discursivo fazia menção a uma situação anterior de árdua conquista (da democracia), neste anuncia uma situação semelhante para o futuro. Daí o apelo à participação.

Nos enunciados deste grupo, são paráfrases discursivas deste apelo ao engajamento no processo político as seguintes expressões (citadas em ordem decrescente, numa escala hierárquica do grau de engajamento a que apelam):

“lutar” (E073) (E383) = “lutando” (E568) = “continuar lutando” (E395)

=

“ser agente ativo” (EB279)

=

“ser responsáveis” (E615)

=

“colaborar” (E095);

A organização sintática do E110 provoca uma curiosa impropriedade semântica. A palavra (referente) “luta” é tomada como sendo a própria ação referida. Ela é “uma palavra fácil de ser pronunciada, mas difícil de ser praticada.” Mais uma vez, fica a cargo do leitor cooperativo desconsiderar o equívoco, interpretando que o que é praticado é o ato de lutar e não a palavra “luta”.

EB16. "Em nosso país, uma elite minoritária¹⁶ domina a maioria." (17 ocorrências)

Exemplos:

B16	R037	E154	O que acontece é que estamos visivelmente separados em duas classes: a burguesia e trabalhadores. A classe trabalhadora esmagada pelos burgueses, sem como se defender, pois as leis sempre os favorece, deixando-nos cada vez mais distantes uns dos outros, ou seja, uma classe da outra.
B16	R047	E188	É inexplicável como os cidadãos desse país que se diz democrático não têm voz ativa, pois a classe dominante sempre está presente em todas as situações, impedindo os dominados de reverter esse processo de ridicularização contra os direitos do cidadão, estes mesmos direitos que estão na Constituição.
B16	R060	E233	Sempre procurando liberdade e dignidade de viver, o povo luta contra a minoria que tem o poder nas mãos, que só pensa no prestígio, ganância da classe burguesa. É ela quem manda nos menos favorecidos.
B16	R083	E328	Num país riquíssimo, milhares passam fome e se não fosse pelo próprio povo, continuariam na mesma condição. Paralelo a isso, vê-se uns poucos esbaldando-se com algo que não lhes pertence.
B16	R111	E474	...a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.
B16	R116	E495	Se fizermos um retrospecto na história do Brasil, vamos perceber que desde o início do domínio territorial tivemos conchavos, oligarquias e eleições fraudadas visando o interesse de uma minoria dominante, ou seja, latifundiários e empresários da época.
B16	R122	E533	Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.

Nesta família parafrástica estão os enunciados em que os sujeitos-redatores recorrem ao discurso da esquerda tradicional: aquele que caracteriza a sociedade em dois pólos antagônicos. De um lado os “dominados” e, de outro, os “dominadores”.

Estes enunciados podem ser considerados exemplares para a hipótese levantada (cf. item 2, Cap. I) de que os sujeitos-redatores, baseados na imagem que fazem da posição ideológica do corretor das redações, a ela tentam aproximar-se, pela incorporação em suas redações de enunciados que tragam a marca desta posição imaginada, no caso, a marca do que imaginam ser uma posição “progressista” ou “de esquerda”.

¹⁶ Toda elite é, por definição, uma classe **minoritária**. Mesmo sendo redundante, mantenho aqui a expressão “elite minoritária” como forma de chamar atenção exatamente para este aspecto, que, nas redações produzidas é contrastado com o da “**maioria dominada**”.

Este conjunto de enunciados permite construir grupos de expressões parafrásticas bastante diretas e óbvias, conforme se refiram tanto aos “dominados”, quanto aos “dominadores”. Pode-se ainda relacionar as diferentes expressões que registram o “processo de dominação”, que, se não podem ser consideradas explícitas paráfrases semânticas, são, no contexto destes enunciados, paráfrases discursivas:

Assim,

	“DOMINADOS”	“DOMINADORES”	“DOMINAÇÃO”
	aparecem como		
E 1 5 4	“trabalhadores/a classe trabalhadora”	“a burguesia/os burgueses”	“(esmagam)” “(são favorecidos pelas leis)”
E 1 8 8	“cidadãos (...) que não têm voz ativa” “dominados”	“classe dominante”	“ridicularização dos direitos do cidadão”
E 2 3 3	“o povo” “menos favorecidos”	“minoridade que tem o poder” “quem manda”	“mandar”
E 3 2 8	“milhares que passam fome”	“uns poucos”	“esbaldar-se”
E 4 7 4	“povo brasileiro relegado a segundo plano”	“minoridade”	“apresenta o maior poder nas mãos”
E 4 9 5		“oligarquias” “minoridade dominante” “latifundiários e empresários”	“(fazem) conchavos”
E 5 3 3		“5% que comandam este país”	“comandam”

EB17. "É preciso resgatar os valores da união e da igualdade fraterna entre as pessoas." (20 ocorrências)

Exemplos:

B17	R010	E041	Acho que devíamos nos unir mais, fazendo uma ligação com a classe média-baixa e classe média-alta, para assim construirmos juntos as idéias do futuro em termos de Educação.
B17	R010	E043	...só está faltando mais união, compreensão, humanismo, perseverança e segurança consigo mesmo, para que não haja mais tanta injustiça, fome, marginalização e desamor.
B17	R021	E085	Unidos é que venceremos. A união faz a força, mas vamos nos unir e lutar por uma política justa, honesta.
B17	R089	E357	Para que o nosso país seja um país aberto, com pessoas solidárias, onde o diálogo tenha um lugar nas famílias, nas escolas, em tudo e todos.
B17	R100	E420	Só nós, com nosso voto e nossa união, podemos reverter a situação do Brasil.
B17	R123	E540	...para que o nosso país se torne mais humano, mais justo e mais fraterno, através de uma democracia consciente.
B17	R126	E557	Queremos um Brasil mais humano.

Num contexto discursivo em que se tematiza o voto e a democracia em nosso país, poder-se-ia, à primeira vista, estranhar a presença destes enunciados e perguntar-se qual a sua ligação com o voto ou com o processo eleitoral.

A maior parte dos dados até aqui analisados permite levantar duas hipóteses, duas tentativas de explicação para a ocorrência deste EB nas redações:

a) a primeira (e mais abrangente) é a de que o forte sentimento de descrença em relação ao processo político encontrado no discurso dos professores-candidatos (Cf. especialmente as análises de EB07, EB09, EB21 e EB25) leva-os a um completo ceticismo quanto a soluções no campo da política. Se os políticos "são corruptos e demagogos", os eleitores "são manipulados", "não têm consciência" e o processo eleitoral como um todo é viciado e não-democrático, a saída está em outro lugar que não a política.

Pela hipótese acima descrita, os enunciados desta família parafrástica são exemplos de um dos lugares em que os sujeitos-redatores depositam sua esperança de um

“futuro melhor”: recorrem ao discurso humanitário para pregar a necessidade de “união fraterna” entre as pessoas.

Este sentimento aparece marcado em expressões quase-sinônimas, que remetem ao discurso humanitário:

“devíamos **nos unir mais**” (E041);

“só está faltando **mais união, compreensão, humanismo, perseverança e segurança consigo mesmo**” (E043);

“**Unidos** é que venceremos. **A união faz a força**, mas vamos **nos unir...**” (E085);

“...com pessoas **solidárias**, onde **o diálogo** tenha um lugar...” (E357);

“...com nosso voto e **nossa união**, podemos reverter a situação do Brasil.” (E420);

“...para que nosso país se torne **mais humano, mais justo e mais fraterno...**” (E540)

e

“Queremos um Brasil **mais humano.**” (E557).

b) a segunda possibilidade de explicação (mais restrita a determinados enunciados) é a de que acontece um imbricamento de discursos. Isto se dá nos enunciados em que esta “união” é apresentada como um fator que pode transformar a política, onde, apesar de todo ceticismo, há a esperança de mudança na atuação política se esta for “transformada” pelo humanismo, tarefa, aliás, não delegada aos “políticos”, mas a “nós”, pessoas que estão “do outro lado”.

Nos enunciados que trazem esta posição há também alusão explícita a termos que remetem ao campo político, caracterizando-se assim o aludido processo de imbricamento do discurso humanista com o político, resultado do esforço dos sujeitos-redatores em apontar “saídas”:

“...mas vamos nos unir e lutar por uma **política** justa, honesta.” (E085);

“...com nosso **voto** e nossa união...” (E420); e

“...para que o nosso país se torne mais humano, mais justo e mais fraterno, através de
uma **democracia** consciente.” (E540);

E a saída aqui apontada parece ser aquela do “pacto social”, que reuniria em torno de um objetivo comum (a “humanização do país”) **todos** os brasileiros: políticos e eleitores, dominadores e dominados, etc.

EB18. "Já vivemos em uma democracia plena." (14 ocorrências)

Exemplos:

B18	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.
B18	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.
B18	R029	E118	... reconhecamos a importância dessa democracia, pois é através dela que muita coisa tem mudado em nosso país e é esta democracia que nos tem dado o direito de refletir, analisar e escolher com total liberdade quem irá nos representar.
B18	R072	E275	Moramos num país onde podemos escolher democraticamente nossos representantes através do voto para nos governar.
B18	R085	E335	O voto é livre. Podemos escolher o melhor. Tudo é democrático.
B18	R098	E404	Este direito, que foi concedido a nós através do voto, está sendo exercido pelos cidadãos com muito rigor e honestidade e, acima de tudo, com muita consciência crítica, com a qual temos muito claro que todos os cidadãos estão atentos a tudo que acontece em nosso país, estado e município...
B18	R098	E406	Um exemplo claro de que tudo está sendo cobrado rigorosamente foi a saída de nosso ex-presidente Collor.

Neste grupo estão reunidos enunciados em que, mais uma vez, os sujeitos-redatores enaltecem as conquistas democráticas. Entretanto, se em EB01 estas conquistas não eram apresentadas como garantia de democracia efetiva e em EB02 apontavam uma esperança com ressalvas, incerta e condicionada num futuro com democracia, aqui elas são tomadas como prova cabal da existência de democracia em nosso país.

Nos enunciados desta família parafrástica dissolve-se a distinção que nos grupos anteriores (EB01 e EB02) podia ser notada entre "democracia formal" e "democracia efetiva", pois é exatamente *o direito ao voto* que aparece como a principal conquista a respaldar o argumento da *efetivação da democracia*, como em:

“...o voto nos garante a liberdade...” (E009);

“O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que (...) tiveram a **oportunidade de votar.**” (E066);

“...é esta democracia que nos tem dado o direito de (...) **analisar e escolher com total liberdade...**” (E118);

“...podemos escolher democraticamente nossos representantes através do **voto...**”(E275),

“**O voto** é livre. Podemos escolher o melhor. Tudo é democrático.” (E335)

e

“Este direito, que foi concedido a nós através do **voto**, está sendo exercido (...) com muito rigor e honestidade e, acima de tudo, com muita consciência crítica...” (E404).

Outros fatos apontados como prova da democracia já existir são a “abertura”; os “novos tempos” (E009) e “a saída de nosso ex-presidente Collor” (E406).

Bastante sintomático é o uso do possessivo “nosso” neste último exemplo: a forma com que o sujeito-redator faz alusão ao ex-presidente denuncia uma certa decepção de alguém que acreditou em um candidato, nele votando, e que depois se depara (e não se conforma) com o fato de que depositou suas esperanças em alguém não exatamente digno de confiança. Mas aquela crença inicial era tão forte a ponto de, mesmo depois de cassado, o candidato continuar sendo “nosso” presidente. Apesar de Collor não ter vencido as eleições na região, este sujeito é, com certeza, um de seus (arrepêndidos?) eleitores!

EB19. "A educação do povo é um instrumento de democratização."

(08 ocorrências)

Exemplos:

B19	R003	E011	Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.
B19	R036	E150	Devemos, como educadores, tornar os nossos alunos críticos, capazes de agir, de pensar perante a sociedade em que estão inseridos; levar a criança aos conhecimentos reais da política em que nós vivemos
B19	R077	E300	Este esclarecimento mais profundo da vida política do país e o poder do voto pode ser alcançado através de anos sucessivos de escolarização.
B19	R108	E462	Cabe ao povo se conscientizar de que é necessário sermos cultos, porque não há nada pior para desestruturar um país do que a falta de informação e intelecto de um povo.
B19	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.
B19	R135	E605	Eu acredito que, com a ajuda de nós, educadores, ao transmitir uma história crítica, uma ação transformadora, teremos futuros agentes com muito bom senso, pregando totalmente a democracia de canto a canto...

Como alternativa à falta de conscientização política do povo brasileiro - uma das críticas mais insistentes nas redações analisadas (cf. EBs 06, 10, 11, 12 e 14, acima) - os sujeitos-redatores dos enunciados desta família parafrástica atribuem à educação um papel decisivo na democratização do país.

Assim é que, nesses enunciados, o aspecto positivo da educação está associado a uma postura mais consciente do eleitorado, traduzida pelas seguintes expressões parafrásticas:

"... (saber) fazer uso do seu direito e dever de votar." (E011)

"...(ser) críticos, capazes de agir, de pensar perante a sociedade em que estão inseridos..."

"...(ter) conhecimentos reais da política em que nós vivemos." (E150)

"...(ter) esclarecimento mais profundo da vida política do país e o poder do voto..."

(E300)

“...(ser) futuros agentes com muito bom senso, pregando totalmente a democracia de canto a canto...” (E605)

Ao mesmo tempo em que recorrem a um aspecto do discurso pedagógico salvacionista¹⁷, que vê na educação a panacéia para os problemas de uma sociedade (discurso já cristalizado e incorporado ao senso comum, senão de toda a população, de boa parte dos professores), os sujeitos-redatores estabelecem, a partir da especificação da educação formal, escolar, uma espécie de “pacto missionário” entre enunciador e enunciatário. Levando-se em consideração a situação interlocutiva do concurso (para professores, elaborado e corrigido por uma entidade educacional), o surgimento deste enunciado, interno ao discurso pedagógico, funciona como uma das estratégias argumentativas com que os candidatos tentam a aproximação entre seu dizer e o que julgam ser as crenças do corretor. As marcas desta aproximação podem ser detectadas:

a) nos índices que especificam a educação como “educação escolar”:

“como educadores” e “nossos alunos” (E150);

“anos sucessivos de escolarização” (E300) e

“educadores” (E605);

b) no uso da primeira pessoa do plural (“nós”), que pode ser entendida como “eu + eles” (cf. Capítulo IV, nota 19, p.195), mas também como “eu + tu” e, neste caso, aproximando enunciador e enunciatário que, na qualidade de “educadores”, são

¹⁷ Refiro-me aqui ao discurso das tendências pedagógicas classificadas por SAVIANI (1983: 9-31) como “teorias não-críticas”, cuja principal característica está em acreditar que a escola pode ser pensada a despeito dos demais aspectos político-sociais da sociedade em que se insere e que, através da educação universalizada, poderiam ser sanadas todas as formas de marginalidade social.

alçados a uma condição de sujeitos por excelência desta ação pedagógica de conscientização:

“Devemos, como educadores...” (E011);

“...com a ajuda de nós, educadores..”

Em relação ao E462:

B19	R108	E462	Cabe ao povo se conscientizar de que é necessário sermos cultos, porque não há nada pior para desestruturar um país do que a falta de informação e intelecto de um povo.
-----	------	------	--

é necessário justificar sua presença nesta família parafrástica recorrendo-se:

- a) ao contexto anterior da redação de que faz parte (R108): nele, tematiza-se a ausência de conscientização do povo por deficiências no sistema educacional;
- b) por conseguinte, pressupondo-se que a recomendação para o “povo se conscientizar” é um apelo à escolarização; e
- c) por fim, a importância atribuída à educação, que aparece por oposição à avaliação expressa de que *“não há nada pior para desestruturar um país do que a falta de informação e intelecto de um povo”*.

Quanto ao E503:

B19	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.
-----	------	------	--

marca explicitamente a ligação entre os enunciados desta família parafrástica e aqueles de EB12 (“Os analfabetos não sabem votar”), de tal sorte que participa de ambos os grupos. E a ligação entre eles está no fato de que ambos resultam de uma valorização do saber escolar. No caso específico deste E503, esta valorização é marcada pela caracteri-

zação do domínio da escrita como um índice de saber, ou seja, “saber fazer o nome” já seria um diferenciador da consciência política de uns em oposição aos outros que não sabem (um conceito, aliás, bastante precário de alfabetização, especialmente para um candidato a professor!). O peso quantitativo desta família parafrástica (08 enunciados em um total de 633) mais uma vez confirma a hipótese levantada na análise de EB12 (p. 84) de que esta visão mitificadora da escola e do saber nela veiculado, nos dias de hoje, começa a perder sua força de verdade inquestionável.

EB20. "Um futuro melhor depende de cada indivíduo." (05 ocorrências)

Exemplos:

B20	R054	E214	Saber julgar ou não. Isto fica a critério de cada um de nós.
B20	R104	E438	Assim, cabe a nós a responsabilidade de escolher bem o nosso candidato e não correr o risco de perder o nosso voto.
B20	R118	E510	Que cada brasileiro seja responsável por um pedacinho desse Brasil, começando, é claro, pela nossa cidade, dando exemplo pelo Brasil a fora.
B20	R138	E618	Se você sozinho não consegue grandes mudanças, comece a mudar seu bairro, sua comunidade, seu grupo de família, de amigos, sua escola. Pelo menos, estará dando sua colaboração.
B20	R139	E620	Mas, está na hora de acordar e abrir os olhos, que nada cai do céu, que, para melhorar as condições de vida, cada um deve cumprir a sua parte.

Os enunciados desta família parafrástica podem ser considerados uma extensão daqueles de EB15 ("Todos devem engajar-se na luta pela democracia") e de EB17 ("É preciso resgatar os valores da união e da igualdade fraterna entre as pessoas"). Todos surgem também em momentos em que os sujeitos-redatores procuram apontar alternativas para os problemas apontados na política. São mais um exemplo do imbricamento de discursos, pois continuam tratando do processo político e apontam saídas que não se efetivariam no estrito campo da política institucionalizada (especialmente em relação ao processo eleitoral.)

A despeito da alusão ao papel do indivíduo, característica mais geral que agrupa os enunciados desta família parafrástica, pode-se destacar a existência de dois subgrupos, cada um filiando-se a formações discursivas distintas.

O primeiro aponta que a saída está em recorrer a um discurso liberal e individualista, herdeiro da idéia do "*self-made man*", do "*laissez-faire*" e do "*cada um por si*". Um discurso que apela para o indivíduo, responsabilizando suas ações particulares pelos destinos de toda uma coletividade. É este discurso (através do apelo ao indivíduo) que está presente nos enunciados E214, E438 e E510, por intermédio das seguintes paráfrases:

“...fica a critério de **cada um de nós**” (E214);

“...cabe **a nós** a responsabilidade de escolher bem...” (E438) e

“**Que cada brasileiro** seja responsável...” (E510).

Um segundo subgrupo seria aquele dos enunciados que, mesmo apelando para a figura do indivíduo, não se filiam em um discurso individualista: ao contrário, apontam este mesmo indivíduo como um agente político em seu meio, alguém capaz de, nas relações que estabelece com os outros indivíduos, atuar coletivamente. As marcas mais explícitas desta posição estão (anotadas em negrito) em E510 e E618, enunciados que, discursivamente, são os mais próximos aos do grupo EB17:

B20	R118	E510	Que cada brasileiro seja responsável por um pedacinho desse Brasil, começando, é claro, pela nossa cidade, dando exemplo pelo Brasil a fora.
B20	R138	E618	Se você sozinho não consegue grandes mudanças, comece a mudar seu bairro, sua comunidade, seu grupo de família, de amigos, sua escola. Pelo menos, estará dando sua colaboração.

EB21. "Atualmente, não existe democracia em nosso país." (16 ocorrências)

Exemplos:

B21	R022	E090	A democracia, tão falada no Brasil, é relativa.
B21	R032	E137	A política em si, no papel, é muito bonita, mas na realidade é uma verdadeira sujeira. Quando é que isto vai acabar? Não sabemos.
B21	R035	E148	Esta Democracia disfarçada em que vivemos não nos ajuda em nada, porque temos liberdade para tudo, mas não temos condições financeiras para usufruir.
B21	R037	E153	Viver democraticamente é termos direitos e deveres iguais e, nos dias de hoje, isso acontece em nosso País? Sabemos que não; que nos é passada essa idéia de maneira ilusória para pensarmos que sim.
B21	R058	E227	Assim sendo, a palavra democracia ainda é utopia no nosso país.
B21	R064	E249	Onde está a democracia?
B21	R122	E532	...podemos então chegar à conclusão que vivemos em um país que se diz democrático, mas a democracia fica só nos papéis.
B21	R135	E603	Entretanto, em nosso Brasil, a tal democracia anda muito devagar.

Os enunciados desta família parafrástica encontram-se em posição diametralmente oposta aos do grupo EB01 ("Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto") e podem, também, ser considerados uma extensão do contido no EB02 ("O voto deveria ser sinônimo de democracia").

Como já analisado anteriormente, ao estabelecerem uma passagem entre dois momentos (o passado e o presente), os sujeitos-redatores de EB01 ressaltam exatamente a existência da democracia no presente como característica que o diferencia do passado. Já em EB02, tematizam a possibilidade de existir democracia em nosso país, ficando implícita a sua não existência no momento atual. Por sua vez, neste grupo de enunciados, os sujeitos-redatores contrapõem-se ao contido em EB01 e são mais enfáticos do que EB02 pois **negam explicitamente** a existência de democracia na atualidade.

A negativa contida em alguns destes enunciados reforça a distinção (já apontada nas análises de EB01 e EB02) entre "democracia formal" e "democracia efetiva". Aqui, se, por um lado, admite-se a existência da democracia formal, esta fica desqualificada ou invalidada, por não se efetivar na prática. As marcas desta distinção estão nos

predicativos que modulam a expressão “*democracia em nosso país*” e que, semanticamente, desqualificam sua efetiva existência:

“(é) tão falada ,(...) relativa” (E090)

“(é) disfarçada” (E148)

“(é) idéia (passada) de maneira ilusória” (E153)

“(é) utopia” (E227)

“fica só nos papéis” (E532)

“anda muito devagar” (E603)

Outros recursos lingüísticos que aparecem nos enunciados para negar a existência da democracia são:

a) a interrogativa direta, que, aplicada a determinado termo, questiona a sua existência:

“Onde está a democracia?” (E249)

b) perguntas retóricas que o enunciador lança para, em seguida, deixar em suspenso (em E137) ou responder negativamente (em E153):

“...Quando é que isso vai acabar? Não sabemos.” (E137)

“... e (= mas) isso acontece em nosso País? Sabemos que não...” (E153)

Na análise desta família parafrástica é necessário ainda justificar a presença de “**A política**” no E137 como sinônimo de “*democracia em nosso país*”. A aproximação das duas expressões, no contexto discursivo das redações aqui analisadas, deve-se à seguinte seqüência de transformações interpretativas:

A política
=
fazer política
=
pedir voto
=
processo eleitoral
=
processo político em nosso país
=
democracia em nosso país.

Evidentemente, as transformações acima devem-se a uma certa lógica ditada pelos candidatos em suas redações. Estes, que não estão necessariamente atentos a terminologia dos manuais de Sociologia, acabam por confundir (e aproximar sinonimicamente) “processo eleitoral” e “processo político” e este, com “democracia”.

EB22. "O país precisa de políticos sérios e honestos." (56 ocorrências)

Exemplos:

B22	R009	E038	Elegendo políticos que estejam sempre na luta, nos acompanhando lado a lado em nossas reivindicações e não aqueles que só aparecem em época de eleição para comprar o nosso voto.
B22	R025	E103	Espera-se que as eleições deste ano tragam renovações necessárias e políticos conscientes de que é fundamental muito trabalho na luta constante para a solução dos problemas visando o crescimento integral do município.
B22	R041	E165	O país atravessa momentos difíceis em que é preciso existir democratas, pessoas justas em quem podemos dar voto de confiança, pois os altos índices de desemprego, analfabetismo, fome, miséria só causam violência, roubos, etc., sendo as classes populares as mais afetadas.
B22	R041	E167	... depende da consciência de cada ser humano, de cada político especialmente, que não desanime o povo e sim que aja da maneira certa, sem corrupção.
B22	R071	E272	O nosso país está precisando de muita gente séria no poder, que pense muito pelo povo brasileiro.
B22	R083	E330	Mas o povo sabe que, em meio a essa desordem, existem aqueles que sempre foram fiéis e tentam melhorar, modificar, construir um Brasil decente.
B22	R086	E343	Votar sim, mas votar conscientemente, em políticos honestos e dignos de serem votados, que sejam nossos reais representantes.
B22	R094	E387	Mas não vou dizer que não haja os honestos, que se preocupam realmente com tudo e todos, que querem realmente melhorar o nosso país, nos que podemos acreditar e confiar, ter esperanças de realizações.
B22	R097	E400	Existem bons candidatos...
B22	R124	E544	Mas, no meio de tanta podridão que são as eleições para os cargos públicos, existe aquele candidato que está interessado em ajudar as pessoas, que quer fazer alguma coisa para melhorar o Brasil.
B22	R132	E585	Porque quando elegemos alguém, é para lutar, defender e caminhar junto com o povo no dia-a-dia.
B22	R134	E599	... queremos que mostre competência em todos os sentidos, principalmente com a educação, não gastando fortuna em coisas fúteis.
B22	R139	E621	E, na hora de escolher os seus representantes, escolher pessoas competentes e honestas para nos representar, que pensem no povo e não só na sua pessoa.

Assim como ocorre em EB08, EB15, EB17, EB19 e EB20, os enunciados que compõem esta família parafrástica também foram retirados de momentos nas redações em que os sujeitos-redatores apontavam possíveis alternativas para se construir um futuro democrático para o país. O que caracteriza e diferencia este grupo em relação aos demais é que a solução nele anunciada é **interna** ao campo da política, pois incide sobre "os políticos" que, ao lado de "eleitores", são constituídos, no contexto das redações, como os sujeitos fundamentais do processo político.

Durante a análise dos grupo EB17 e EB20, foi hipotetizada a existência de um forte ceticismo dos sujeitos-redatores em relação ao processo político institucional. Pela diferença apontada no parágrafo acima, pode parecer que os enunciados desta família parafrástica derrubam aquela hipótese. Entretanto, não se pode tirar tal conclusão. O que acontece, na verdade, é que somente um número irrisório de enunciados deste grupo permitem uma leitura contrária ao ceticismo político. São exatamente quatro (de um universo de 50) os enunciados em que a referência aos políticos honestos implica na admissão da existência concreta dos indivíduos referidos. São eles:

B22	R083	E330	Mas o povo sabe que, em meio a essa desordem, existem aqueles que sempre foram fiéis e tentam melhorar, modificar, construir um Brasil decente.
B22	R094	E387	Mas não vou dizer que não haja os honestos , que se preocupam realmente com tudo e todos, que querem realmente melhorar o nosso país, nos que podemos acreditar e confiar, ter esperanças de realizações.
B22	R097	E400	Existem bons candidatos...
B22	R124	E544	Mas, no meio de tanta podridão que são as eleições para os cargos públicos, existe aquele candidato que está interessado em ajudar as pessoas, que quer fazer alguma coisa para melhorar o Brasil.

Em todos os 46 enunciados restantes, a referência a “políticos honestos” não implica ou pressupõe sua existência, apenas aponta a virtualidade de sua possível existência. E, neste sentido, ao usarem a expressão “políticos honestos” - e suas paráfrases - para falar de virtualidades, esses enunciados implicam no reforço da idéia de sua não-existência: “se é preciso que haja políticos honestos, é porque hoje não existem.” Assim, esta família parafrástica de enunciados também pode ser considerada uma crítica aos políticos. É uma crítica especificamente localizada no rol de qualidades esperadas (porque não encontradas) nos políticos.

Nos enunciados deste grupo, os sujeitos-redatores retomam as mesmas críticas efetuadas explicitamente no grupo EB09 (as diversas paráfrases de “não prestar”). Se lá,

explicitamente, tinha-se que os políticos **(a)** “pensam só em seus interesses pessoais em detrimento do povo”; **(b)** “roubam dos cofres públicos” e “não têm escrúpulos”, aqui, essas críticas se repetem, pois espera-se que existam:

a) “...gente séria no poder, **que pense muito pelo povo brasileiro.**” (E272)

“...pessoas competentes e honestas (...), **que pensem no povo e não só na sua pessoa.**” (E621); e

b) “...político (...) que não desanime o povo e sim **que aja da maneira certa, sem corrupção.**” (E167);

“...políticos **honestos e dignos de serem votados...**” (E343)

“...**não gastando fortuna em coisas inúteis.**” (E599) e

“...pessoas **competentes e honestas...**” (E621).

Algumas das qualidades esperadas nos políticos virtuais e apontadas pelos sujeitos-redatores, podem ainda ser analisadas sob o aspecto (já referido no item 3 e que aparecerá também na análise de EB23, a seguir) da estratégia de os candidatos esforçarem-se em aproximar seu discurso àquele que supõem ser o do interlocutor. Aqui, essa hipótese encontra respaldo:

a) em E038, onde há a ocorrência de “sempre **na luta**, nos acompanhando **lado a lado em nossas reivindicações**” e em E585, “(alguém) para **lutar, defender e caminhar junto com o povo** no dia-a-dia.”; itens lexicais e expressões que podem ser facilmente aproximadas a um discurso “progressista”, e

b) no destaque dado à área educacional (da qual fazem parte candidato e corretor) em E599: “... que mostre competência em todos os sentidos, **principalmente com a educação...**”

EB23. “Votar em branco ou nulo são formas legítimas de protesto”.

(05 ocorrências)

Exemplos:

B23	R034	E144	Tudo seria democrático, se a maioria votasse nulo, para mostrar ao governo que a insatisfação é plena.
B23	R064	E245	Temos a liberdade de escolher para quem votar, mas se quisermos falar em público que gostaríamos de anular ou deixar a cédula em branco, corremos o risco de sermos humilhados e, até mesmo, advertidos por pessoas que se dizem entendidas em política e democracia.
B23	R088	E351	Ir às urnas somente para cumprir uma obrigação com o Estado não é agradável. Talvez até mesmo votar em branco em sinal de protesto. O melhor protesto seria não indo às urnas.
B23	R103	E428	(<i>Um voto em vão</i>)Essa seria a única saída, ou o único meio de um povo sofredor, pisado e cansado de lutar contra a máfia do capitalismo covarde...
B23	R103	E432	Pois nem um voto mais deveria ser confiado a candidato algum. E mostrar, através dessa atitude, que o povo não é algo a ser usado e jogado fora.

Mais uma vez encontra-se no *corpus* pesquisado um exemplo de confronto discursivo em torno de um mesmo referente. No ponto de vista de que faz parte o EB13 (analisado acima), o “votar em branco ou nulo” é apresentado como um ato negativo, índice de ausência de democracia e, portanto, algo que deve ser evitado (“Não adianta votar em branco ou nulo”). Já nos enunciados da presente família parafrástica, este mesmo ato é referido não só como uma “forma legítima de protesto”, como também é uma atitude recomendada, uma das saídas apontadas pelos sujeitos-redatores para alertar os políticos do descontentamento da população.¹⁸ Pode-se considerar esta como sendo a tradução mais explícita do ceticismo político encontrado em várias das famílias parafrásticas aqui analisadas.

Atendo-se às formas lingüísticas com que os sujeitos-redatores introduzem a defesa do voto nulo ou branco nestes enunciados, pode-se detectar uma certa preocupação em não apresentá-la de forma direta ou explícita a um interlocutor (= corretor da

¹⁸ Registre-se a constante presença, em épocas eleitorais, de campanhas pró-voto nulo, como aconteceu recentemente através de anúncios pagos na imprensa nacional. (Ver, especialmente, exemplares de VEJA e FOLHA DE S. PAULO próximos à eleição presidencial de 1990 e à municipal de 1992).

redação) que imaginam rechaçar tal postura (cf. hipótese levantada no item 2, Cap. I). Desta forma, tentam modular essa recomendação através de algumas estratégias:

a) apresentá-la como resposta a uma situação de desprezo ao povo pela classe política.

Esta justificativa pode tanto carregar na adjetivação negativa do elemento “povo”, como em:

“...povo sofredor, pisado e cansado de lutar...” (E428);

“...o povo não é algo a ser usado e jogado fora.” (E432);

como também pode apresentar outras situações caracterizadas como negativas ao longo das redações (e já analisadas em grupos anteriores), como:

“**Ir às urnas somente para cumprir uma obrigação**

com o Estado não é agradável...” (E351),

que retoma a crítica contida em EB04 (“O voto não é democrático porque é obrigatório”) e

“...para mostrar ao governo que **a insatisfação é plena**” (E144),

retomada de EB07 (“O povo está desiludido/revoltado com a política”);

b) uso de verbos no futuro do pretérito (condicional) ou de conjunções subordinativas condicionais, que permitem uma leitura de que a situação recomendada é apenas uma dentre várias e que não está sendo defendida como única ou a saída por excelência. Mesmo quando aparece, como em E428, “*única saída*” e “*único meio*”; em E351, “*melhor protesto*” e, em E144, onde o voto nulo é apresentado como prova de “*Tudo (ser) democrático*”, expressões que dariam ao “anular o voto” um grau máximo de importância na linha de argumentação dos sujeitos-redatores, estas também vêm acompanhadas dos índices citados, que modulam a recomendação do ato apenas

como uma possibilidade a ser seguida e não como uma determinação ou ordem imperativa (que exigiria cumprimento à risca):

“...seria.....se...” (E144);

“...mas...se....gostaríamos...” (E245);

“...talvez até mesmo...seria...” (E351);

“...seria...” (E428);

“...deveria...” (E432).

Em termos discursivos, é interessante destacar o que ocorre em E245. Explicitamente é trazido para o interior do enunciado o discurso contrário, do Outro (o corretor?). Dentre as “...*peessoas que se dizem entendidas em política e democracia*”, pode estar localizada a imagem que o sujeito-redator faz do corretor (que, aliás, apresenta-se na situação discursiva como “alguém que entende...”). Este discurso, em que a defesa do voto nulo não tem lugar, quando a ele se faz referência, tem sua validade colocada em dúvida pelo discurso assumido pelo candidato que, assim, reforça o seu próprio ponto de vista.

EB24. "O voto é sinônimo de democracia." (35 ocorrências)

Exemplos:

B24	R001	E003	Voto consciente é sinônimo de democracia, pois somos nós que devemos saber quem colocamos para nos governar.
B24	R003	E008	O voto é a maneira mais direta de aplicação da democracia por um povo.
B24	R009	E031	Todos nós sabemos que voto é sinônimo de democracia.
B24	R014	E059	O voto é realmente sinônimo de democracia. É através do voto que todos os cidadãos tem, por direito, escolher seus governantes.
B24	R024	E097	Nada melhor, então, que o voto, mas o voto livre e consciente para fazer tal escolha.
B24	R034	E142	O voto é um sinônimo de democracia, sim.
B24	R052	E208	O voto é um direito do cidadão brasileiro.
B24	R053	E211	Votar é um direito e dever de todos nós.
B24	R065	E250	O voto é um sinônimo de democracia, como todos nós sabemos.
B24	R095	E392	O voto é sinônimo de democracia quando a pessoa sabe quem quer que a represente.
B24	R098	E403	O voto, desde os mais remotos tempos, tem sido um sinônimo vivo de democracia, liberdade de escolha e consciência crítica.

Nesta família parafrástica estão reunidos os enunciados em que explicitamente se estabelecem relações de convergência entre o processo eleitoral e a democracia.

À primeira vista, se constituísse um bloco de paráfrases absolutas, poderia ser entendida como tradução de um posicionamento otimista dos sujeitos-redatores frente ao tema proposto para a redação. Entretanto, ao atentar-se para heterogeneidade de formas com que surgem os diferentes enunciados e levando-se em conta o momento em que ocorrem na argumentação desenvolvida pelos candidatos, chega-se à conclusão de que, em sua maioria, não possuem o tom enfático que mereceria a defesa de uma posição (no caso, a otimista) colocada em dúvida numa situação de polêmica, como o foi pela proposta do tema para redação.

Primeiramente, é necessário relacionar os enunciados acima com o todo de cada redação de que fazem parte. Todos ocorrem nos momentos iniciais, quando os sujeitos-redatores estão preparando sua linha de argumentação. São afirmações que, em sua maioria, recorrem a um enunciador genérico ou ao conhecimento geral, coletivo, nunca aparecendo, na superfície textual, marcas enunciativas da primeira pessoa, que respon-

sabilizariam o locutor pelo que se diz no enunciado. Tem-se as formas genéricas e impessoais de:

B24	R003	E008	O voto é a maneira mais direta de aplicação da democracia por um povo.
B24	R098	E403	O voto, desde os mais remotos tempos, tem sido um sinônimo vivo de democracia, liberdade de escolha e consciência crítica.

fórmulas prontas, também genéricas, em recortes que remetem ao texto legal da Constituição:

B24	R052	E208	O voto é um direito do cidadão brasileiro.
B24	R053	E211	Votar é um direito e dever de todos nós.

ou, ainda, a explicitação de que o enunciado é atribuído a um coletivo, como em:

B24	R009	E032	Todos nós sabemos que voto é sinônimo de democracia.
B24	R065	E250	O voto é um sinônimo de democracia, como todos nós sabemos .

Desta forma, não sendo assumidos pelo locutor, traduzem um ponto de vista que pode ser desqualificado já pela seqüência enunciativa imediatamente posterior. Servem, em sua maioria, para a “preparação do terreno” das críticas do sujeito-redator ao sistema eleitoral, levando a um posicionamento exatamente oposto ao do enunciado aqui analisado.

Uma outra estratégia de modalização da afirmação contida no enunciado de base é a de restringir-lhe o alcance a certo tipo de voto. Nestes enunciados, não é todo e qualquer voto que é democrático: somente o “voto consciente”. Esta restrição aparece em:

B24	R001	E003	Voto consciente é sinónimo de democracia, pois somos nós que devemos saber quem colocamos para nos governar.
B24	R024	E097	Nada melhor, então, que o voto, mas o voto livre e consciente para fazer tal escolha.
B24	R095	E392	O voto é sinónimo de democracia quando a pessoa sabe quem quer que a represente

Nas poucas vezes em que se encontram índices de reforço para a afirmação fundamental do enunciado, estes são acrescidos às mesmas fórmulas genéricas já mencionadas:

B24	R014	E059	O voto é realmente sinónimo de democracia. É através do voto que todos os cidadãos tem, por direito, escolher seus governantes.
B24	R034	E142	O voto é um sinónimo de democracia, sim .

Os aspectos acima destacados relativizam o carácter positivo deste enunciado, um dos poucos encontrados no *corpus* que apontam para uma posição otimista frente ao tema “VOTO: SINÓNIMO DE DEMOCRACIA?”.

EB25. "No Brasil, voto não é sinônimo de democracia." (44 ocorrências)

Exemplos:

B25	R028	E113	...no meu ponto de vista, o <u>voto</u> nunca foi nem nunca vai ser um sinônimo de democracia.
B25	R037	E152	Será que o voto realmente nos garante um país democrático?
B25	R049	E195	Seria muito bom se isso fosse verdade, mas atualmente voto é sinônimo de: desilusão, corrupção e vergonha.
B25	R053	E213	Será que voto é mesmo um sinônimo de democracia? Muitas vezes faço esta pergunta a mim mesma e chego à conclusão que não é verdade...
B25	R083	E226	Parto do princípio onde se diz que voto é sinônimo de democracia. Qual democracia?
B25	R092	E373	Diante de tudo isso, eu questiono: o voto é sinônimo de democracia?
B25	R094	E384	Na atual situação do nosso país, não sei se podemos dizer que o voto é um sinônimo de democracia, pois o povo vota, mas não pode contar com seu voto.
B25	R107	E448	Voto: sinônimo de democracia? Uma pergunta muito simples, mas, ao mesmo tempo, difícil de ser respondida nos tempos de hoje.
B25	R113	E482	Fala-se tanto da democracia através do voto, como se isso fosse realidade.
B25	R121	E522	Há quem diga que o voto é sinônimo de democracia. Será?
B25	R141	E630	Para mim, voto desta forma não significa sinônimo de democracia.

Os enunciados desta família parafrástica são exemplos da forma mais direta com que os sujeitos-redatores registraram o posicionamento negativo frente ao tema-pergunta proposto para a redação.

Conforme foi explicitado ao longo das análises até aqui efetuadas, os enunciados que compõem os grupos EB03, EB04, EB06, EB07, EB09, EB10, EB11, EB12, EB14, EB16, EB21 e EB23 apontam diferentes aspectos negativos quanto ao processo político-eleitoral em nosso país. Neste sentido, os enunciados desta família parafrástica estão diretamente ligados aos daqueles grupos, servindo, argumentativamente, como a grande conclusão encaminhada pelos argumentos neles contidos. Trata-se aqui, portanto, de uma resposta direta e objetiva: **“NÃO! VOTO NÃO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA!”**.

E o critério de agrupamento dos enunciados nesta família parafrástica foi exatamente o fato de que há enunciados em que a resposta negativa se dá secamente, sem o acréscimo de alguma justificativa no próprio enunciado para respaldar a afirmação. Dife-

rentemente do grupo EB21, onde o questionamento apresentado era, até mesmo, mais radical, pois questionava a existência da própria “democracia”, neste estão os enunciados em que a negativa incide explicitamente sobre “voto”.

Pode ocorrer de os enunciados simplesmente conterem respostas negativas, assumidas explicitamente pelo enunciador, como em:

B25	R028	E113	...no meu ponto de vista, o <u>voto</u> nunca foi nem nunca vai ser um sinônimo de democracia.
B25	R094	E384	Na atual situação do nosso país, não sei se podemos dizer que o voto é um sinônimo de democracia, pois o povo vota, mas não pode contar com seu voto.
B25	R141	E630	Para mim, voto desta forma não significa sinônimo de democracia.

Dos enunciados acima, chama atenção o tom enfático da negativa contida em E113. Ela é tão forte que parece não só contestar uma enunciação anterior, mas também avaliar a própria legitimidade, a adequação entre as palavras utilizadas e o estado de coisas descrito: no caso, a afirmação contrária, atribuída a um enunciador que defenderia que “o voto é sinônimo de democracia”, não só é questionada pelo locutor: ele também não considerada legítima até mesmo a pertinência lingüística de sua expressão, o fato de alguém vir a expressar tal ponto de vista.¹⁹

Por outro lado, a característica destes enunciados de recuperarem ou fazerem menção explícita ao enunciado do tema proposto para a redação faz com que os sujeitos-redatores tragam para dentro de seu enunciado um dizer que é o do “Outro”, que partiu da instituição que aplica e corrigirá suas redações. E esse “dizer do outro”, que foi apresentado na forma interrogativa, está sujeito a duas leituras (como já hipotetizado no início do item 1, Cap. II): pode ser interpretado como uma simples pergunta ou como um

¹⁹ Ver J. MILNER, “*Négation métalinguistique et négation métalinguistique*”, in *Sémantikos*, v.2 (1), 1977, citado em MAINGUENEAU(1987:85).

questionamento do conteúdo assertivo do enunciado “O voto é sinônimo de democracia”.

Estas possibilidades de leitura são confirmadas pelas diferentes formas com que (re)aparece o tema da redação nos enunciados:

a) como simples referência repetitiva, quando vai se tematizar sua natureza interrogativa:

B25	R107	E448	Voto: sinônimo de democracia? Uma pergunta muito simples, mas, ao mesmo tempo, difícil de ser respondida nos tempos de hoje.
-----	------	------	---

b) na forma interrogativa, mas assumida explicitamente pelo enunciador:

B25	R053	E213	Será que voto é mesmo um sinônimo de democracia? Muitas vezes faço esta pergunta a mim mesma e chego à conclusão que não é verdade...
B25	R092	E373	Diante de tudo isso, eu questiono : o voto é sinônimo de democracia?

c) ou, ainda, na forma interrogativa modificada por modalizadores que aumentam o efeito questionador do enunciado, como em:

B25	R037	E152	Será que o voto realmente nos garante um país democrático?
B25	R053	E213	Será que voto é mesmo um sinônimo de democracia? Muitas vezes faço esta pergunta a mim mesma e chego à conclusão que não é verdade...

Nos enunciados a seguir, os sujeitos-redatores explicitam que a leitura que fizeram foi a do questionamento da assertiva afirmativa, pois não recuperam o tema em sua forma original, interrogativa, mas sim reproduzem a leitura que dele fizeram, trazendo o enunciado afirmativo, que atribuem a “alguém” ou “alguns” (dentre os quais pode estar também o interlocutor/corretor das redações) para, em seguida, contrariá-lo, questionando-o.

B25	R083	E226	Parto do princípio onde se diz que voto é sinônimo de democracia. Qual democracia?
B25	R113	E482	Fala-se tanto da democracia através do voto, como se isso fosse realidade .
B25	R121	E522	Há quem diga que o voto é sinônimo de democracia. Será?

Finalmente, em E195, ocorre uma dupla forma de negação: a assertiva afirmativa (recuperada anaforicamente por “isso”) é descartada (pelo desejo de que “*fosse verdade*” = não o é) e pela substituição do desejado slogan “sinônimo de democracia” por substantivos com marcas nada positivas: “*desilusão, corrupção e vergonha*”.

CAPÍTULO III

FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS: O EXTREMO E O OPOSTO

1. Radicalizando o projeto da AD1 na busca das identidades: novas propostas de redução

O movimento de construção das **identidades discursivas** que orientou o trabalho desenvolvido no capítulo anterior, resultando na redução dos 633 enunciados retirados do *corpus* a 25 famílias parafrásticas, chama a atenção para o idêntico. Dados dois ou mais enunciados, buscam-se as semelhanças que permitam aproximá-los parafrásticamente em torno de um enunciado de base. Como pôde-se comprovar pelas análises efetuadas, essa identificação nem sempre é sustentada por critérios estritamente lingüísticos ou semânticos. Trata-se, na verdade, de uma identificação que é principalmente discursiva. Discursiva num sentido específico: coloca-se como predominante uma identificação ideológica sumária, que deixa de lado diferenças que possam ocorrer na superfície discursiva para buscar uma espécie de “núcleo duro”, ou matriz ideológica, que é exatamente o que vai servir de sustentação para a origem do enunciado de base. De tal sorte que, muitas vezes, este enunciado não se encontra efetivamente realizado por nenhum dos que compõem sua família parafrástica, sendo fruto de uma construção teórica do analista.

No sentido deste movimento de busca de identidades, nada impede, até certo ponto, que o processo de redução prossiga.

A rigor, levando-se ao extremo esta perspectiva de análise - e considerando o tema de que tratam as redações de origem dos enunciados (“VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?”) - os 633 enunciados poderiam ser agrupados em apenas 03 grandes grupos (que representariam pontos de vista abrangentes frente ao tema): “SIM”, “NÃO” e “TALVEZ”. Estes, por sua vez, teriam como enunciados de base, respectivamente: “O voto é sinônimo de democracia”, “O voto **não** é sinônimo de democracia” e “O voto **pode ser** sinônimo de democracia”.¹ Esta seria uma redução radical, que dispensaria praticamente toda e qualquer nuance de diferenciação entre os enunciados analisados, deixando de levar em consideração que os candidatos-redatores não só responderam à pergunta-tema da redação, mas que também apresentaram argumentos que respaldam suas posições.

Entretanto, é possível propor novos agrupamentos entre famílias parafrásticas, não tão redutores quanto o acima mencionado. Para efeito do presente trabalho, serão apresentadas mais três propostas alternativas de redução dos enunciados. Podem ser consideradas intermediárias entre aquela que resultou em 25 famílias parafrásticas e esta acima, extrema, de apenas 03 grandes grupos. Ficam aqui registradas para explicitar a funcionalidade do modelo de redução, que não é completamente fechado em si: pode ser ajustado aos interesses de análise do pesquisador, sendo menos ou mais abrangente, de acordo com os objetivos que se pretende alcançar com a análise dos dados.

¹ Note-se que estas três posições encontram-se explicitamente representadas dentre os 25 enunciados de base: em EB24, EB25 e EB02.

1.1 - PROPOSTA 1: as “macro-famílias parafrásticas”

Tomem-se inicialmente os 25 enunciados-síntese resultantes da análise até aqui desenvolvida, quais sejam:

EB01	"Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto"
EB02	"O voto deveria ser sinônimo de democracia."
EB03	"O voto deixa de ser democrático ao ser comprado/vendido em troca de dinheiro ou de pequenos favores."
EB04	"O voto não é democrático porque é obrigatório."
EB05	"O voto é uma arma do eleitor."
EB06	"A atual situação econômica do país impede a conscientização do povo."
EB07	"O povo está desiludido/revoltado com a política."
EB08	"Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país."
EB09	"Os políticos não prestam: são corruptos, demagogos..."
EB10	"O povo é manipulado/ludibriado pelos políticos."
EB11	"O voto aos 16 anos foi um casuísmo demagógico e não contribui para a democratização do país: o jovem não sabe votar."
EB12	"Os analfabetos não sabem votar."
EB13	"Não adianta votar em branco ou nulo."
EB14	"A maioria da população não sabe votar: precisa adquirir consciência/ser conscientizada."
EB15	"Todos devem engajar-se na luta pela democracia."
EB16	"Em nosso país, uma elite minoritária domina a maioria."
EB17	"É preciso resgatar os valores da união e da igualdade fraterna entre as pessoas. "
EB18	"Já vivemos em uma democracia plena."
EB19	"A educação do povo é um instrumento de democratização."
EB20	"Um futuro melhor depende de cada indivíduo."
EB21	"Atualmente, não existe democracia em nosso país."
EB22	"O país precisa de políticos sérios e honestos."
EB23	"Votar em branco ou nulo são formas legítimas de protesto ."
EB24	"O voto é sinônimo de democracia."
EB25	"No Brasil, voto não é sinônimo de democracia."

Se se quisesse avançar no processo de redução de enunciados de base, uma primeira alternativa de junção poderia ser proposta a partir das aproximações entre famílias parafrásticas cujos enunciados-síntese possuem alguma relação de complementaridade entre si: causa, consequência, retomada, etc. Seguindo-se estas indicações de complementaridade, pode-se chegar a um estágio de redução das 25 famílias parafrásticas que seria articulado pela junção de dois ou mais enunciados em espécies de macro-famílias parafrásticas. De certa forma, esta é uma proposta que leva em consideração as

indicações de proximidade que foram sendo observadas (e referidas), já, ao longo das análises das famílias parafrásticas no capítulo anterior.

Entretanto, como condição para se definirem estas macro-famílias parafrásticas, é necessário primeiro melhor explicitar as relações inter-famílias encontradas no discurso dos candidatos ao cargo de professor. Para tanto, será levada em consideração a especificidade de um grupo especial de enunciados do *corpus*: aqueles que, segundo a análise anterior, participam simultaneamente de mais de uma família parafrástica.

1.1.1 - As relações inter-famílias parafrásticas

A estratégia de encaminhar uma primeira proposta alternativa de junção dos EBs com o levantamento dos enunciados que participam de mais de uma família parafrástica, além de permitir a explicitação das relações entre estas famílias, pode constituir-se também numa forma de, em certo sentido, recuperar os movimentos de articulação dos enunciados efetivamente ocorridos no discurso dos professores-redatores - característica que a análise dos enunciados isolados, procedida no capítulo anterior, não contemplava totalmente.

A existência de enunciados considerados especiais, porque pertencentes a mais que uma família parafrástica, e cuja leitura é especialmente produtiva para o presente momento de análise, só foi possível dado às seguintes características metodológicas do presente trabalho:

- a) os recortes que resultaram nos 633 enunciados até aqui analisados foram estipulados de uma forma que extrapola os limites das unidades gramaticais (do tipo sentença, frase ou oração);
- b) em sua maioria, os enunciados de base sob os quais estão agrupados estes enunciados são uma construção, resultado de uma interpretação do analista, não coincidindo com sua efetiva realização na superfície textual de nenhuma das redações dos candidatos.

Assim é que foi possível não só arrolar vários exemplos de *enunciados diferentes* para cada EB (aproximados através dos exercícios de parafraseagem), como também, eventualmente, o *mesmo enunciado* (ou parte dele) aparece exemplificando a forma de ocorrência de mais que um enunciado de base.

No **Anexo IV** do presente trabalho (p. 244), encontra-se o levantamento de todos os 52 enunciados que participam de mais de uma família parafrástica.

Para efeito de exemplificação das relações inter-famílias parafrásticas, apresento um levantamento sumário das ocorrências destes enunciados, seguido da análise e exemplificação de cada uma das diferentes relações encontradas. A seguir, será construído um mapa esquemático que permita visualizar estas relações, internas ao discurso dos professores-candidatos. A partir das análises efetuadas, será então proposta a junção dos 25 enunciados de base em macro-famílias parafrásticas.

TABELA 2
LEVANTAMENTO DE ENUNCIADOS
QUE PARTICIPAM DE MAIS DE UMA FAMÍLIA PARAFRÁSTICA

O(S) ENUNCIADO(S)	PARTICIPA(M) SIMULTANEAMENTE DE	SENDO LIGADOS POR (RELAÇÃO ESTABELECIDADA)
E004	EB03 e EB14	E (CONSEQÜÊNCIA)
E009 e E066	EB01 e EB18	POIS (JUSTIFICATIVA) A PARTIR DO MOMENTO EM QUE (TEMPORALIDADE)
E010	EB13 e EB14	COM ISTO (CONCLUSÃO)
E011	EB14 e EB19	(MEDIACÃO/FINALIDADE)
E030	EB13 e EB22	NÃO... E SIM (OPOSIÇÃO)
E100 e E102	EB07 e EB14	DEVIDO A (CAUSALIDADE)
E131	EB16 e EB17	(OPOSIÇÃO)
E170	EB04 e EB12	PORQUE (CAUSALIDADE)
E180	EB14 e EB22	(MEDIACÃO/FINALIDADE)
E183 e E452	EB11 e EB12	E (COORDENAÇÃO)
E201, E202, E273, E566, e E628	EB09 e EB10	QUE (CONSEQÜÊNCIA)
E252	EB03 e EB12	PORQUE (EXPLICAÇÃO)
E266	EB17 e EB21	(OPOSIÇÃO)
E292	EB14 e EB25	(COMPLEMENTO QUALIFICATIVO)
E301	EB04, EB07 e EB09	POIS (JUSTIFICATIVA)
E317	EB07 e EB13	(EXEMPLIFICAÇÃO)
E333	EB04 e EB09	QUE (QUALIFICAÇÃO)
E334	EB09 e EB14	(JUSTA OPOSIÇÃO)
E348	EB03, EB04 e EB25	POIS (JUSTIFICATIVA) e ASSIM (CONCLUSÃO)
E379 e E401	EB03 e EB06	DEVIDO A (CAUSALIDADE)
E385	EB06, EB07 e EB09	POIS (JUSTIFICATIVA)
E132, E286, E397, E444 e E607	EB07 e EB09	POIS (JUSTIFICATIVA)
E419 e 420	EB15 e EB17	(MEDIACÃO/FINALIDADE)
E288, E449, E531, E574, e E577	EB05 e EB14	MAS (CONTRAJUNÇÃO)
E461	EB05 e EB08	POIS (JUSTIFICATIVA)
E472	EB06 e EB07	DEVIDO A (CAUSALIDADE)
E474	EB14 e EB16	(COMPLEMENTO QUALIFICATIVO)
E492	EB10 e EB25	PORQUE (EXPLICAÇÃO)
E395 e E568	EB08 e EB15	(MEDIACÃO/FINALIDADE)
E503	EB12 e EB19	E NÃO (OPOSIÇÃO)
E533	EB10 e EB16	QUE (QUALIFICAÇÃO)
E536	EB04 e EB07	(COMPLEMENTO EXPLICATIVO)
E561 e E589	EB10 e EB14	(COMPLEMENTO QUALIFICATIVO)

Analisando mais detalhadamente a natureza de cada uma das relações entre EBs acima relacionadas (ocorridas no interior de enunciados), tem-se:

A) relações de explicação ou justificativa: esta é a conexão que mais se encontrou entre os enunciados que participam de mais de uma família parafrástica. Aparece de diferentes formas na superfície dos enunciados, relacionando termos de uma mesma oração ou ligando dois atos de fala distintos, o segundo justificando ou explicando o anterior. É uma relação que está implicada no que acima foi denominado:

a1) explicação: que pode estar marcada explicitamente pelo uso de “*porque*”, como nos enunciados:

B03 e B12	R065	E252	Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca
-----------------	------	------	--

em que “ganhar alguma coisa em troca” (EB03) é dado como uma explicação para a afirmação contida na primeira parte do enunciado de que os analfabetos não sabem votar (EB12); e

B10 e B25	R115	E492	Nem sempre o voto é sinônimo de democracia, porque a política é induzida a nós, que não percebemos o quanto somos enganados.
-----------------	------	------	---

onde a “enganação/manipulação de nós (= povo) pelos políticos” (EB10) é apresentada como uma explicação para a afirmação de que o voto não é sinônimo de democracia (EB25).

a2) ainda, esta relação de **explicação** pode ser estabelecida mesmo sem o uso explícito de conectivo. Isto ocorre quando uma seqüência - acrescida a uma oração ou enunciado - *funciona como explicação* do contido anteriormente. Na Tabela 2, esta ocorrência está classificada provisoriamente como **complemento explicativo** e ocorre em:

B04 e B07	R123	E536	Enquanto outros cidadãos apenas cumprem seus deveres por medo de uma punição posterior, não dando nenhum valor àquilo que estão fazendo.
-----------------	------	------	---

em que a expressão em negrito é um complemento que explica o descrito anteriormente (ao mesmo tempo em que comenta a ação descrita dos “outros cidadãos”). Assim, o fato de estarem desiludidos com a política (EB07) é uma explicação para que votem apenas porque é obrigatório (EB04).

a3) **justificativa**: é aquela encontrada nos enunciados ligados por “*pois*”, tais como:

B01 e B18	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.
-----------------	------	------	---

onde a afirmação do voto como “garantia de liberdade” (EB01) justifica a afirmação de que “hoje a democracia é plena” (EB18);

B04, B07 e B09	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos governantes, que estão somente fazendo barbaridades.
-------------------------	------	------	--

onde a “desilusão para com os políticos” (EB07) é apresentada como a justificativa para o fato das pessoas votarem somente porque são obrigadas a fazê-lo (EB04);

B03, B04 e B25	R087	E348	Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
-------------------------	------	------	--

em que a obrigatoriedade do voto (EB04) é dada como justificativa para a afirmação mais geral de que o voto não é sinônimo de democracia em nosso país (EB25);

B06, B07 e B09	R094	E385	O povo, com a condição sócio-econômica atual do país, já está descrente, pois a cada dia que passa fica mais difícil para sobreviver com dignidade em meio a tantas mentiras e desonestidade da parte de nossos políticos e governantes, que não se preocupam com o povo e o país, muito menos com a miséria em que esse mesmo povo vem vivendo.
-------------------------	------	------	---

e

B07 e B09	R106	E444	Quando chega a época de eleição, a maioria dos votantes se revolta com os candidatos, pois, geralmente, todos prometem muito e cumprem pouco.
-----------------	------	------	---

enunciados em que a “desonestidade e demagogia dos políticos” (EB09) é apresentada como uma (dentre outras) das justificativas para a “desilusão do povo” (EB07); e em

B05 e B08	R108	E461	Não seria impossível mudar essa situação, pois temos uma arma: o voto.
-----------------	------	------	--

em que a possibilidade de “mudar a situação” (EB08) é justificada pela existência de uma “arma”: o voto (EB05).

B) relação de temporalidade: por meio da qual, através da conexão de duas orações, localizam-se no tempo, relacionando-os uns aos outros, ações, eventos, estados de coisas do “mundo real” ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento delas (Cf. KOCH, 1989: 63). É o que ocorre em:

B01 e B18	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.
-----------------	------	------	--

O estabelecimento da democracia no país (EB18) tem como marca temporal, neste enunciado, a conquista do voto e sua extensão a todos os brasileiros com idade acima de 16 anos (EB01).

C) relação de conclusão: em que, por meio de operadores, introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação a um (ou mais) ato(s) de fala anterior(es) (Cf. KOCH, 1989: 67), como em

B13 e B14	R003	E010	Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante, com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.
-----------------	------	------	---

onde a abstenção e o voto em branco (EB13) é dada como conclusão ou resultado do fato de muitas pessoas não terem consciência da importância do voto (EB14)²; e

B03, B04 e B25	R087	E348	Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
-------------------------	------	------	--

em que a obrigatoriedade do voto (EB04) e a venda de votos (EB03) são tomados como premissas que levam à conclusão de que o voto não é sinônimo de democracia (EB25).

D) relação de mediação/finalidade: que se exprime por intermédio de um enunciado que contém duas ou mais orações, sendo que, numa delas, se explicita(m) o(s) meio(s) ou instrumento(s) para atingir um fim expresso na outra:

B14 e B19	R003	E011	Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.
-----------------	------	------	--

em que (a necessidade de) uma campanha de conscientização (EB14) é dada como *meio* para o *fim* de que ocorra a educação (política) de todos (EB19);

² E o conteúdo de ambas as orações são qualificados negativamente. Daí, este E010 (que faz menção negativa ao voto branco ou nulo) participar da família parafrástica de EB13 ("Não adianta votar em branco ou nulo").

B14 e B22	R045	E180	Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.
-----------------	------	------	--

onde a (necessidade de) conscientização do cidadão (EB14) é apresentada como um *meio* para se alcançar o *fim* de o Brasil ser governado por “pessoas pensantes” (EB22);

B15 e B17	R100	E420	Só nós, com nosso voto e nossa união , podemos reverter a situação do Brasil.
-----------------	------	------	--

e

B08 e B15	R128	E568	Mas há de mudar esse quadro , com o povo brasileiro, que é a maioria, lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos.
-----------------	------	------	--

onde, a união de todos (EB17) é apresentada como *meio* ou *instrumento* do engajamento e da participação política (EB15) - em E420 - a qual, por sua vez, é apresentada, em E568, também como um *meio* ou *instrumento* para alcançar um futuro melhor (EB08);

E) relação de oposição: em que uma oração apresenta um conteúdo positivo, desejável, em oposição ou como alternativa a um outro, marcado como negativo ou indesejável, como em:

B13 e B22	R008	E030	Devemos ter responsabilidade no votar porque votar em branco não ajuda em nada e sim votar em alguém competente , que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.
-----------------	------	------	--

em que desqualifica-se o voto branco e nulo (EB13), opondo-se a ele a recomendação do voto em políticos competentes (EB22);

B16 e B17	R031	E131	Mas nós, povo unido e consciente do nosso voto, poderemos dar essa reviravolta: a maioria sobre a minoria , pois é isso que propõe a democracia.
-----------------	------	------	---

em que, em oposição à dominação de uma minoria (EB16), é apresentada positivamente a união do povo (EB17); em

B17 e B21	R069	E266	O Brasil precisa com urgência da prática da palavra DEMOCRACIA, uma sociedade mais justa e igualdade a todos!
-----------------	------	------	---

Neste enunciado, a oposição do valor apresentado como positivo (a união e igualdade de todos (EB17)) se dá pela alusão de que “o Brasil **precisa com urgência** da prática (...) da DEMOCRACIA”, donde se deduz que sua ausência é afirmada implicitamente (EB21); e em

B12 e B19	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.
-----------------	------	------	--

em que se estabelece uma oposição marcada pela escolaridade do eleitor: aqueles analfabetos são marcados negativamente (“não sabem votar” - EB12), enquanto que os que possuem um mínimo de escolaridade são admitidos como eleitores com condições de exercer o direito ao voto, o que remete positivamente para o contido no EB19.

F) relações de causalidade/conseqüência: expressam-se pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a *causa* que acarreta a *conseqüência* contida na outra. (Cf. KOCH, 1989: 62). Nos enunciados relacionados na Tabela 2, esta relação fica estabelecida em:

B07 e B14	R025	E102	A conscientização do povo na conquista do voto e os patrocínios por parte dos empresários é tarefa difícil nos dias de hoje, devido a muitas promessas não cumpridas no passado.
-----------------	------	------	--

B04 e B12	R042	E170	Mas, no Brasil, há muitos analfabetos que votam sem ao menos conhecer o candidato. Votam por quê? Porque são obrigados. Se recusarem-se a votar, o que acontece?
-----------------	------	------	---

B03 e B06	R093	E379	Devido aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida.
-----------------	------	------	--

B06 e B07	R111	E472	A sociedade brasileira, devido as crises políticas e financeiras, que são decorrentes de uma governabilidade insatisfatória, vem acarretando descrenças perante as classes inferiores, que de formas precisas, tentam modificar esse quadro.
-----------------	------	------	---

Em todos esses enunciados, a parte destacada em negrito (e que remete ao conteúdo de um dos EBs anotados) é apresentada como **causa** do contido no restante do enunciado (que, por sua vez, remete ao outro EB). Já em

B03 e B14	R001	E004	Se muitas coisas não vão bem, grande culpa é do próprio cidadão, que, infelizmente ainda não está sabendo usar seu direito de cidadão e troca seu voto, às vezes, até por uma simples camiseta.
-----------------	------	------	---

a compra/venda de votos (EB03) é um complemento apresentado como **conseqüência** da falta de consciência do povo, que não sabe votar (EB14); e em

B09 e B10	R071	E273	Na hora de fazer propaganda, eles iludem muito o povo com promessas de tantas coisas boas que o povo é tão pequeno de cabeça que, chega o dia das eleições e acaba votando e pondo no poder os piores candidatos, aqueles que só estão a fim de fazer para o lado deles.
-----------------	------	------	---

a manipulação do povo (EB10) é apresentada como resultado ou **conseqüência** da ação de políticos demagogos (EB09).

G) relações de coordenação e justaposição: a primeira, marcada pelo uso do conectivo “e” e a segunda, sem marca de ligação, representam ambas uma relação de encadeamento de orações ou partes de orações cujo conteúdo é apresentado com uma mesma

direção argumentativa, sem oposição ou qualquer marca de mediação que estabeleça função distinta entre um e outro. Trata-se, na verdade, de uma adição de argumentos ou idéias. Isto é o que ocorre, por exemplo, em:

B11 e B12	R046	E183	Até que ponto o voto dos adolescentes de 16 anos e dos analfabetos favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?
-----------------	------	------	--

e

B09 e B14	R084	E334	Será sim, um analfabeto, mas, político, se não souber discernir as falcatruas do poder, se não souber entender e ler nas entrelinhas dos inflamados discursos de palanque toda uma ideologia que vai por caminhos tão bem estudados e estruturados para driblar a nossa competência de ouvintes. A retórica é convincente e argumentativa.
-----------------	------	------	---

em que as partes em negrito representam o conteúdo de um EB distinto do restante do enunciado, mas que é aqui anotado como um acréscimo na enumeração, ora dos que “não sabem votar” (em E183), ora dos defeitos dos políticos (E334).

H) relação de qualificação/complemento qualificativo: trata-se dos casos em que uma oração ou parte de oração define uma qualificação a um elemento específico citado na anterior. Esta qualificação pode ser resultado da introdução de uma relativa (com “*que*”), de um aposto, ou de um complemento nominal. É o caso dos enunciados:

B14 e B25	R076	E292	Num país como este, de muito analfabetismo, pouco esclarecimento e de conveniência governamental para que não se esclareça a maioria, o voto é realmente um sinônimo de liberdade?
-----------------	------	------	---

onde a existência do analfabetismo e ignorância (EB14) é dada como uma das características que fazem do Brasil um país onde o voto não é sinônimo de democracia (EB25);

B04 e B09	R084	E333	Democracia é a livre escolha, mas para que eleger livre-forçadamente um representante que continua fazendo de nossas vidas verdadeiras seqüências de analfabetismo e miséria?
-----------------	------	------	--

em que, ao mesmo tempo em que se critica a obrigatoriedade do voto em políticos (EB04), estes são qualificados como perniciosos à população (EB09);

B14 e B16	R111	E474	...a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.
-----------------	------	------	---

em que se prega a necessidade de uma conscientização do povo (EB14), cuja característica é ser dominado por uma minoria (EB16);

B10 e B16	R122	E533	Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.
-----------------	------	------	--

onde há o imbricamento dos conteúdos de EB10 e EB16: afirma-se a existência de manipulação do povo, sendo que esta é qualificada como sendo uma manipulação exercida por uma minoria (da qual fariam parte os políticos); e em

B10 e B14	R133	E589	...mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?
-----------------	------	------	---

em que, mais uma vez, há o imbricamento de EBs em torno da manipulação do povo (EB10): neste caso, “ter sido trabalhada e estar pré-direcionada” é uma característica que ressalta esta manipulação nas “cabeças mais pobres”, que não sabem votar (EB14).

I) relação de exemplificação: quando uma oração representa um exemplo ou comprovação do contido na anterior, como em

B07 e B13	R081	E317	Porém, não é levada a sério essa conquista. O alto índice de votos brancos e nulos ocorridos nas eleições passadas <u>são a prova disso.</u>
-----------------	------	------	--

Aqui, a incidência de votos nulos e brancos (EB13) é dada explicitamente como prova da falta de interesse do povo pela política (EB07).

J) relação de contrajunção: através da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador *mas* (Cf. KOCH, 1989, 66), como em:

B05 e B14	R122	E531	O voto poderia ser uma das armas principais para o povo, <u>mas este está alienado.</u>
-----------------	------	------	---

onde, apesar de se admitir a possibilidade do voto ser uma “arma do povo” (EB05), prevalece a afirmação contrária, que desqualifica esta possibilidade: o povo não tem consciência, está alienado (EB14).

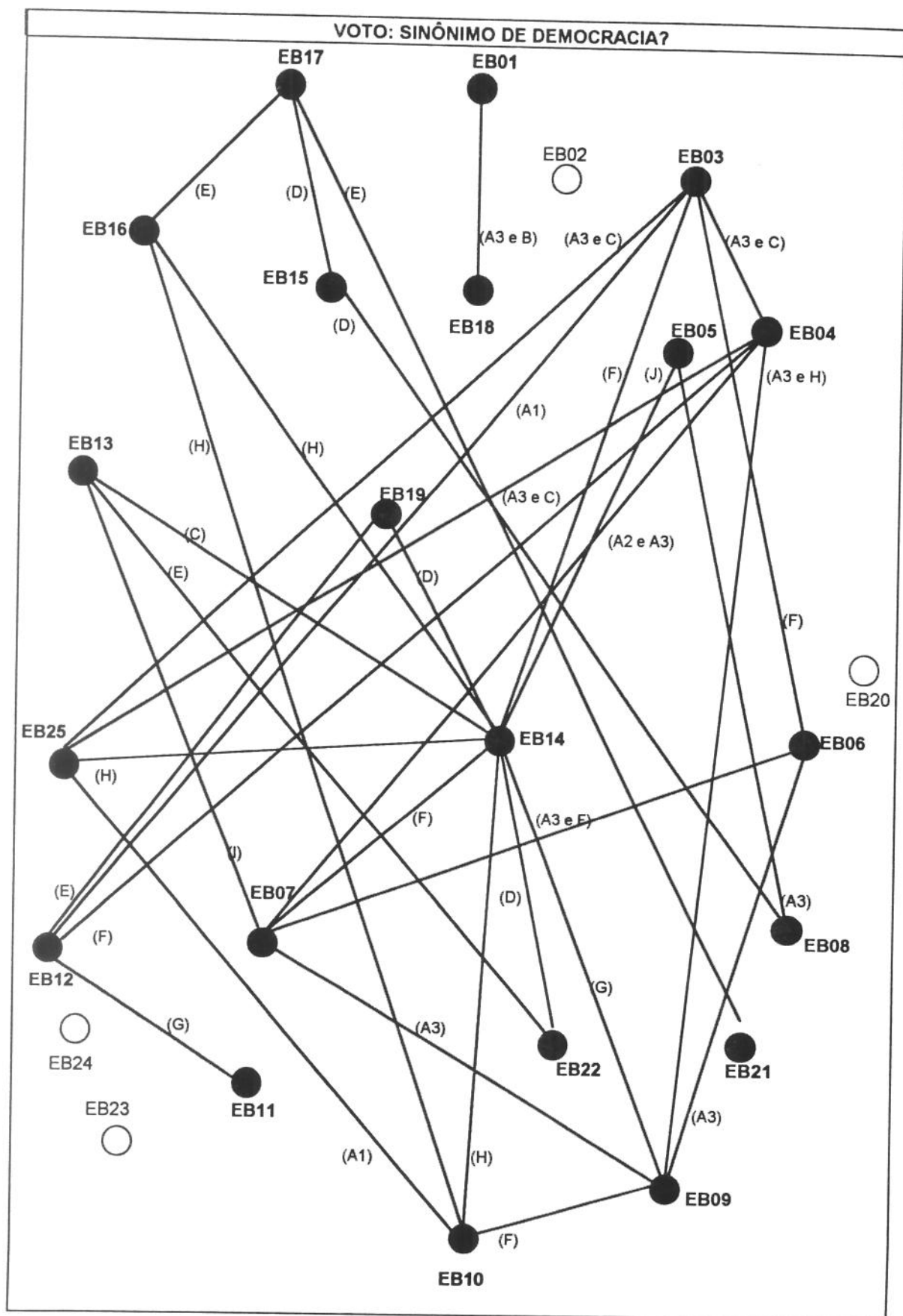
O processo acima, de exemplificação das relações que, internas aos enunciados, aproximam diferentes EBs, permite explicitar algumas das diferentes (e, principalmente, variadas) possibilidades de articulação entre os enunciados de base que compõem o *cor-*

pus do presente trabalho. De tal sorte que, a partir destes 25 EBs, poder-se-ia construir uma infinidade de discursos sobre o tema do voto e sua relação com o processo democrático em nosso país.

Esta multiplicidade pode ser constatada na página seguinte, onde apresento um mapa esquemático para melhor visualização da malha destas diferentes relações discursivas entre enunciados de base. (cf. Tabela 2, acima e Anexo IV, p. 244).

Nele estão representadas as 25 famílias parafrásticas (EB01 a EB25), sendo que 21 delas são relacionadas entre si por linhas que representam as 33 ligações propiciadas pelos 52 enunciados que as unem. A natureza da relação estabelecida neste grupo específico de enunciados encontra-se anotada entre parênteses próximo a cada linha, por códigos que remetem aos itens da análise acima desenvolvida, a saber:

A1	EXPLICAÇÃO	A2	COMPLEMENTO EXPLICATIVO	A3	JUSTIFICATIVA
B	TEMPORALIDADE	C	CONCLUSÃO	D	MEDIAÇÃO/FINALIDADE
E	OPOSIÇÃO	F	CAUSALIDADE / CONSEQUÊNCIA	G	COORDENAÇÃO / JUSTA-POSIÇÃO
H	QUALIFICAÇÃO/COMPLEMENTO QUALIFICATIVO	I	EXEMPLIFICAÇÃO	J	CONTRAJUNÇÃO



Além de explicitar as relações inter-famílias parafrásticas e de registrar o variado número de possibilidades de articulação dos EBs em macro-famílias parafrásticas ou em discursos potenciais sobre o tema “VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?”, a disposição gráfica dos elementos neste mapa esquemático permite explorar algumas possibilidades de leitura de fenômenos relativos à organização dada aos EBs pelos 52 enunciados especiais que, fora do esquema, talvez não ganhassem o destaque que aí possuem.

Um primeiro dado que chama atenção é o grande número de ligações que se estabelecem com o EB14 (daí ocupar o centro do mapa). Ao observarmos as linhas que saem de (ou chegam a) cada um dos pontos que representam os EBs, constatamos que poucos apresentam 1 ou 2 ligações e a maioria, 3, 4 e, no máximo, 5. O EB14 extrapola este limite: dele partem (ou a ele chegam) 10 ligações. Uma evidência que, de imediato, poderia ser lembrada para justificar a ocorrência deste fenômeno é o fato de a família parafrástica de EB14 ser composta pelo maior número de enunciados destacados no *corpus* deste trabalho: 112 (ou 17,69% do total de 633 enunciados). Dessa forma, se mais enunciados aparecem afirmando que “*o povo não sabe votar*”, mais são as chances desta afirmação ser acompanhada de outras que a confirmem, expliquem, ou rejeitem, de uma ou outra forma. Por outro lado, o alto número de ocorrências de EB14, associado a esta grande incidência de relações com outros EBs, evidencia que o conteúdo do enunciado é um argumento central no discurso dos candidatos-professores. O EB09 (“Os políticos não prestam...”), que é o segundo em número de ocorrências (99 enunciados, 15,63%), não mantém esta posição em número de relações com outros EBs: são apenas 5. Isto pode ser um indício de que a maioria dos candidatos-professores avaliam a corrupção e demagogia nos políticos como mais grave, uma característica intrínseca aos

políticos, um fato consumado (e sem solução) - daí tornar-se desnecessário justificá-la ou associá-la a outros argumentos; ao passo que as deficiências do povo (em EB14) são apresentadas ora como resultado da ação destes mesmos políticos corruptos e demagogos, ora são relativizadas, ao apresentarem-se, paralelamente, algumas alternativas para sua superação.

Outro dado sobre o qual o quadro em forma de esquema permite especular é o isolamento da relação entre EB01 e EB18 (respectivamente, *“Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto”* e *“Já vivemos uma democracia plena”*). Estes dois enunciados de base relacionam-se entre si e com mais nenhum outro. Uma hipótese que pode servir de explicação para isto é a de que, no discurso dos candidatos-professores, a democracia é incorporada como um valor positivo “em si”, sem necessidade, portanto, de justificativas ou complementos. É o que explicaria também a completa falta de ligação do EB24 (“O voto é sinônimo de democracia”) com os demais. Ao contrário do que ocorre com seu oposto direto, o EB25 (“O voto não é sinônimo de democracia”), ligado a 5 outros enunciados de base.

Um outro enunciado isolado de relações com os demais é o EB02 (“O voto deveria ser sinônimo de democracia”). Uma possível explicação para isso estaria no fato (já referido na análise individual de EB02) de seu conteúdo apontar para um mundo possível, ideal ou imaginário e, portanto, distante e sem relação com os problemas do mundo real, apontados pelos outros EBs.

Os demais enunciados que estão à margem das relações inter-famílias parafrásticas (EB20 e EB23) são exatamente os de menor incidência dentre os 633 enunciados do *corpus*: apenas 5 ocorrências, o que restringe as possibilidades de relação com outros

enunciados de base, além de caracterizar os conteúdos destes EBs como argumentos secundários ou complementares no discurso dos professores.

1.1.2 - As macro-famílias parafrásticas (MFPs)

Após a etapa de exemplificação e análise da natureza das relações estabelecidas e desta rápida exploração de alguns indícios mostrados pelo mapa esquemático, pode-se avançar para a proposta de formulação de possíveis **macro-famílias parafrásticas**. Estas serão aqui apresentadas como o resultado de um “passeio” pelo mapa esquemático. Assim é que, tomando-se aleatoriamente um determinado ponto (que representa um EB específico), segue-se a linha que o liga a outro (e que representa um determinado tipo de relação estabelecida), repetindo-se o processo sucessivamente, até chegar-se a um ponto sem continuidade ou retornando-se ao ponto inicial, completando assim o círculo de relações internas de uma macro-família.

Uma única (e arbitrária) restrição aos percursos será a de não repetir um mesmo EB em duas ou mais macro-famílias. Mesmo sob pena de prejudicar a extensão das macro-famílias, este critério é aqui metodologicamente necessário. Isto para marcar um limite às relações explicitadas, dado que, obviamente, um exercício como este, marcado por decisões aleatórias e arbitrárias, não irá nunca resultar em macro-famílias parafrásticas únicas e definitivas. Será apenas a amostra de *uma das possíveis* articulações inter-

famílias parafrásticas que o material permite. Outras, talvez mais amplas e melhor articuladas, seriam não só possíveis como perfeitamente pertinentes.³

O critério de não-repetição de EBs implica também na tomada de decisão em relação à **seqüência** de formação das macro-famílias parafrásticas, uma vez que, iniciado o processo, os EBs vão sendo deliberada e sucessivamente eliminados, perdendo-se, portanto, todas as suas relações com outros enunciados de base, as quais permitiriam que fizesse parte de outra(s) macro-família(s), o que, conseqüentemente, resultaria em diferentes propostas de MFPs.

Além disso, como o critério a ser utilizado é o da junção de EBs que possuem algum tipo de relação explicitamente marcada, ficam excluídos desta proposta de MFPs aqueles quatro enunciados de base que, no mapa esquemático, aparecem à margem, por não estarem ligados a nenhum outro: EB02, EB20, EB23 e EB24.

Ciente dos limites impostos pelas ressalvas acima referidas, proponho o seguinte percurso para elaboração de um possível grupo de macro-famílias parafrásticas:

MFP1 = EB01 + EB18
MFP2 = EB03 + EB04 + EB09 + EB10 + EB25
MFP3 = EB05 + EB14
MFP4 = EB08 + EB15 + EB21
MFP5 = EB16 + EB17
MFP6 = EB06 + EB07 + EB13 + EB22
MFP7 = EB11 + EB12 + EB19

O passo seguinte é a articulação do conteúdo dos diferentes EBs aproximados pela proposta acima, donde resultarão os enunciados representantes de cada macro-família parafrástica. Essa articulação não segue, necessariamente, a ordem crescente de apresentação das EBs na “soma” que resulta em cada MFP. É ditada pela necessidade de

³ Como já foi observado, uma amostra destas possibilidades encontra-se nas análises dos enunciados que articulam mais de uma família parafrástica (p. 127)

uma redação para a MFP que preserve a natureza das diferentes relações entre os enunciados de base que a compõem.

Temos, assim:

MFP1

“Já vivemos em uma democracia plena, pois o voto representa uma conquista democrática alcançada pelo povo através de muita luta”

MFP2

“No Brasil, o voto não é sinônimo de democracia, porque é comprado ou vendido em troca de dinheiro ou pequenos favores, é obrigatório e, acima de tudo, o povo é ludibriado por políticos corruptos e demagogos”

MFP3

“O voto poderia ser uma arma do eleitor, mas este não sabe votar”

MFP4

“Mesmo não existindo democracia atualmente em nosso país, devemos ter esperança em um futuro melhor, através do engajamento de todos na luta pela democracia”

MFP5

“É preciso resgatar os valores de união e igualdade fraterna entre as pessoas para reverter a dominação de uma elite sobre a maioria”

MFP6

“Mesmo que a atual situação financeira impeça a conscientização do povo, que fica revoltado e desiludido com a política, não adianta votar em branco ou nulo, pois o país precisa de políticos sérios e honestos”

MFP7

“A educação do povo é o instrumento de democratização contra a ignorância dos analfabetos ou muito jovens, que não sabem votar.”⁴

É necessário lembrar o fato de que esta proposta de redução dos 25 enunciados de base para 7 macro-famílias parafrásticas é resultado do destaque dado ao grupo rela-

⁴ A ocorrência desta MFP7, que não coincide com nenhuma junção proposta em outras reduções é resultado do fato de ter-se adotado o critério de sucessivas exclusões de relações entre EBs para a elaboração das MFPs. Assim, após a elaboração das MFPs anteriores, todas as relações que os EBs que as compõem mantêm com o conteúdo desta MFP são descartados, restando, portanto, as relações entre EB11, EB12 e EB19, que resultam neste MFP7. O critério de sucessiva exclusão das relações que vão servindo para a elaboração de cada MFP e a conseqüente elaboração de nova MFP com as relações que restam ainda não excluídas (num processo que prossegue até ter-se esgotado todas as relações restantes) são responsáveis, também, pelo fato de esta proposta (que toma um universo de 52 enunciados do *corpus*) ter resultado em 7 macro-famílias, num apenas aparente paradoxo com as propostas seguintes que, tomando o universo de 633 enunciados - mas por critérios distintos dos aqui adotados - chegam a um número ainda mais reduzido de enunciados elementares.

tivamente restrito de 52 enunciados que participam de mais de uma família parafrástica. Portanto, estão sendo levadas em consideração apenas aquelas relações entre EBs que apareceram explicitamente na superfície textual das redações. E estas indicações explícitas só foram tomadas como ponto de partida para esta proposta porque constituem-se num dado relevante que, de uma forma ou de outra, não poderia deixar de ser levado em consideração na análise do *corpus* deste trabalho.

Entretanto, não só seriam possíveis novas propostas de junção de EBs que articulem de formas variadas as relações explicitadas por este grupo de 52 enunciados, como também é possível elaborar propostas de junções de EBs que partam de perspectivas mais abrangentes. Isto porque as indicações lingüisticamente explícitas na superfície textual são pistas *necessárias mas não suficientes* para definir **junções discursivas** entre os enunciados de base que pretendem abarcar o discurso dos professores-candidatos em torno do tema “VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?”. Dessa forma, mesmo não deixando de considerar as articulações apontadas por aquele grupo especial de enunciados, é necessário postular novas reduções que superem as limitações e exclusões por ele impostas, levando em conta a totalidade dos 25 EBs a que chegou a análise do capítulo anterior.

1.2 - **PROPOSTA 2**: um momento intermediário de redução

Considerando todo o percurso de análise até aqui percorrido (i.e., as análises individuais de cada um dos EBs no Capítulo II, a contribuição dos 52 enunciados especiais com as diferentes possibilidades de articulação inter-famílias que possibilitam, além

da proposta anterior de 07 macro-famílias parafrásticas) pode-se propor uma nova redução dos enunciados de base. É necessário alertar que esta proposta não deve ser considerada como uma continuação da anterior, visto que toma diversos pontos de origem. Tanto que, num primeiro momento, resulta numa condensação menos restrita, que propõe um número **maior** de enunciados para abarcar os 25 EBs.

Na verdade, esta proposta deve ser entendida como a explicitação de um estágio intermediário de redução de EBs, que prossegue (aí sim, numa mesma perspectiva de redução) rumo à proposta seguinte, a qual avança ainda mais na compactação dos grupos de enunciados.

Preparando o terreno para a proposta seguinte, pode-se propor as seguintes junções de EBs: ⁵

1

EB01. "Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto"
 EB05. "O voto é uma arma do eleitor."
 EB24. "O voto é sinônimo de democracia."

Encontram-se previamente reunidos neste grupo, os enunciados que apontam positivamente para a pergunta-tema da redação e que, portanto, afirmam o voto como um sinônimo de democracia.

Nesta organização prévia de enunciados de base, reuniram-se aqui somente os enunciados que associam *explicitamente* o item lexical "voto" a índices que o apontem positivamente numa associação com a democracia.

⁵ Por tratar-se de uma proposta intermediária, serão apresentadas somente as indicações de junções de EBs, sem a preocupação de elaborar um enunciado que os sintetize. Cada grupo de enunciados reunidos nesta proposta intermediária será retomado (e eventualmente) ampliado pela proposta seguinte (p. 150).

2

EB03. "O voto deixa de ser democrático ao ser comprado/vendido em troca de dinheiro ou de pequenos favores."
 EB04. "O voto não é democrático porque é obrigatório."
 EB25. "No Brasil, voto não é sinônimo de democracia."

Já neste grupo, os enunciados veiculam um ponto de vista contrário ao do grupo anterior, estando aqui reunidos somente aqueles enunciados em que se afirma *direta e categoricamente* que o voto **não** é sinônimo de democracia.

3

EB02. "O voto deveria ser sinônimo de democracia."

4

EB06. "A atual situação econômica do país impede a conscientização do povo."

5

EB07. "O povo está desiludido/revoltado com a política."

6

EB08. "Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país."

7

EB09. "Os políticos não prestam: são corruptos, demagogos..."
 EB22. "O país precisa de políticos sérios e honestos."

As críticas aos políticos aparecem como elo entre os enunciados aqui agrupados. Tanto de forma explícita (em EB09), quanto de forma indireta - ao afirmar (em EB22) que o país "*precisa*" de políticos sérios e honestos - os enunciados veiculam críticas à figura dos políticos nacionais.

8

EB10. "O povo é manipulado/ludibriado pelos políticos."

9

EB11. "O voto aos 16 anos foi um casuísmo demagógico e não contribui para a democratização do país: o jovem não sabe votar."
EB12. "Os analfabetos não sabem votar."
EB14. "A maioria da população não sabe votar: precisa adquirir consciência/ser conscientizada."

As diferentes formas de afirmar a falta de conscientização do povo brasileiro e seu conseqüente despreparo para exercer o direito ao voto é o argumento que reúne os enunciados deste grupo. Aqui, trata-se de uma crítica que se dirige ao conjunto dos eleitores (em EB14), com destaque a alguns segmentos específicos deste eleitorado: particularmente os jovens e analfabetos são apresentados como casos extremos da falta de preparo para votar.

10

EB13. "Não adianta votar em branco ou nulo."
EB23. "Votar em branco ou nulo são formas legítimas de protesto ."

Encontram-se aqui reunidas as duas formas de retomada de um discurso corrente em épocas eleitorais, que veicula um posicionamento de ceticismo em relação à política, apelando para o protesto através do voto em branco ou do voto nulo.

De um lado, este ponto de vista é reforçado e apoiado pelos enunciados de EB23. Já em EB13, os enunciados retomam este mesmo discurso para questionar sua validade.

Mesmo caracterizando posições antagônicas, as alusões que fazem ao discurso do voto nulo ou em branco remetem a ambos para um mesmo referencial. Daí, sua junção neste grupo.

11

EB15. "Todos devem engajar-se na luta pela democracia."
 EB17. "É preciso resgatar os valores da união e da igualdade fraterna entre as pessoas."
 EB20. "Um futuro melhor depende de cada indivíduo."

Todos os enunciados de base que compõem este grupo aparecem nos finais das redações produzidas e apontam para uma esperança de melhoria futura na política nacional.

Particularmente, o que os aproxima é o fato de apostarem nas ações dos indivíduos como propulsoras da mudança. Como já registrado anteriormente (p. 103), esta referência ao indivíduo remete tanto para o individualismo do "cada um por si", bem como apresenta-o como um agente político da mudança, solidário aos demais indivíduos, numa ação coletiva.

12

EB16. "Em nosso país, uma elite minoritária domina a maioria."

13

EB18. "Já vivemos em uma democracia plena."

14

EB19. "A educação do povo é um instrumento de democratização."

15

EB21. "Atualmente, não existe democracia em nosso país."

1.3 - **PROPOSTA 3: a redução a enunciados elementares**

A partir da análise e reordenamento dos grupos que compõem a proposta intermediária anterior, pode-se avançar em direção a uma proposta ainda mais ousada de redução e busca de identidades discursivas entre os enunciados. Esta, por sua vez, possibilitará definir, a partir de novas junções de enunciados de base, as unidades discursivas mínimas encontradas no *corpus* sob análise. Estas unidades mínimas - aqui denominadas de “**enunciados elementares**” - corresponderiam ao ponto de chegada do processo de catalogação e redução dos 633 enunciados efetivamente produzidos e destacados da superfície discursiva das redações analisadas; o momento de maior grau de condensação que o trabalho em busca do “idêntico no já-dito” permitiu produzir.

Desta forma, reagrupando os enunciados em grandes famílias parafrásticas, podemos reduzi-los a 6 grandes grupos:

GRUPO 1

EB01. "Através de muita luta, o povo alcançou diversas conquistas democráticas, representadas pelo direito ao voto"
 EB05. "O voto é uma arma do eleitor."
 EB18. "Já vivemos em uma democracia plena."
 EB24. "O voto é sinônimo de democracia."

Por sua vez, este grupo poderia ser representado pelo seguinte enunciado elementar:

O VOTO É	UM SINÔNIMO DE DEMOCRACIA UMA CONQUISTA DO POVO UMA ARMA DO ELEITOR	
-----------------	--	---

No contexto da situação em que foram produzidos, os enunciados deste grupo são discursivamente parafrásticos enquanto apontam positivamente para a pergunta-tema da redação: “VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?”.

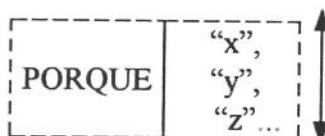
Ao admitir que já vivemos uma democracia plena, nela fica incluído o voto. Este também pode ser apresentado como uma das conquistas democráticas, como uma arma do eleitor, ou diretamente assumido como um sinônimo de democracia. São todos, portanto, índices que o caracterizam positivamente. Estas últimas expressões formam uma espécie de “classe de equivalência”, pois são aqui assumidas como intercambiáveis na situação discursiva em que foram produzidas (conforme indica a seta ao lado do enunciado elementar), o que possibilita postular a pertinência da redução em torno deste enunciado elementar.

GRUPO 2

- EB02. "O voto deveria ser sinônimo de democracia."
 EB03. "O voto deixa de ser democrático ao ser comprado/vendido em troca de dinheiro ou de pequenos favores."
 EB04. "O voto não é democrático porque é obrigatório."
 EB25. "No Brasil, voto não é sinônimo de democracia."

O enunciado elementar que agrupa os enunciados deste grupo é:

**O VOTO NÃO É
 SINÔNIMO DE
 DEMOCRACIA**



Neste grupo estão os enunciados de base que veiculam a posição diametralmente oposta a anterior.

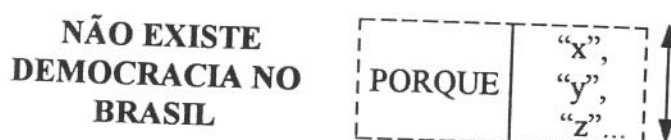
Aqui, além de ser enunciado explicitamente como não sendo um “sinônimo de democracia”, o voto vem acompanhado de índices apresentados como negativos e que,

portanto, justificariam o ponto de vista do enunciado elementar, tais como o fato de ser comprado/vendido, ser obrigatório, ou ainda (a efetivação do voto como sinônimo de democracia) ser uma possibilidade não concretizada atualmente.

GRUPO 3

- EB06. "A atual situação econômica do país impede a conscientização do povo."
 EB07. "O povo está desiludido/revoltado com a política."
 EB16. "Em nosso país, uma elite minoritária domina a maioria."
 EB21. "Atualmente, não existe democracia em nosso país."

Agrupando estes enunciados de base, tem-se o seguinte enunciado elementar:



Aqui também os enunciados situam-se na posição negativa quanto à pergunta-tema da redação. São enunciados de base que, entretanto, extrapolam a discussão localizada no voto/ato de votar (presente no grupo anterior), por apresentarem justificativas mais radicais (ou abrangentes) para sua posição negativa. Estas questionam não só o voto, mas a existência da própria democracia no país.

Na elaboração do enunciado elementar, chama-se atenção para a relação de causalidade entre as diversas justificativas apresentadas e o enunciado conclusivo da falta de democracia no país.

GRUPO 4

- EB11. "O voto aos 16 anos foi um casuísmo demagógico e não contribui para a democratização do país: o jovem não sabe votar."
 EB12. "Os analfabetos não sabem votar."
 EB14. "A maioria da população não sabe votar: precisa adquirir consciência/ser conscientizada."

Este grupo pode ser reduzido ao seguinte enunciado elementar:

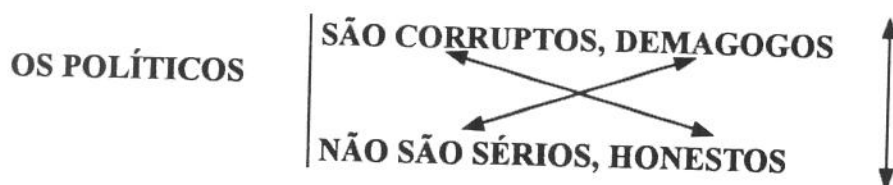


A justificativa comum da falta de conscientização da população, que, em seus mais variados segmentos, é apresentada como desqualificada para o ato de votar, é o traço comum que agrupa parafrasticamente os enunciados deste grupo, também negativo frente a pergunta-tema da redação.

GRUPO 5

EB09. "Os políticos não prestam: são corruptos, demagogos..."
 EB10. "O povo é manipulado/ludibriado pelos políticos."
 EB22. "O país precisa de políticos sérios e honestos."

O enunciado elementar que agrupa estes enunciados é:



As críticas aos políticos aparecem nos enunciados deste grupo tanto explicitamente, como de maneira indireta, ao se enunciar que o país "*precisa*" de políticos sérios e honestos (se "*precisa*", é porque estão em falta).

Há, entretanto, uma diferença entre estes dois tipos de asserção (já assinalada nas análises individuais destes EBs, pp. 75 e 108), uma vez que a primeira aponta somente

de forma negativa para o tema da pergunta, enquanto que a segunda chega a admitir a existência de políticos sérios e honestos; portanto, indicando possibilidades de ser positiva a associação entre voto e democracia.

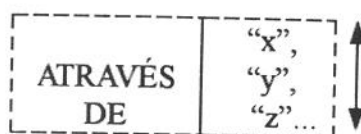
Ainda, na composição deste enunciado elementar, toma-se o enunciado EB10 (“O povo é manipulado/ludibriado pelos políticos”), invertendo-lhe a forma apassivada, o que resulta em: “Os políticos manipulam/ludibriam o povo”, ou seja, um enunciado contido em EB09 (“Os políticos não prestam: são corruptos, **demagogos...**”)

GRUPO 6

EB08. "Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país."
 EB13. "Não adianta votar em branco ou nulo."
 EB15. "Todos devem engajar-se na luta pela democracia."
 EB17. "É preciso resgatar os valores da união e da igualdade fraterna entre as pessoas."
 EB19. "A educação do povo é um instrumento de democratização."
 EB20. "Um futuro melhor depende de cada indivíduo."

Este grupo poderia ser reduzido ao seguinte enunciado elementar:

**É POSSÍVEL
 TORNAR O PAÍS
 DEMOCRÁTICO**



Neste último grupo (que também representa enunciados que ocorreram em sua grande parte ao final das redações produzidas pelos candidatos), é enunciada uma esperança em relação ao futuro da democracia em nosso país.

Os enunciados surgiram como um “fechamento” ou conclusão tanto de redações com postura positiva bem como daquelas com um linha de argumentação que se sustentava somente na crítica negativa do postulado que associa voto à democracia. Desta

forma, constituem-se como a fórmula padrão de encerramento do movimento encontrado nas redações e já aludido na análise da redação-síntese (p. 39): *“A” (ideal), mas “B”. É preciso fazer “X” para se chegar (ou retornar) ao ideal de “A”*. O enunciado elementar deste grupo constitui-se exatamente no momento de afirmação da possibilidade de, um dia, chegar-se ao ideal do “VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA”,⁶ apresentando, ainda, algumas das alternativas propostas pelos candidatos para que tal ideal se transforme em realidade.⁷

⁶ Registre-se novamente que, no jogo de imagens que envolve a situação de redação em concurso, esta fórmula pode também ser entendida como uma salvaguarda do candidato, uma última aposta na esperada posição positiva do corretor, da qual estaria, assim, compartilhando. Se, por um lado, este efeito discursivo pode até ser menosprezado em relação às redações que veiculam uma postura positiva frente ao tema; no caso das redações em que o candidato aponta uma seqüência de indicações negativas e, somente no final, registra esta “aposta num futuro melhor”, a possibilidade deste jogo, parece-me, fica patente.

⁷ Ao final desta terceira proposta de redução é necessário esclarecer que a ausência, nos grupos, do EB23 (“Votar em branco ou nulo são formas legítimas de protesto”) é apenas aparente. Na verdade, para efeito das aproximações que foram necessárias na composição dos 6 grupos, este enunciado de base encontra-se recuperado (e abarcado) pelo seu oposto, EB13 (“Não adianta votar em branco ou nulo”), presente no Grupo 6. São, portanto, tomados como uma unidade: aquela efetivada no grupo 10 da proposta intermediária (cf. p.148)

1.3.1 - Os enunciados elementares no movimento básico das redações

No momento em que o processo de redução de enunciados parece ter chegado ao seu limite, é interessante retornar ao esquema do movimento básico que se postula estar subjacente à maioria das redações analisadas e que serviu de esquema para organizar a redação-síntese proposta no Capítulo II (p. 38), quando eram 25 os enunciados de base.

Aqui, trata-se de aplicar aquele mesmo esquema aos 6 enunciados elementares. Dado que estes nada mais são do que a condensação máxima dos mesmos 633 enunciados que resultaram nas 25 famílias parafrásticas, a hipótese é a de que também estes 6 enunciados elementares encaixem-se nos momentos do esquema então postulado, eventualmente possibilitando também explicitar algumas de suas variações.

O estágio final de redução dos enunciados levado a efeito no item anterior apontou como enunciados elementares os seguintes:

1 - “O voto é sinônimo de democracia.”

2 - “O voto não é sinônimo de democracia.”

3 - “Não existe democracia no Brasil.”

4 - “O povo não sabe votar.”

5 - “Os políticos são corruptos, demagogos.”

6 - “É possível tornar o país democrático.”

Um simples exercício de análise, guiado inicialmente pela leitura linear dos enunciados, revela algumas constatações óbvias e algum estranhamento. Senão, vejamos:

- pode-se perfeitamente constatar que entre 1 e 2 existe uma relação direta de oposição: são ambos resultado de posicionamentos perfeitamente possíveis frente a qualquer in-

- dagação, como é o caso do tema proposto para as redações, que se trata de uma pergunta. As respostas mais previsíveis são: “sim” (em 1) ou “não” (em 2);
- 3, 4 e 5 são argumentos que reforçam 2;
 - dado o peso quantitativo dos argumentos em favor de 2, tende-se a relativizar a afirmação de 1. Dessa forma, força-se uma leitura que a tome como uma afirmação genérica e, principalmente, atemporal (portanto, ideal)⁸;
 - Como explicar a ocorrência de 6 em meio a tantos índices que apontam para o negativo? Aqui, a linearidade deste exercício de análise precisa ser quebrada. É necessário entender que esta ocorrência **retoma 1**. E, nesta retomada, reforça e respalda a leitura atemporal que 2, 3, 4 e 5 apontam para este mesmo 1. Mas 6 não funciona somente em relação a 1: aparecendo **depois** de 2, 3, 4 e 5, é um argumento contrário ao conjunto dos que, juntos, apontam para o negativo. No mínimo, caracteriza-os como realidades superáveis, a fim de apresentar o seu (de 6) conteúdo como mais forte.

Nestes movimentos, reproduz-se exatamente o esquema anteriormente proposto como básico para as redações (Ver p. 39):

⁸ Uma explicação que foge à leitura linear aqui desenvolvida (mas que confirma suas conclusões) é a de que, discursivamente, para o caso das respostas ao tema VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?, somente o **não** (em 2) precisa ser justificado, daí o peso quantitativo de argumentos que respaldam esta resposta negativa. O **sim** (em 1) não necessita de justificativa, visto que a democracia, enquanto ideal, é tida como um valor *em si*. (Devo esta observação a J. W. Geraldi).

A	= "O voto é (atemporalmente) sinônimo de democracia"
Mas B	= "O voto (hoje) não é sinônimo de democracia" (porque) "o povo não sabe votar", "os políticos são corruptos e demagogos"; "não existe democracia no Brasil."
Deve-se fazer X para acabar com B e retomar a A	= "É possível tornar o país democrático".

Uma variação deste esquema permite contemplar a estrutura daquelas redações que, ao longo deste trabalho, têm sido referidas como **redações em que predomina um posicionamento negativo em relação à possibilidade do voto ser entendido como sinônimo de democracia**. Como já registrado, mesmo nestas, os candidatos não se furtaram a indicar uma possibilidade do voto vir a ser sinônimo de democracia.

Para estas redações, teríamos, então, uma pequena inversão do esquema textual anteriormente proposto:

A, porque A'	= "O voto não é sinônimo de democracia" porque "o povo não sabe votar", "os políticos são corruptos e demagogos"; "não existe democracia no Brasil."
Mas B,	= Mas "é possível tornar o país democrático."
se X para acabar com A'	= Se (ações que eliminem A')

1.4 - Algumas ressalvas necessárias

Ao colocar um ponto final no trabalho de compactação dos enunciados até aqui desenvolvido, considero necessário registrar algumas considerações, tanto de ordem metodológica, quanto teórica, em relação a alguns postulados da AD que vêm orientando o percurso deste trabalho.

A primeira delas é uma constatação: num primeiro momento (e a seu modo), a opção em segmentar o *corpus* de redações, tomando-lhe somente os enunciados isolados, de certa forma deixa de lado os movimentos textuais de articulação destes mesmos enunciados *nas superfícies textuais em que ocorrem nas redações produzidas*. Deles não pode dar conta, porque o que busca é a compactação de enunciados em torno de famílias parafrásticas que possibilitem chegar a algo que funcione como uma espécie de “arqui-enunciado”⁹. Entretanto, parece-me que este trabalho inicial:

- a) **não prescinde totalmente dos movimentos textuais dos enunciados**: ao longo das análises, os enunciados não são tratados como algo isolado, mas considerados em relação não só ao texto/redação de que fazem parte, como também são levadas em consideração as relações discursivas que estabelecem com o enunciado de base que os representa e com os demais EBs do *corpus* como um todo;

⁹ Expressão formada por analogia a um termo da nomenclatura da Fonologia de Praga. Se lá tem-se o “arquifonema”, para representar uma classe de fonemas que se neutraliza em certos contextos, aqui o “arqui-enunciado” representa aqueles enunciados elaborados a partir de uma variedade de enunciados efetivamente ocorridos e que a análise discursiva agrupou numa espécie de classe de enunciados, a família parafrástica.

b) **é condição prévia para uma abordagem discursiva voltada à análise das relações internas dos discursos:** mesmo com suas limitações, este trabalho de “cadastramento” de enunciados parece constituir-se num passo necessário à abordagem de qualquer material discursivo. Para tentar responder a pergunta: “*O que se diz (ou se escreve) neste material?*”, um dos caminhos é este: a partir do conjunto dos enunciados que compõem o *corpus* escolhido, chegar aos enunciados básicos que permitam filiar o discurso a esta ou àquela formação discursiva. Respondida a pergunta sobre o “**o quê**” se diz, pode-se avançar - como se tentará fazer no capítulo seguinte - na resposta ao “**como**” se diz, por exemplo. E, neste sentido, parece improcedente a crença - um tanto difundida no terreno da Análise do Discurso - de que a terceira fase da Análise do Discurso (AD3) surgiu para negar os procedimentos da AD1: pelo contrário, ela continua supondo um levantamento prévio de enunciados efetivamente produzidos. Isto porque o conjunto de noções produzidas pela AD3 (heterogeneidades, cenas enunciativas, polifonia, etc)¹⁰, num certo sentido, funcionam muito mais como conceitos explicativos para determinado material discursivo já organizado. E esta organização, por sua vez, necessita lançar mão de um conjunto de conceitos operativos, que dêem conta dos dados empíricos. E, dessa forma, continua sendo necessária uma análise prévia e mais minuciosa que, debruçando-se sobre os dados, instrumentalizada por uma certa noção de paráfrase discursiva, permita organizar o material básico para esta análise posterior, mais explicativa. Do contrário, pode-se correr o risco de construir uma Análise do Discurso *sem discurso*, sem olhar para a língua, para os enunciados, ou ainda que selecione apenas aqueles exemplos considerados “mais interessantes” para ilustrar os conceitos com os quais se vai trabalhar.

¹⁰ conceitos que aparecerão nas análises do próximo capítulo.

É nesse sentido que se deve considerar o caminho percorrido até aqui e as direções que se anunciam para a seqüência do trabalho: tratou-se de explicitar, o mais detalhadamente possível, um tipo de exercício com um conjunto de transformações de enunciados que pudesse dar condições de partir para análises mais elaboradas, que tomem o texto como unidade de análise.

Ao contrário de outros trabalhos em AD que, por motivos ideológicos, metodológicos, ou até mesmo por falta de paciência do pesquisador, não têm explicitado esse momento - alguns até mesmo não conseguindo detectar sua presença na origem dos diferentes arquivos que tomam como base para análise - esse trabalho o faz: explicita este momento prévio, talvez até dando a ele uma dimensão que pode comprometer os outros momentos.

A segunda observação implica em destacar que o conceito de paráfrase discursiva, que foi sendo desenvolvido ao longo do trabalho de compactação dos enunciados como um conceito que aponta para o idêntico, tem seus compromissos teóricos com um dos postulados básicos da AD (herdado do estruturalismo): o de combater todo resquício de autonomia do sujeito. E, neste sentido, a paráfrase discursiva vai caracterizar-se como uma manifestação da heterogeneidade discursiva que vê no “outro discurso” (resgatado pelo discurso aqui-agora) somente o idêntico, a repetição de um discurso já-dito. Trata-se de um projeto que, dado um universo específico de enunciados, parte em busca das identidades e repetições.

Entretanto, pode-se postular uma análise no sentido inverso: dado um conjunto de enunciados recorrentes em determinado universo discursivo, é possível buscar as **diferenças**. Evidentemente, para tal tarefa, é necessário rever o conceito de *sujeito* e o papel que lhe é atribuído pela Análise do Discurso. Mais que isso, é preciso, ainda, con-

siderar o conceito de paráfrase discursiva não só como compactador de enunciados idênticos, mas também como produtivo para a busca das diferenças. Desta forma, na contramão do projeto de busca de identidades, é possível ver (exatamente nos dados que nele foram desprezados) o diferente. E, em consequência desta mudança de direção, pode-se começar a questionar até que ponto o conceito de heterogeneidade em AD recupera o discurso-outro (já-dito) como *diferente* ou se, apesar das intenções e declarações de princípios, se constitui muito mais em outro projeto homogeneizador, que reduz o diferente (do já-dito) ao *igual, repetido*.

Uma tentativa de aplicação dessa possibilidade de destacar o diferente é apresentada a seguir.

2. No idêntico, o diferente

Se se quisesse abordar um conjunto de enunciados reunidos em determinada família parafrástica privilegiando não mais o idêntico/repetível e sim o diferente, partiríamos do enunciado de base que o trabalho de compactação produziu para chegar às diferentes formas de *aparecimento efetivo* do conteúdo deste enunciado de base na superfície das redações. Com esta estratégia, mais uma vez fica confirmada a validade do trabalho de compactação como uma etapa prévia na abordagem discursiva do material: trata-se, num primeiro momento, de circunscrever aqueles enunciados que, pertencendo a uma mesma família parafrástica, têm valor aproximado, mais ou menos equivalente, no discurso produzido. Deles, pode-se seguir em busca das diferenças.

Exemplificando este duplo processo, tome-se uma das 25 famílias parafrásticas do capítulo anterior: a do EB09, por exemplo (“Os políticos não prestam: são corruptos, demagogos...” - p. 75). Ao retornarmos às análises então elaboradas, nelas encontramos exatamente uma tensão entre o igual e o diferente: todo o esforço para a compactação leva em consideração (e admite) o diferente. E é exatamente por isso que a compactação resulta de um “esforço”. Os enunciados são parcialmente distintos (ao nível da superfície textual), e todo o trabalho em direção às identidades pode também ser visto como um destaque do diferente - mesmo sendo um destaque que vai se ocupar das diferenças para preteri-las em favor das similitudes (encontradas e/ou construídas).

Assim é que, na análise anterior do EB09, foram assinaladas aquelas formas consideradas discursivamente parafrásticas de “os políticos **não prestam**”. E, naquele mesmo momento, o rol de expressões serviu também para catalogar **as diferentes formas de aparecimento** das referências críticas aos políticos no discurso dos professores-redatores. Se, entretanto, naquele momento, o que interessava era registrar que, apesar das diferenças aparentes, os enunciados poderiam, no contexto discursivo em que foram produzidos, ser considerados parafrásticos, agora trata-se de destacar exatamente o oposto: dado que pertencem a uma mesma família parafrástica, pode-se, então, privilegiar as nuances que constituem as diferenças entre um enunciado e outro; o aspecto específico que, na crítica de cada redator, acabou sendo por ele selecionado (de um hipotético universo de críticas que compõem o discurso já-dito da crítica aos políticos) para compor o seu discurso, articulado no aqui-agora da redação.

Retomemos cada um dos exemplos de enunciados selecionados para a análise do EB09. Visto que o que têm de idêntico é a crítica aos políticos, uma leitura que destaque

as diferenças resultará na explicitação dos diferentes aspectos negativos com que cada enunciado registra esta crítica.

Teríamos, então:

B09	R006	E025	Pessoas que fazem da vida política um jogo de interesses pessoais e dos grupos que se escondem por traz, colocando dinheiro e prestígio nos seus candidatos.
-----	------	------	--

Aqui, na crítica aos políticos, são destacados o “*jogo de interesses pessoais*” e o comprometimento dos políticos com a elite econômica, num enunciado que opõe-se frontalmente aos postulados de um discurso que procura fazer crer que tanto as disputas eleitorais quanto a atuação dos eleitos seriam motivadas por supostos interesses “da coletividade” ou “do bem comum”.

B09	R022	E086	Mas, eu me pergunto: será que vale a pena? Neste mundo tão cheio de políticos inescrupulosos e corruptos, quem você vai escolher? Não está escrito na testa de nenhum deles se são bons ou ruins.
-----	------	------	---

Já neste enunciado, privilegia-se um certo sentimento de decepção quanto ao processo eleitoral. Isto porque, ao eleitor (incumbido de fazer a escolha certa e cercado de um “*mundo tão cheio de políticos inescrupulosos e corruptos*”) só resta julgar pela aparência e, como “as aparências enganam” (ditado popular recuperado pela última seqüência do enunciado), resta a decepção e um certo imobilismo.

B09	R022	E088	Liberdade de escolher. Quem? Políticos como Magri, Alceni e tantos outros que ajudaram a fraudar a Previdência.
-----	------	------	---

Uma variante do questionamento da suposta democracia existente no país aparece neste enunciado e, mais uma vez, é justificada pela apresentação dos políticos como

corruptos. Nesta apresentação, faz-se menção nominal a dois ministros do Governo Collor que ganharam notoriedade por acusação de envolvimento em esquemas de corrupção. Assim, a crítica contida neste enunciado respalda-se na alusão a casos específicos, singulares, que são tomados como exemplares para a generalização da crítica negativa a todos os políticos.

B09	R032	E131	... como já sabemos, o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.
-----	------	------	---

Aqui, a crítica incide na demagogia de políticos que prometem e não cumprem e na corrupção, caracterizada como prática exclusiva dos políticos (*“só querem sugar”*, *“total exploração”*). E esta realidade é apresentada como algo de conhecimento público e notório (*“como já sabemos”*), o que lhe confere também um *status* de verdade inquestionável, que retrata uma prática já cristalizada dos políticos.

B09	R032	E133	Todos dizem: - Precisamos escolher políticos novos, com idéias modernas! Qual nada, todos copiam os mesmos estilos dos políticos antigos e nada fazem para o bem do povo, mas sim para o seu próprio bem-estar.
-----	------	------	---

Neste enunciado polifônico, a crítica aos políticos é resultado de um confronto explícito entre dois dizeres¹¹: um dizer-1, citado em discurso direto e atribuído a *“todos”*, uma voz coletiva, geral e, ao mesmo tempo, indefinida, que sustentaria uma posição de esperança em *“políticos novos, com idéias modernas”* e que, apelando, portanto, para o *“discurso do novo”*, prega a participação no processo eleitoral e, por outro lado, um dizer-2 (posição assimilável ao ponto de vista do locutor do enunciado) que

¹¹ Sobre esta distinção de dizeres, proposta por Ducrot, ver nota 12 do Capítulo II, p. 66.

desautoriza o dizer-1, assumindo uma posição de descrença frente ao políticos e ao processo eleitoral. Note-se, entretanto, que este dizer-2 não se contrapõe à valorização do “novo” contida no discurso do dizer-1. Pelo contrário, confirma este juízo de valor exatamente quando contra-argumenta que os políticos de hoje “copiam os mesmos estilos dos políticos antigos”. Ou seja, reforça ainda mais a distinção “novo” = positivo ‘versus’ “velho” = negativo. Assim, o ponto de divergência entre estes dois discursos estaria em que o primeiro assume que o “novo” é um aspecto já presente nos políticos de hoje, enquanto que o segundo discorda desta presença, reforçando, ainda, a crítica de que os políticos só se preocupam com seus próprios interesses.

B09	R035	E144	Todos aqueles que se candidatam só querem aproveitar as mordomias do cargo.
-----	------	------	---

Esta é uma crítica direta e generalizante, que desacredita do processo eleitoral ao associar negativamente não só os políticos com mandato, mas “*todos aqueles que se candidatam*”, a supostas mordomias. Logo, se todos, já desde a candidatura, só querem mordomia, não há saída: o processo está viciado.

B09	R041	E165	...os corruptos somente roubam do povo e não pensam nos baixos salários e nas dificuldades pelas quais atravessa o país, tanto na área educacional, como na saúde, bem-estar social e outros.
-----	------	------	---

Neste enunciado, as práticas corruptas dos políticos são apresentadas em oposição à constatação das dificuldades que o país atravessa na área social. É deste confronto de realidades antagônicas que sai a força argumentativa da crítica aos políticos: estes são indiretamente apresentados como responsáveis pelas dificuldades apontadas, pois fazem

o que não deveriam (“roubam do povo”) e não fazem o que deveriam (pensar “nas dificuldades pelas quais atravessa o país”).

B09	R050	E201	...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.
-----	------	------	---

Mais uma vez a figura do político é caracterizada negativamente como a de alguém que não está preocupado com o bem comum, pois é comprometido com os grupos econômicos que financiaram sua eleição. Opõe-se a este político, “uma população doente por não conseguir se libertar”. A formulação desta expressão permite que dela se façam duas leituras: que a doença da população é consequência (1) do fato de **não estar liberta** (dos esquemas viciados de políticos oportunistas); ou (2) do fato de **não conseguir se libertar**. Em (1) a doença seria provocada pelos esquemas impostos à uma população (passiva) e, em (2), seria resultado da indignação de uma população (ativa), frustrada pelo esforço de tentativas de libertação destes mesmos esquemas.

B09	R051	E203	...os políticos apresentam sua capacidade cada vez mais aguçada de ludibriar e enganar os poucos que ainda acreditam e a nação está prestes a assumir a sua verdadeira identidade de colônia.
-----	------	------	---

Neste enunciado, estão presentes diversos índices que atribuem um grau máximo aos aspectos negativos apontados: por um lado, os políticos são “**cada vez mais**” ludibriadores do povo; são “**poucos**” os que “*ainda acreditam*” e a verdadeira identidade de nosso país é a de uma “**colônia**”. Assim, a esperteza corrupta dos políticos cresce em moto-contínuo; quase todos não acreditam (nas possibilidades democráticas do processo eleitoral) e o país é refém de interesses escusos (de uma outra nação ou de uma categoria específica: a dos políticos corruptos).

B09	R083	E328	Pulam de partido, como macacos de galho em galho, visando não o povo, mas sim favorecendo-se, para poder continuar trapaceando.
-----	------	------	---

O que diferencia este enunciado dos demais é o fato de destacar, na crítica aos políticos, a não-fidelidade partidária, a fim de estabelecer uma comparação não muito lisonjeira entre políticos que trocam de partido e macacos que pulam de galho em galho. Tal como nos animais irracionais, estes malabarismos são apresentados como motivados por um instinto de sobrevivência. Só que, no caso dos políticos, trata-se da sobrevivência de esquemas de corrupção, que contrapõem os interesses pessoais dos políticos aos interesses da maioria (do “*povo*”), traço também presente em outros enunciados.

B09	R103	E429	Não possuem o mínimo de responsabilidade com o cargo que lhes foi confiado através do voto daquele desesperado que, a cada eleição, renova sua esperança em melhorar as condições de vida, que seja mais digna e mais humana.
-----	------	------	---

O que destaca este enunciado dentre os demais é o fato de contrastar a falta de responsabilidade dos políticos à esperança do “desesperado” eleitor. E este contraste agrava ainda mais a crítica aos políticos: esta esperança é “**renovada** a cada eleição”, ou seja, vem constantemente sendo frustrada pelos políticos.

A referência à esperança do eleitor contida neste enunciado estabelece, ainda, no conjunto dos enunciados retirados das redações, uma relação de continuidade que aproxima aqueles enunciados da família parafrástica do EB07 (“O povo está desiludido/revoltado com a política) aos de EB08 (“Devemos ter esperança de que é possível um futuro melhor para o país”) (pp. 69 e 71). Mesmo já desesperado, o eleitor aposta num futuro melhor, renovando suas esperanças a cada eleição.

B09	R118	E506	Os políticos que estão aí (Brasília, é claro, porque os nossos acho que estão fazendo a parte deles), voltando a Brasília, que nós ajudamos a colocá-los, não estão fazendo absolutamente nada para que o Brasil dê certo. Ao contrário, só se preocupam com eles. Estão aí seu João Alves, Ibsen Pinheiro etc... e, se não bastasse isso, agora eles não estão nem preocupados em começar a revisão da Constituição.
-----	------	------	---

O traço que destaca este enunciado é o fato de estabelecer uma divisão entre os políticos locais e os nacionais. Os primeiros não seriam merecedores de crítica, visto que “estão fazendo a parte deles”, ao contrário dos segundos, que “não estão fazendo absolutamente nada”¹².

Tal como as críticas dos demais enunciados, aqui também destaca-se o interesse pessoal dos políticos em detrimento dos interesses da coletividade. O que traz de diferente é que, neste enunciado, a crítica aos políticos se reveste de um caráter de atualidade ao referir-se a figuras que, na época, ocupavam as manchetes dos escândalos do legislativo e ao tema da revisão constitucional, que já então entrava na pauta do noticiário político.

Se, por um lado, semelhanças continuam a ser encontradas dentre os enunciados acima analisados, por outro, é certo que o número de diferenças destacadas é bem maior. Como se sustenta, então, o procedimento inicial de unificação destes enunciados em torno de um EB comum? Primeiramente, é necessário lembrar que não é por procedimentos sintático-semânticos em sentido estrito que são unificados. O que os aproxima **discursivamente** é o fato de veicularem *críticas aos políticos*, no que não são em nada originais, dado que reproduzem pontos de vista correntes no cotidiano (na mídia, em conversas informais, etc). Pelos procedimentos que, neste trabalho, têm-se chamado de

¹² De passagem, recorde-se que o candidato presta concurso para um cargo de professor na esfera do poder **municipal**. Algo a ver com esta distinção de políticos?

paráfrase discursiva, supera-se o nível da superfície textual para ir buscar, nos elementos que caracterizam o contexto específico de produção destas seqüências, os processos discursivos que, no interior de uma formação discursiva, fazem com que proposições literalmente diferentes possam ter o mesmo sentido. E isto só é possível a partir de uma distinção fundamental: *texto* e *discurso* são categorias de ordem distinta. O primeiro é do domínio puramente lingüístico; já o segundo, extrapola este domínio, indo estabelecer relações entre o campo da linguagem e o da ideologia. A relação entre os dois é de realização: o discurso só encontra sua expressão em textos.

Assim, o discurso se repete, mas há espaço para uma certa “criatividade” lingüística do sujeito no nível textual. Em outras palavras, é o que afirma KRESS (1985):

“...as discourse and text are distinct categories, and as discourse must be realized in a specific genre, it is possible for the speaker to use established discursive rules, but to give them a relatively novel implementation in text.(...) Hence, it is in text rather than in discourse that language users can exercise creativity; while discourses are relatively fixed, texts are relatively unstable and unpredictable. The unpredictability of texts is a major cause of linguistic change.” (Kress, 1985 : 31-32) (grifos meus).

No capítulo seguinte, após a síntese de alguns elementos teóricos em torno da polifonia discursiva, serão apresentadas propostas de análise de alguns textos inteiros, com vistas a tentar registrar os movimentos discursivos e a “relativa criatividade lingüística” dos professores-candidatos, detectáveis no nível da superfície textual das redações produzidas.

CAPÍTULO IV

MONOLOGIA E POLIFONIA NO DISCURSO POLÍTICO DOS PROFESSORES: como os discursos dialogam nas redações analisadas

1. Algumas considerações sobre a natureza do discurso:¹

A crença na unicidade do sujeito e, por conseguinte, no fato de que este é a única fonte de seu dizer, segundo DUCROT (1984: 161), por pelo menos dois séculos, foi tida como uma verdade óbvia nas ciências linguísticas. Óbvia a ponto de constituir-se num postulado implícito de todas as correntes da chamada “lingüística moderna”.

Esta obviedade começou a ser questionada radicalmente a partir dos trabalhos de BAKHTIN. Foi ele quem primeiro chamou atenção para a natureza polifônica, dialógica do discurso. Para o autor, ao contrário do que acreditava a tradição daquele pensamento, nenhum locutor é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, que ele é o primeiro a nomear:

“Na verdade, o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências.” (Bakhtin, 1979: 319)

¹ Sempre que possível, os conceitos serão ilustrados com exemplos retirados das redações dos professores e apresentados em notas de rodapé para não descaracterizar a continuidade das sínteses aqui desenvolvidas.

Em seus trabalhos sobre a natureza do discurso literário, mostrou que todo discurso concreto, todo enunciado existente, *“surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social”* (Bakhtin, 1975: 86). Mais ainda, destacou que a dialogicidade interna do discurso não se esgota apenas no fato de que todo discurso depara-se com o já-dito, o discurso alheio já proferido sobre o objeto de enunciação para o qual está voltado. Ela também relaciona-se com o futuro: *“O discurso vivo e corrente está imediatamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado.”* (Bakhtin, 1975: 89) Daí insistir, em diversos momentos de seus escritos, na definição do enunciado como **“um elo na cadeia da comunicação verbal”**, inseparável dos elos que o determinam interna e externamente e que nele provocam reações-respostas imediatas, uma *“ressonância dialógica”*.

Prosseguindo ainda no estudo da natureza do discurso literário, BAKHTIN (1975), no texto *“A pessoa que fala no romance”*, trata das diversas formas com que a transmissão e o exame dos discursos de outrem participam - e com um peso preponderante - de todos os objetos do discurso.

Para o autor, basta prestar atenção às palavras que se ouvem por toda parte para afirmar-se que, no discurso de qualquer pessoa que vive em sociedade, em média, pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem:

“Ouve-se, no cotidiano, a cada passo, falar do sujeito que fala e daquilo que ele fala. Pode-se mesmo dizer: fala-se

no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem - transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc. Se prestarmos atenção aos trechos de um diálogo tomado ao vivo na rua, na multidão, nas filas, no hall, etc., ouviremos com que frequência se repetem as palavras “diz”, “dizem”, “disse”, e frequentemente escutando-se uma conversa rápida de pessoas na multidão, ouve-se como que tudo se juntar num único “ele disse”, “você diz”, “eu digo”... E como é importante o “todos dizem” e o “ele disse” para a opinião pública, a fofoca, o mexerico, a calúnia, etc. (...) A todo instante se encontra nas conversas “uma citação” ou “uma referência” àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que “se diz” ou àquilo que “todos dizem”, às palavras de um interlocutor, às nossas próprias palavras anteriormente ditas, a um jornal, a um decreto, a um documento, a um livro, etc. A maioria das informações e opiniões não são transmitidas geralmente, em forma direta, originária do próprio falante, mas referem-se a uma fonte geral indeterminada: “ouvi dizer”, “consideram”, “pensam”, etc.” (Bakhtin, 1975: 139-40)

BAKHTIN ressalta ainda que a citação do discurso de outro não é uma mera repetição. Ela pode, sim, ser transmitida em todos os níveis possíveis de exatidão e imparcialidade, mas também pode sofrer toda espécie de enquadramento interpretativo, de reconsideração, re-acentuação e, até mesmo, de deformação. É o que chama de **“transmissão interessada de caráter prático”**:

“É necessário observar o seguinte: por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto está submetido a notáveis transformações de significado. (...) Recorrendo-se a procedimentos de enquadramento apropriados, pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata. É particularmente fácil, manipulando-se o contexto, elevar o grau de objetividade da palavra de outrem, provocando reações dialógicas ligadas à objetividade; assim, é muito fácil tornar cômica a mais séria das declarações. (...) A palavra alheia introduzida no discurso estabelece com o discurso que a engendra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso.” (Bakhtin, 1975: 141- grifo meu)

A assim nomeada por BAKHTIN “transmissão interessada de caráter prático” merece uma atenção especial no contexto do presente trabalho, visto que, dentre outras, está-se aqui tratando das coisas que se dizem e “se repetem” sobre determinado tema ou objeto de discurso. Tal qual um analista de discurso *avant la lettre*, o autor de *Questões de Literatura...*, parece-me, está introduzindo um elemento fundamental para o conceito de paráfrase discursiva: nunca uma voz, um Outro, ao ser retomado (por qualquer forma de citação) o é de maneira cristalizada, exatamente idêntica à sua ocorrência anterior. Muda-se o contexto, muda-se o sentido. É essa espécie de “identidade-diferente” aqui registrada que vai ser reafirmada anos mais tarde por PÊCHEUX, que mostra que se o

“idêntico” pode ser “diferente”, o inverso também pode ocorrer (sempre num espaço discursivo específico, historicamente situado)².

Ao contrário do que imaginava DUCROT (1984: 161), para quem: “... *esta teoria de Bakhtine, segundo meu conhecimento, sempre foi aplicada a textos, ou seja, a seqüências de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz*” (grifos meus), à página 110 de seu “Questões de literatura...”, o próprio Bakhtin chega a localizar a polifonia também no nível do enunciado.

Diz ele:

“Denominamos construção híbrida o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas. Repetimos que entre esses enunciados, estilos, linguagens, perspectivas, não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática: a divisão das vozes e das linguagens ocorre nos limites de um único conjunto sintático, freqüentemente nos limites de uma proposição simples, freqüentemente também, um mesmo discurso pertence simultaneamente às duas línguas, às duas perspectivas que se cruzam numa construção híbrida, e, por conseguinte, tem dois sentidos divergentes, dois tons.”
(Bakhtin, 1975: 110)

² Esta observação (até certo ponto marginal à síntese aqui desenvolvida) encontra-se melhor desenvolvida ao longo do item 2 do Capítulo II, onde são discutidos alguns conceitos de paráfrase.

Talvez desconhecendo - ou preferindo ignorar - esta passagem, DUCROT pretende reparar a ausência por ele sentida na teoria bakhtiniana, construindo (no campo da “pragmática semântica”, ou “pragmática lingüística”) sua teoria polifônica da enunciação, para estender o conceito de polifonia ao nível do enunciado.

Para DUCROT (1984: 187), do ponto de vista empírico, a enunciação é certamente a ação de um único sujeito falante, *“mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia das falas.”*

Ressalta que, de início, no quadro de sua teoria polifônica, é necessário não se confundir o sujeito falante (“um elemento da experiência” - um ser empírico) com o locutor (“uma ficção discursiva” - um ser do discurso).

Ainda, no próprio interior da noção de locutor, distingue o locutor enquanto tal (por abreviação “L”) e o locutor enquanto ser do mundo (“λ”). Assim, L é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade; λ é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado. L e λ são seres do discurso, constituídos no sentido do enunciado e com estatuto metodológico totalmente diferente daquele do falante, que é uma representação “externa” da fala, estranha àquela que é veiculada pelo enunciado.

A esta altura, registra um primeiro tipo de polifonia: *aquela em que o enunciado mobiliza dois locutores, dados como distintos e irreduzíveis*. Os exemplos mais notórios deste tipo podem ser encontrados:

a) quando o enunciado é referido a uma voz coletiva, um “nós”³;

³ Exemplo: *“...como já sabemos, o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.”* (E132)

- b) na retomada, tanto de um discurso de outrem (“eco imitativo”), como do discurso próprio⁴ ;
- c) nos fenômenos da dupla enunciação, principalmente nos casos do discurso relatado em estilo direto⁵ ; e
- d) ao apresentar um discurso imaginário, tipo “Se alguém me dissesse...”, etc.

DUCROT destaca ainda um segundo tipo de polifonia: *quando, no discurso, se encontra a voz de alguém que não tenha as propriedades atribuídas ao locutor*. Para caracterizar esse alguém, desenvolve o conceito de Enunciadores, vozes que não são de um locutor, mas que o sentido da enunciação faz ouvir:

“Chamo ‘enunciadores’ estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuem palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras.”
(Ducrot, 1984: 192)

⁴ Exemplo: **“Voto democrático? Até onde? Se o voto é obrigatório e, se não votarmos, sofreremos penalidades.”** (E366), onde o tema proposto para a redação (um discurso (de) outro) é explicitamente retomado e sua possibilidade de afirmação positiva rechaçada; e

“São muitos os esclarecimentos a serem feitos em todos os setores. No educacional, **quando falo em educacional**, não estou me referindo somente a aprendizagem nos bancos escolares, mas àquela que trazemos de nossos pais, nos ambientes de trabalho, entre amigos, enfim, o esclarecimento em vários segmentos da sociedade, de onde somos participantes ativos, de que o voto tem uma importância fundamental e é muito valioso para todos nós e precioso para aqueles que o querem.” (E191), onde há a retomada do próprio discurso a fim de se precisar o sentido da expressão destacada.

⁵ Exemplo: **“Mas, como dizem os políticos: ‘Minha gente, a luta continua...’”** (E375)

O locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes. Sua posição própria se manifesta porque se assimila a este ou àquele enunciatador (que é, assim, atualizado), ou pode ainda aparecer exatamente porque escolheu fazer aparecer essas “vozes”: a existência discursiva que lhes é dada, a referência que fazem de que alguém assume certa posição, dá importância a estas posições, mesmo para quem delas não compartilha. Este aparecimento de vozes, por si só, já significa discursivamente.

Ainda segundo DUCROT, são exemplos deste segundo tipo de polifonia, dentre outros:

- a) a ironia, em que se diz A para levar a entender não-A; A não se atribuindo a L, mas atribuído a um E. O E' que sustentaria o ponto de vista razoável, não aparece senão marcado pela evidência situacional, entonações particulares, a careta, o fato de chamar atenção para os elementos da situação que exigem imediatamente o ponto de vista apresentado⁶;
- b) os diferentes tipos de negação: metalingüística⁷, polêmica⁸ e negação descritiva (um derivado delocutivo da negação polêmica: ao descrever-se Pedro dizendo “ele não é

⁶ Exemplo: " **Naturalmente** que o povo não será induzido a escolher. Este fará a análise da vida política de cada candidato, do partido, bem como verificará se as propostas são condizentes com a nossa realidade'." (E225). Obviamente que a ironia aqui registrada só pode ser afirmada na relação do enunciado com o restante do texto. (Ver Redação 058, no Anexo V)

⁷ Cf. conceito já explicitado na p. 82 deste trabalho. Exemplo: "Todos dizem: - **Precisamos escolher políticos novos, com idéias modernas! Qual nada, todos copiam os mesmos estilos dos políticos antigos e nada fazem para o bem do povo, mas sim para o seu próprio bem-estar.**" (E134), em que o que se nega não é só o conteúdo de um outro enunciatador, mas a própria legitimidade da enunciação. Aqui, presumo que a negação metalingüística incide sobre "políticos novos, com idéias modernas". Esta expressão é refutada pela seqüência (em negrito), que a contradiz, opondo aos elementos "novos e modernos" da fala de um enunciatador ao "copiar dos antigos", de um segundo enunciatador, assimilável ao locutor.

⁸ Cf. conceito já explicitado na p. 62 deste trabalho. O exemplo é o mesmo de então: "O problema não está no voto, mas, sim, nos políticos." (E466)

inteligente”, está-se atribuindo a ele a propriedade que legitimaria opor-se ao enunciado que tivesse afirmado que ele é inteligente)⁹;

c) atos primitivos e atos derivados, tal como ocorre na concessão: “É certo que... (ato derivado), mas... (ato primitivo); e

d) a pressuposição: “Pedro parou de fumar” conteria dois enunciadores: E₁, assimilável a um certo “SE”, que afirmaria que “Pedro fumava anteriormente” e E₂, assimilável ao locutor, que se responsabilizaria pela afirmação de que Pedro não fuma atualmente¹⁰.

2. As heterogeneidades discursivas:

A questão da complexidade enunciativa - com que se depara qualquer abordagem lingüística que assuma a polifonia como constitutiva do discurso - merece um tratamento privilegiado no terreno da Análise do Discurso. Até porque, mesmo dentro desta perspectiva de análise, o próprio conceito central de “formação discursiva”, em sua formulação original, acabou dando espaço para interpretações um tanto equivocadas que desembocaram em pesquisas com uma excessiva preocupação de apreensão do idêntico, com a conseqüente eliminação das formas de heterogeneidade.

⁹ Exemplo: “Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, **que não quer nada com nada**, faça do seu voto um sinônimo de democracia?” (E452), onde, antes de estar se opondo a um enunciador que afirmaria o contrário, o enunciado descreve o adolescente com a característica que desautoriza o enunciador contrário.

¹⁰ Exemplo: “O nosso país **tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.**” (E066), onde a afirmação traz, ao mesmo tempo, o posto e o pressuposto: se o país “tornou-se democrático” (posto) é porque “anteriormente não o era” (pressuposto).

Na verdade, como ressalta MAINGUENEAU (1987), não se pode conceber uma formação discursiva como um bloco compacto e fechado, mas como uma realidade “heterogênea por si mesma”:

“O fechamento de uma formação discursiva é fundamentalmente instável, não se constituindo em um limite que, por ser traçado de modo definitivo, separa um interior e um exterior, mas inscrevendo-se entre diversas formações discursivas, como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica.” (Maingueneau, 1987: 112)

Trata-se aqui de marcar a relação com o interdiscurso como definidora da chamada **heterogeneidade constitutiva** do discurso. Assim, a formação discursiva é o lugar de um trabalho no interdiscurso, um processo de reconfiguração incessante, pelo qual uma formação discursiva incorpora elementos pré-construídos, produzidos fora dela, estabelecendo com eles, a partir de seus próprios elementos, um processo que pode incluir repetição, redefinição, redimensionamento e, também, eventualmente, apagamento de determinados elementos. Nos termos de Maingueneau, um discurso não nasce do retorno às próprias coisas ou ao bom senso, mas de um trabalho sobre outros discursos.

Assim, quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro (i.e., o discurso-outro, da outra formação discursiva) em seu próprio interior, ela está como que “traduzindo” o enunciado deste Outro, interpretando-o através de suas próprias categorias. Há, aí, um processo de polêmica entre formações discursivas, no qual cada uma só pode relacionar-se com o Outro através do simulacro que dele constrói:

“Cada uma das formações discursivas do espaço discursivo só pode traduzir como ‘negativas’, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu Outro, pois é

através desta rejeição que cada uma define sua identidade” (Maingueneau, 1987: 122)

Os conceitos de “campo discursivo” e de “espaço discursivo” circunscrevem, respectivamente, (i) um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência e se delimitam por uma posição enunciativa em dada região e (ii) um sub-conjunto deste, ligando pelo menos duas formações discursivas que mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados.

É necessário destacar ainda que esta natureza heterogênea é ignorada pelo sujeito. Ela está ligada à ilusão subjetiva da fala, que interpela os indivíduos em sujeitos-falantes, fontes do seu dizer.

As considerações acima em torno da heterogeneidade constitutiva do discurso implicam em que o objeto do analista não é uma formação discursiva única, exclusiva e fechada, mas o interdiscurso, a interação dialógica entre formações discursivas. Não se pode distinguir as formações discursivas de um lado e suas relações por outro, pois:

“... toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade.”
(Maingueneau, 1987: 120)

Outro nível de manifestação da natureza heterogênea do discurso é aquele da **heterogeneidade mostrada**, definida por AUTHIER-REVUZ (1990) como “*formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.*” (p. 26)

Diferentemente da heterogeneidade constitutiva, esta faz aparecer o Outro inscrito na cadeia discursiva (segundo modalidades diferentes, com marcas explícitas de ancoragem ou não).

Quanto às formas marcadas de heterogeneidade mostrada, AUTHIER-REVUZ anota que estas têm um estatuto que releva da autonomia, do movimento de acumular uso e menção. Diferencia, a seguir a **autonomia simples**, onde a heterogeneidade que constitui um fragmento citado é acompanhado de uma ruptura sintática; é extraído da cadeia enunciativa normal, apresentado como objeto e remetido a outro lugar: aquele de um outro ato individual de enunciação. É o caso dos fragmentos citados no interior de um discurso relatado direto ou introduzidos por um termo metalingüístico (*Z disse: "x", na expressão de Z, "x"...*)¹¹, ou ainda, num gesto metalingüístico estrito, é remetido à língua (a **palavra**, o **termo** "x")¹².

O caso seguinte de que se ocupa a autora é o da **conotação autonímica**, onde o fragmento usado é, ao mesmo tempo, mencionado como um outro. É o caso dos elementos colocados entre aspas, em itálico ou glosado por uma incisa. Nestes casos, não há nenhuma ruptura sintática: o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso *ao mesmo tempo* que, pelas marcas, é remetido ao exterior do discurso. Assim, *"uma dupla designação é operada pelas formas de heterogeneidade mostrada: a*

¹¹ Exemplo: "O próprio eleitor não colabora, pois diz a um candidato: "Voto em você se me der uma casa", tornando o voto uma mercadoria a ser vendida." (E051)

¹² Exemplo (mesmo que numa passagem em que a ocorrência do gesto metalingüístico é impróprio): "Assim sendo, a palavra democracia ainda é utopia no nosso país." (E227)

de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete." (Authier-Revuz, 1990: 30)¹³

Circunscrever um ponto de heterogeneidade é opô-lo, por diferença do resto da cadeia do discurso, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido, etc. O fragmento marcado remete a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar, determina automaticamente pela diferença um interior, aquele do discurso, ou seja, a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso, de modo que em relação a esta identidade, pode-se dizer (a despeito do jogo de palavras)¹⁴ que é o exterior que define o interior, de dentro do interior.

Ainda, ao mesmo tempo em que estas formas marcadas de heterogeneidade mostrada colocam um exterior em relação ao qual se constituem, também postulam uma outra exterioridade: aquela do **enunciador** capaz de se colocar distante de sua língua e de seu discurso, ocupando-se deles como objeto, numa posição de observador, comentador, juiz de seu próprio dizer. É o que acontece nas glosas de retificação ou de reserva, por exemplo¹⁵.

¹³ Exemplos: "O voto é "sinônimo de democracia" se for feito conscientemente, elegendo candidatos democratas, que realmente governem pelo povo." (E402) e "Graças à "**Abertura**" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país." (E009). Em ambos os casos, o uso das aspas marca a alteridade da menção a uma afirmação do outro, discurso incorporado ora para ser retificado, ora sendo apropriado à sua cadeia discursiva.

¹⁴ E esta é uma marca de heterogeneidade mostrada, que registra uma figura de reserva.

¹⁵ Exemplos: "Os políticos que estão aí (Brasília, é claro, porque os nossos acho que estão fazendo a parte deles), **voltando a Brasília**, que nós ajudamos a colocá-los, não estão fazendo absolutamente nada para que o Brasil dê certo. Ao contrário, só se preocupam com eles. Estão aí seu João Alves, Ibsen Pinheiro etc... e, se não bastasse isso, agora eles não estão nem preocupados em começar a revisão da Constituição." (E507) "A democracia que existe hoje em nosso país já é desacreditada, **isto é**, não existe mais o voto de confiança do povo." (E164)

AUTHIER-REVUZ reserva a parte final de seu artigo para ressaltar - e de uma maneira bastante enfática - a natureza da relação que, na constituição do discurso, se estabelece entre o nível da heterogeneidade constitutiva e da heterogeneidade mostrada.

Porquanto ambas representam duas ordens de realidade, a saber, a dos processos reais de constituição de um discurso e a dos processos - não menos reais - de representação, num discurso, de sua constituição, é indispensável reconhecer que são “*irredutíveis mas articuláveis e até mesmo, necessariamente, solidárias.*” (Authier-Revuz, 1990: 33)

O discurso nasce, assim, como fruto de uma tensão permanente: face a uma heterogeneidade radical, desconhecida, **não localizável e não representável** (aquela do Outro do discurso), opõe-se a **representação** da enunciação no discurso (através das diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior de alguma forma marcadas) pela qual o **um** se delimita na pluralidade dos outros.

Estas representações da enunciação, por serem ilusórias, são uma proteção necessária para que o discurso possa ser mantido. Elas são também de certa forma “constitutivas”: além do “eu” que se coloca como sujeito de seu discurso, as formas marcadas de heterogeneidade mostrada reforçam esse “eu” por uma especificação de identidade, dando corpo ao discurso e forma ao sujeito enunciador.

Caracterizam-se como formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva, pois operam sobre o modo da **denegação**¹⁶: uma espécie de concessão e reconhe-

“Dizer sinônimo de democracia é sermos realistas demais a certo ponto de acreditar que através de um voto elegemos alguém que pode mudar totalmente um país, como é o caso do nosso.” (E063)

¹⁶ O conceito de denegação provém da psicanálise e designa o processo pelo qual o sujeito nega um comportamento, recalado em seu inconsciente. Através da denegação, o sujeito diz sem, de fato, dizer. Ao formular o recalado negativamente, pode expressá-lo sem, contudo, admiti-lo. INDURSKY (1990) propõe que se considere uma denegação discursiva “*aquela negação que incide sobre um elemento do saber próprio à formação discursiva que afeta o sujeito do discurso. Ou seja, a denegação discursiva relaciona-se com a interioridade da formação discursiva e com o modo como o sujeito com ela se relaciona.*” Assim, representaria uma afirmação que é legítima à formação discursiva do sujeito, mas que, mesmo assim, não é

cimento do heterogêneo para melhor negar sua onipresença. Onipresença manifestada precisamente nos lugares que tentam encobri-la. E, neste esforço em encobrir a presença do Outro no um do discurso, opera-se um retorno à segurança, um reforço do domínio do sujeito, da autonomia do discurso:

“...em conflito solidário com a heterogeneidade constitutiva, estas formas são, em relação àquelas, ao mesmo tempo um sintoma e uma defesa; justamente onde o lapso, emergência bruta, produz ‘buraco’ no discurso, elas dão a imagem de um espaço, de uma sutura sublinhada pela costura que o anula.” (Authier-Revuz, 1990: 34)

Não é o que ocorre nas formas de negociação da heterogeneidade constitutiva com as **formas não-marcadas** de heterogeneidade mostrada (discurso indireto livre, ironia, metáforas, jogos de palavra, etc.)¹⁷. Nestas, ao contrário, sujeito e discurso são expostos de uma forma mais arriscada, que joga com a diluição do outro no um, onde este pode ser enfaticamente confirmado, mas também onde pode se perder.

Por fim, no artigo que aqui vem sendo retomado, a autora alerta que é legítimo aos analistas circunscreverem seu trabalho a um dos dois planos (da heterogeneidade constitutiva ou da heterogeneidade mostrada), mas que colocar esse plano escolhido

por ele assumida explicitamente. É o que ocorre em: “**Mas não vou dizer que não haja os honestos, que se preocupam realmente com tudo e todos, que querem realmente melhorar o nosso país, nos que podemos acreditar e confiar, ter esperanças de realizações.**” (E387), em que a possibilidade de uma crítica generalizada aos políticos (não só perfeitamente possível, mas uma afirmação quase generalizada nas críticas aos políticos encontradas nas redações (Cf. EB09, p.75) aparece “denegada”: o locutor, ao não dá-la como legítima, faz menção explícita a ela, o que é uma forma de atualizá-la no seu discurso, com a possibilidade de não ser responsabilizado por ela.

¹⁷ Exemplos: “...as pessoas dizem constantemente que, na próxima eleição, irão anular o seu voto, não o dando para ninguém. Dizem que irão participar do processo de votação porque é uma obrigatoriedade na nação. Mas, infelizmente, não fazem isso com alegria, com satisfação.” (E269), que é uma forma de discurso indireto livre e “Voto tem que ser com a cabeça, não com a barriga.” (E525), em que “cabeça” e “barriga”, fazem uma alusão metafórica à “consciência” e “necessidade”.

como um todo autônomo e fechado é fonte de engano e mutilação da natureza do discurso.

A partir deste longo momento de síntese de alguns postulados teóricos, tomo algumas redações produzidas pelos candidatos-professores para análise de alguns exemplos de emergência da(s) heterogeneidade(s) discursiva(s) no material que compõe o *corpus* sob análise.

3. A(s) heterogeneidade(s) em redações monológicas e polifônicas: alguns exemplos do *corpus*

Como já se mencionou em outros momentos deste trabalho, a profusão de enunciados que serviram de base para as análises desenvolvidas no Capítulo II (633, especificamente) não só constitui-se num lugar privilegiado para encontrar as repetições parafrásticas, mas também pode servir para destacar as diferenças e a polifonia de discursos presentes nas redações dos candidatos. Mesmo em vários momentos daquele capítulo, pôde-se comprovar que os textos veiculam discursos dispersos, não-homogêneos. Entretanto, a análise efetuada no nível dos enunciados apresenta esses discursos em fragmentos, não captando os movimentos interdiscursivos de sobreposição, paralelismo ou contradição que se dão no nível do texto. Assim é que, a fim de registrar minimamente como

os discursos dialogam nas redações dos candidatos ao cargo de professor do ensino fundamental, serão analisadas algumas redações integralmente.

Como os discursos não dialogam (ou se misturam) por conta própria, isto é, automaticamente, a análise aqui proposta pode também ser um momento privilegiado para retomar a discussão em torno da distinção entre *sujeitos-redatores* e *sujeitos-autores*, proposta no Item 2 do Capítulo I. Trata-se, aqui, de destacar o trabalho mais ou menos elaborado de articulação do(s) discurso(s) pelos sujeitos, que vai resultar em textos efetivos ou em simples reproduções do gênero “redação escolar”. Partindo da premissa de que o discurso é basicamente interdiscurso (marcado pela heterogeneidade ou polifonia) e de que o sujeito (histórico) se caracteriza pelo trabalho que faz, POSSENTI (1994:36) aponta exatamente este trabalho de “*ordenar, organizar, dar diversos pesos a discursos correntes e citáveis segundo as circunstâncias*” como a característica que se pode esperar de um sujeito-autor e que o distingue do mero repetidor de discursos.

Uma primeira tentativa de organização dos posicionamentos em relação à possibilidade do voto ser sinônimo de democracia é aquela apresentada na Tabela 1 (p. 34), baseada em dois extremos: o ponto de vista pessimista, que descarta qualquer possibilidade de concretização da relação entre voto e democracia e o oposto, otimista, que acredita nesta possibilidade. E, como mostram os dados, estas duas posições são encontradas em número proporcional ao longo das redações. Assim, o fato de veicularem um posicionamento otimista ou pessimista pode servir como indicativo do nível de ceticismo ou otimismo em relação ao voto, mas, por si só, de nada serve para a análise de como são agenciados os diferentes discursos para se chegar a um ou outro posicionamento.

Conforme pode ser verificado no Anexo I, o tema VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA? foi apresentado aos candidatos acompanhado somente do desenho de uma cédula sendo colocada em uma urna eleitoral. Nenhum texto de apoio - que privilegiasse esse ou aquele ponto de vista ou que veiculasse discursos contraditórios entre si ou menos correntes que os dos meios de comunicação, por exemplo - foi apresentado. Desta forma, para elaborar sua redação, restava ao candidato recorrer à sua memória, aos discursos que comumente circulam no seu cotidiano sobre o tema (nos meios de comunicação, em conversas informais etc...), procurando articulá-los de forma a construir um texto coerente, legível e, principalmente para a situação de concurso, passível de aprovação pelo corretor (cf. Capítulo I).

Pela leitura do conjunto das redações analisadas pode-se observar duas grandes formas de articulação dos discursos pelos candidatos.

A primeira é aquela em que, predominantemente, um só discurso, MONOLÓGICO (contra ou a favor, pessimista ou otimista), aparece na redação. São momentos em que a interlocução se dá com outros discursos, que circulam na sociedade, mas que são como que silenciados pelo surgimento de apenas um ponto de vista na superfície textual das redações.

São exemplos desta categoria as redações R004 e R098. Vejamos cada uma delas:

(R004)

FALTA ESPERANÇA!

Eleição no Brasil virou brincadeira.

Candidatos existem muitos. Todos querem ser eleitos. Prometem muito, mas não fazem nada para melhorar esse país.

O voto não significa mais democracia. Ele agora significa nada. Perdeu o sentido.

Antes, o voto significava mudança, agora não. O povo já perdeu a esperança de melhorar porque a cada eleição que passa, uma nova decepção. O país não melhora, aumenta a violência e a desesperança.

Voto sinônimo de democracia? Não.

Voto sinônimo de boa vida para os eleitos e que se danem os eleitores.

Aqui, o ponto de vista pessimista é predominante na redação. Já a partir do título são relacionados diversos aspectos negativos em relação ao voto, aos políticos, ao processo eleitoral e, por extensão, à democracia.

O candidato-redator quase não dá espaço a um ponto de vista diverso, otimista, em sua redação. Mas, em três passagens específicas, são feitas alusões a este outro ponto de vista: “O voto não significa mais democracia”, “Antes, o voto significava mudança...” e “Voto sinônimo de democracia?...”. Na primeira e na segunda passagem este ponto de vista é desqualificado ao ser associado a um tempo localizado no passado (pelos ítems sublinhados), ou seja, houve um tempo em que se tinha a esperança no voto. Este ponto de vista é ainda contrastado pela afirmativa que se segue de que “...agora não (significa mudança)”: hoje, aquela esperança se perdeu. Na terceira passagem, a ocorrência do discurso otimista em relação ao voto é mais indireta: estaria contida numa das possibilidades de resposta à pergunta-tema da redação, que é retomada e citada textualmente. Esta possibilidade é imediatamente negada na seqüência: “Não”. Finalizando, a expressão contida na pergunta é reformulada na forma da assertiva, que não deixa espaço a nenhuma possibilidade de leitura otimista: “**Voto sinônimo de boa vida para os eleitos e que se danem os eleitores**”. Esta última passagem (destacada em itálico) é um enunciado que muito provavelmente possa ser atribuído aos políticos. Seriam eles que, ao gozarem de uma “boa vida”, desprezariam os eleitores a ponto de desejarem que estes “se danem”. Essa atitude de desprezo, ao ser referida na redação, é aqui atualizada como uma realidade constante, uma verdade que não admite qualquer argumento otimista que a relativize.

Outro exemplo de discurso monológico é encontrado em:

(R098)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O voto, desde os mais remotos tempos, tem sido um sinônimo vivo de democracia, liberdade de escolha e consciência crítica.

Este direito, que foi concedido a nós através do voto, está sendo exercido pelos cidadãos com muito rigor e honestidade e, acima de tudo, com muita consciência crítica, com a qual temos muito claro que todos os cidadãos estão atentos a tudo que acontece em nosso país, estado e município, uma vez que o voto democrático é a única arma que nós, brasileiros, temos em nossas mãos.

É com esta liberdade de escolha que podemos acreditar no bom andamento e emprego do dinheiro público.

Um exemplo claro de que tudo esta sendo cobrado rigorosamente foi a saída de nosso ex-presidente Collor.

Temos que, cada dia mais, ajudar a cobrar de nossos representantes coerência no desempenho de suas funções para o bom crescimento de nosso país, estado e município.

Só teremos uma nação em ordem quando ninguém mais pensar em levar vantagem. Até lá, temos que lutar contra essas pessoas que se dizem "bons políticos" e que, muitas vezes, não passam de alguém querendo levar vantagem em cima do povo brasileiro.

O candidato optou por privilegiar o discurso otimista em sua redação. E os enunciados que surgem são de tal forma parciais que, desde a primeira leitura das redações, esta chamou atenção: em meio a um universo unânime de críticas negativas (em maior ou menor grau, encontradas na totalidade das redações) é a redação que apresenta o maior número de enunciados otimistas. Tão otimistas, que apresentam um ponto de vista que pode ser considerado alienado em relação à realidade política nacional. Expressões como as seguintes, destacadas em negrito: "**desde os mais remotos tempos**", "**sinônimo vivo**", "**muito rigor e honestidade e, acima de tudo, com muita consciência crítica**", "**temos muito claro que todos os cidadãos estão atentos a tudo**", "**podemos acreditar** no bom andamento e emprego do dinheiro público" levam ao extremo o ponto de vista otimista, pelo peso retórico de intensidade que imprimem aos enunciados. Uma remota hipótese de leitura diversa para esses enunciados seria a de creditá-los à ironia. Entretanto, parece que nem o mais cooperativo dos leitores encontraria marcas que permitiriam a leitura destas passagens, escritas, como irônicas¹⁸. Elas parecem mesmo

¹⁸ Obviamente, estes mesmos enunciados, se expressos oralmente, poderiam trazer a marca da ironia na entonação, por exemplo.

pertencer a um determinado discurso otimista (e, até mesmo, ufanista) que circulou logo após a cassação do ex-presidente Collor de Mello e que se vangloriava da maturidade política da sociedade brasileira e de suas instituições. Reforça esta hipótese a alusão explícita a este acontecimento contida na redação, que o apresenta como o argumento mais forte, comprobatório, das afirmações anteriores.

Entretanto, essa mesma alusão à cassação do ex-presidente suscita um desvio na linha argumentativa da redação. Um desvio que deixa entrever, implicitamente, um outro discurso, contrário e contraditório ao quadro otimista pintado até aquele momento. São dois enunciados que se seguem com um apelo e conclamação para que todos continuem a cobrar os governantes (como foi feito com Collor) e a lutar contra os maus políticos, para que tenhamos “uma nação em ordem”. E esta situação de ordem é anunciada como um horizonte futuro (“Até lá...”) e não como presente, como parecia apontar a primeira parte da redação. É também contraditória com o discurso veiculado inicialmente a necessidade apontada de se continuar a combater os maus políticos, pois esta afirmação traz consigo o pressuposto de que esses maus políticos ainda existem, diferindo, portanto, do quadro otimista anterior.

Mesmo tendo sido escolhidas como redações exemplares de discursos monológicos, a rápida análise a que foram submetidas acima acaba demonstrando que, na verdade, o que se tem é a convivência, em um mesmo texto, de mais de um ponto de vista. Mesmo que de maneira desproporcional e não explicitada pelo enunciador, a natureza heterogênea, intrínseca à natureza do discurso, acaba emergindo.

Neste sentido, estes textos servem duplamente como exemplo do que se postulou ser o “gênero redação escolar” (cf. Capítulo I). Por um lado, reproduzem a característica monológica do discurso escolar, ao **não explicitar** as várias ideologias ou pontos de

vista dos temas que aborda. Por outro lado (e a despeito desta “tendência monológica” do gênero redação escolar) são também exemplos da **emergência da polifonia**, dos “discursos-outros” que apresentam uma multiplicidade de pontos de vista sobre o tema em questão e que o discurso escolar talvez preferisse esconder. Mas que acaba aparecendo, porque a escola, mesmo sendo uma instituição que basicamente reduz os discursos à monologia, não consegue impedir totalmente a circulação de “outros discursos” (divergentes do discurso oficial) que vão se manifestar não de forma explícita, assumidamente polifônica, mas sim como que em filigranas, no interior dos enunciados. Uma polifonia que, portanto, está mais próxima aos conceitos de DUCROT do que de BAKHTIN e que pode ser considerada um tanto involuntária ou disfarçada (em relação aos preceitos do discurso escolar). De tal sorte que o próprio (e talvez inconfessado) projeto escolar de manutenção de um discurso monológico do começo ao fim de um texto (ou redação) só seria possível como resultado de um trabalho *com e sobre* a linguagem que se valesse de estratégias bastante elaboradas de ocultamento dos outros discursos e que, neste sentido, se constituiria num esforço de descaracterização da própria natureza polifônica da linguagem. Sem isso, esta espécie de “projeto discursivo escolar ou pedagógico” inevitavelmente vai resultar em redações que mais parecem um amontoado de enunciados, como é o caso do seguinte exemplo, que, entre as redações analisadas, é uma ocorrência excepcional:

(R014)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

O voto é realmente sinônimo de democracia. É através do voto que todos os cidadãos tem, por direito, escolher seus governantes.

Com a Democracia, todos têm direito de opinar, lutar, exigir o que lhe mais virá favorecer.

É através do voto que temos a liberdade de dizer o que pensamos, de escolher quem achamos melhor e lutar pelos direitos merecidos.

Nem todos acham que o ato de votar é uma Democracia, mas sim uma obrigação de cidadão.

Outra estratégia, encontrada em maior número de redações, é a que resulta de tentativas explícitas (mas nem sempre bem sucedidas) de articular diferentes e diversos pontos de vista em relação ao voto. Estas vão produzir redações em que o discurso aparece efetivamente como HETEROGÊNEO, como se o candidato dissesse: “Vou falar sobre o que se ouve a respeito do voto. E o que se ouve é contraditório, variado.”

Acima, ao analisar redações com discursos que se apresentavam homogêneos, foi ressaltada a necessidade do sujeito-autor valer-se de estratégias textuais que ocultem os discursos contrários àquele que pretende impor como hegemônico, sob pena de não conseguir construir um texto que possa ser considerado coerente. A necessidade de estratégias textuais obviamente também se aplica ao caso dos textos com discursos polifônicos. *Grosso modo*, o que precisa ficar explicitado neste caso são as relações que estabelecem uma dialogia entre os diferentes discursos que compõem o texto heterogêneo. Assim como foi exemplificado na análise anterior, aqui também será transcrita uma redação considerada excepcional, a fim de exemplificar, pela ausência, a necessidade de articulação entre discursos. Na redação a seguir, os discursos positivo (marcado **em negrito**) e negativo (sublinhado) em relação ao processo eleitoral são apresentados sem marcas que explicitem relações de contradição entre um e outro: são jogados aleatoriamente, produzindo um efeito final de descontinuidade na linha argumentativa:

(R011)

POR QUE VOCÊ VOTA?

O voto é um meio do povo ter participação. O governo, por puro interesse, aprova o voto aos 16 anos e é obrigatório após os 18 anos.

Onde se observa o descontentamento da população nas eleições é no índice de votos brancos e nulos. Eu acredito que se abolir a obrigatoriedade do voto, o povo participará ativamente no progresso do país. Votando em branco ou nulo, o eleitor escapa da multa que teria que pagar se não votasse.

O voto deveria ser uma mudança pela qual passamos, mas não acontece essa mudança.

A democracia reinará novamente com toda força, pois já estamos caminhando para que isto aconteça. Passaremos a escolher representantes que lutem por nossos direitos realmente, transformando a atual sociedade.

O próprio eleitor não colabora, pois diz a um candidato: "Voto em você se me der uma casa", tornando o voto uma mercadoria a ser vendida.

Mudar para melhor seria a função do voto na minha opinião, mas acho que está acontecendo o contrário.

Aqui, certamente encontra-se uma redação heterogênea: nela estão presentes discursos contrários e favoráveis à tese do voto como sinônimo de democracia. O que ocorre é que estes discursos participam da redação de maneira não-articulada (pelo menos, utilizando-se critérios de julgamento que levem em consideração a linearidade textual). Poder-se-ia tentar uma análise mais livre que mostrasse, pela medida da *quantidade* de argumentos, por exemplo, que há um embate entre pontos de vista e que o pessimista é apresentado como o mais forte. Afinal, é o que mais aparece em termos quantitativos: até a parte não-sublinhada do segundo parágrafo funciona como um reforço do ponto de vista negativo e o parágrafo final, ao retomar simultaneamente os discursos otimista e pessimista, reforça este segundo, em detrimento do primeiro. Entretanto, simplesmente intercalar, aleatoriamente, com seu próprio ponto de vista, que é pessimista, ecos de um “discurso oficial”, que se vangloria das possibilidades democráticas do processo eleitoral, por si só, não faz de sua redação (mesmo que heterogênea), um texto.

A seguir, serão analisados exemplos (que suponho) melhor acabados de redações com discurso explicitamente apresentado como heterogêneo:

(R009)
CONSCIÊNCIA DE VOTO

Todos nós sabemos que voto é sinônimo de democracia. Sabemos também que o povo conseguiu o direito ao voto através de muita luta. Foram muitos os anos em que as pessoas lutaram para exercer este direito, que agora nos é dado.

No Brasil, porém, há pessoas que realmente não entendem o direito ao voto, não sabem que é a partir dele que devemos lutar para um país melhor. É através do voto que o povo dá sua participação na democracia de um país, votando e elegendo pessoas capazes, para mudar a situação de nossa nação.

Os eleitores, muitas vezes inconseqüentes, trocam o seu voto ou vendem, porque não dizer, vendem seu voto em troca de dinheiro, roupas, construções de muros e até mesmo de casas, "quando a família é grande", assim dizem alguns políticos.

Está na hora das pessoas adquirirem consciência de que através do voto elas serão capazes de mudar e transformar o município, o estado e depois a nação. Elegendo políticos que estejam sempre na luta, nos acompanhando lado a lado em nossas reivindicações e não aqueles que só aparecem em época de eleição para comprar o nosso voto. Temos que conscientizar as pessoas do direito ao voto. Só assim é que ele será verdadeiramente sinônimo de democracia.

O texto inicia-se pela introdução de um locutor que assume a perspectiva de um enunciador genérico (“**Todos nós** sabemos...”¹⁹). Ao mesmo tempo em que pode referir-se a toda uma coletividade (eu + eles)¹⁹, no caso específico de uma redação em concurso, pode referir-se ao locutor e seu alocutário (eu + tu), o que efetivamente funciona como uma dupla ancoragem do ponto de vista exposto no enunciado: a afirmação respalda-se tanto em um discurso dado como universal, de conteúdo conhecido e aceito por todos, bem como apela a uma responsabilidade compartilhada entre o eu e o tu (no caso, candidato e corretor da redação). É um “dizer com”, discurso que se agencia apelando a outros discursos: o universal e o creditado ao interlocutor, cuja voz aí evocada, marca a presença do Outro (pela construção de sua imagem pelo locutor). E esta marca plural do “nós” é mantida ao longo de todo o texto, pelos verbos na primeira pessoa do plural.

A seguir, no segundo parágrafo, o locutor faz a afirmação de que “...porém há pessoas que realmente **não entendem** o direito do voto...”, negação discursiva que pressupõe o oposto (de que há pessoas que realmente **entendem**... - “eu e outros como eu e você, corretor”). Esta estratégia produz um efeito de delimitação de determinado universo discursivo - aquele da consciência política, excluído de seu oposto - um discurso que se institui como valor positivo na construção da imagem que o locutor passa, através de sua redação, ao corretor.

A partir desta delimitação de discursos, o locutor avança sua argumentação na crítica ao comércio de votos (característica associada ao discurso da não-consciência e,

¹⁹ E esta coletividade referida pode ser as mais diferentes e específicas, como “Nós, os professores...”; “Nós, os alfabetizados”; “Nós os politizados”, etc., ou coletividades mais genéricas, como “Nós, os brasileiros...” ou “Nós, a espécie humana...”. Sua definição depende do contexto discursivo em que ocorre. Daí, minha hipótese de, entre outras, ser mais uma estratégia de “aliciamento” do interlocutor/corretor da redação. Sobre as conseqüências discursivas do uso do “Nós”, ver BRITTO (1988:51-3), que analisa suas ocorrências num relatório médico.

portanto, negativa). Neste momento, ocorre uma quebra na cadeia discursiva: na ocorrência de “**porque não dizer**”, o enunciador parece afastar-se de seu enunciado para, ao mesmo tempo que faz um pedido de concessão, marcar uma avaliação em relação a seu próprio dizer: o argumento introduzido a seguir é, dessa forma, apresentado como decisivo ou até forte demais para desqualificar o discurso da não-consciência (e as práticas dele decorrentes).

Já a citação em discurso direto, no terceiro parágrafo, traz a presença de um outro discurso, atribuído a “**alguns políticos**”, discurso que é também apresentado como negativo e que, contrapondo-se àquele já atribuído ao enunciador e seu interlocutor, por oposição, acaba por reafirmar ainda mais o pertencimento de ambos ao mesmo universo discursivo (o da consciência política).

Entretanto, esta estratégia de delimitação do discurso da consciência em relação ao processo eleitoral através do recurso do agenciamento do discurso de outros não se dá, na redação, de forma rígida ou consistente. Em alguns momentos, os lugares de pertencimento são sobrepostos, como ocorre em:

“...**as pessoas** lutaram para exercer este direito, que agora **nos** é dado.”

e

“É através do voto que **o povo** dá sua participação... para mudar a situação
de **noossa** nação.”

Nestas passagens, o locutor inclui o “nós” no “povo”: ele e o corretor também fazem parte desta entidade que, em outros momentos, é apresentada como não tendo consciência política.

As imagens (tanto a que o candidato faz de seu interlocutor, como a que faz do referente (o papel do voto no processo de democracia) e, principalmente, a imagem que faz da imagem que o corretor faz (ou fará) do candidato) são construídas pelo candidato-redator com o intuito de aproximar-se do que imagina ser uma postura crítica. Isto se inicia já a partir da escolha do título para a redação (“Consciência de voto”) e confirma-se pelo recurso a itens lexicais e expressões que remetem a uma formação discursiva atribuída à esquerda:

“Foram muitos os anos em que **as pessoas lutaram para exercer este direito...**”

“...**participação na democracia** de um país.”

“...**mudar e transformar** o município, o estado e depois a nação.”

“Elegendo políticos que estejam **sempre na luta**, nos acompanhando lado a lado em
nossas **reivindicações.**”

Há, entretanto, um indício de que o pertencimento a este suposto discurso de esquerda não se apresenta consistente. Conforme já destacado em outro momento deste trabalho (p. 57), a passagem:

“...as pessoas lutaram para exercer este **direito**, que agora **nos é dado.**”

associa dois pontos de vista que, exatamente no interior do discurso “esquerdista” (pretendido pelo sujeito-redator), são considerados antagônicos: aquele que considera o voto um direito e o que o considera um dom, um presente.

Na polifonia discursiva presente nesta redação (que, por vezes, emerge denunciando uma certa inconsistência de postura do candidato-redator) há lugar, ainda, para um apelo retirado de um discurso humanitário, missionário: no último parágrafo da redação surge mais uma vez o enunciador genérico (“(Nós) **Temos que conscientizar as pessoas...**”). Locutor e interlocutor são aproximados na enunciação e, mais que isso, esta

aproximação é estendida ao futuro (uma aposta no candidato em sua aprovação?): ambos, candidato e corretor, que são apresentados como conscientes politicamente, recebem do enunciador a **missão** de conscientizar os outros (que ainda não sabem) da importância do voto consciente.

Outra redação em que o discurso apresenta-se heterogêneo é a R133, transcrita a seguir:

(R133)

VOTO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA ATÉ QUE PONTO?

Em ano eleitoral, nos é lembrado constantemente que o voto é a nossa arma, nossa defesa. Porque, com o voto, nós é que escolhemos o próximo a entrar no comando.

Mas, será que voto é realmente sinônimo de democracia?

O que dizer a respeito da constante distribuição de dinheiro, medidas econômicas milagrosas, gêneros alimentícios e outros em época de campanha eleitoral? Não é esta uma maneira de ludibriar as pessoas, induzindo opiniões positivas a respeito de algum candidato?

Está certo que, no momento do voto, estamos sozinhos, mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?

Há ainda políticos coerentes com a verdadeira democracia?

Os noticiários revelam a cada momento novas fraudes e corrupções. Surgem pessoas novas que se candidatam, em quem resolvemos crer e, muitas vezes, sem demora, traem nossa confiança, redigindo e concordando com medidas absurdas, que dificultam nossa vida, deixando claro que a democracia era prioridade somente na campanha eleitoral.

O voto é sinônimo de democracia, pois nós é que escolhemos. Mas, os candidatos são realmente escolhidos de maneira democrática ao se candidatarem? Ou são colocados de maneira arbitrária pela direção dos partidos, sem verificar os reais interesses da comunidade?

Aqui, a presença da dialogia interdiscursiva encontra-se marcada do início ao fim da redação. A todo momento, o sujeito-redator conversa, “dialoga”, com um ponto de vista, ou um discurso-outro, o qual recupera em sua redação para, a seguir, dele discordar, concordar ou ainda relativizar suas afirmações.

Esse discurso-outro, com o qual o sujeito-redator dialoga é um discurso supostamente favorável à tese do voto ser sinônimo de democracia. Sua origem não é, em momento nenhum, atribuída explicitamente a uma fonte. Há um silenciamento em relação a esta origem. A passagem inicial “...nos é lembrado constantemente...”, que introduz

o ponto de vista positivo, deixa omissa o agente desta lembrança. Assim, ele tanto pode ser atribuído a um enunciador genérico, enunciador de um discurso pró-cidadania, mais freqüente exatamente “**em ano eleitoral**”, que apela à participação consciente do eleitorado, ressaltando a importância do voto para o processo democrático. E este tipo de discurso pode ser encontrado tanto em campanhas institucionais veiculadas pela mídia quanto no discurso dos candidatos a algum cargo eletivo. No caso específico da situação discursiva que envolve a produção destas redações, não se pode deixar de esquecer que esta posição otimista em relação ao voto também pode ser lida como uma das possíveis respostas à pergunta-tema proposta para a redação. Dessa forma, seria pelo menos um dos pontos de vista possíveis de ser atribuídos **ao elaborador** da prova de redação. De qualquer forma, é a este ponto de vista que o sujeito-redator pretende contrapor-se.

A estratégia básica utilizada para tal é a de recuperar determinada afirmação positiva para, a seguir, questioná-la através de um enunciado interrogativo introduzido pela adversativa “**mas**”, que serve de delimitação entre o discurso-outro e o discurso assumido pelo sujeito-redator:

“Em ano eleitoral, nos é lembrado constantemente que o voto é a nossa arma, nossa defesa. Porque, com o voto, nós é que escolhemos o próximo a entrar no comando.
Mas, será que voto é realmente sinônimo de democracia?”

“Está certo que, no momento do voto, estamos sozinhos, **mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?”**

“O voto é sinônimo de democracia, pois nós é que escolhemos. **Mas, os candidatos são realmente escolhidos de maneira democrática ao se candidatarem?”**

Este convívio polifônico de dois discursos simultaneamente na redação acaba por produzir uma tensão entre ambos. Por um lado, as afirmações positivas são colocadas em questionamento pela série de interrogativas presentes na redação e pelos argumentos

em favor de um ponto de vista pessimista (no terceiro e sexto parágrafo). Há, entretanto, momentos em que são feitas concessões àquele posicionamento. A primeira delas em relação a um detalhe localizado do processo eleitoral:

“É certo que, no momento do voto, estamos sozinhos...”

Já a segunda concessão é mais forte, caracterizando-se como uma concordância e incorporação de um enunciado - exatamente o enunciado fundante (ou fundamental) daquele ponto de vista que se pretendia combater:

“O voto é sinônimo de democracia, pois nós é que escolhemos.”

Fica, assim, não resolvida a tensão entre os discursos supostamente antagônicos. Pode-se afirmar que as estratégias desenvolvidas pelo sujeito-redator apontadas acima produzem o efeito de deixar em suspensão (e suspeição) o discurso otimista, mas não afirmam explícita e categoricamente o discurso oposto. Talvez até este tenha sido o efeito pretendido pelo candidato: não se colocar frontalmente contra um ponto de vista que poderia ser aquele defendido pelo elaborador (e futuro corretor) da redação, somente levantando alguns pontos problemáticos desta posição. E, dessa forma, precaver-se de uma “reprovação ideológica”, por defender um ponto de vista contrário àquele do corretor²⁰.

²⁰ Esta é uma especulação motivada pela sensação intuitiva que a leitura do texto passa. Talvez por ter terminado em suspenso, com uma pergunta - se é que deve-se lê-la como pergunta e não como uma negativa. Mas, mesmo sendo uma negativa, não é uma negativa direta, o que vem confirmar a suspeita de o candidato não ter tido a “coragem” de assumir e dizer “NÃO, NÃO É ! POR ISSO, ISSO E MAIS ISSO!

O que as análises acima permitem postular é que, de certa forma, a heterogeneidade discursiva perpassa a estrutura tanto dos textos monológicos quanto dos textos polifônicos. Obviamente, de formas distintas. Por um lado, nos textos **monológicos**, que tendem à mera repetição do já-dito, ter-se-ia um tipo de heterogeneidade resultante de paráfrases a **um só** discurso. Nesta típica estrutura das redações escolares, os “outros discursos” só têm lugar no interior de um ou outro enunciado, pois a redação não assume uma explícita discussão de pontos de vista ou discursos divergentes: o discurso é apresentado *como se* fosse único, *como se* só houvesse um. Já nos textos **polifônicos**, a heterogeneidade se apresenta como produto de paráfrases que envolvem discursos **de ordens distintas**: dois ou mais discursos distintos, que são articulados no “discurso aqui-agora” de um texto que assume a natureza dialógica (e polêmica) do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de rever o trabalho desenvolvido nesta dissertação e destacar algumas questões por ele suscitadas.

Mesmo sob pena de afirmar o óbvio, ressalto inicialmente a natureza precária dos exercícios de leitura aqui efetivados. Todo o esforço neles despendido não esgota as possibilidades de análise das redações que constituem o material escolhido. Além disso - e como sempre - um balanço final do trabalho não permite chegar a conclusões inéditas ou verdades definitivas. Se, por um lado, é na qualidade de “aprendiz de pesquisador” que localizo exatamente *ao longo do processo* de elaboração deste trabalho o lugar de um gratificante aprendizado pessoal, por outro, alimento a pretensão de que, em alguma medida, este percurso também sirva a algum suposto leitor destas minhas “leituras”. Se não como fonte de esclarecimentos, pelo menos, como instigador de novos questionamentos. De minha parte, reservo este momento final para chamar atenção àquelas questões que a mim parecem as mais significativas. Junto delas, limito-me a apontar algumas das possibilidades de encaminhamento sugeridas pelos diferentes exercícios de leitura do *corpus* aqui efetuados. Fica a esperança de serem suficientemente provocativas a ponto de motivarem futuras (e novas) tentativas de resposta.

A escolha de redações de professores em concurso como material para análise e a opção por privilegiar a Análise do Discurso como “método de leitura” deste material permitem que aqui sejam levantadas questões de dupla natureza. A primeira diz respeito à reconsideração de alguns conceitos da Análise do Discurso. A outra refere-se a possí-

veis conseqüências que este trabalho possa apontar para o ensino da redação e, mais especialmente, para a utilização de redações em concurso.

Começemos pelas questões da primeira ordem.

Ao longo dos Capítulos II e III - durante o trabalho de redução dos 633 enunciados em *famílias parafrásticas*, *macro-famílias* e, finalmente, em *enunciados elementares* - pôde-se constatar uma diversidade de tipos de paráfrases entre os enunciados. Para dar conta desta diversidade, foi necessário lançar mão de conceitos que, *grosso modo*, dividem as paráfrases em dois grupos: aquele das paráfrases que, por critérios sintáticos ou semânticos, podem ser consideradas explicitamente marcadas na superfície textual (e que, neste trabalho, foram nomeadas de **paráfrases lingüísticas e paráfrases semânticas**) e um segundo grupo, daquelas paráfrases que, ao contrário, não são marcadas de forma explícita, e que foram chamadas de **paráfrases discursivas**. Esta diferenciação de tipos de paráfrase me dá boas razões para levantar a hipótese de que, na verdade, o que se tem são paráfrases que, discursivamente, possuem natureza distinta.

Se pensarmos o conceito de heterogeneidade em Análise do Discurso como o **momento de emergência da polifonia discursiva, em que um “discurso (de) outro” é incorporado ao “discurso-aqui-agora”**, podemos postular a existência de paráfrases tanto da ordem da *heterogeneidade mostrada* quanto da ordem da *heterogeneidade constitutiva*. No primeiro tipo, estariam - obviamente - as paráfrases típicas, que **explicitamente recuperam o já-dito de um outro discurso**. Através da equivalência ao “dito do outro”, por meio de uma semelhança *explicitamente mostrada*, este tipo de paráfrase atuaria (no interior de determinada formação discursiva) no movimento de **recuperação e conservação** do já-dito, que é apresentado como *igual*, como o *mesmo*, o *repetível*. Já a **paráfrase discursiva** se caracterizaria por ser da ordem da *heterogeneidade constitu-*

tiva, dado que recupera o já-dito não de forma explícita ou literal. Trata-se de um tipo de paráfrase baseada em razões não-mostradas na superfície lingüística, na qual a reconstrução dos enunciados de base demanda trabalhar com categorias que não são do domínio do lingüístico, sem marcas lingüísticas regularmente depreensíveis. Nesse caso, são aproximados parafrasticamente enunciados que, na superfície textual, aparecem com formas bastante diferentes, segundo qualquer critério lingüístico, mas que - apesar disso - através da análise de processos discursivos, cenas enunciativas, similitudes ideológicas, etc - são perfeitamente recuperados como sinônimos, em determinados discursos. Desta forma, tem-se um tipo de paráfrase que revela que muitas das palavras que se apresentam como “palavras próprias” são, na verdade, resultado da recuperação de “palavras de outrem” - e que são tomadas como próprias, em virtude dos esquecimentos da origem, que as fazem aparecer não mais de forma idêntica, mas diferente. Nesse movimento de recuperação de um discurso de outrem, as palavras próprias se constituem por paráfrases da ordem da heterogeneidade constitutiva. Dito de outra forma, o já-dito se mostra como condição do novo.

Em decorrência desta hipótese, é talvez necessário que se reconsidere o conceito de **heterogeneidade** em Análise do Discurso¹. Não se pode entender a heterogeneidade pura e simplesmente como a recuperação do discurso-outro como um já-dito que só produz o *repetido* ou *igual*. Como se tratou de mostrar nos Capítulos III e IV, **a paráfrase também atua no surgimento do diferente**. Se por um lado, o conceito de paráfrase discursiva (da ordem da heterogeneidade constitutiva) mostra que o que aparece como *diferente* na superfície lingüística pode ser o *mesmo* discursivamente, a retomada

¹ Com algum risco de ser infiel, estou registrando e tentando explicitar, aqui, uma especulação de Geraldi, por ocasião do exame de qualificação.

de um *mesmo* pode, também, ser *diferente*. Mas, para isso, é também necessário que não mais se entenda o sujeito como mero servo assujeitado e suporte de uma máquina discursiva - o que não implica no retorno à crença em um sujeito livre de condicionamentos, unitário e marcado fundamentalmente pelo *cogito* - mas sim, como um sujeito que se define fundamentalmente porque *trabalha com e sobre a linguagem*. Trabalho esse que, a partir do já-dito, é capaz de fazer surgir o novo, o diferente, que vai ser expresso no enunciado efetivamente realizado.

Estes questionamentos ficam aqui registrados como hipóteses a serem pesquisadas, indícios apontados pelas análises desenvolvidas neste trabalho, cuja pertinência ou possibilidade de serem generalizados a outros casos seria interessante pesquisar em trabalhos futuros.

Acredito, ainda, que é a partir da consideração destas questões, no interior da Teoria do Discurso, que podem vir a ser articuladas alternativas mais consistentes de encaminhamento metodológico do ensino da linguagem, mais especificamente, dos processos de produção de textos em sala de aula que visem à superação da prática do gênero redação escolar, conforme caracterizado no Capítulo I.

Entretanto, algumas considerações específicas em relação a **redações em concurso** podem ser registradas de imediato, como resultado das análises procedidas ao longo deste trabalho.

De início, considero fundamental descartar como improcedente a possibilidade de que, a partir das análises aqui efetuadas, se conclua que os professores-candidatos possam ser considerados culpados ou os únicos responsáveis pela precariedade estrutural de seus textos ou pelo caráter maniqueísta e até mesmo alienado, detectável em algumas de suas redações. Muito pelo contrário. Se é que há a necessidade de se apontar culpados,

estes não são só os professores, muito mais vítimas de um processo perverso de contínua desqualificação da educação pública em nosso país, cujas conseqüências têm apenas uma pequena amostra nos dados aqui encontrados.

No caso específico do concurso que resultou nas redações aqui analisadas, as impropriedades começaram já na etapa de elaboração da prova de redação. O fato de ter-se apresentado uma proposta de redação somente com uma pergunta-tema, por si só conduz à produção de redações que não apresentam riqueza de argumentos, praticamente induzindo o candidato a limitar-se a um posicionamento maniqueísta contra ou a favor do tema, ou ainda, a tentar antecipar qual a posição do corretor. Se, por um lado, as condições de produção envolvidas em situação de concurso são bastante diversas daquelas em que a escrita é praticada na sociedade, este tipo de proposta só vem agravar ainda mais o artificialismo inerente à situação. Uma possibilidade de superação destas precárias condições seria apresentar uma série de textos que veiculem discursos diversos (e divergentes) em relação ao tema proposto e, de alguma forma, fazer com que o candidato recupere cada um deles, estabelecendo um diálogo polifônico entre os diferentes pontos de vista na elaboração de seu próprio texto. Do contrário, pode-se abandonar a exigência de redações em concurso, posto que, inevitavelmente, irão resultar na elaboração de típicos exemplares do gênero redação escolar.

Evidentemente, estas alterações não produzirão o efeito desejado se não estiverem associadas a um processo mais abrangente, que atue no resgate da produção de textos lá onde nasce o gênero redação escolar: no interior da escola. E aí é necessário que se assumam uma proposta pedagógica transformadora, que substitua práticas já cristalizadas de contínua reprodução do *status quo*, que têm no gênero redação escolar um de seus produtos melhor acabados. Um dos caminhos para esta transformação está em atuar

nos processos de ensino-aprendizagem do texto em sala de aula. E as alterações que vão aqui sugeridas não são, em absoluto, alternativas originais deste trabalho. Já vem sendo propostas há pelo menos duas décadas, por muitos autores, alguns dos quais citados no Capítulo I: em síntese, recomenda-se que, em qualquer proposta de produção linguística é necessário subsidiar previamente os alunos com textos que veiculem discursos contra, a favor (e outros contra e a favor) de determinado tema, para que os próprios mesmos julguem os argumentos. Dessa forma, espera-se incorporar nestes processos a idéia de que a produção de um verdadeiro texto tem a ver fundamentalmente com a complexidade discursiva - visto que nenhum tema é tão simples a ponto de comportar apenas uma ou duas posições - e que escrever é, em muitos sentidos, pôr em cena e dar voz a uns e outros discursos, como um autor põe em cena seus personagens. Enfim, a idéia de que criar consciência crítica não é afirmar monologicamente um discurso A ou um discurso B (por mais progressistas que possam parecer) mas, sim, saber argumentar por quais razões, em algum lugar entre A e B, se encontra o seu próprio ponto de vista.

Dessa forma, com certeza, se estará contribuindo para o progressivo banimento do gênero redação escolar, em troca de textos mais originais e, até mesmo, mais saborosos.

SUMMARY

The present work consists on the analysis of 142 redactions produced by 1st grade school teachers and teacher applicants in a public contest, on the theme “The vote: a sign of democracy?”. Teachers’ political discourse is explored having as its theoretical reference the concepts and analytic procedures provided by the so called French Discourse Analysis. First, it is suggested that the common aspects involving both texts produced in a public contest and texts produced in school situations allows us to postulate the existence of a textual genre in Bakhtin’s terms: the school composition. By discursive paraphrase, 633 of the composition statements are progressively reduced to 25, 15 and, finally, to 6 basic statements categorized as *paraphrase families*, *macro-families and elementary statements*, respectively. Thus, the discursive paraphrase concept is explored further to yield “another discourse” as the “same” or “repeated”. After a previous arrangement of the data, which showed *what* teachers said/wrote regarding composition theme, some of the specimens were macro-analised in an attempt to characterise *how* subject teachers’ political discourse emerges in their texts. In approaching the interdiscursive dialogism present in the texts, something that stands out is the possibility, in the discursive field, for the *paraphrase* to operate as the “already-said” retrieval. More than that, it is a necessary requirement for the “new” to emerge.

The most important contribution of the present reflection resides, on the one hand, on the specification of the necessity of changes to be conducted in the proposition of themes for composition exams, in order to provide the means towards the elaboration of poliphonic texts, which will allow for various points of view. On the other hand, the dissertation points out the necessity to re-consider the heterogeneity concept in the Discourse Analysis field, considering the fact that paraphrase has shown two possibilities in the real discourse produced by examinees.

DESCRIPTORS: Discourse analysis - Political discourse - Redaction: estuding and teaching.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. (1980) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, Lisboa, Presença - Martins Fontes. (trad. de *Idéologie et appareils idéologiques d'Etat*).
- AUTHIER-REVUZ, J. (1990) "Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos lingüísticos* 19: 25-42, IEL/UNICAMP, Campinas.
- BAKHTIN, M. (1975) *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. Tradução de Aurora Fornoni et. al., São Paulo, Hucitec/EDUNESP, 1990
- ____ (1979) *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, C. (1975) *A reprodução*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- BRITTO, L.P.L (1983) "Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)". *Cadernos de estudos lingüísticos* 2, IEL/UNICAMP, Campinas.
- ____ (1988) *O 'relatório Pinotti' e a doença de Tancredo: medicina e discurso*. Campinas, Papirus.

- ____ (1991) *Fugindo da norma*. São Paulo, Átomo
- DE LEMOS, C. T. G. (1977) "Redações de vestibular: algumas estratégias". *Cadernos de pesquisa 23*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas.
- DUCROT, O. (1984) *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, Pontes, 1987
- ECO, U. (1979) *Leitura do texto literário: lector in fabula - a cooperação interpretativa nos textos literários*. Tradução de Mário Brito, Lisboa, Editorial Presença, 1983.
- FOUCAULT, M. (1969) *Arqueologia do saber*. Rio, Forense-Universitária, 1986
- ____ (1971) *A ordem do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. Ijuí, FIDENE, 1973.
- FUCHS, C. (1985) "A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação?". *Cadernos de estudos lingüísticos*, 8 : 129-34, IEL/UNICAMP, Campinas, 1985.
- GALAN, M. R. A. C. (1991) *A construção cotidiana de uma proposta de ensino: as falas de professores e alunos de língua portuguesa do oeste do Paraná*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis.
- GERALDI, J. W. (org.) (1984) *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel, Assoeste.

- GERALDI, J. W. (1991) *Portos de passagem*. São Paulo, Martins Fontes.
- HENRY, P. (1975) “Construções relativas e articulações discursivas”. Tradução de João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz). *Cadernos de estudos lingüísticos* 19 : 43-64, Campinas, IEL/UNICAMP, 1990.
- INDURSKY, F. (1990) “Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação”. *Cadernos de estudos lingüísticos* 19 : 117-122, Campinas, IEL/UNICAMP, 1990.
- KOCH, I. G. V. (1989) *A coesão textual*. São Paulo, Contexto (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- KRESS, G. (1985) “Ideological Structures in Discourse”. In: VAN DIJK, T. A. (org.) *Handbook of discourse analysis* (Vol. 4), London, Academic Press, 1985, pp.27-42.
- LIMA, M. E. A. T. (1990) *A construção discursiva do povo brasileiro: os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- MAINGUENEAU, D. (1987) *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1989.
- OSAKABE, H. (1979) *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós.

- ____ (1982) "A escrita..." In: AGUIAR, V. T. (org.) *Leitura em crise na escola: alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
- PÊCHEUX, M. (1969) "Análise automática do discurso (AAD-69)" In: GADET, F & HAK, T (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, pp. 61-161
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. (1975) "A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas" In: GADET, F & HAK, T (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, pp. 163-252
- PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et. al., Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.
- PÉCORA, A. A. (1983) *Problemas de redação*. São Paulo, Martins Fontes.
- POSSENTI, S. (1994) "Discurso, sujeito e o trabalho de escrita". In: NASCIMENTO, E. M. F. S. & GREGOLIN, M. do R. V. *Problemas atuais da análise do discurso*. (Série: Publicações do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Ano VIII, vol. 1). Araraquara, Unesp. pp. 27-41.
- ROCCO, M. T. F. (1981) *Crise na linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo, Mestre Jou.

SAVIANI, D. (1983) *Escola e Democracia*. São Paulo, Cortez/Autores Associados.

_____ (1984) "O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira".

Revista da ANDE, São Paulo, nº 7, pp. 9-13.

_____ (1986) "A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da educa-

ção brasileira". *Revista da ANDE*, São Paulo, nº 11, pp. 15-23

_____ (1989) "A pedagogia histórico-crítica e a prática escolar." In: BERNARDO, M.

V. C. et. al. (1989) *Pensando a educação: ensaios sobre a formação do professor e a política educacional*. São Paulo, USP, pp. 23-33.

ANEXO I

PROVA DE REDAÇÃO

LEIA ATENTAMENTE AS SEGUINTE INSTRUÇÕES:

Na folha seguinte são dados 3 temas.

Você deverá escolher um e, a partir do mesmo, elaborar um texto DISSERTATIVO.

Na redação, será avaliada sua capacidade de **pensar por escrito** sobre determinado tema ou assunto.

Na correção, serão levados em consideração:

- a) **adequação ao tema escolhido;**
- b) **adequação ao tipo de texto solicitado:** uma DISSERTAÇÃO;
- c) **domínio da modalidade escrita em língua padrão** (regras gramaticais, sistema ortográfico e recursos de pontuação);
- d) **texto coerente:** numa DISSERTAÇÃO, avaliar-se-á sua capacidade de relacionar os argumentos de forma a deles extrair conclusões apropriadas;
- e) **texto bem estruturado e coeso:** será avaliada sua capacidade de empregar adequadamente os recursos de que dispõe a língua portuguesa para relacionar termos ou segmentos na construção de um texto.

- **FAÇA A REDAÇÃO NA FOLHA PRÓPRIA;**
- **NÃO ESQUEÇA DE ESCREVER O NÚMERO DO TEMA ESCOLHIDO;**
- **UTILIZE O VERSO DAS FOLHAS COMO RASCUNHO;**
- **TÍTULO E NÚMERO DE LINHAS FICAM A SEU CRITÉRIO.**

ANEXO II

TEMAS PARA A REDAÇÃO

TEMA 1

Mercosul: Os passos da integração

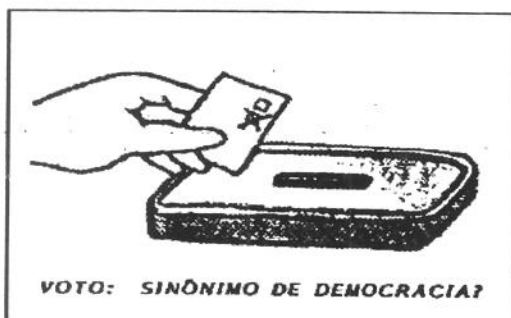
A principal novidade deste início dos anos 90 é a mudança da geografia mundial. Curiosamente, ela se movimenta em sentidos opostos: no campo político e cultural, de subdivisão; e no campo econômico, de aglutinação. O Leste Europeu e a ex-URSS são exemplos típicos do primeiro movimento. E os blocos econômicos, do segundo: **Comunidade Européia**, integrada pela Bélgica, Dinamarca, Alemanha, França, Grécia, Irlanda,

Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Espanha, e Reino Unido; **Mercado Comum do Norte** (Merconorte), EUA, Canadá e México; **Sudeste Asiático**, Japão, Coreia, Cingapura, Hong Kong, Tailândia, Indonésia, Filipinas, Malásia, Taiwan; e **Mercado Comum do Sul** (Mercosul), Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Das providências legais já adotadas para viabilizar o Mercosul, a redução gradativa das taxas alfandegárias está perfeitamente delineada. A próxima redução, sempre acompanhada de um corte de 20% no número de itens das listas de exceção, acontecerá dia 30 de junho de 92, quando alcançará 61%. Daí por diante, a cada semestre serão cortados mais sete pontos percentuais, alcançando 68% em 31 de dezembro de 92; 75% em 30 de junho de 93; 82% em 31 de dezembro de 93; 89% em 30 de junho de 94; e, finalmente, 100% em 31 de dezembro de 94.

(Retirado de FACES, Março/92 - Nardon, Nasi & Cia.)

TEMA 2



TEMA 3



LEMBRE-SE:

A DISSERTAÇÃO é a forma de redação em que se apresentam considerações, pontos de vista, argumentos (prós e contra) a respeito de um tema, um assunto ou situação; procurando explicar ou interpretar idéias.

ANEXO III

**RELAÇÃO DE GRUPOS DE ENUNCIADOS DE BASE
COM RESPECTIVOS ENUNCIADOS QUE LHES DERAM ORIGEM**

B01. "ATRAVÉS DE MUITA LUTA, O POVO ALCANÇOU DIVERSAS CONQUISTAS DEMOCRÁTICAS, REPRESENTADAS PELO DIREITO AO VOTO".

B01	R002	E006	Depois de alguns anos, vivemos sob um regime militar, onde o povo manifestava o desejo de escolher o seu próprio governante. Foi uma grande conquista e o brasileiro teve a oportunidade de escolher o seu próprio Presidente, através de eleições.
B01	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.
B01	R009	E032	Sabemos também que o povo conseguiu o direito ao voto através de muita luta. Foram muitos os anos em que as pessoas lutaram para exercer este direito, que agora nos é dado.
B01	R010	E042	No meu ponto de vista, as mudanças já surgiram e estão aí para serem aproveitadas...
B01	R011	E049	A democracia reinará novamente com toda força, pois já estamos caminhando para que isto aconteça.
B01	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.
B01	R020	E078	Na última década, a cada dia que passa, estamos aprendendo a conjugar o verbo democracia.
B01	R026	E104	Anos atrás, no Brasil, o voto era um direito só dos homens, mas com o passar desses anos, a mulher reivindicou seus direitos, podendo assim também votar, bem como os jovens acima de 18 anos, com exceção dos analfabetos, que não podiam votar.
B01	R026	E105	Hoje os tempos são outros e a democracia evoluiu.
B01	R029	E116	...precisamos estar conscientes que foi uma democracia conquistada com muitos esforços e que não devemos deixar que esta democracia tome um rumo diferente em nossa história.
B01	R030	E123	Com um regime mais liberal, deu-se abertura para poder encontrar a igualdade, surgindo os deveres e direitos.
B01	R040	E162	Povo e políticos começaram a lutar pelo direito do voto feminino, dos analfabetos e idosos, pois escravos não havia mais. Isso foi um movimento que deu certo e eles passaram a votar.
B01	R046	E182	Para conseguir o voto livre, os nossos antepassados lutaram muito. Foi uma conquista que se deu por etapas e muito vagarosa.
B01	R060	E232	Desde a antiguidade, o povo vem lutando para alcançar uma democracia justa. Quantos e quantos mitos da nossa história morreram de uma maneira brutal para defender a idéia de liberdade de um povo oprimido de várias maneiras: no trabalho, nas ruas, na própria casa etc.
B01	R063	E241	Democracia foi um sonho para todos os cidadãos brasileiros que hoje conquistamos, mas não através do voto.
B01	R069	E262	Desde o dia em que nos foi dada a oportunidade de escolhermos nossos governantes, de poder falar, defender nossas idéias, já se deu o grande passo para a democracia.
B01	R076	E291	Queria-se a liberdade de votar. Muitas lutas ocorreram, muitos morreram pela causa que mais tarde nos foi dada.
B01	R081	E316	O povo brasileiro lutou muito para conseguir esse direito, que há tempos atrás não lhe era concedido.
B01	R086	E338	Após muitos anos de luta, conquistamos o direito de votar.
B01	R092	E370	Nos moldes atuais da nossa sociedade, da nossa realidade brasileira, o voto é uma conquista do povo às custas de uma sofrida e árdua luta.
B01	R100	E418	Precisamos nos lembrar que a democracia é muito importante e que foi com muita luta que conseguimos fazer do Brasil um país democrático.
B01	R120	E515	Com o tempo, foram realizadas muitas manifestações a fim de tornar o voto um direito de todos. A partir daí, mais ou menos no começo do século, o voto tornou-se democrático.
B01	R125	E547	Finalmente o povo brasileiro adquire o direito de votar.
B01	R129	E569	O voto foi e é uma conquista do povo brasileiro.
B01	R135	E602	O voto é uma conquista de democracia.

B01	R140	E622	Anos atrás, nem todos tinham o direito ao voto. Hoje, o voto é um direito de todos.
-----	------	------	---

B02. "O VOTO DEVERIA SER SINÔNIMO DE DEMOCRACIA."

B02	R002	E005	Vivemos hoje num país que se diz democrático, onde todos os cidadãos tem o direito a voto quando atingirem a idade mínima, e também de expressar seus pensamentos. Foi um direito adquirido!
B02	R005	E017	Na verdade, o voto é considerado um sinônimo de democracia. Um direito que a todos assiste, só que está sendo pouco democrático, com tantas coisas acontecendo.
B02	R006	E026	Nós temos e precisamos acreditar que o voto é realmente um "sinônimo de democracia", porque só através desta certeza é que nós poderemos tentar mudar o nosso país.
B02	R011	E048	O voto deveria ser uma mudança pela qual passamos, mas não acontece essa mudança.
B02	R011	E052	Mudar para melhor seria a função do voto na minha opinião, mas acho que está acontecendo o contrário.
B02	R012	E054	O voto, do ponto de vista de muitas pessoas é democracia, porque podemos escolher uma pessoa, a qual vai comandar nosso país, estado, cidade, enfim, vai nos ajudar a solucionar os problemas existentes em nossa comunidade.
B02	R031	E126	Voto: sinônimo de democracia? Sim, era isto que deveria acontecer.
B02	R033	E139	O voto deveria realmente ser sinônimo de democracia. Porém, não é o que acontece no Brasil.
B02	R048	E190	A democracia é o poder que emana do povo, porém se existissem circunstâncias e condições ideais para que realmente esta frase tivesse veracidade, poderíamos sentir o voto como sinônimo de democracia.
B02	R077	E294	Desde que nos lembramos, a escola e os meios de comunicação enfocam a questão da democracia como participação do povo, lembrando em primeiro plano o voto, sendo ele a forma de todos os cidadãos participarem ativamente.
B02	R087	E344	Neste sistema, o cidadão tem o direito e o dever de escolher o seu representante de forma democrática, através do voto.
B02	R093	E376	Desde que surgiu, o voto teve a intenção de ser um meio, uma possibilidade para que o povo pudesse escolher os seus representantes.
B02	R097	E396	Houve um tempo em que realmente acreditava-se que o voto era uma "conquista da democracia", um direito do povo, através do qual ele daria sua participação na escolha de um candidato.
B02	R114	E487	Em todo um contexto social e político que o voto foi instituído como lei para instituir os poderes políticos que organizariam todo um andamento funcional de uma sociedade organizada ou não, seria sim, o voto, um sinônimo de democracia.
B02	R119	E511	Na teoria e principalmente para quem está no poder, para quem já recebeu o voto do povo, para quem está por cima, enfim, para os governantes em geral, voto é, sem dúvida, sinônimo de democracia.
B02	R123	E534	Temos o voto como um dever de todo cidadão brasileiro. Um dever que deveria ser realmente respeitado por cada cidadão.
B02	R129	E570	Se fosse como deveria realmente ser, um ato democrático, tal afirmativa seria correta.
B02	R132	E584	Devemos votar. É um dever e um direito de cada cidadão brasileiro.
B02	R141	E627	Foi e está sendo tão pregado voto livre, democracia.
B02	R142	E631	O voto deveria ser sinônimo de democracia...

B03. "O VOTO DEIXOU DE SER DEMOCRÁTICO PORQUE É COMPRADO/VENDIDO EM TROCA DE DINHEIRO OU DE PEQUENOS FAVORES."

B03	R001	E004	Se muitas coisas não vão bem, grande culpa é do próprio cidadão, que, infelizmente ainda não está sabendo usar seu direito de cidadão e troca seu voto, às vezes, até por uma simples camiseta.
B03	R005	E020	Mas, infelizmente, com tanta fome e miséria em nosso país, o brasileiro vai vendendo seu voto a quem der mais.
B03	R009	E035	Os eleitores, muitas vezes incoseqüentes, trocam o seu voto ou vendem, porque não dizer, vendem seu voto em troca de dinheiro, roupas, construções de muros e até mesmo de casas, "quando a família é grande", assim dizem alguns políticos.

B03	R011	E051	O próprio eleitor não colabora, pois diz a um candidato: "Voto em você se me der uma casa", tornando o voto uma mercadoria a ser vendida.
B03	R012	E053	Só que muitos políticos esquecem que o voto deveria ser algo particular de cada pessoa e ficam pressionando-as, tentando comprá-las com dinheiro ou outras coisas materiais.
B03	R019	E077	Acontece, com frequência, pessoas ligadas a um partido querendo comprar voto, só para conseguir maioria. Não é certo. Devemos escolher o melhor por livre e espontânea vontade.
B03	R022	E088	A população marginalizada, muitas vezes, se vende por qualquer par de sapatos, compra, óculos, etc.
B03	R029	E117	A democracia que estamos presenciando nos dias de hoje no Brasil com relação ao voto é preocupante, sendo que algumas pessoas, onde a falta de informação é grande, estão trocando esta por pequenas coisas.
B03	R032	E135	Voto democrático é ter o direito de votarmos em nosso candidato favorito. Bela mentira, pois muitos só votam naquele que pode mais, que tem maior poder aquisitivo. Aquele que paga mais alto leva o maior número de votos.
B03	R032	E136	Uma grande parte do povo já se acostumou a tocar seu voto por dinheiro, cargos públicos e muitas coisas mais. Isto é Democracia? Não. É um verdadeiro comércio.
B03	R036	E149	O nosso povo humilde, trabalhador, mas com pouca instrução, elege o candidato que mais tem lábia, ou talvez aquele que fala simples, que sabe mesmo conquistar, dando alguma coisa em troca do voto.
B03	R042	E169	O voto, na maioria, virou um comércio, em que vende-se ou troca-se por algo.
B03	R048	E192	Porém, aí encontra-se o perigo: como podemos afirmar que o voto é sinônimo de democracia se a maioria esmagadora dentro de nosso país, aquela mais pobre, tanto econômica como culturalmente, põe à venda seu voto, trocando-o por algo que algum candidato lhe fornece ou lhe presenteia?
B03	R050	E203	O voto, hoje, no Brasil, tornou-se sinônimo de corrupção pelo que o candidato oferece pelo voto e a oportunidade que damos a ele de se tornar corrupto.
B03	R059	E229	As pessoas das classes mais baixas vêem o voto como um sinônimo de comida, sacola de alimentos, ou até uma consulta médica.
B03	R065	E252	Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca
B03	R069	E263	Agora, o que acontece muito em nosso país nas eleições é o voto comprado, pressionado.
B03	R079	E306	Preocupo-me ao vê-los subornando os eleitores de várias formas, com seus discursos planejados através dos meios de comunicação, com seus favores temporários, entre muitos outros.
B03	R079	E308	E isso me deixa preocupadíssima, pois existe grande parte do povo brasileiro que vende seu voto em troca de favores, ou até mesmo por um pouco de alimento, sem preocupar-se em quem estão votando e que conseqüências esse voto lhe trará.
B03	R080	E310	Na verdade, o voto tornou-se a forma mais mesquinha de corrupção, pois são muitas as pessoas que, em troca de pequenos favores, votam em um determinado candidato.
B03	R080	E311	O voto não é para ser vendido.
B03	R082	E324	Muitas vezes, certas pessoas vendem seu voto sem saber que estão prejudicando a si mesmos.
B03	R087	E346	Conforme a crise atual que está no Brasil, o voto democrático de certas pessoas é pelo candidato que se dispõe a dar algo em troca e o cidadão o faz, não sabendo que sairá do seu próprio sacrifício mais tarde.
B03	R087	E348	Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
B03	R090	E360	Muitos se deixam comprar em troca de alguma coisa que, para eles, pode ser muito, mas que é insignificante.
B03	R092	E372	O povo já está acostumado a ser comprado, pois nas épocas eleitorais é onde tudo fica mais fácil.
B03	R093	E379	Devido aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida.
B03	R097	E401	...mas o problema é que a maioria do povo vive em situação tão precária, desesperadora, que vende o seu voto, pensando que suas dificuldades serão resolvidas e elege maus candidatos.

B03	R104	E434	Quantas vezes o nosso voto é subornado por dinheiro, uma cesta de alimentos ou simplesmente por conveniências políticas e promessas inovadoras de mudanças para um país melhor, onde tudo será diferente da <u>gestão anterior</u> .
B03	R108	E460	Resumindo: tudo facilita aos candidatos a compra do voto.
B03	R111	E475	A classe dominante acredita que, com um pacote de arroz e de feijão, compra nosso voto.
B03	R112	E479	Às vésperas das eleições, os candidatos já instalam comitês, ou seja, um mercado de troca-troca.
B03	R112	E480	O eleitor mal informado e, às vezes, muito necessitado, vende seu voto por um talão de luz, de água, remédio, cervejas, ou até mesmo pela promessa de um bom emprego.
B03	R120	E519	Outro problema que tira a nossa liberdade é a chamada compra, o suborno: pessoas sem escrúpulos que usam a população mais humilde para conseguir seus votos.
B03	R121	E524	Voto democrático deveria ser com consciência, não para ganhar um quilo de feijão, arroz ou uma camiseta.
B03	R129	E571	Mas, no país em que vivemos, entre muita politicagem, onde pessoas vendem seu voto por arroz e feijão, não é democracia, pois seus votos passam a ser conjuntamente, como se um só escolhesse o voto de muitos.
B03	R133	E588	O que dizer a respeito da constante distribuição de dinheiro, medidas econômicas milagrosas, gêneros alimentícios e outros em época de campanha eleitoral? Não é esta uma maneira de ludibriar as pessoas, induzindo opiniões positivas a respeito de algum candidato?
B03	R134	E596	Outros já se vendem em troca de ninharias.

B04. "O VOTO NÃO É DEMOCRÁTICO PORQUE É OBRIGATÓRIO."

B04	R011	E046	O governo, por puro interesse, aprova o voto aos 16 anos e é obrigatório após os 18 anos.
B04	R011	E047	Eu acredito que se abolir a obrigatoriedade do voto, o povo participará ativamente no progresso do país.
B04	R024	E098	...o voto deixa de ser um direito quando passa a ser um dever. "É obrigatório votar!". Votar por obrigação representa o mesmo que votar livre e conscientemente? Continua o voto a ser sinônimo de democracia, a representar a vontade, a escolha do povo?
B04	R033	E140	Se o voto fosse realmente sinônimo de democracia, não nos seria imposto.
B04	R033	E141	A partir do momento que alguma coisa é imposta, ao meu ver, isso não é ser democrático.
B04	R042	E170	Mas, no Brasil, há muitos analfabetos que votam sem ao menos conhecer o candidato. Votam por quê? Porque são obrigados. Se recusarem-se a votar, o que acontece?
B04	R044	E175	O voto é um direito de todos os cidadãos, desde que não seja forçado.
B04	R046	E181	Desde muitos anos, lutamos para ter o voto livre e democrático, mas até que ponto o voto é livre, pois desde o momento em que não se votem perdem-se os direitos de cidadão brasileiro?
B04	R049	E197	O voto não deveria ser obrigatório. Assim seria verdadeiramente democrático. O povo vota por medo, porque se não votar, tem que pagar multa. Isso é democracia?
B04	R049	E198	Deixe o povo livre para escolher se vota ou não para ver se alguém consegue se eleger.
B04	R064	E246	De certa forma, somos obrigados a votar.
B04	R064	E248	A meu ver, isso (<i>o fato de sermos obrigados a votar</i>) não é democracia e sim pressão sobre o povo, que é coagido, embora diplomaticamente, para agir como os políticos querem.
B04	R070	E269	...as pessoas dizem constantemente que, na próxima eleição, irão anular o seu voto, não o dando para ninguém. Dizem que irão participar do processo de votação porque é uma obrigatoriedade na nação. Mas, infelizmente, não fazem isso com alegria, com satisfação.
B04	R070	E270	Analisando esta situação, podemos perceber, então, que o voto, aqui no Brasil, está sendo uma democracia parcial, pois o indivíduo tem liberdade para votar em quem quiser, mas, por outro lado, é obrigado a participar do processo de votação de qualquer jeito, mesmo contra a sua vontade.

B04	R070	E271	Acho que a participação na votação deve ser livre, para que o voto seja realmente um sinônimo de democracia.
B04	R072	E276	Será o voto um sinônimo de democracia, se somos obrigados a eleger pessoas que não correspondem aos interesses da nação?
B04	R072	E277	O voto deveria ser livre e não obrigatório, pois assim, os políticos deveriam trabalhar honestamente para conseguir o voto do eleitor e, assim, se eleger.
B04	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos governantes, que estão somente fazendo barbaridades.
B04	R079	E308	E isso me deixa preocupadíssima, pois existe grande parte do povo brasileiro que vende seu voto em troca de favores, ou até mesmo por um pouco de alimento, sem preocupar-se em quem estão votando e que conseqüências esse voto lhe trará.
B04	R084	E333	Democracia é a livre escolha, mas para que eleger livre-forçadamente um representante que continua fazendo de nossas vidas verdadeiras seqüências de analfabetismo e miséria?
B04	R086	E341	Muitas vezes, o cidadão vota apenas para cumprir um dever e acaba "votando por votar".
B04	R087	E345	Por aí, vemos que o voto não é tão democrático como se fala. Ele é, na verdade, obrigado a ser feito.
B04	R087	E348	Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
B04	R088	E350	Concordo com o voto liberal: vota quem realmente sente o desejo de escolher determinado candidato.
B04	R091	E366	Voto democrático? Até onde? Se o voto é obrigatório e, se não votarmos, sofremos penalidades.
B04	R102	E427	Por isso, devia ser bem analisado e questionado pelo eleitor e não simplesmente como acontece: votar somente para ter um dia um documento nas mãos.
B04	R105	E440	...pois se houvesse realmente democracia, não seria o voto obrigatório. Seríamos livres para decidirmos ir votar ou não.
B04	R105	E443	Por isso, o voto seria sinônimo de democracia se fosse livre e não obrigatório.
B04	R109	E463	No meu ver, o voto não é sinônimo de democracia, pois se fosse, não seria obrigatória a presença no dia de eleição.
B04	R109	E464	Devia ser aprovada uma lei que votasse quem quisesse.
B04	R110	E468	Não deveria ser obrigado a votar.
B04	R111	E476	Se, por acaso, abolirem o voto obrigatório, onde ficará nossa democracia?
B04	R112	E478	Não sendo o voto apenas um direito e sim uma obrigação, já não ressoa como democrático.
B04	R117	E500	Agora, nos fazemos uma indagação e nos perguntamos: até que ponto deve-se obrigar as pessoas a votar, já que ouve-se falar tanto que "o voto é democrático"?
B04	R117	E504	Se quisermos ter uma política séria em nosso país, devemos começar pelo voto democrático, onde votam aqueles que realmente saibam o que estão fazendo.
B04	R119	E512	Mas, será que voto também é democracia para quem tem que votar porque o voto é obrigatório?
B04	R119	E514	Sair de casa para cumprir com o dever só porque o voto é obrigatório e não ter em quem votar porque são todos iguais, não vejo como um ato de democracia e sim um sacrifício, uma ilusão, uma violência, um atentado à dignidade humana brasileira.
B04	R121	E523	Atualmente, o voto, sendo obrigatório, não é sinal de democracia, pois não tenho a liberdade de votar ou não.
B04	R123	E536	Enquanto outros cidadãos apenas cumprem seus deveres por medo de uma punição posterior, não dando nenhum valor àquilo que estão fazendo.

B05. "O VOTO É UMA ARMA DO ELEITOR."

B05	R022	E086	Voto é a arma que o povo tem para escolher os seus governantes.
B05	R075	E288	...temos hoje, como povo, essa dificuldade em constatar ou perceber que o próprio voto, que teria que ser uma atitude consciente e democrática, acaba sendo uma arma do povo usada contra o próprio povo.
B05	R079	E304	Vejo no voto uma arma muito importante que a população tem em seu poder, pois é dele que os candidatos necessitam para se eleger.
B05	R080	E309	São eles que possuem a grande arma, o voto.

B05	R086	E342	O nosso voto é uma "arma" poderosa que temos em nossas mãos.
B05	R093	E381	Precisamos refletir com seriedade nesta questão do voto, pois este é a nossa maior arma para lutarmos contra as desigualdades sociais...
B05	R097	E398	O voto é a arma do povo...
B05	R098	E405	...uma vez que o voto democrático é a única arma que nós, brasileiros, temos em nossas mãos.
B05	R099	E412	Sabemos que o voto é a arma que os brasileiros têm.
B05	R107	E449	A população brasileira ainda não sabe usar esta arma tão poderosa que tem em suas mãos.
B05	R108	E454	O voto é decididamente uma arma.
B05	R108	E461	Não seria impossível mudar essa situação, pois temos uma arma: o voto.
B05	R122	E531	O voto poderia ser uma das armas principais para o povo, mas este está alienado.
B05	R127	E558	Pelo menos é uma das armas que nós eleitores possuímos para nos defender dos maus políticos...
B05	R130	E574	O povo brasileiro só tem uma arma na mão, que é o seu voto, e não sabe aproveitar.
B05	R130	E577	Mas alguém precisa esclarecer o povo que essa é a única arma que temos como garantida, pois somos nós quem os escolhemos.
B05	R133	E586	Em ano eleitoral, nos é lembrado constantemente que o voto é a nossa arma, nossa defesa.

B06. "A ATUAL SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS IMPEDE A CONSCIENTIZAÇÃO DO POVO."

B06	R005	E020	Mas, infelizmente, com tanta fome e miséria em nosso país, o brasileiro vai vendendo seu voto a quem der mais.
B06	R012	E055	E, logicamente, quem está precisando se vende para não passar fome.
B06	R036	E151	Num país como o que vivemos, com o salário baixo, quase que um pai de família não pode sustentar seus próprios filhos, como ele vai poder ter consciência de que um voto dele é muito importante?
B06	R094	E385	O povo, com a condição sócio-econômica atual do país, já está descrente, pois a cada dia que passa fica mais difícil para sobreviver com dignidade em meio a tantas mentiras e desonestidade da parte de nossos políticos e governantes, que não se preocupam com o povo e o país, muito menos com a miséria em que esse mesmo povo vem vivendo.
B06	R093	E379	Devido aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida.
B06	R097	E401	...mas o problema é que a maioria do povo vive em situação tão precária, desesperadora, que vende o seu voto, pensando que suas dificuldades serão resolvidas e elege maus candidatos.
B06	R108	E459	É sabido que povo sem cultura, sem estudo, é pobre e sem emprego. Isso gera a fome.
B06	R111	E472	A sociedade brasileira, devido as crises políticas e financeiras, que são decorrentes de uma governabilidade insatisfatória, vem acarretando descrenças perante as classes inferiores, que de formas precisas, tentam modificar esse quadro.
B06	R120	E521	Mas o povo, sem o mínimo de poder aquisitivo, não tem conscientização, porque só pensa em como poderá sobreviver nesse mundo.

B07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

B07	R001	E001	O voto já há muitos anos vem sendo pouco valorizado pelos próprios cidadãos brasileiros.
B07	R001	E002	Na verdade, muitos levam mesmo é na brincadeira, nem pensam que está dependendo deles o sucesso ou não de um governo.
B07	R004	E015	O povo já perdeu a esperança de melhorar porque a cada eleição que passa, uma nova decepção.
B07	R006	E024	A falta de informações reais sobre tudo que se refere à política é que faz com que o nosso povo, de tão sofrido, não se interesse em votar em quem ele realmente acredita.

B07	R021	E081	Hoje em dia as pessoas se revoltam quando falam em votar, porque nós, o povo, somos manipulados; nós não temos mais uma política honesta; o povo é muito desrespeitado pelos políticos, é comprado.
B07	R021	E083	O povo atualmente já não acredita e nem confia mais em nada, porque muitos de nós fomos enganados, ficamos só nas promessas.
B07	R025	E100	Se num lado estão aqueles que acreditam numa melhora (política) com a mudança política, outros já desiludidos não se preocupam em participar ativamente das eleições.
B07	R025	E102	A conscientização do povo na conquista do voto e os patrocínios por parte dos empresários é tarefa difícil nos dias de hoje, devido a muitas promessas não cumpridas no passado.
B07	R032	E132	...como já sabemos, o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.
B07	R039	E159	Muitas pessoas se fazem esta pergunta: Mas por que votar se escolhemos tanto nossos governantes e eles muitas vezes não fazem nada do que prometeram em tempo de campanha?
B07	R041	E164	A democracia que existe hoje em nosso país já é desacreditada, isto é, não existe mais o voto de confiança do povo.
B07	R043	E173	O povo sofre tanto que não acredita mais nos candidatos. Por isso, nas eleições, observa-se um índice elevado de votos em branco.
B07	R051	E205	Então, percebe-se as verdadeiras razões de insatisfação e descrença da grande massa, que sempre arcou com os prejuízos.
B07	R057	E223	Existe uma demagogia por trás de tudo, na qual não confiamos nas pessoas que elegemos.
B07	R064	E248	A meu ver, isso (<i>o fato de sermos obrigados a votar</i>) não é democracia e sim pressão sobre o povo, que é coagido, embora diplomaticamente, para agir como os políticos querem.
B07	R067	E256	Quando ouve-se falar em eleições, logo sente-se aversão ao assunto, pois ao longo da história política brasileira, percebeu-se que escolher livremente nossos dirigentes nem sempre foi solução para os grandes problemas sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil.
B07	R070	E267	Nos dias atuais, é muito comum ouvirmos colocações pessimistas sobre a votação.
B07	R073	E280	O eleitor, cansado de ser enganado por promessas políticas com fins meramente eleitoreiros, passa a não acreditar em mais ninguém, mesmo que estes tenham sérios propósitos. Essa descrença pode ser observada quando comparamos a grande quantidade de votos brancos e nulos da última eleição para presidente.
B07	R074	E286	Mas o povo brasileiro já não acredita mais, vendo tantas barbaridades, aumentos, bagunças acontecendo lá dentro do congresso e nada se resolve.
B07	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos governantes, que estão somente fazendo barbaridades.
B07	R081	E317	Porém, não é levada a sério essa conquista. O alto índice de votos brancos e nulos ocorridos nas eleições passadas são a prova disso.
B07	R086	E340	O descrédito nos políticos fez com que o povo não veja o voto como direito, mas apenas como um dever.
B07	R091	E365	Ouvimos muitas pessoas dizerem que não confiam em políticos e preferem votar em branco ou, então, anular seu voto.
B07	R093	E380	Outro fato é que ninguém mais acredita na política e acaba votando porque é obrigado.
B07	R094	E385	O povo, com a condição sócio-econômica atual do país, já está descrente, pois a cada dia que passa fica mais difícil para sobreviver com dignidade em meio a tantas mentiras e desonestidade da parte de nossos políticos e governantes, que não se preocupam com o povo e o país, muito menos com a miséria em que esse mesmo povo vem vivendo.
B07	R097	E397	...diante de tantos políticos corruptos, que trabalham pensando em seus interesses, que fazem muitas promessas nas campanhas e depois não as cumprem, o povo se torna descrente.
B07	R104	E436	Resta apenas uma grande desilusão de ter confiado em quem não merecia o nosso voto.
B07	R106	E444	Quando chega a época de eleição, a maioria dos votantes se revolta com os candidatos, pois, geralmente, todos prometem muito e cumprem pouco.
B07	R106	E445	É certo que o povo já está cansado de tantas promessas.

B07	R111	E472	A sociedade brasileira, devido as crises políticas e financeiras, que são decorrentes de uma governabilidade insatisfatória, vem acarretando descrenças perante as classes inferiores, que de formas precisas, tentam modificar esse quadro.
B07	R117	E499	Mas, como sabemos, as pessoas andam meio que desanimadas e temem votar.
B07	R118	E506	Aí está mais um ano político e o brasileiro, com certeza, não ligará a mínima para votar.
B07	R120	E517	As pessoas, de maneira geral, não acreditam mais em ninguém que se diz político, defensor dos direitos.
B07	R123	E536	Enquanto outros cidadãos apenas cumprem seus deveres por medo de uma punição posterior, não dando nenhum valor àquilo que estão fazendo.
B07	R124	E541	A maioria dos brasileiros não acredita mais em promessas e discursos.
B07	R128	E564	O povo brasileiro está muito insatisfeito com os políticos, com os governantes do nosso país.
B07	R131	E579	Só que o nosso povo se encontra um tanto incrédulo dessa forma ou desse meio de escolher os governantes...
B07	R136	E607	Em nosso país, o período de eleições é muito criticado, pois os nossos políticos são muito desonestos.
B07	R137	E611	Ao atravessar por esta crise, o cidadão fica desacreditando de que ainda possa haver uma solução.
B07	R138	E616	O país está atravessando uma crise tão difícil que o povo, já tão desacreditado, tão sem esperanças, já não sabe mais a quem se apegar.
B07	R140	E625	...muitos, ao receber a cédula, anulam o seu voto, pois já estão desacreditados...

B08. "DEVEMOS TER ESPERANÇA DE QUE É POSSÍVEL UM FUTURO MELHOR PARA O PAÍS."

B08	R010	E044	Espero que no futuro tudo se realize e que todos sejam compreendidos.
B08	R022	E092	O Brasil é muito rico. Ele tem jeito. Basta querer.
B08	R023	E093	Todos empenhados num amanhã cada vez melhor, trazendo a cada novo dia a esperança de uma vida digna.
B08	R027	E108	... um país caído que, com certeza, um dia, com a força brasileira, há de se levantar e produzir bem mais que no momento.
B08	R054	E217	Amanhã será melhor.
B08	R054	E218	Vote na democracia que, certamente, o amanhã será um país mais democrático.
B08	R083	E331	O povo é soberano e saberá dar resposta na próxima vez que for às urnas. Terá mais cuidado e não mais se deixará ludibriar.
B08	R088	E353	Mas, um dia, chegaremos lá.
B08	R089	E356	Com tudo isto, nós, os brasileiros, devemos ter cautela e esperar dias melhores.
B08	R092	E375	Mas, como dizem os políticos: "Minha gente, a luta continua..."
B08	R096	E395	Esperança e coragem para nós não devem faltar. Vamos continuar lutando pelos nossos ideais.
B08	R100	E416	Mas, acreditamos que tudo irá tomar um rumo e os problemas irão diminuir, principalmente porque estamos em um ano político.
B08	R106	E447	...e, assim, quem sabe, contribuir para que nosso país seja um país com futuro promissor, onde a miséria e o banditismo possam não mais existir, dando alívio a todos nós.
B08	R108	E461	Não seria impossível mudar essa situação, pois temos uma arma: o voto.
B08	R111	E477	Indo às urnas, mesmo sem imposição, mostrando a "eles" que acreditamos num país melhor e mais humano.
B08	R116	E498	Só assim teremos condições de cobrar e mudar os governantes federais, estaduais e municipais do nosso país, para que ocorra uma verdadeira democracia.
B08	R123	E535	Muitos cidadãos, quando vão até as urnas, vão com aquela idéia confiante de que dias melhores virão.
B08	R128	E568	Mas há de mudar esse quadro, com o povo brasileiro, que é a maioria, lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos.
B08	R135	E606	...num país que tudo tem para dar certo.

B09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPOTOS, DEMAGOGOS..."

B09	R004	E013	Candidatos existem muitos. Todos querem ser eleitos. Prometem muito, mas não fazem nada para melhorar esse país.
B09	R005	E018	Quantos votos comprados com promessas que nunca serão pagas.
B09	R006	E025	Pessoas que fazem da vida política um jogo de interesses pessoais e dos grupos que se escondem por traz, colocando dinheiro e prestígio nos seus candidatos.
B09	R016	E067	Apesar de que em nossos dias atuais o país apresenta a maior decadência no atendimento à saúde, e isso entristece cada dia mais os brasileiros que, na esperança de terem escolhido o seu candidato, vieram a ter as grandes desilusões.
B09	R019	E076	Quando eles querem o poder, fazem várias promessas que vão melhorar o país, principalmente em termos de educação para crianças.
B09	R021	E082	Eles se aproveitam do povo carente e necessitado para conseguir votos, não medem conseqüências para chegar onde eles querem. Passam por cima de tudo e de todos.
B09	R022	E087	Mas, eu me pergunto: será que vale a pena? Neste mundo tão cheio de políticos inescrupulosos e corruptos, quem você vai escolher? Não está escrito na testa de nenhum deles se são bons ou ruins.
B09	R022	E089	Liberdade de escolher: Quem? Políticos como Magri, Alceni e tantos outros que ajudaram a fraudar a Previdência.
B09	R025	E101	Alguns não têm bagagem suficiente para ocupar um cargo público e desenvolver um bom trabalho, porém estão tentando uma vaga na Câmara ou até ser prefeito. Talvez em benefício de si próprios, deixando as aspirações do povo em segundo plano.
B09	R026	E107	Ano de 1992, ano de elegermos novamente candidatos, candidatos esses que prometem e prometem para os eleitores que sempre ficam à espera de mudanças e de dias melhores.
B09	R028	E112	...com a democracia que dizem existir, já era para ter se conseguido alguma coisa, como por exemplo, evitar que corruptos se infiltrem na política, não a fim de resolver milhares de problemas que afligem o povo brasileiro e sim, a fim de ganhar algo em troca da função exercida, a fim de enganar, de ludibriar todos nós.
B09	R030	E122	Desde a descoberta do Brasil, muitos mandantes já fizeram parte da história, mas foram poucos os que lutaram pela melhoria da situação em que o povo estava.
B09	R031	E128	Para os governantes, nós não passamos de mero detalhe, quanto mais fácil é governar um povo desinformado que um crítico. Todos nós sabemos disso e precisamos reverter esse quadro.
B09	R032	E132	...como já sabemos, o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.
B09	R032	E134	Todos dizem: - Precisamos escolher políticos novos, com idéias modernas! Qual nada, todos copiam os mesmos estilos dos políticos antigos e nada fazem para o bem do povo, mas sim para o seu próprio bem-estar.
B09	R035	E145	Todos aqueles que se candidatam só querem aproveitar as mordomias do cargo.
B09	R038	E158	Mesmo que ao estar com o poder nas mãos haja abusos, o povo brasileiro sofre com isso, pois a falta de compreensão é demais.
B09	R039	E159	Muitas pessoas se fazem esta pergunta: Mas por que votar se escolhemos tanto nossos governantes e eles muitas vezes não fazem nada do que prometeram em tempo de campanha?
B09	R041	E166	...os corruptos somente roubam do povo e não pensam nos baixos salários e nas dificuldades pelas quais atravessa o país, tanto na área educacional, como na saúde, bem-estar social e outros.
B09	R044	E176	Os políticos sempre procuram os mais necessitados, as pessoas que não possuem qualquer tipo de informação. Com isso, fazem promessas e acabam vitoriosos em suas campanhas.
B09	R047	E187	Todos verdadeiros mestres na arte de manipular as pessoas a seu favor, corrompendo-as por tão pouco, tanto é que estamos passando pelo período, talvez o mais difícil e corrupto da política brasileira.
B09	R049	E196	Em nome daqueles votos que o elegeram, o político faz barbaridades, rouba, desvia verbas para outros fins, enfim, ele se esquece que foi eleito pelo povo e que o povo espera que faça alguma coisa por ele.
B09	R050	E201	Muitas vezes, candidatos com superproduções de marketing político nos passam uma idéia de mudança e de dias melhores, nos deixam envolver por filosofias baratas em cada ano eleitoral.

B09	R050	E202	...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.
B09	R051	E204	...os políticos apresentam sua capacidade cada vez mais aguçada de ludibriar e enganar os poucos que ainda acreditam e a nação está prestes a assumir a sua verdadeira identidade de colônia.
B09	R051	E206	Os que se dizem grandes líderes, na maioria, não passam de pessoas treinadas e especializadas em seus discursos, a fim de convencer as pessoas, tendo em vista interesses próprios, deixando as necessidades coletivas na estampa de suas campanhas, porém esquecendo-as nas práticas sociais.
B09	R052	E210	Muitas vezes, os políticos só querem pedir o voto do povo. Só fazem promessas. Olha bem o Collor de Mello: só colocou ministro corrupto lá dentro do poder, enquanto o povão brasileiro está passando dificuldade na parte do desemprego, na educação...
B09	R054	E216	...a falta de consideração etc. dos que têm o poder em suas mãos, que poderiam fazer alguma coisa, mas não fazem. Somente sabem enganar o povo com suas promessas.
B09	R058	E224	As propostas apresentadas de várias formas, o voto é disputado na mais "fiel" competição, cada um manuseia os eleitores como pode, sem demagogias, na mais pura democracia.
B09	R062	E238	Quando chegam as eleições, nós ficamos apreensivos, agitados, ou até mesmo doentes, pensando no voto, em quem devemos votar. "Será que João vai fazer o que prometeu? E José, vai fazer o asfalto, a praça, vai mesmo melhorar nosso bairro e a educação? Carlos não falou nada sobre a educação."
B09	R064	E247	Quando ela está com a faca e o queijo nas mãos, zomba por trás das cortinas daqueles que ali a puseram.
B09	R065	E253	Em época de eleição, os candidatos recebem todos os tipos de pessoas, apertam suas mãos. Depois das eleições, não vêem mais estas pessoas que lhes ajudaram.
B09	R066	E254	Mas, infelizmente, sempre escolhemos alguém que está voltado ao seu próprio interesse e pouco se preocupa com a população que lhe escolheu. Prova disso está nítido no presidente Collor que, em sua campanha, dizia que, se eleito fosse, iria acabar com os pés-descalço, com os descamisados. No entanto, esse mesmo pessoal ao qual ele se referia está aí pior do que poderíamos imaginar.
B09	R067	E258	Passado o mandato do escolhido, vem a decepção. As pessoas continuam pobres, ganhando míseros salários e sentindo, além de tudo, profundo arrependimento por sua escolha.
B09	R068	E259	Mas, tomando o poder, muitas vezes, são obrigados à corrupção. Porque os bons são minoria. A maioria é de corruptos. E aí, a maioria vence.
B09	R068	E261	Perceber, eles percebem. Só que nunca vão fazer nada. Uns porque não podem, outros porque pensam só em tirar para si e, enquanto isso, a população sofre.
B09	R070	E268	...decepcionadas com a atuação de determinados políticos envolvidos em corrupção e irresponsáveis quanto ao seu dever de prestar serviços à comunidade que o elegeu dando o seu voto de confiança...
B09	R071	E273	Na hora de fazer propaganda, eles iludem muito o povo com promessas de tantas coisas boas que o povo é tão pequeno de cabeça que, chega o dia das eleições e acaba votando e pondo no poder os piores candidatos, aqueles que só estão a fim de fazer para o lado deles.
B09	R072	E278	Atualmente, o povo brasileiro está cansado de escolher seus representantes, pois os mesmos, quando estão no poder, não trabalham mais para a nação e sim para encher seus bolsos, satisfazer seus interesses.
B09	R074	E286	Mas o povo brasileiro já não acredita mais, vendo tantas barbaridades, aumentos, bagunças acontecendo lá dentro do congresso e nada se resolve.
B09	R077	E297	No Brasil, revela-se, ao contrário, a corrupção no Parlamento, as intrigas com o Judiciário, as desigualdades sociais (luxo e lixo juntos)...
B09	R077	E298	...faltam governantes preocupados com o bem do povo...
B09	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos governantes, que estão somente fazendo barbaridades.
B09	R079	E305	Porque os candidatos aparecem e com muitas idéias convincentes, mas que não serão postas em ação na maioria das vezes, a não ser que estas venham ao encontro de seu próprio benefício.
B09	R079	E307	Mas seus alvos são as mordomias e os ricos salários que irão receber.

B09	R082	E322	Existem muitos candidatos que só querem se eleger e ocupar um cargo político pelo salário que lhes é pago, não pelo fato de tentar mudar o estado e até o país, solucionando os problemas, criando novas medidas e leis que beneficiem o povo.
B09	R083	E327	Elegemos nossos representantes com o intuito de que nos ajudem e, no fim de todo o processo, eles nos roubam, nos traem e, sobretudo, violentam o nosso voto, nos fazem de idiotas, nos enganam abertamente, usam recursos que todos os brasileiros deveriam usufruir em benefício próprio.
B09	R083	E329	Pulam de partido, como macacos de galho em galho, visando não o povo, mas sim favorecendo-se, para poder continuar trapaceando.
B09	R084	E333	Democracia é a livre escolha, mas para que eleger livre-forçadamente um representante que continua fazendo de nossas vidas verdadeiras seqüências de analfabetismo e miséria?
B09	R084	E334	Será sim, um analfabeto, mas, político, se não souber discernir as falcatruas do poder, se não souber entender e ler nas entrelinhas dos inflamados discursos de palanque toda uma ideologia que vai por caminhos tão bem estudados e estruturados para driblar a nossa competência de ouvintes. A retórica é convincente e argumentativa.
B09	R085	E336	Doam cestas, roupas, dinheiro. E o povo fica feliz, ajuda na campanha, promete o voto e põe o voto na urna, Ele se eleger, assume o cargo. O que acontece? Termina fome, miséria, salário baixo; educação não é problema, saúde...?
B09	R086	E339	Porém, hoje, frente a uma política em crise profunda e perante políticos sem escrúpulos, não sabemos mais se o voto é sinal de democracia.
B09	R087	E347	Os candidatos estão muito desacreditados. Eles próprios nos dão provas de que não merecem o poder.
B09	R088	E352	É claro que, no nosso país, os milhões de analfabetos e a pouca instrução do povo faz com que "eles" agradem a muitos. Nem que para isso tenham que usar a força do capital. Sem falar das promessas incumpríveis, iludindo o eleitorado.
B09	R091	E364	Estas pessoas são eleitas e agem de forma incoerente, fazendo as pessoas ficarem revoltadas e arredias.
B09	R091	E369	O que vemos são as pessoas eleitas pelo tal voto democrático alterando nossos direitos, sem nos dar as mínimas condições de segurança.
B09	R093	E377	Porém, os últimos acontecimentos nos mostram a falta de competência e o descrédito dos políticos para com o povo, porque estes só pensam nos interesses particulares.
B09	R094	E385	O povo, com a condição sócio-econômica atual do país, já está descrente, pois a cada dia que passa fica mais difícil para sobreviver com dignidade em meio a tantas mentiras e desonestidade da parte de nossos políticos e governantes, que não se preocupam com o povo e o país, muito menos com a miséria em que esse mesmo povo vem vivendo.
B09	R094	E386	Mas, ao se elegerem, talvez se esquecem do que discursaram, do que prometeram e se preocupam não com os problemas do povo, mas sim com seus próprios, se esquecendo de que o povo continua lá, em sua vida cotidiana, esperando que se cumpram as promessas e sua vida melhore...
B09	R095	E389	Os representantes do povo não possuem mais credibilidade, devido às corrupções que atingem todos os setores da sociedade.
B09	R097	E397	...diante de tantos políticos corruptos, que trabalham pensando em seus interesses, que fazem muitas promessas nas campanhas e depois não as cumprem, o povo se torna descrente.
B09	R098	E409	Até lá, temos que lutar contra essas pessoas que se dizem "bons políticos" e que, muitas vezes, não passam de alguém querendo levar vantagem em cima do povo brasileiro.
B09	R099	E411	No Brasil, temos uma política sem planejamento e mal administrada por políticos inexperientes que, na maioria das vezes, compram os votos para conseguir a eleição.
B09	R103	E430	Não possuem o mínimo de responsabilidade com o cargo que lhes foi confiado através do voto daquele desesperado que, a cada eleição, renova sua esperança em melhorar as condições de vida, que seja mais digna e mais humana.
B09	R104	E436	Resta apenas uma grande desilusão de ter confiado em quem não merecia o nosso voto.
B09	R104	E437	Mas, para que isso ocorra, é necessário que cada cidadão brasileiro tenha a clareza que nem todos os que se apresentam como os que libertarão e organizarão a sociedade, falando sempre bonitinho, farão isso.
B09	R106	E444	Quando chega a época de eleição, a maioria dos votantes se revolta com os candidatos, pois, geralmente, todos prometem muito e cumprem pouco.

B09	R107	E450	Será que os "políticos" não estão gostando desta situação?
B09	R109	E466	O problema não está no voto, mas, sim, nos políticos.
B09	R110	E470	O difícil é achar a pessoa certa, correta.
B09	R113	E485	Há demais interesse de trabalhos sociais e até de governantes em manter o povo alienado, abaixo do seu controle, plantando urnas em volta da cidade com os mutirões, muitas pessoas sem trabalho. Contando votos em cima da miséria e pobreza de senso crítico do povo.
B09	R115	E493	Dependendo do cargo de um determinado político, só ficamos sabendo um lado de sua vida. O outro, nem imaginamos.
B09	R118	E507	Os políticos que estão aí (Brasília, é claro, porque os nossos acho que estão fazendo a parte deles), voltando a Brasília, que nós ajudamos a colocá-los, não estão fazendo absolutamente nada para que o Brasil dê certo. Ao contrário, só se preocupam com eles. Estão aí seu João Alves, Ibsen Pinheiro etc... e, se não bastasse isso, agora eles não estão nem preocupados em começar a revisão da Constituição.
B09	R118	E508	Prefiro ainda acreditar que os políticos é que têm a grande culpa desse país estar do jeito que está.
B09	R119	E513	Muitas vezes, votar sem ter candidato para receber o voto, ou ainda, os candidatos que se apresentam não merecem o nosso respeito, o nosso sacrifício em votar neles.
B09	R120	E518	Eles aparecem nos programas de comunicação cheios de idéias, descem ao nível do povo só até conseguirem o voto. Depois que se elegem, o poder toma conta de suas idéias, deixando-os corruptos e arbitrários.
B09	R123	E538	Enquanto milhares de cidadãos elegem, através do voto, presidentes, deputados, governadores, etc., as dificuldades do nosso país são alarmantes.
B09	R124	E542	Alguns candidatos falam, prometem. Depois de eleitos, simplesmente esquecem do que falaram. Estes estavam somente pensando neles e não levaram em conta as pessoas humildes que acreditaram neles e depositaram seu voto de confiança.
B09	R124	E543	Existe também o candidato "mau caráter", que é aquele que compra o voto para poder se eleger. Esse, antes mesmo de assumir o poder, já está pensando nas falcaturas que vai fazer.
B09	R125	E548	Então, observa-se que o merecedor da confiança do povo não está cumprindo com suas palavras, desmerecendo o respeito como líder ou regente de um país capitalista, rico em natureza e em espaço.
B09	R126	E555	Será que os candidatos já trabalharam ou só mandaram em seus empregados?
B09	R127	E560	Estamos aí, com políticos nos vários setores do governo, que não estão nem um pouco preocupados com o povo.
B09	R128	E566	Confiamos no candidato, damos nosso voto de confiança e ele, no entanto, nos decepciona, nos desanima com suas atitudes, com sua ganância.
B09	R128	E567	Depois de eleito, esquece tudo o que prometeram e não cumprem nada. Isto é votar com confiança, com dignidade?
B09	R130	E575	Os nossos governantes estão com menos credibilidade, chegam a ir na C.P.I., onde estão sendo acusados de corrupção, e dizer que Deus os ajudou a enriquecer, querendo enganar o povo que os elegeu.
B09	R131	E580	..porque, no Brasil, há muitas fraudes, falta de seriedade e, principalmente, a confiança de que o nosso candidato irá cumprir com o que nos prometeu.
B09	R132	E583	Mas, será que estarão do lado da maioria do povo brasileiro? Estarão pondo em prática o que aprovarão?
B09	R133	E590	Há ainda políticos coerentes com a verdadeira democracia?
B09	R133	E591	Surgem pessoas novas que se candidatam, em quem resolvemos crer e, muitas vezes, sem demora, traem nossa confiança, redigindo e concordando com medidas absurdas, que dificultam nossa vida, deixando claro que a democracia era prioridade somente na campanha eleitoral.
B09	R134	E593	Atualmente, está muito difícil escolher a pessoa certa e que mereça de fato o nosso voto...
B09	R134	E598	... a culpa não é só do votante e sim do candidato eleito, que deveria ter consciência do compromisso que pegou...
B09	R136	E607	Em nosso país, o período de eleições é muito criticado, pois os nossos políticos são muito desonestos.
B09	R136	E609	... está colaborando com os politíqueiros sem caráter e sem responsabilidades, que só querem entrar no poder para enriquecer através de desvios de verbas.
B09	R137	E612	Políticos demagogos, injustiças sociais e, até mesmo, falta de justiça são uma das principais causas que deixam os brasileiros desacreditados.

B09	R140	E624	O poder faz que se esqueçam da moral, dos compromissos assumidos quando ainda eram candidatos.
B09	R140	E626	...a exemplo que temos no governo brasileiro: corrupção, suborno, morte... na vida dos nossos representantes. E sem punição. E, quando há, com mordomias.
B09	R141	E628	Nos deixamos envolver por discursos bonitos, promessas e mais promessas, confundindo a cabeça do povo, principalmente a classe operária, os menos favorecidos pela sorte, batendo de porta em porta, oferecendo-lhe dinheiro e comida.
B09	R141	E629	Isto enquanto estiverem nos palanques, porque, depois que assumirem o poder, cadê o povo? Onde estão as prioridades?
B09	R142	E632	...na atualidade, o eleitor, com seu voto, apenas coloca no poder políticos desconhecidos, pessoas que sobressaem exatamente no período que antecede a uma eleição e, após eleitos, esquecem os interesses da população.

B10. "O POVO É MANIPULADO/LUDIBRIADO PELOS POLÍTICOS."

B10	R006	E023	Agora existe um lado que é o das informações, o da compra de votos, enfim, o jogo de manipulação dos meios de informações, que transmitem só o que realmente interessa aos poderosos.
B10	R021	E081	Hoje em dia as pessoas se revoltam quando falam em votar, porque nós, o povo, somos manipulados; nós não temos mais uma política honesta; o povo é muito desrespeitado pelos políticos, é comprado.
B10	R021	E083	O povo atualmente já não acredita e nem confia mais em nada, porque muitos de nós fomos enganados, ficamos só nas promessas.
B10	R047	E186	É assustadora a maneira como o povo brasileiro é enrolado nesse fio sem duas pontas que é a chamada política.
B10	R050	E201	Muitas vezes, candidatos com superproduções de marketing político nos passam uma idéia de mudança e de dias melhores, nos deixam envolver por filosofias baratas em cada ano eleitoral.
B10	R050	E202	...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.
B10	R055	E219	Somos manipulados, obrigados a concordar com decisões governamentais sem o direito democrático.
B10	R058	E225	"Naturalmente que o povo não será induzido a escolher. Este fará a análise da vida política de cada candidato, do partido, bem como verificará se as propostas são condizentes com a nossa realidade."
B10	R058	E226	Mas sabe-se que a maioria é induzida.
B10	R061	E235	...em tempos de eleições, nos são oferecidas construções de obras há muito tempo esquecidas, benefícios pessoais etc. Nos manipulam através dos meios de comunicação.
B10	R061	E236	Os discursos feitos pelos candidatos, o povo não compreende, pois nosso país tem um nível de educação baixo, com pessoas que não têm condições de ter acesso a livros, revistas, jornais e, por isso, é fácil nos manipular através de discursos que a maioria da população, que é de nível baixo, não entende nada.
B10	R067	E257	Sempre escolhem aquele que lhes parece bonito e bem apresentável, o que promete mundos e fundos. E, mais uma vez, se enchem de esperança, iludidos pela força da mídia e dos poderes dominadores.
B10	R069	E264	Só que temos que olhar hoje em dia a classe mais baixa, a mais necessitada, pois é a que mais sofre, é a que é mais subornada nas eleições.
B10	R071	E273	Na hora de fazer propaganda, eles iludem muito o povo com promessas de tantas coisas boas que o povo é tão pequeno de cabeça que, chega o dia das eleições e acaba votando e pondo no poder os piores candidatos, aqueles que só estão a fim de fazer para o lado deles.
B10	R083	E327	Elegemos nossos representantes com o intuito de que nos ajudem e, no fim de todo o processo, eles nos roubam, nos traem e, sobretudo, violentam o nosso voto, nos fazem de idiotas, nos enganam abertamente, usam recursos que todos os brasileiros deveriam usufruir em benefício próprio.
B10	R099	E413	A população é um brinquedo nas mãos do governo.

B10	R113	E483	O voto, na verdade, não é livre para a maioria, pois há muita massificação por parte das lideranças políticas em cima da classe mais pobre (baixa renda) e sem cultura.
B10	R115	E492	Nem sempre o voto é sinônimo de democracia, porque a política é induzida a nós, que não percebemos o quanto somos enganados.
B10	R116	E496	...a mídia invade nossos lares com "verdades" vistas com os olhos de quem as faz, tornando-se um condicionamento para nós.
B10	R121	E528	Devemos ter uma visão mais aberta, para não sermos manipulados pelos meios de comunicação de grande massa, que influenciam em muito na hora de decidir um voto, manipulando e distorcendo a visão das pessoas.
B10	R122	E533	Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.
B10	R127	E561	O direito de votar seria sim uma democracia, se os votantes, eleitores, estivessem cientes do que estão fazendo, não deixar serem levados por promessas e outros argumentos que os políticos se utilizam para induzir os eleitores a seu favor.
B10	R128	E566	Confiamos no candidato, damos nosso voto de confiança e ele, no entanto, nos decepciona, nos desanima com suas atitudes, com sua ganância.
B10	R133	E589	...mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?
B10	R141	E628	Nos deixamos envolver por discursos bonitos, promessas e mais promessas, confundindo a cabeça do povo, principalmente a classe operária, os menos favorecidos pela sorte, batendo de porta em porta, oferecendo-lhe dinheiro e comida.

B11. "O VOTO AOS 16 ANOS FOI UM CASUÍSMO DEMAGÓGICO E NÃO CONTRIBUI PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS: O JOVEM NÃO SABE VOTAR."

B11	R011	E046	O governo, por puro interesse, aprova o voto aos 16 anos e é obrigatório após os 18 anos.
B11	R018	E072	Jovens com dezesseis anos votam, é um direito, alguns pode ser que estejam consciente que a melhora virá, mas em compensação, alguns apenas votam por votar.
B11	R040	E163	Mas será que uma criança que pensa ser adulto se interessa realmente pela política? Será que tem maturidade para definir o futuro de seu país?
B11	R046	E183	Até que ponto o voto dos adolescentes de 16 anos e dos analfabetos favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?
B11	R046	E184	Os políticos sabem que os adolescentes e os analfabetos são mais fácil de ser manipulados. É aí que acontecem os absurdos de votarem no político mais bonito, no que fala melhor.
B11	R092	E371	O voto aos dezesseis anos foi mais uma manipulação do que uma conquista.
B11	R107	E452	Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, faça do seu voto um sinônimo de democracia?
B11	R126	E553	No Brasil, com dezesseis anos os jovens já podem votar. Essas pessoas têm estrutura para isso? Acho que não!

B12. "OS ANALFABETOS NÃO SABEM VOTAR."

B12	R042	E170	Mas, no Brasil, há muitos analfabetos que votam sem ao menos conhecer o candidato. Votam por quê? Porque são obrigados. Se recusarem-se a votar, o que acontece?
B12	R046	E183	Até que ponto o voto dos adolescentes de 16 anos e dos analfabetos favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?
B12	R046	E184	Os políticos sabem que os adolescentes e os analfabetos são mais fácil de ser manipulados. É aí que acontecem os absurdos de votarem no político mais bonito, no que fala melhor.
B12	R065	E252	Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca
B12	R107	E452	Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, faça do seu voto um sinônimo de democracia?

B12	R108	E456	A situação é horrível, pois o grande problema é que a maioria de nossos votantes são analfabetos e isso enfraquece o valor do voto.
B12	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.

B13. "NÃO ADIANTA VOTAR EM BRANCO OU NULO."

B13	R003	E010	Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante, com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.
B13	R008	E030	Devemos ter responsabilidade no votar porque votar em branco não ajuda em nada e sim votar em alguém competente, que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.
B13	R068	E260	É por muita gente pensar assim que fala: "Bom seria mesmo que toda a população desse o voto em branco, para ver se os governadores percebem a revolta do povo." Mas isso não resolveria.
B13	R073	E281	Agindo dessa forma (<i>votando em branco ou nulo</i>), estamos colaborando para que a situação continue como está.
B13	R078	E302	O eleitor que vota em branco ou anula o seu voto, não ajudará a mudar em nada o nosso país, estado e município.
B13	R081	E317	Porém, não é levada a sério essa conquista. O alto índice de votos brancos e nulos ocorridos nas eleições passadas são a prova disso.
B13	R109	E465	Há também a campanha do voto em branco, mas, no fundo, isso também não resolveria a situação.
B13	R125	E551	Apenas nos calamos através da anulação de votos.

B14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B14	R001	E002	Na verdade, muitos levam mesmo é na brincadeira, nem pensam que está dependendo deles o sucesso ou não de um governo.
B14	R001	E004	Se muitas coisas não vão bem, grande culpa é do próprio cidadão, que, infelizmente ainda não está sabendo usar seu direito de cidadão e troca seu voto, às vezes, até por uma simples camiseta.
B14	R003	E010	Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante, com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.
B14	R003	E011	Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.
B14	R005	E019	O voto seria um sinônimo democrático, se o povo parasse, pensasse e soubesse escolher.
B14	R009	E033	No Brasil, porém, há pessoas que realmente não entendem o direito ao voto, não sabem que é a partir dele que devemos lutar para um país melhor.
B14	R009	E037	Está na hora das pessoas adquirirem consciência de que através do voto elas serão capazes de mudar e transformar o município, o estado e depois a nação.
B14	R009	E039	Temos que conscientizar as pessoas do direito ao voto. Só assim é que ele será verdadeiramente sinônimo de democracia.
B14	R015	E062	Se todos tomassem consciência do que verdadeiramente é, não teríamos um país como é o nosso Brasil, onde pessoas clamam por melhores salários a procura de algo melhor para sua vida.
B14	R015	E064	Aonde nós vamos parar? Se cada brasileiro lutasse ou exigisse mais seus direitos, nós poderíamos viver muito melhor.
B14	R015	E065	Nem sempre pensamos o que estamos fazendo e cometemos algo que deveria ser mais pensado, como por exemplo, o voto que milhares de pessoas jogam fora.
B14	R017	E069	A população deve estar consciente de que o voto é a maneira mais correta de exprimir seus anseios, e que o voto consciente ainda é a melhor solução para se conquistar a cidadania.
B14	R018	E071	Muitos brasileiros ainda têm uma mentalidade fechada sobre o valor do voto e sua importância para o desenvolvimento de uma nação com melhores condições: sociais, físicas e econômicas.

B14	R020	E079	A sociedade não acostumada a exercer o papel principal de escolher e definir os comandantes do navio da nação, cujos proprietários somos todos nós, cidadãos; nos vemos na difícil posição de tomarmos o papel principal.
B14	R020	E080	... esta conquista precisa de uma consciência maior de ambas as partes; consciência esta que integrará necessidades, direitos, deveres e objetivos a atingir um fim maior que é a formação de um Estado novo, cuja conscientização da população e o bem estar comum e social estejam em primeiro plano.
B14	R021	E084	No meu ponto de vista, as pessoas, nós que votamos, devemos ter pensamento positivo e não nos deixarmos levar por pessoas influentes.
B14	R023	E094	Todos têm o direito e o dever de através do voto optar pelo melhor. Ou ainda somos incapazes de nos posicionar? Esperamos que nos ofereçam algo? Ou ficamos esperando que alguém nos fale o que devemos ou não fazer?
B14	R024	E099	O voto é sinônimo de democracia quando o eleitor vota porque quer e sabe, realmente, de forma consciente, em quem está votando, porque está votando e quais os reais motivos que o levaram a votar em determinado candidato.
B14	R025	E102	A conscientização do povo na conquista do voto e os patrocínios por parte dos empresários é tarefa difícil nos dias de hoje, devido a muitas promessas não cumpridas no passado.
B14	R026	E106	Então por que reivindicou por ele se não dá o valor que ele tem?
B14	R029	E115	Ouvimos dizer que os brasileiros têm uma força grandiosa nas mãos através do voto, mas será que estamos realmente preparados para esta responsabilidade?
B14	R029	E119	Precisamos estar atentos para esta democracia e que todos tenham consciência da sua importância e transformem assim o voto em sinônimo verdadeiro da democracia.
B14	R030	E120	Num país onde a democracia é vigente, deve-se ter consciência de sua importância.
B14	R030	E121	Todo cidadão deveria ser democrático, crítico, participativo do meio em que está inserido, cabendo a ele diferenciar os fatos de que participa.
B14	R031	E125	É dever do cidadão estar consciente do que é votar.
B14	R031	E130	Vamos analisar e decidir o melhor para a maioria.
B14	R034	E143	Só que o "povão" é muito manipulado pelos candidatos e a massa pensante, ou seja, as pessoas mais instruídas, não consegue reverter a situação.
B14	R036	E149	O nosso povo humilde, trabalhador, mas com pouca instrução, elege o candidato que mais tem lábia, ou talvez aquele que fala simples, que sabe mesmo conquistar, dando alguma coisa em troca do voto.
B14	R038	E156	Muitos não sabem fazer a escolha certa, fazendo assim com que todos sofram as consequências, mas como o voto é um direito de todos, somos livres para escolhermos o que achamos melhor.
B14	R045	E178	Percebo que o cidadão, não por culpa dele, mas devido a todo um contexto histórico, ainda não está preparado para votar. Falta-lhe muita informação para que depois não venha se decepcionar com sua própria escolha.
B14	R045	E180	Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.
B14	R047	E185	O saber eleger não significa necessariamente que o indivíduo seja letrado, mas que precisa ter consciência de que através de seu voto muita coisa poderia ser mudada.
B14	R047	E189	Não se pode vendiar os olhos para esse problema. É preciso tomar consciência da importância do voto, pois é através dele, mas conscientizado, que todos poderão usufruir de um país que tenha condições mínimas de vida e sobretudo resgatando o respeito pelos que nele vivem.
B14	R048	E191	São muitos os esclarecimentos a serem feitos em todos os setores. No educacional, quando falo em educacional, não estou me referindo somente a aprendizagem nos bancos escolares, mas àquela que trazemos de nossos pais, nos ambientes de trabalho, entre amigos, enfim, o esclarecimento em vários segmentos da sociedade, de onde somos participantes ativos, de que o voto tem uma importância fundamental e é muito valioso para todos nós e precioso para aqueles que o querem.
B14	R048	E194	O voto será sinônimo de democracia no dia em que nosso povo for esclarecido, sabedor da valiosa preciosidade que tem em suas mãos: o voto, que nos serve para dizermos sim ou não aos representantes dos contribuintes, que através dele temos força para decidir o destino de uma nação.
B14	R049	E199	Para poder votar, o povo precisa ser mais instruído, ler mais, escolher melhor, para depois não se arrepender do que fez.
B14	R052	E209	Muitas vezes, o cidadão brasileiro não sabe para que serve o voto.

B14	R053	E212	A maioria das pessoas deixam-se levar pelas promessas dos espertos, que se aproveitam de suas ingenuidades e falta de informação e, com isto, os aproveitadores acabam conseguindo o que querem.
B14	R054	E215	Só sei que, antes de mais nada, deve-se pensar muito bem antes de tomar qualquer decisão para não acontecer o que está se passando com o povo de nossa sociedade, estado e país quanto à saúde, o desemprego...
B14	R059	E230	A maioria do povo brasileiro não está preparada para votar.
B14	R065	E251	Mas quem sabe o que é votar?
B14	R073	E283	O voto poderá ser sinônimo de democracia se for dado com consciência e conhecimento histórico-social, numa perspectiva do bem-comum.
B14	R075	E287	Infelizmente, a maior parte da população, com essa responsabilidade em suas mãos, não se encontra amadurecida, no sentido de escolher pessoas que irão dar um destino diferente, seja para melhor ou não, em sua própria vida, desde que, somos nós mesmos que sofremos as inconseqüências dos nossos políticos.
B14	R075	E288	...temos hoje, como povo, essa dificuldade em constatar ou perceber que o próprio voto, que teria que ser uma atitude consciente e democrática, acaba sendo uma arma do povo usada contra o próprio povo.
B14	R075	E289	Então, na minha opinião, o que está faltando é nós, enquanto sociedade, procurarmos desmistificar e deixar transparecer que devemos recorrer a vários recursos para podermos enxergar além daquele "xis" na hora do voto, termos consciência de que aquele momento individual é histórico...
B14	R076	E292	Num país como este, de muito analfabetismo, pouco esclarecimento e de conveniência governamental para que não se esclareça a maioria, o voto é realmente um sinônimo de liberdade?
B14	R076	E293	A realidade é muito triste, pois poucos sabem o que fazer com tão grande responsabilidade.
B14	R077	E299	...e, principalmente, falta o povo consciente e instruído para exercer na íntegra seu papel de cidadão e votar consciente.
B14	R078	E303	Temos que estar conscientes que votar é tentar mudar a política brasileira.-
B14	R079	E308	E isso me deixa preocupadíssima, pois existe grande parte do povo brasileiro que vende seu voto em troca de favores, ou até mesmo por um pouco de alimento, sem preocupar-se em quem estão votando e que conseqüências esse voto lhe trará.
B14	R080	E312	...assim que os brasileiros perceberem que democracia é troca, não mais irão votar em candidatos que prometem.
B14	R081	E320	Porém deve ser levado a sério, com consciência, para que não compliquemos cada vez mais a situação do país, elegendo pessoas indignas do poder.
B14	R082	E323	Nós, os eleitores, devemos estar conscientes daquilo que for o melhor para todos; em qual candidato depositar nosso voto de confiança e não nos deixarmos iludir por falsos candidatos, que só lembram que o povo existe nestas épocas do ano.
B14	R082	E325	Por isso, devemos acompanhar cada passo do candidato e nos conscientizarmos se ele é o melhor.
B14	R084	E334	Será sim, um analfabeto, mas, político, se não souber discernir as falcatruas do poder, se não souber entender e ler nas entrelinhas dos inflamados discursos de palanque toda uma ideologia que vai por caminhos tão bem estudados e estruturados para driblar a nossa competência de ouvintes. A retórica é convincente e argumentativa.
B14	R089	E354	Nós, os brasileiros, não estamos preparados ainda para viver democraticamente...
B14	R089	E355	Precisamos ter senso crítico, incutir nos filhos e alunos os direitos e deveres de cada um.
B14	R090	E361	Mas, por outro lado, quando não sabem votar, as pessoas tiram sua própria democracia, pois as suas necessidades estão acima da inteligência, da informação e da integridade e isso as leva à escuridão, que impede de enxergar a realidade.
B14	R092	E374	Mas o povo, a maioria, ainda não está politizada.
B14	R093	E378	Isso revela que a população em geral vota, muitas vezes, sem analisar criticamente os candidatos.
B14	R093	E382	... é através da nossa consciência crítica que faremos do voto sinônimo de democracia, onde todos devem ter os mesmos direitos em relação ao bem-estar de cada um.
B14	R095	E391	Por outro lado, há cidadãos indecisos ou alheios à política, que se deixam levar por promessas mirabolantes e votam sem ter consciência do que estão fazendo.
B14	R095	E392	O voto é sinônimo de democracia quando a pessoa sabe quem quer que a represente

B14	R097	E399	...e, por isso, nenhum cidadão deve ficar indiferente, deve votar conscientemente, na esperança de que alguma coisa vai mudar.
B14	R099	E415	Mas, para isso, o povo tem que ter também uma visão aberta e crítica de conhecimentos.
B14	R101	E423	O voto deve ser democrático e bem analisado.
B14	R102	E425	Por isso, deveriam votar somente aqueles que têm uma boa consciência desse ato.
B14	R102	E426	Mas, o mais importante é o saber votar, entender a importância disso para a nação.
B14	R103	E433	O povo deveria ser mais consciente em tomar suas próprias atitudes e fazes mudanças com as próprias mãos.
B14	R104	E437	Mas, para que isso ocorra, é necessário que cada cidadão brasileiro tenha a clareza que nem todos os que se apresentam como os que libertarão e organizarão a sociedade, falando sempre bonitinho, farão isso.
B14	R107	E449	A população brasileira ainda não sabe usar esta arma tão poderosa que tem em suas mãos.
B14	R107	E451	Como seria bom se realmente nós, brasileiros, usássemos o nosso voto para podermos dizer que ele é o sinônimo de democracia.
B14	R108	E455	Tornar-se-ia potente se o povo tivesse consigo mais cultura, sabedoria e muito poder de análise.
B14	R108	E458	Torna-se fácil governar, pois a maioria não sabe o significado do voto.
B14	R108	E462	Cabe ao povo se conscientizar de que é necessário sermos cultos, porque não há nada pior para desestruturar um país do que a falta de informação e intelecto de um povo.
B14	R111	E474	...a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.
B14	R112	E481	Deveria ter mais campanhas para a conscientização da população, principalmente a mais carente.
B14	R113	E484	A maioria não tem senso crítico formado. Engolem o que vêem ou ouvem através dos meios de comunicação, ou pela rua, ou mesmo no meio onde vivem.
B14	R113	E486	O voto só representará democracia o dia em que o povo poder, de cabeça formada e independente de qualquer vínculo social ou político, ouvir e analisar as propostas de cada candidato e, assim, tomar sua decisão livremente.
B14	R114	E489	Porém, vejo que, por não se oferecer oportunidade de que todos tenham clareza, conhecimento e consciência política do valor do voto e da escolha dos nossos representantes políticos, fica um grande questionamento...
B14	R114	E490	Quem deve votar? Quem deve ser candidato? Quem está preparado realmente para que se tenha ou não uma democracia justa, humana, igualitária...
B14	R114	E491	...uma grande maioria de cidadãos não tem consciência de direitos e deveres?
B14	R116	E497	Para mudarmos todo esse sistema, devemos ter uma cultura suficiente para vermos e sabermos analisar o certo e o errado, com uma visão social, política e econômica não só do nosso país, mas o que está ocorrendo em todo o planeta terra.
B14	R117	E502	(O voto) Deve ser feito conscientemente e por quem saiba fazê-lo.
B14	R118	E509	Que nesse ano político o povo vote conscientemente e que os políticos tenham consciência política para exercer suas funções.
B14	R120	E520	Essas pessoas não possuem consciência do mau que fazem a si próprias e ao outros, mas são induzidas a uma melhora momentânea de vida.
B14	R121	E524	Voto democrático deveria ser com consciência, não para ganhar um quilo de feijão, arroz ou uma camiseta.
B14	R121	E525	Voto tem que ser com a cabeça, não com a barriga.
B14	R121	E527	O voto só será democrático quando os que forem votar tiverem visão política de que seu voto está definindo o futuro de uma nação, pois com ele poderá evitar que nasça o analfabeto, o miserável, o menor abandonado, o desempregado, a prostituta, o corrupto.
B14	R121	E529	O voto só será democrático quando o povo tiver a consciência política para usá-lo
B14	R122	E531	O voto poderia ser uma das armas principais para o povo, mas este está alienado.
B14	R123	E537	Cada brasileiro deveria ser mais consciente e dar mais valor a este ato de votar, para que a situação começasse a mudar
B14	R124	E545	Então, cabe a nós, cidadãos brasileiros, ouvir, analisar e criticar as suas propostas ...
B14	R125	E549	Às vezes, deixa-se de eleger aquele que realmente faria pelo povo e para o povo por falta de conscientização ou conhecimento.

B14	R125	E552	É preciso que haja consciência e uma análise profunda, para que façamos valer a opção certa na hora de votar.
B14	R126	E554	Precisamos ler e reler cada item das promessas dos candidatos.
B14	R127	E559	...uma das armas que nós eleitores possuímos para nos defender dos maus políticos, mas, como se vê, não tem sido aproveitada.
B14	R127	E561	O direito de votar seria sim uma democracia, se os votantes, eleitores, estivessem cientes do que estão fazendo, não deixar serem levados por promessas e outros argumentos que os políticos se utilizam para induzir os eleitores a seu favor.
B14	R127	E562	O povo deve ser conscientizado da importância do voto para que ele se torne realmente um sinônimo de democracia...
B14	R129	E572	Faz-se necessária uma conscientização em relação ao voto, como votar adequadamente, num país como o nosso Brasil.
B14	R130	E574	O povo brasileiro só tem uma arma na mão, que é o seu voto, e não sabe aproveitar.
B14	R130	E576	O povo tem que ter condições de ter à mão sempre livros, jornais e outros meios de comunicação para se manter informado e poder votar com mais informação nas pessoas.
B14	R130	E577	Mas alguém precisa esclarecer o povo que essa é a única arma que temos como garantida, pois somos nós quem os escolhemos.
B14	R133	E589	...mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?
B14	R134	E595	Nós, cidadãos, deveríamos prestar muita atenção a cada comício realizado, pois cada candidato tem a sua proposta política.
B14	R134	E597	Muitos votam por votar, só para dizer: "eu votei".
B14	R134	E601	Por isso, deveríamos nos conscientizar e valorizar quem mereça de fato o nosso voto.
B14	R136	E608	O povo brasileiro deveria se conscientizar que o voto não pode ser vendido por coisas banais.
B14	R136	E610	Para nós, é de suma importância saber em quem votamos, pois devemos votar conscientemente, para não nos arrependermos no futuro.
B14	R137	E613	Devemos analisar, raciocinar com muito cuidado ao escolhermos os futuros governantes desta nação.
B14	R137	E614	Sejamos coerentes, para não deixarmos cair em demagogia, pois quem elege esses políticos, somos nós, cidadãos brasileiros.
B14	R138	E619	Mas o povo é muito pobre de cultura, de informações.

B15. "TODOS DEVEM ENGAJAREM-SE NA LUTA PELA DEMOCRACIA."

B15	R006	E026	Nós temos e precisamos acreditar que o voto é realmente um "sinônimo de democracia", porque só através desta certeza é que nós poderemos tentar mudar o nosso país.
B15	R007	E029	Hoje o povo brasileiro se encontra no direito e deve dar sua contribuição para ajudar a enriquecer nosso Brasil.
B15	R009	E034	É através do voto que o povo dá sua participação na democracia de um país...
B15	R013	E058	... é importante que todos participem do processo de democratização da nação, que seja de maneira direta ou indireta, o importante é participar, e nós participamos desse processo através do voto.
B15	R018	E073	Democracia: se a queremos, devemos lutar por ela e por um país mais justo.
B15	R019	E075	...devemos estar sempre atentos com o candidato, qual o seu ponto de vista diante dos problemas do país.
B15	R023	E095	Também compete a nós colaborar nessa missão, pois se nos acomodarmos, nosso País entrará numa desordem ainda maior.
B15	R027	E109	Se todos ficarem calados, aceitando tudo de cabeça baixa, nunca alcançarão alguma coisa, mesmo que seja a fama de ser um hipócrita.
B15	R027	E110	Luta, palavra fácil de ser pronunciada, mas por muitos difícil de ser praticada.
B15	R032	E138	Temos é que continuar lutando para que, um dia, ao escolhermos nossos candidatos através do voto, sejamos realmente recompensados, assim como o povo merece.
B15	R062	E240	Não deixem de votar, pois seu voto é um ponto a mais para a democracia.
B15	R073	E282	O homem deve ser um agente ativo da história e, desta forma, transformar a realidade social. Na história, não há neutralidade.

B15	R075	E290	...e, dessa maneira, estaremos então fazendo de nosso voto uma parte importante na construção da democracia.
B15	R081	E315	A forma mais correta de cidadania é dar esse direito ao povo; é deixar que ele mesmo escolha quem deve receber o poder; é deixar que ele também participe e não que apenas seja obrigado a aceitar e, ainda, calado.
B15	R093	E383	Devemos lutar, independentes de cor, raça e nacionalidade para que a democracia seja igual para todos.
B15	R096	E393	Esta situação, quem deve mudar, somos nós e "eles", os homens que governam nosso país.
B15	R096	E395	Esperança e coragem para nós não devem faltar. Vamos continuar lutando pelos nossos ideais.
B15	R098	E407	Temos que, cada dia mais, ajudar a cobrar de nossos representantes coerência no desempenho de suas funções para o bom crescimento de nosso país, estado e município.
B15	R100	E419	Vamos pensar na situação em que nós, brasileiros, nos encontramos hoje, nos reunir e lutar juntos por um país melhor.
B15	R100	E420	Só nós, com nosso voto e nossa união, podemos reverter a situação do Brasil.
B15	R101	E421	Não podemos ficar parados, deixando que outros façam a sua parte e a nossa também. Temos que agir...
B15	R108	E453	O país se encontra em total reforma e cabe a nós, através do voto, modificar esta situação, lutando e reivindicando por nossos direitos.
B15	R110	E471	Lutamos para que isso aconteça.
B15	R111	E473	Temos que mostrar com nosso voto que modificamos esse quadro abstrato e cômodo...
B15	R117	E501	Mas, por outro lado, se não votarmos, como poderemos reclamar nossos direitos de cidadãos e exigir melhorias?
B15	R127	E563	...e, assim, poderemos, como eleitores conscientizados, dar uma virada em tudo o que está acontecendo no setor político, o que podemos chamar de "pouca vergonha".
B15	R128	E568	Mas há de mudar esse quadro, com o povo brasileiro, que é a maioria, lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos.
B15	R135	E604	É necessário muita luta para termos a democracia atingindo todos os setores: salário, desnível social, a escola.
B15	R137	E615	...mas o que não podemos esquecer é que nós somos brasileiros e responsáveis por esta pátria.

B16. "EM NOSSO PAÍS, UMA ELITE MINORITÁRIA DOMINA A MAIORIA."

B16	R010	E040	Através do voto, esperávamos que em termos de democracia fossemos ser bem mais atendidos, mas, na verdade, quem comanda mesmo ainda é a alta sociedade.
B16	R028	E114	Não é democracia pelo simples fato de só os grandes poderem optar, escolher, mandar.
B16	R031	E127	A maioria ganha, mas de que adianta se a minoria, a elite e grandes proprietários detêm o poder sobre a maioria e esta nada faz para mudar?
B16	R031	E131	Mas nós, povo unido e consciente do nosso voto, poderemos dar essa reviravolta: a maioria sobre a minoria, pois é isso que propõe a democracia.
B16	R037	E154	O que acontece é que estamos visivelmente separados em duas classes: a burguesia e trabalhadores. A classe trabalhadora esmagada pelos burgueses, sem como se defender, pois as leis sempre os favorece, deixando-nos cada vez mais distantes uns dos outros, ou seja, uma classe da outra.
B16	R047	E188	É inexplicável como os cidadãos desse país que se diz democrático não têm voz ativa, pois a classe dominante sempre está presente em todas as situações, impedindo os dominados de reverter esse processo de ridicularização contra os direitos do cidadão, estes mesmos direitos que estão na Constituição.
B16	R051	E207	...o país está cada vez mais endividado, onde os pequenos pagam pelas atitudes dos grandes, acreditando que poderá haver mudanças, mas esquecendo-se de que nada se faz para realmente o Brasil ser uma nação autônoma.
B16	R055	E220	Democracia existe sim para aqueles que regem e ditam nossas leis. O povo passivamente é obrigado a concordar com suas decisões.
B16	R060	E233	Sempre procurando liberdade e dignidade de viver, o povo luta contra a minoria que tem o poder nas mãos, que só pensa no prestígio, ganância da classe burguesa. É ela quem manda nos menos favorecidos.

B16	R083	E328	Num país riquíssimo, milhares passam fome e se não fosse pelo próprio povo, continuariam na mesma condição. Paralelo a isso, vê-se uns poucos esbaldando-se com algo que não lhes pertence.
B16	R099	E410	Sabemos que o Brasil e outros países considerados capitalistas tendem a centralizar o poder nas mãos do governo, ou seja, da elite.
B16	R103	E429	...a máfia do capitalismo covarde, que está aí para favorecer pequena porcentagem do povo que tem o poder e as riquezas em suas mãos.
B16	R103	E431	Enquanto isso, os poderosos melhoram cada vez mais o próprio poder econômico, sem sequer pensar um pouco ao menos na situação do restante da população que vive em completo abandono.
B16	R111	E474	...a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.
B16	R116	E495	Se fizermos um retrospecto na história do Brasil, vamos perceber que desde o início do domínio territorial tivemos conchavos, oligarquias e eleições fraudadas visando o interesse de uma minoria dominante, ou seja, latifundiários e empresários da época.
B16	R122	E530	A causa destes problemas não é a população em si, mas uma pequena parte desta população que está concentrada no poder que comanda o país. São os 5% de pessoas que possuem o capital e 2% das mesmas que comandam os meios de comunicação.
B16	R122	E533	Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.

B17. "É PRECISO RESGATAR OS VALORES DA UNIÃO E DA IGUALDADE FRATERNA ENTRE AS PESSOAS."

B17	R010	E041	Acho que devíamos nos unir mais, fazendo uma ligação com a classe média-baixa e classe média-alta, para assim construirmos juntos as idéias do futuro em termos de Educação.
B17	R010	E043	...só está faltando mais união, compreensão, humanismo, perseverança e segurança consigo mesmo, para que não haja mais tanta injustiça, fome, marginalização e desamor.
B17	R021	E085	Unidos é que venceremos. A união faz a força, mas vamos nos unir e lutar por uma política justa, honesta.
B17	R023	E093	Todos empenhados num amanhã cada vez melhor, trazendo a cada novo dia a esperança de uma vida digna.
B17	R023	E096	Trabalhando juntos, com coragem, teremos com certeza orgulho de nosso País, condições melhores de saúde, educação, lazer e segurança.
B17	R027	E111	Brasil, país cheio de riquezas, de poder, mas paupérrimo em humanidade, em sentimentos, ou mesmo pena, dos fracos.
B17	R031	E129	Precisamos nos unir, assim como diz o ditado: "A união faz a força", pois só assim conseguiremos atingir algum objetivo em comum.
B17	R031	E131	Mas nós, povo unido e consciente do nosso voto, poderemos dar essa reviravolta: a maioria sobre a minoria, pois é isso que propõe a democracia.
B17	R037	E155	Esta é a nossa democracia: sem esperança de um futuro melhor, com menos desigualdade entre os homens.
B17	R043	E174	Vamos votar conscientes, por um país melhor, mais digno, mais justo, mais humano.
B17	R060	E234	Seria tão bom se todos pensassem junto, que todos merecem emprego, uma democracia justa, sem prejudicar um ao outro, sem massacrar o povo brasileiro que lutou e ainda luta por uma democracia limpa.
B17	R069	E266	O Brasil precisa com urgência da prática da palavra DEMOCRACIA, uma sociedade mais justa e igualdade a todos!
B17	R089	E357	Para que o nosso país seja um país aberto, com pessoas solidárias, onde o diálogo tenha um lugar nas famílias, nas escolas, em tudo e todos.
B17	R098	E408	Só teremos uma nação em ordem quando ninguém mais pensar em levar vantagem.
B17	R100	E419	Vamos pensar na situação em que nós, brasileiros, nos encontramos hoje, nos reunir e lutar juntos por um país melhor.
B17	R100	E420	Só nós, com nosso voto e nossa união, podemos reverter a situação do Brasil.
B17	R114	E490	Quem deve votar? Quem deve ser candidato? Quem está preparado realmente para que se tenha ou não uma democracia justa, humana, igualitária...

B17	R123	E540	...para que o nosso país se torne mais humano, mais justo e mais fraterno, através de uma democracia consciente.
B17	R126	E557	Queremos um Brasil mais humano.
B17	R138	E617	É preciso reunir forças e tentar mudar esse quadro.

B18. "JÁ VIVEMOS EM UMA DEMOCRACIA PLENA."

B18	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.
B18	R007	E028	Tal a nossa democracia. O campo político agora, é bem mais aberto para o povo.
B18	R014	E060	Com a Democracia, todos têm direito de opinar, lutar, exigir o que lhe mais virá favorecer.
B18	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.
B18	R029	E118	... reconheçamos a importância dessa democracia, pois é através dela que muita coisa tem mudado em nosso país e é esta democracia que nos tem dado o direito de refletir, analisar e escolher com total liberdade quem irá nos representar.
B18	R030	E124	O voto é exemplo dessa igualdade, pois a manifestação, o desejo de vencer e melhorar fez com que as pessoas se tornassem capazes de participar dos fatos, escolhendo seus governantes junto à classe dominante.
B18	R045	E179	Democracia existe.
B18	R063	E242	A conscientização do povo brasileiro já é uma grande conquista da democracia e não através do voto, mas sim nele próprio, na liberdade de criticar, nomear os seus governantes, reivindicar os seus direitos de conquistar novos campos de trabalho.
B18	R072	E275	Moramos num país onde podemos escolher democraticamente nossos representantes através do voto para nos governar.
B18	R074	E285	Sabemos que vivemos num país democrático, onde escolhemos os nossos governantes.
B18	R085	E335	O voto é livre. Podemos escolher o melhor. Tudo é democrático.
B18	R098	E404	Este direito, que foi concedido a nós através do voto, está sendo exercido pelos cidadãos com muito rigor e honestidade e, acima de tudo, com muita consciência crítica, com a qual temos muito claro que todos os cidadãos estão atentos a tudo que acontece em nosso país, estado e município...
B18	R098	E406	Um exemplo claro de que tudo está sendo cobrado rigorosamente foi a saída de nosso ex-presidente Collor.
B18	R100	E417	Pois estamos em um país democrático, onde temos o direito e o dever de votar.

B19. "A EDUCAÇÃO DO POVO É UM INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO."

B19	R003	E011	Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.
B19	R036	E150	Devemos, como educadores, tornar os nossos alunos críticos, capazes de agir, de pensar perante a sociedade em que estão inseridos; levar a criança aos conhecimentos reais da política em que nós vivemos.
B19	R077	E300	Este esclarecimento mais profundo da vida política do país e o poder do voto pode ser alcançado através de anos sucessivos de escolarização.
B19	R108	E457	É assustador um país onde existem milhares de escolas ser considerado um dos países com o maior índice de analfabetismo. Isso propicia aos governantes um alto poder de dominação sobre o país.
B19	R108	E459	É sabido que povo sem cultura, sem estudo, é pobre e sem emprego. Isso gera a fome.
B19	R108	E462	Cabe ao povo se conscientizar de que é necessário sermos cultos, porque não há nada pior para desestruturar um país do que a falta de informação e intelecto de um povo.
B19	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.
B19	R135	E605	Eu acredito que, com a ajuda de nós, educadores, ao transmitir uma história crítica, uma ação transformadora, teremos futuros agentes com muito bom senso, pregando totalmente a democracia de canto a canto...

B20. "UM FUTURO MELHOR DEPENDE DAS AÇÕES DE CADA INDIVÍDUO."

B20	R054	E214	Saber julgar ou não. Isto fica a critério de cada um de nós.
B20	R104	E438	Assim, cabe a nós a responsabilidade de escolher bem o nosso candidato e não correr o risco de perder o nosso voto.
B20	R118	E510	Que cada brasileiro seja responsável por um pedacinho desse Brasil, começando, é claro, pela nossa cidade, dando exemplo pelo Brasil a fora.
B20	R138	E618	Se você sozinho não consegue grandes mudanças, comece a mudar seu bairro, sua comunidade, seu grupo de família, de amigos, sua escola. Pelo menos, estará dando sua colaboração.
B20	R139	E620	Mas, está na hora de acordar e abrir os olhos, que nada cai do céu, que, para melhorar as condições de vida, cada um deve cumprir a sua parte.

B21. "ATUALMENTE, NÃO EXISTE DEMOCRACIA EM NOSSO PAÍS."

B21	R022	E090	A democracia, tão falada no Brasil, é relativa.
B21	R032	E137	A política em si, no papel, é muito bonita, mas na realidade é uma verdadeira sujeira. Quando é que isto vai acabar? Não sabemos.
B21	R035	E148	Esta Democracia disfarçada em que vivemos não nos ajuda em nada, porque temos liberdade para tudo, mas não temos condições financeiras para usufruir.
B21	R037	E153	Viver democraticamente é termos direitos e deveres iguais e, nos dias de hoje, isso acontece em nosso País? Sabemos que não; que nos é passada essa idéia de maneira ilusória para pensarmos que sim.
B21	R042	E171	Isso é democracia?
B21	R058	E227	Assim sendo, a palavra democracia ainda é utopia no nosso país.
B21	R064	E249	Onde está a democracia?
B21	R066	E255	Onde está a democracia?
B21	R069	E265	Neste caso e em muitos outros, a democracia em nosso país é muito falha.
B21	R069	E266	O Brasil precisa com urgência da prática da palavra DEMOCRACIA, uma sociedade mais justa e igualdade a todos!
B21	R091	E363	Nós, o povo brasileiro, vivemos em um país onde se diz que a democracia é um direito de todos. Vale a pena analisar até onde esta afirmação tem veracidade.
B21	R104	E435	Dizem que o povo tem liberdade de escolha na hora de votar no seu candidato...
B21	R105	E439	Estamos vivendo dias em que se fala muito de democracia. Mas, na verdade, só fica em palavras...
B21	R105	E441	Portanto, estamos longe de viver uma democracia verdadeira.
B21	R122	E532	...podemos então chegar à conclusão que vivemos em um país que se diz democrático, mas a democracia fica só nos papéis.
B21	R135	E603	Entretanto, em nosso Brasil, a tal democracia anda muito devagar.

B22. "O PAÍS PRECISA DE POLÍTICOS SÉRIOS E HONESTOS."

B22	R002	E007	...dando liberdade para que o povo saiba escolher e decidir quem apresentar o melhor programa de governo, em função de uma nação carente, de um povo que sofre, pela falta de recursos.
B22	R008	E030	Devemos ter responsabilidade no votar porque votar em branco não ajuda em nada e sim votar em alguém competente, que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.
B22	R009	E036	... votando e elegendo pessoas capazes, para mudar a situação de nossa nação.
B22	R009	E038	Elegendo políticos que estejam sempre na luta, nos acompanhando lado a lado em nossas reivindicações e não aqueles que só aparecem em época de eleição para comprar o nosso voto.
B22	R011	E050	Passaremos a escolher representantes que lutem por nossos direitos realmente, transformando a atual sociedade.
B22	R012	E054	O voto, do ponto de vista de muitas pessoas é democracia, porque podemos escolher uma pessoa, a qual vai comandar nosso país, estado, cidade, enfim, vai nos ajudar a solucionar os problemas existentes em nossa comunidade.
B22	R013	E057	Através do voto, temos o direito de escolher pessoas que achamos capacitadas para ocuparem os cargos nos quais irão estabelecer os princípios aos quais devemos seguir.

B22	R022	E091	O Brasil precisa de gente honesta, comprometida de verdade com o assalariado, e, urgente, uma melhor distribuição de rendas.
B22	R025	E103	Espera-se que as eleições deste ano tragam renovações necessárias e políticos conscientes de que é fundamental muito trabalho na luta constante para a solução dos problemas visando o crescimento integral do município.
B22	R038	E157	Temos o direito de escolher e votar naquele que achamos com capacidade para zelar de um patrimônio tão importante.
B22	R039	E161	Nós escolhemos um candidato de um partido porque acreditamos que possa ainda existir alguém que vai mudar o Brasil, esse país com seus filhos doentes e cheio de descamisados, que não têm direito a moradia e a alimentação porque não conseguem um emprego que lhes dê recursos para viver.
B22	R041	E165	O país atravessa momentos difíceis em que é preciso existir democratas, pessoas justas em quem podemos dar voto de confiança, pois os altos índices de desemprego, analfabetismo, fome, miséria só causam violência, roubos, etc., sendo as classes populares as mais afetadas.
B22	R041	E167	...depende da consciência de cada ser humano, de cada político especialmente, que não desanime o povo e sim que aja da maneira certa, sem corrupção.
B22	R042	E168	Para eleger alguém que possa nos guiar, orientar, informar, enfim, que administre bem nosso país, sem hesitar em suas decisões. Deverá ter uma política de governo bem definida, responsabilidade, capacidade e muita força de vontade para lutar e vencer.
B22	R043	E172	Devemos escolher aquele que for menos corrupto, que lute pela causa do povo, e não por interesses de uma minoria. Aquele que seja justo com o trabalhador, dando-lhe melhores salários, condições dignas de sobrevivência, saúde, educação.
B22	R044	E177	...cada candidato deve empenhar-se em demonstrar sua competência e fazer com que essa país progrida cada vez mais e possua uma democracia digna.
B22	R045	E180	Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.
B22	R050	E200	O voto sempre foi uma maneira legal de levar ao poder pessoas capazes de administrar o patrimônio público com seriedade e dignidade. É isso o que deveria acontecer, mas será que ocorre isso?
B22	R056	E221	<i>(Democracia)</i> É poder eleger alguém que compete à comunidade, que lute por você, independente de ser seu amigo ou não. É tudo o que o cidadão brasileiro tem direito, até mesmo de viver.
B22	R057	E222	Votar significa eleger uma pessoa para representar as pessoas que nela depositaram confiança e competência.
B22	R071	E272	O nosso país está precisando de muita gente séria no poder, que pense muito pelo povo brasileiro.
B22	R071	E274	Vamos pensar, e muito, nessas eleições para pôr pessoas que queiram fazer alguma coisa por nós.
B22	R072	E279	Só então poderíamos escolher nossos governantes, desde que se mostrassem pessoas de boa índole.
B22	R077	E296	Somos milhares de cidadãos que exercem esse direito com o objetivo de alcançar, através de representantes eleitos, justiça, hombridade, honestidade.
B22	R081	E318	Nem sequer se preocupa em pensar para escolher uma pessoa decente e que mereça ter o poder nas mãos.
B22	R082	E321	Mais um ano eleitoral que se inicia e, junto com ele, a responsabilidade de elegermos governantes competentes, com um passado político limpo.
B22	R083	E330	Mas o povo sabe que, em meio a essa desordem, existem aqueles que sempre foram fiéis e tentam melhorar, modificar, construir um Brasil decente.
B22	R085	E337	E o povo fica esperando até a próxima eleição para que apareça um justo, honesto e que traga alegria.
B22	R086	E343	Votar sim, mas votar conscientemente, em políticos honestos e dignos de serem votados, que sejam nossos reais representantes.
B22	R090	E359	Cada um deve ter liberdade para votar, escolher a pessoa certa, em quem tenha plena confiança e não como acontece, esperar ver se vai cumprir depois o que prometeu.
B22	R091	E368	Votamos e escolhemos uma pessoa que vá ao encontro de nossos anseios, que defenda uma democracia digna para o povo.
B22	R094	E387	Mas não vou dizer que não haja os honestos, que se preocupam realmente com tudo e todos, que querem realmente melhorar o nosso país, nos que podemos acreditar e confiar, ter esperanças de realizações.

B22	R095	E390	Apesar disso, existem pessoas conscientes, que sabem aproveitar esse direito, votando num candidato que possa ajudar o povo.
B22	R096	E394	O que não está fácil é colocarmos um homem de caráter e honesto para mudar tudo isso.
B22	R097	E400	Existem bons candidatos...
B22	R097	E402	O voto é "sinônimo de democracia" se for feito conscientemente, elegendo candidatos democratas, que realmente governem pelo povo.
B22	R099	E414	Através do voto, o povo pode eleger pessoas com capacidade e com conhecimento na área a atuar.
B22	R101	E422	... saber escolher através do voto os bons candidatos. Pois sabemos que está difícil a situação para todos nós nos últimos tempos.
B22	R105	E442	...fazemos isso porque é necessário escolher governantes conscientes e aptos a dirigir o nosso país para um futuro melhor, com melhorias de vida para o povo brasileiro, já tão sofrido.
B22	R114	E488	Desde que, eleitos os poderes, cada um exercesse sua função determinada pelo voto, conscientes de suas responsabilidades e funções em benefício do bem estar de toda uma organização física e social que lhe pertencem.
B22	R118	E509	Que nesse ano político o povo vote conscientemente e que os políticos tenham consciência política para exercer suas funções.
B22	R121	E526	Eleição é para eleger o melhor, não para ver quem tem mais dinheiro para gastar.
B22	R123	E539	Precisamos de administradores mais conscientes e responsáveis...
B22	R124	E544	Mas, no meio de tanta podridão que são as eleições para os cargos públicos, existe aquele candidato que está interessado em ajudar as pessoas, que quer fazer alguma coisa para melhorar o Brasil.
B22	R124	E546	...e eleger um candidato que valorize as pessoas que o colocaram lá, que tente fazer um Brasil melhor.
B22	R125	E549	Às vezes, deixa-se de eleger aquele que realmente faria pelo povo e para o povo por falta de conscientização ou conhecimento.
B22	R126	E556	Precisamos de governantes sérios, que tenham capacidade de resolver assuntos sérios, como inflação, salário.
B22	R129	E573	É preciso escolher um bom representante para o governo, atendendo as necessidade de sua população. Façamos do voto um ato realmente democrático.
B22	R130	E578	Nós temos que votar em quem realmente confiamos.
B22	R132	E582	Iremos votar para que os eleitos nos representem, conseguindo verbas, elaborando e aprovando projetos para uma vida mais digna para nós, brasileiros.
B22	R132	E585	Porque quando elegemos alguém, é para lutar, defender e caminhar junto com o povo no dia-a-dia.
B22	R134	E594	...muitos dos candidatos que são mencionados na lista deveriam propor propostas lógicas e objetivas, assumindo o que falam durante o período.
B22	R134	E599	... queremos que mostre competência em todos os sentidos, principalmente com a educação, não gastando fortuna em coisas fúteis.
B22	R139	E621	E, na hora de escolher os seus representantes, escolher pessoas competentes e honestas para nos representar, que pensem no povo e não só na sua pessoa.
B22	R140	E623	Escolher o melhor que possa nos representar em todos os momentos: fáceis e difíceis.
B22	R142	E633	O voto seria democrático sim, no momento em que, ao votar, estivéssemos elegendo políticos verdadeiramente honestos, voltados aos interesses da nação.

B23. "VOTAR EM BRANCO OU NULO SÃO FORMAS LEGÍTIMAS DE PROTESTO ."

B23	R034	E144	Tudo seria democrático, se a maioria votasse nulo, para mostrar ao governo que a insatisfação é plena.
B23	R064	E245	Temos a liberdade de escolher para quem votar, mas se quisermos falar em público que gostaríamos de anular ou deixar a cédula em branco, corremos o risco de sermos humilhados e, até mesmo, advertidos por pessoas que se dizem entendidas em política e democracia.
B23	R088	E351	Ir às urnas somente para cumprir uma obrigação com o Estado não é agradável. Talvez até mesmo votar em branco em sinal de protesto. O melhor protesto seria não indo às urnas.
B23	R103	E428	(Um voto em vão) Essa seria a única saída, ou o único meio de um povo sofredor, pisado e cansado de lutar contra a máfia do capitalismo covarde...

B23	R103	E432	Pois nem um voto mais deveria ser confiado a candidato algum. E mostrar, através dessa atitude, que o povo não é algo a ser usado e jogado fora.
-----	------	------	--

B24. "O VOTO É UM SINÔNIMO DE DEMOCRACIA."

B24	R001	E003	Voto consciente é sinônimo de democracia, pois somos nós que devemos saber quem colocamos para nos governar.
B24	R003	E008	O voto é a maneira mais direta de aplicação da democracia por um povo.
B24	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.
B24	R006	E022	O voto é um direito que tem que ser respeitado por todos, porque só através dele é que nós podemos saber a vontade da maioria do povo.
B24	R007	E027	Voto, nos tempos de hoje, dá-nos o direito de escolher nosso próprio presidente, nosso prefeito, até mesmo como aconteceu no começo do ano na educação. Nos deu o direito de escolher a nossa diretora, supervisora, etc.
B24	R009	E031	Todos nós sabemos que voto é sinônimo de democracia.
B24	R011	E045	O voto é um meio do povo ter participação.
B24	R012	E054	O voto, do ponto de vista de muitas pessoas é democracia, porque podemos escolher uma pessoa, a qual vai comandar nosso país, estado, cidade, enfim, vai nos ajudar a solucionar os problemas existentes em nossa comunidade.
B24	R013	E056	É através do voto que o povo dá sua pequena parcela de contribuição no processo de democratização do país.
B24	R014	E059	O voto é realmente sinônimo de democracia. É através do voto que todos os cidadãos tem, por direito, escolher seus governantes.
B24	R017	E068	O voto é um ato democrático. É através dele que temos a liberdade de demonstrarmos o contentamento ou insatisfação com o governo vigente. A partir do voto estaremos escolhendo nossos representantes, pessoas que tomarão decisões e posições por nós.
B24	R017	E069	A população deve estar consciente de que o voto é a maneira mais correta de exprimir seus anseios, e que o voto consciente ainda é a melhor solução para se conquistar a cidadania.
B24	R019	E074	O voto é uma democracia onde escolhemos a pessoa para governar o nosso país ou cidade.
B24	R024	E097	Nada melhor, então, que o voto, mas o voto livre e consciente para fazer tal escolha.
B24	R034	E142	O voto é um sinônimo de democracia, sim.
B24	R039	E160	Mas é preciso votar sim, pois é através do voto que podemos reivindicar os nossos direitos.
B24	R052	E208	O voto é um direito do cidadão brasileiro.
B24	R053	E211	Votar é um direito e dever de todos nós.
B24	R062	E239	É com o voto que vamos lutar por uma democracia melhor. Votando, nós decidiremos o melhor ou o pior para a nação.
B24	R063	E243	O voto é apenas um complemento para o povo eleger um candidato, porque a democracia está em cada um de nós brasileiros, que buscam seus objetivos.
B24	R065	E250	O voto é um sinônimo de democracia, como todos nós sabemos.
B24	R073	E284	O voto consciente ainda é a forma mais eficaz de exercício da democracia.
B24	R081	E314	O voto é o único meio que nos dá direito de escolhermos alguém para colocar no poder.
B24	R081	E319	O voto é sinônimo de democracia.
B24	R095	E388	O voto é um dos direitos que todos dispõem, porque é através dele que se escolhe alguém para nos representar.
B24	R095	E392	O voto é sinônimo de democracia quando a pessoa sabe quem quer que a represente
B24	R098	E403	O voto, desde os mais remotos tempos, tem sido um sinônimo vivo de democracia, liberdade de escolha e consciência crítica.
B24	R102	E424	O voto é um sinônimo de liberdade.
B24	R106	E446	Mas, antes de qualquer coisa, o voto é sinônimo de democracia...
B24	R110	E467	No país em que vivemos, falar sobre este assunto (sinônimo de democracia) é o correto das eleições, ou como deve ser uma coisa democrática, a importância do voto.
B24	R110	E469	O voto é importante.
B24	R115	E494	Mas, além de tudo isso, não vejo outra forma de escolher nossos administradores.

B24	R128	E565	Dizem que votar é direito do povo.
B24	R133	E592	O voto é sinônimo de democracia, pois nós é que escolhemos.
B24	R134	E600	O voto é muito importante, pois está comprometendo o país ou o estado.

B25. "NO BRASIL, VOTO NÃO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA."

B25	R004	E012	Eleição no Brasil virou brincadeira.
B25	R004	E014	O voto não significa mais democracia. Ele agora significa nada. Perdeu o sentido.
B25	R004	E016	Voto sinônimo de democracia? Não. Voto sinônimo de boa vida para os eleitos e que se danem os eleitores.
B25	R005	E021	Eu pergunto: Onde está o sinônimo de democracia em nosso país?
B25	R014	E061	Nem todos acham que o ato de votar é uma Democracia, mas sim uma obrigação de cidadão.
B25	R015	E063	Dizer sinônimo de democracia é sermos realistas demais a certo ponto de acreditar que através de um voto elegemos alguém que pode mudar totalmente um país, como é o caso do nosso.
B25	R018	E070	Sabemos que ao passar dos anos, está cada vez mais difícil o relacionamento entre o homem e o voto.
B25	R028	E113	...no meu ponto de vista, o <u>voto</u> nunca foi nem nunca vai ser um sinônimo de democracia.
B25	R032	E133	"Voto: sinônimo de democracia". Será mesmo?
B25	R033	E139	O voto deveria realmente ser sinônimo de democracia. Porém, não é o que acontece no Brasil.
B25	R035	E146	Mas até que ponto esta eleição direta, onde o povo escolhe o seu representante, ajudou o povo brasileiro?
B25	R035	E147	Mas agora que o povo escolhe seu representante com eleições diretas, a situação está pior que antes, os problemas são maiores.
B25	R037	E152	Será que o voto realmente nos garante um país democrático?
B25	R048	E193	Não, o voto não tem sido sinônimo de democracia. Ele está sendo mal usado, servindo como barganha entre inescrupulosos esclarecidos e inocentes mal esclarecidos.
B25	R049	E195	Seria muito bom se isso fosse verdade, mas atualmente voto é sinônimo de: desilusão, corrupção e vergonha.
B25	R050	E200	O voto sempre foi uma maneira legal de levar ao poder pessoas capazes de administrar o patrimônio público com seriedade e dignidade. É isso o que deveria acontecer, mas será que ocorre isso?
B25	R053	E213	Será que voto é mesmo um sinônimo de democracia? Muitas vezes faço esta pergunta a mim mesma e chego à conclusão que não é verdade...
B25	R059	E228	Será que nos tempos de hoje voto é sinônimo de democracia?
B25	R059	E231	...em nosso país, voto não é sinônimo de democracia e, sim, de permuta, pois quem promete mais, mente mais, leva a melhor.
B25	R061	E237	Então, acho que o nosso voto não é totalmente democrático, pois somos comprados, confundidos e manipulados através da linguagem.
B25	R064	E244	Muito se ouve falar que o voto é democrático. Só que essa democracia não existe na verdade.
B25	R076	E292	Num país como este, de muito analfabetismo, pouco esclarecimento e de conveniência governamental para que não se esclareça a maioria, o voto é realmente um sinônimo de liberdade?
B25	R077	E295	Agora nos perguntamos: até que ponto o voto simboliza democracia?
B25	R080	E313	Voto em nosso país não significa democracia e sim favores.
B25	R083	E326	Parto do princípio onde se diz que voto é sinônimo de democracia. Qual democracia?
B25	R084	E332	Nas relações sociais em que o querer e o poder estão acima de qualquer característica pessoal, o voto do cidadão já não é mais sinônimo de democracia.
B25	R086	E339	Porém, hoje, frente a uma política em crise profunda e perante políticos sem escrúpulos, não sabemos mais se o voto é sinal de democracia.
B25	R087	E348	Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
B25	R088	E349	O voto, no Brasil, não está sendo um sinônimo de democracia.
B25	R090	E358	Será que as pessoas, ao votarem, estão tendo a democracia?
B25	R090	E362	Por isso, o voto nem sempre é o caminho mais certo para se chegar à democracia.

B25	R091	E367	Voto democrático está sendo uma palavra somente com sinônimos bonitos. O que funciona mesmo é o antônimo da palavra.
B25	R092	E373	Diante de tudo isso, eu questiono: o voto é sinônimo de democracia?
B25	R094	E384	Na atual situação do nosso país, não sei se podemos dizer que o voto é um sinônimo de democracia, pois o povo vota, mas não pode contar com seu voto.
B25	R107	E448	Voto: sinônimo de democracia? Uma pergunta muito simples, mas, ao mesmo tempo, difícil de ser respondida nos tempos de hoje.
B25	R113	E482	Fala-se tanto da democracia através do voto como se isso fosse realidade.
B25	R115	E492	Nem sempre o voto é sinônimo de democracia, porque a política é induzida a nós, que não percebemos o quanto somos enganados.
B25	R118	E505	Será mesmo sinônimo de democracia?
B25	R120	E516	A realidade hoje é que voto não significa mais poder de decisão e sim uma contribuição para aqueles que se apresentam melhor diante da população.
B25	R121	E522	Há quem diga que o voto é sinônimo de democracia. Será?
B25	R125	E550	Democracia até que ponto, se não temos voz através do voto, pois não nos fazemos ouvir?
B25	R131	E581	Então, com todos esses acontecimentos, o nosso voto perdeu a confiança de ser democrático, pois sempre somos enganados.
B25	R133	E587	Mas, será que voto é realmente sinônimo de democracia?
B25	R141	E630	Para mim, voto desta forma não significa sinônimo de democracia.

ANEXO IV

RELAÇÃO DE ENUNCIADOS PRESENTES EM MAIS DE UMA FAMÍLIA PARAFRÁSTICA

(OBS.: Com o objetivo de indicar, no interior de cada enunciado, as passagens que o fazem pertencer às diferentes famílias de EBs, foi utilizado o artifício de marcar tanto o EB quanto a passagem específica com **NEGRITO**, SUBLINHADO e *ITALICO*)

EB03. "O VOTO DEIXOU DE SER DEMOCRÁTICO PORQUE É COMPRADO/VENDIDO EM TROCA DE DINHEIRO OU DE PEQUENOS FAVORES."

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B03	R001	E004	Se muitas coisas não vão bem, grande culpa é do próprio cidadão, que, infelizmente ainda não está sabendo usar seu direito de cidadão e troca seu voto, às vezes, até por uma simples camiseta.
B14	R001	E004	Se muitas coisas não vão bem, <u>grande culpa é do próprio cidadão, que, infelizmente ainda não está sabendo usar seu direito de cidadão</u> e troca seu voto, às vezes, até por uma simples camiseta.

EB01. "ATRAVÉS DE MUITA LUTA, O POVO ALCANÇOU DIVERSAS CONQUISTAS DEMOCRÁTICAS, REPRESENTADAS PELO DIREITO AO VOTO".

EB18. "JÁ VIVEMOS EM UMA DEMOCRACIA PLENA."

B01	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena , pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.
B18	R003	E009	Graças à "Abertura" e aos novos tempos, <u>hoje a democracia é plena</u> , pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.

B01	R016	E066	O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.
B18	R016	E066	<u>O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.</u>

EB13. "NÃO ADIANTA VOTAR EM BRANCO OU NULO."

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B13	R003	E010	Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante, com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.
B14	R003	E010	<u>Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante</u> , com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

EB19. "A EDUCAÇÃO DO POVO É UM INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO."

B14	R003	E011	Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.
B19	R003	E011	Com certeza, deveria haver <u>uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.</u>

EB13. "NÃO ADIANTA VOTAR EM BRANCO OU NULO."

EB22. "O PAÍS PRECISA DE POLÍTICOS SÉRIOS E HONESTOS."

B13	R008	E030	Devemos ter responsabilidade no votar porque <u>votar em branco não ajuda em nada</u> e sim votar em alguém competente, que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.
B22	R008	E030	Devemos ter responsabilidade no votar porque <u>votar em branco não ajuda em nada e sim votar em alguém competente, que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.</u>

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B07	R025	E100	Se num lado estão aqueles que acreditam numa melhora (política) com a mudança política, <u>outros já desiludidos não se preocupam em participar ativamente das eleições.</u>
B14	R025	E100	Se num lado estão aqueles que acreditam numa melhora (política) com a mudança política, <u>outros já desiludidos não se preocupam em participar ativamente das eleições.</u>

B07	R025	E102	A conscientização do povo na conquista do voto e os patrocínios por parte dos empresários é tarefa difícil nos dias de hoje, <u>devido a muitas promessas não cumpridas no passado.</u>
B14	R025	E102	<u>A conscientização do povo</u> na conquista do voto e os patrocínios por parte dos empresários <u>é tarefa difícil nos dias de hoje, devido a muitas promessas não cumpridas no passado.</u>

EB16. "EM NOSSO PAÍS, UMA ELITE MINORITÁRIA DOMINA A MAIORIA."

EB17. "É PRECISO RESGATAR OS VALORES DA UNIÃO E DA IGUALDADE FRATERNA ENTRE AS PESSOAS."

B16	R031	E131	Mas nós, povo unido e consciente do nosso voto, poderemos dar essa <u>reviravolta: a maioria sobre a minoria, pois é isso que propõe a democracia.</u>
B17	R031	E131	<u>Mas nós, povo unido e consciente do nosso voto, poderemos dar essa reviravolta: a maioria sobre a minoria, pois é isso que propõe a democracia.</u>

EB04. "O VOTO NÃO É DEMOCRÁTICO PORQUE É OBRIGATÓRIO."

EB12. "OS ANALFABETOS NÃO SABEM VOTAR."

B04	R042	E170	Mas, no Brasil, há muitos analfabetos que votam sem ao menos conhecer o candidato. <u>Votam por quê? Porque são obrigados.</u> Se recusarem-se a votar, o que acontece?
B12	R042	E170	<u>Mas, no Brasil, há muitos analfabetos que votam sem ao menos conhecer o candidato.</u> <u>Votam por quê? Porque são obrigados.</u> Se recusarem-se a votar, o que acontece?

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

EB22. "O PAÍS PRECISA DE POLÍTICOS SÉRIOS E HONESTOS."

B14	R045	E180	Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.
B22	R045	E180	Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico <u>para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.</u>

EB11. "O VOTO AOS 16 ANOS FOI UM CASUÍSMO DEMAGÓGICO E NÃO CONTRIBUI PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS: O JOVEM NÃO SABE VOTAR."

EB12. "OS ANALFABETOS NÃO SABEM VOTAR."

B11	R046	E183	Até que ponto o voto dos adolescentes de 16 anos e dos analfabetos favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?
B12	R046	E183	Até que ponto <u>o voto</u> dos adolescentes de 16 anos e <u>dos analfabetos</u> favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?

B11	R107	E452	Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, faça do seu voto um sinônimo de democracia?
B12	R107	E452	<u>Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto</u> ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, <u>faça do seu voto um sinônimo de democracia?</u>

EB09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPOTOS, DEMAGOGOS..."

EB10. "O POVO É MANIPULADO/LUDIBRIADO PELOS POLÍTICOS."

B09	R050	E201	Muitas vezes, candidatos com superproduções de marketing político nos passam uma idéia de mudança e de dias melhores, nos deixam envolver por filosofias baratas em cada ano eleitoral.
B10	R050	E201	Muitas vezes, candidatos com superproduções de marketing político nos passam uma idéia de mudança e de dias melhores, <u>nos deixam envolver por filosofias baratas em cada ano eleitoral.</u>

B09	R050	E202	...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais <u>envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.</u>
B10	R050	E202	<u>...uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas,</u> que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.

B09	R071	E273	Na hora de fazer propaganda, eles iludem muito o povo com promessas de tantas coisas boas que o povo é tão pequeno de cabeça que, chega o dia das eleições e acaba votando e pondo no poder os piores candidatos, aqueles que só estão a fim de fazer para o lado deles.
B10	R071	E273	Na hora de fazer propaganda, eles iludem muito o povo com promessas de tantas coisas boas <u>que o povo é tão pequeno de cabeça que, chega o dia das eleições e acaba votando e pondo no poder os piores candidatos</u> , aqueles que só estão a fim de fazer para o lado deles.

B09	R128	E566	Confiamos no candidato, damos nosso voto de confiança e ele, no entanto, nos decepciona, nos desanima com suas atitudes, com sua ganância.
B10	R128	E566	<u>Confiamos no candidato, damos nosso voto de confiança e ele, no entanto, nos decepciona, nos desanima com suas atitudes, com sua ganância.</u>

B09	R141	E628	Nos deixamos envolver por discursos bonitos, promessas e mais promessas, confundindo a cabeça do povo, principalmente a classe operária, os menos favorecidos pela sorte, batendo de porta em porta, oferecendo-lhe dinheiro e comida.
B10	R141	E628	<u>Nos deixamos envolver por discursos bonitos, promessas e mais promessas, confundindo a cabeça do povo, principalmente a classe operária, os menos favorecidos pela sorte, batendo de porta em porta, oferecendo-lhe dinheiro e comida.</u>

EB03. "O VOTO DEIXOU DE SER DEMOCRÁTICO PORQUE É COMPRADO/VENDIDO EM TROCA DE DINHEIRO OU DE PEQUENOS FAVORES."

EB12. "OS ANALFABETOS NÃO SABEM VOTAR."

B03	R065	E252	Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca
B12	R065	E252	<u>Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca</u>

EB17. "É PRECISO RESGATAR OS VALORES DA UNIÃO E DA IGUALDADE FRATERNAL ENTRE AS PESSOAS."

EB21. "ATUALMENTE, NÃO EXISTE DEMOCRACIA EM NOSSO PAÍS."

B17	R069	E266	O Brasil precisa com urgência da prática da palavra DEMOCRACIA, uma sociedade mais justa e igualdade a todos!
B21	R069	E266	<u>O Brasil precisa com urgência da prática da palavra DEMOCRACIA, uma sociedade mais justa e igualdade a todos!</u>

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

EB25. "NO BRASIL, VOTO NÃO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA."

B14	R076	E292	Num país como este, de muito analfabetismo, pouco esclarecimento e de conveniência governamental para que não se esclareça a maioria, o voto é realmente um sinônimo de liberdade?
B25	R076	E292	<u>Num país como este, de muito analfabetismo, pouco esclarecimento e de conveniência governamental para que não se esclareça a maioria, o voto é realmente um sinônimo de liberdade?</u>

EB04. "O VOTO NÃO É DEMOCRÁTICO PORQUE É OBRIGATÓRIO."

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

EB09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPOTOS, DEMAGOGOS..."

B04	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas , pois não possuem mais confiança nos governantes, que estão somente fazendo barbaridades.
B07	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos governantes , que estão somente fazendo barbaridades.
B09	R078	E301	...com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos <i>governantes</i> , que <i>estão somente fazendo barbaridades</i> .

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

EB13. "NÃO ADIANTA VOTAR EM BRANCO OU NULO."

B07	R081	E317	Porém, não é levada a sério essa conquista. O alto índice de votos brancos e nulos ocorridos nas eleições passadas são a prova disso.
B13	R081	E317	Porém, não é levada a sério essa conquista. <u>O alto índice de votos brancos e nulos ocorridos nas eleições passadas são a prova disso.</u>

EB04. "O VOTO NÃO É DEMOCRÁTICO PORQUE É OBRIGATÓRIO."

EB09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPOTOS, DEMAGOGOS..."

B04	R084	E333	Democracia é a livre escolha, mas para que eleger livre-forçadamente um representante que continua fazendo de nossas vidas verdadeiras seqüências de analfabetismo e miséria?
B09	R084	E333	Democracia é a livre escolha, mas para que eleger livre-forçadamente <u>um representante que continua fazendo de nossas vidas verdadeiras seqüências de analfabetismo e miséria?</u>

EB09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPOTOS, DEMAGOGOS..."

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B09	R084	E334	Será sim, um analfabeto, mas, político, se não souber discernir as falcatruas do poder , se não souber entender e ler nas entrelinhas dos inflamados discursos de palanque toda uma ideologia que vai por caminhos tão bem estudados e estruturados para driblar a nossa competência de ouvintes . A retórica é convincente e argumentativa.
B14	R084	E334	<u>Será sim, um analfabeto, mas, político, se não souber discernir as falcatruas do poder</u> , se não souber entender e ler nas entrelinhas dos inflamados discursos de palanque toda uma ideologia que vai por caminhos tão bem estudados e estruturados para driblar a nossa competência de ouvintes . A retórica é convincente e argumentativa.

EB03. "O VOTO DEIXOU DE SER DEMOCRÁTICO PORQUE É COMPRADO/VENDIDO EM TROCA DE DINHEIRO OU DE PEQUENOS FAVORES."

EB04. "O VOTO NÃO É DEMOCRÁTICO PORQUE É OBRIGATÓRIO."

EB25. "NO BRASIL, VOTO NÃO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA."

B03	R087	E348	Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
B04	R087	E348	Assim, vemos que <u>o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar</u> e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.
B25	R087	E348	Assim, vemos que <u>o voto não é sinal de democracia</u> , pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.

EB03. "O VOTO DEIXOU DE SER DEMOCRÁTICO PORQUE É COMPRADO/VENDIDO EM TROCA DE DINHEIRO OU DE PEQUENOS FAVORES."

EB06. "A ATUAL SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS IMPEDE A CONSCIENTIZAÇÃO DO POVO."

B03	R093	E379	Devido aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., <u>muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida.</u>
B06	R093	E379	Devido <u>aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida.</u>

B03	R097	E401	...mas o problema é que a maioria do povo vive em situação tão precária, desesperadora, que <u>vende o seu voto</u> , pensando que suas dificuldades serão resolvidas e elege maus candidatos.
B06	R097	E401	...mas o problema é que <u>a maioria do povo vive em situação tão precária, desesperadora, que vende o seu voto, pensando que suas dificuldades serão resolvidas e elege maus candidatos.</u>

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

EB09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPTOS, DEMAGOGOS..."

B07	R032	E132	...como já sabemos, <u>o povo está cheio de promessas não cumpridas</u> , de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.
B09	R032	E132	...como já sabemos, <u>o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.</u>

B07	R074	E286	Mas <u>o povo brasileiro já não acredita mais, vendo tantas barbaridades</u> , aumentos, bagunças acontecendo lá dentro do congresso e nada se resolve.
B09	R074	E286	Mas <u>o povo brasileiro já não acredita mais, vendo tantas barbaridades, aumentos, bagunças acontecendo lá dentro do congresso e nada se resolve.</u>

B07	R097	E397	...diante de tantos políticos corruptos, que trabalham pensando em seus interesses, que fazem muitas promessas nas campanhas e depois não as cumprem, <u>o povo se torna descrente.</u>
B09	R097	E397	...diante de <u>tantos políticos corruptos, que trabalham pensando em seus interesses, que fazem muitas promessas nas campanhas e depois não as cumprem, o povo se torna descrente.</u>

B07	R106	E444	Quando chega a época de eleição, a maioria dos votantes se revolta com os candidatos , pois, geralmente, todos prometem muito e cumprem pouco.
B09	R106	E444	Quando chega a época de eleição, a maioria dos votantes se revolta com <u>os candidatos, pois, geralmente, todos prometem muito e cumprem pouco.</u>

B07	R136	E607	Em nosso país, o período de eleições é muito criticado , pois os nossos políticos são muito desonestos.
B09	R136	E607	Em nosso país, o período de eleições é muito criticado, pois <u>os nossos políticos são muito desonestos.</u>

EB06. "A ATUAL SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS IMPEDE A CONSCIENTIZAÇÃO DO POVO"

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

EB09. "OS POLÍTICOS NÃO PRESTAM: SÃO CORRUPOTOS, DEMAGOGOS..."

EB15. "TODOS DEVEM ENGAJAREM-SE NA LUTA PELA DEMOCRACIA."

EB17. "É PRECISO RESGATAR OS VALORES DA UNIÃO E DA IGUALDADE FRATERNA ENTRE AS PESSOAS."

B15	R100	E419	Vamos pensar na situação em que nós, brasileiros, nos encontramos hoje, nos reunir e lutar juntos por um país melhor.
B17	R100	E419	Vamos pensar na situação em que nós, brasileiros, nos encontramos hoje, <u>nos reunir e lutar juntos por um país melhor.</u>

B15	R100	E420	Só nós, com nosso voto e nossa união, podemos reverter a situação do Brasil.
B17	R100	E420	<u>Só nós, com nosso voto e nossa união, podemos reverter a situação do Brasil.</u>

EB05. "O VOTO É UMA ARMA DO ELEITOR."

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B05	R075	E288	...temos hoje, como povo, essa dificuldade em constatar ou perceber que o próprio voto, que teria que ser uma atitude consciente e democrática, acaba sendo uma arma do povo usada contra o próprio povo.
B14	R075	E288	...temos hoje, como povo, essa dificuldade em <u>constatar ou perceber que o próprio voto, que teria que ser uma atitude consciente e democrática, acaba sendo uma arma do povo usada contra o próprio povo.</u>

B05	R107	E449	A população brasileira ainda não sabe usar esta arma tão poderosa que tem em suas mãos.
B14	R107	E449	<u>A população brasileira ainda não sabe usar esta arma tão poderosa que tem em suas mãos.</u>

B05	R122	E531	O voto poderia ser uma das armas principais para o povo, mas este está alienado.
B14	R122	E531	O voto poderia ser uma das armas principais para o povo, mas <u>este está alienado.</u>

B05	R130	E574	O povo brasileiro só tem uma arma na mão, que é o seu voto, e não sabe aproveitar.
B14	R130	E574	<u>O povo brasileiro</u> só tem uma arma na mão, que é o seu voto, e <u>não sabe aproveitar.</u>

B05	R130	E577	Mas alguém precisa esclarecer o povo que essa é a única arma que temos como garantida, pois somos nós quem os escolhemos.
B14	R130	E577	<u>Mas alguém precisa esclarecer o povo</u> que essa é a única arma que temos como garantida, pois somos nós quem os escolhemos.

EB05. "O VOTO É UMA ARMA DO ELEITOR."

EB08. "DEVEMOS TER ESPERANÇA DE QUE É POSSÍVEL UM FUTURO MELHOR PARA O PAÍS."

B05	R108	E461	Não seria impossível mudar essa situação, pois temos uma arma: o voto.
B08	R108	E461	<u>Não seria impossível mudar essa situação,</u> pois temos uma arma: o voto.

EB06. "A ATUAL SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS IMPEDE A CONSCIENTIZAÇÃO DO POVO."

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

B06	R111	E472	A sociedade brasileira, devido as crises políticas e financeiras, que são decorrentes de uma governabilidade insatisfatória, vem acarretando descrenças perante as classes inferiores, que de formas precisas, tentam modificar esse quadro.
B07	R111	E472	A sociedade brasileira, devido as crises políticas e financeiras, que são decorrentes de uma governabilidade insatisfatória, <u>vem acarretando descrenças perante as classes inferiores, que de formas precisas, tentam modificar esse quadro.</u>

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

EB16. "EM NOSSO PAÍS, UMA ELITE MINORITÁRIA DOMINA A MAIORIA."

B14	R111	E474	...a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.
B16	R111	E474	<u>...a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.</u>

EB10. "O POVO É MANIPULADO/LUDIBRIADO PELOS POLÍTICOS."

EB25. "NO BRASIL, VOTO NÃO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA."

B10	R115	E492	Nem sempre o voto é sinônimo de democracia, porque a política é induzida a nós, que não percebemos o quanto somos enganados.
B25	R115	E492	<u>Nem sempre o voto é sinônimo de democracia,</u> porque a política é induzida a nós, que não percebemos o quanto somos enganados.

EB08. "DEVEMOS TER ESPERANÇA DE QUE É POSSÍVEL UM FUTURO MELHOR PARA O PAÍS."
EB15. "TODOS DEVEM ENGAJAR-SE NA LUTA PELA DEMOCRACIA."

B08	R096	E395	Esperança e coragem para nós não devem faltar. Vamos continuar lutando pelos nossos ideais.
B15	R096	E395	Esperança e coragem para nós não devem faltar. <u>Vamos continuar lutando pelos nossos ideais.</u>

B08	R128	E568	Mas há de mudar esse quadro, com o povo brasileiro, que é a maioria, lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos.
B15	R128	E568	Mas há de mudar esse quadro, com o povo brasileiro, que é a maioria, <u>lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos.</u>

EB12. "OS ANALFABETOS NÃO SABEM VOTAR."

EB19. "A EDUCAÇÃO DO POVO É UM INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO."

B12	R117	E503	Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.
B19	R117	E503	<u>Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.</u>

EB10. "O POVO É MANIPULADO/LUDIBRIADO PELOS POLÍTICOS."

EB16. "EM NOSSO PAÍS, UMA ELITE MINORITÁRIA DOMINA A MAIORIA."

B10	R122	E533	Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.
B16	R122	E533	Na realidade, o voto é mais <u>uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.</u>

EB04. "O VOTO NÃO É DEMOCRÁTICO PORQUE É OBRIGATÓRIO."

EB07. "O POVO ESTÁ DESILUDIDO/REVOLTADO COM A POLÍTICA."

B04	R123	E536	Enquanto outros cidadãos apenas cumprem seus deveres por medo de uma punição posterior, não dando nenhum valor àquilo que estão fazendo.
B07	R123	E536	Enquanto outros cidadãos apenas cumprem seus deveres por medo de uma punição posterior, <u>não dando nenhum valor àquilo que estão fazendo.</u>

EB10. "O POVO É MANIPULADO/LUDIBRIADO PELOS POLÍTICOS."

EB14. "A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO SABE VOTAR: PRECISA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA/SER CONSCIENTIZADA."

B10	R127	E561	O direito de votar seria sim uma democracia, se os votantes, eleitores, estivessem cientes do que estão fazendo, não deixar serem levados por promessas e outros argumentos que os políticos se utilizam para induzir os eleitores a seu favor.
B14	R127	E561	<u>O direito de votar seria sim uma democracia, se os votantes, eleitores, estivessem cientes do que estão fazendo, não deixar serem levados por promessas e outros argumentos que os políticos se utilizam para induzir os eleitores a seu favor.</u>

B10	R133	E589	...mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?
B14	R133	E589	...mas, e <u>as cabeças mais pobres?</u> <u>Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?</u>

ANEXO V

ÍTEGRA DAS REDAÇÕES ANALISADAS

(RED1)

VOTO - SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O voto já há muitos anos vem sendo pouco valorizado pelos próprios cidadãos brasileiros.

Na verdade, muitos levam mesmo é na brincadeira, nem pensam que está dependendo deles o sucesso ou não de um governo.

Na maioria das vezes, só sabem é reclamar, quando vem as conseqüências.

Voto consciente é sinônimo de democracia, pois somos nós que devemos saber quem colocamos para nos governar.

Se muitas coisas não vão bem, grande culpa é do próprio cidadão, que, infelizmente ainda não está sabendo usar seu direito de cidadão e troca seu voto, às vezes, até por uma simples camiseta.

(RED2)

DEMOCRACIA...

Vivemos hoje num país que se diz democrático, onde todos os cidadãos tem o direito a voto quando atingirem a idade mínima, e também de expressar seus pensamentos. Foi um direito adquirido!

Depois de alguns anos, vivemos sob um regime militar, onde o povo manifestava o desejo de escolher o seu próprio governante. Foi uma grande conquista e o brasileiro teve a oportunidade de escolher o seu próprio Presidente, através de eleições.

Hoje a imprensa tem um papel muito importante, como meio de comunicação. É através dela que os candidatos, ao concorrerem aos cargos de governantes, mostram o perfil de uma campanha política, dando liberdade para que o povo saiba escolher e decidir quem apresentar o melhor programa de governo, em função de uma nação carente, de um povo que sofre, pela falta de recursos.

Participaremos democraticamente de uma nova eleição este ano. E escolheremos através de nossos votos, o Prefeito e seus auxiliares, isto é, Vereadores, que melhor irá administrar o nosso município.

(RED3)

VOTO, SINÔNIMO DE DEMOCRACIA E LIBERDADE

O voto é a maneira mais direta de aplicação da democracia por um povo. Através dele, nós temos liberdade e autonomia para decidir e escolher nossos governantes de maneira a atingir nossos objetivos e melhorias de vida.

Antigamente, o voto não era tão somente de forma direta, mas sim também de forma indireta, pela qual um Colégio Eleitoral elegia o Presidente da República. Graças à "Abertura" e aos novos tempos, hoje a democracia é plena, pois o voto nos garante a liberdade de eleger esta autoridade máxima do país.

Muitas pessoas não têm consciência de cidadania e não fazem o uso devido a esse direito tão importante, com isto não se apresentam no dia de eleição, ou então simplesmente anulam seu voto.

Com certeza, deveria haver uma campanha de conscientização e educação para que todos soubessem fazer uso do seu direito e dever de votar.

(RED4)

FALTA ESPERANÇA!

Eleição no Brasil virou brincadeira.

Candidatos existem muitos. Todos querem ser eleitos. Prometem muito, mas não fazem nada para melhorar esse país.

O voto não significa mais democracia. Ele agora significa nada. Perdeu o sentido.

Antes, o voto significava mudança, agora não. O povo já perdeu a esperança de melhorar porque a cada eleição que passa, uma nova decepção. O país não melhora, aumenta a violência e a desesperança.

Voto sinônimo de democracia? Não.

Voto sinônimo de boa vida para os eleitos e que se danem os eleitores.

(RED5)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Na verdade, o voto é considerado um sinônimo de democracia.

Um direito que a todos assiste, só que está sendo pouco democrático, com tantas coisas acontecendo.

Quantos votos comprados com promessas que nunca serão pagas.

O voto seria um sinônimo democrático, se o povo parasse, pensasse e soubesse escolher.

Mas, infelizmente, com tanta fome e miséria em nosso país, o brasileiro vai vendendo seu voto a quem der mais.

Eu pergunto: Onde está o sinônimo de democracia em nosso país?

(RED6)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

É um tema bem difícil, porque dependendo de quem votar e porque vota, aí sim nós podemos analisar.

O voto é um direito que tem que ser respeitado por todos, porque só através dele é que nós podemos saber a vontade da maioria do povo.

Agora existe um lado que é o das informações, o da compra de votos, enfim, o jogo de manipulação dos meios de informações, que transmitem só o que realmente interessa aos poderosos.

A falta de informações reais sobre tudo que se refere à política é que faz com que o nosso povo, de tão sofrido, não se interesse em votar em quem ele realmente acredita.

Pessoas que fazem da vida política um jogo de interesses pessoais e dos grupos que se escondem por traz, colocando dinheiro e prestígio nos seus candidatos.

Nós temos e precisamos acreditar que o voto é realmente um "sinônimo de democracia", porque só através desta certeza é que nós poderemos tentar mudar o nosso país.

(RED7)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Voto, nos tempos de hoje, dá-nos o direito de escolher nosso próprio presidente, nosso prefeito, até mesmo como aconteceu no começo do ano na educação.

Nos deu o direito de escolher a nossa diretora, supervisora, etc.

Tal a nossa democracia.

O campo político agora, é bem mais aberto para o povo.

Hoje o povo brasileiro se encontra no direito e deve dar sua contribuição para ajudar a enriquecer nosso Brasil.

(RED8) VOTO

O voto é obrigatório para pessoas com mais de 18 anos, quem não vota paga uma multa. Hoje, os jovens de 16 anos podem votar, só que não é obrigatório.

Nós temos o direito de votar e escolhermos um político certo que trabalhará e fará o que a sociedade precisa.

Também não podemos nos iludir com muitas promessas e sim verificar e analisar o correto e o que o político vai poder cumprir.

Devemos ter responsabilidade no votar porque votar em branco não ajuda em nada e sim votar em alguém competente, que seja o certo para depois nós termos autoridade de ir atrás e cobrar o que prometeu.

(RED9) CONSCIÊNCIA DE VOTO

Todos nós sabemos que voto é sinônimo de democracia. Sabemos também que o povo conseguiu o direito ao voto através de muita luta. Foram muitos os anos em que as pessoas lutaram para exercer este direito, que agora nos é dado.

No Brasil, porém, há pessoas que realmente não entendem o direito ao voto, não sabem que é a partir dele que devemos lutar para um país melhor. É através do voto que o povo dá sua participação na democracia de um país, votando e elegendo pessoas capazes, para mudar a situação de nossa nação.

Os eleitores, muitas vezes inconseqüentes, trocam o seu voto ou vendem, porque não dizer, vendem seu voto em troca de dinheiro, roupas, construções de muros e até mesmo de casas, "quando a família é grande", assim dizem alguns políticos.

Está na hora das pessoas adquirirem consciência de que através do voto elas serão capazes de mudar e transformar o município, o estado e depois a nação. Elegendo políticos que estejam sempre na luta, nos acompanhando lado a lado em nossas reivindicações e não aqueles que só aparecem em época de eleição para comprar o nosso voto. Temos que conscientizar as pessoas do direito ao voto. Só assim é que ele será verdadeiramente sinônimo de democracia.

(RED10) BRASIL DEMOCRÁTICO

Através do voto, esperávamos que em termos de democracia fossemos ser bem mais atendidos, mas, na verdade, quem comanda mesmo ainda é a alta sociedade. Temos direito de dar nossas idéias, porém não somos atendidos, sempre devemos seguir um sistema que vem de cima.

Acho que devíamos nos unir mais, fazendo uma ligação com a classe média-baixa e classe média-alta, para assim construirmos juntos as idéias do futuro em termos de Educação.

No meu ponto de vista, as mudanças já surgiram e estão aí para serem aproveitadas, só está faltando mais união, compreensão, humanismo, perseverança e segurança consigo mesmo, para que não haja mais tanta injustiça, fome, marginalização e desamor.

Espero que no futuro tudo se realize e que todos sejam compreendidos.

(RED11) POR QUE VOCÊ VOTA?

O voto é um meio do povo ter participação. O governo, por puro interesse, aprova o voto aos 16 anos e é obrigatório após os 18 anos.

Onde se observa o descontentamento da população nas eleições é no Índice de votos brancos e nulos. Eu acredito que se abolir a obrigatoriedade do voto, o povo participará ativamente no progresso do país. Votando em branco ou nulo, o eleitor escapa da multa que teria que pagar se não votasse.

O voto deveria ser uma mudança pela qual passamos, mas não acontece essa mudança.

A democracia reinará novamente com toda força, pois já estamos caminhando para que isto aconteça. Passaremos a escolher representantes que lutem por nossos direitos realmente, transformando a atual sociedade.

O próprio eleitor não colabora, pois diz a um candidato: "Voto em você se me der uma casa", tornando o voto uma mercadoria a ser vendida.

Mudar para melhor seria a função do voto na minha opinião, mas acho que está acontecendo o contrário.

(RED12) O VOTO E A DEMOCRACIA

O voto, do ponto de vista de muitas pessoas é democracia, porque podemos escolher uma pessoa, a qual vai comandar nosso país, estado, cidade, enfim, vai nos ajudar a solucionar os problemas existentes em nossa comunidade.

Só que muitos políticos esquecem que o voto deveria ser algo particular de cada pessoa e ficam pressionando-as, tentando comprá-las com dinheiro ou outras coisas materiais. E, logicamente, quem está precisando se vende para não passar fome. É onde o voto deixa de ser democracia, porque não foi o eleitor quem escolheu e sim uma outra pessoa foi quem o induziu a fazer isto.

(RED13) VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Em toda comunidade se faz necessária a presença de autoridades que determinem as leis, as normas que serão ministradas aos membros que compõem essa sociedade.

Por esta razão, é importante que todo cidadão, independente de situação econômica, cor e grau de escolaridade, tenha direito ao voto, pois os mesmos fazem parte e atuam como membros desta sociedade.

É através do voto que o povo dá sua pequena parcela de contribuição no processo de democratização do país.

Através do voto, temos o direito de escolher pessoas que achamos capacitadas para ocuparem os cargos nos quais irão estabelecer os princípios aos quais devemos seguir.

Por isso, é importante que todos participem do processo de democratização da nação, que seja de maneira direta ou indireta, o importante é participar, e nós participamos desse processo através do voto.

(RED14) VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

O voto é realmente sinônimo de democracia. É através do voto que todos os cidadãos tem, por direito, escolher seus governantes.

Com a Democracia, todos têm direito de opinar, lutar, exigir o que lhe mais virá favorecer.

É através do voto que temos a liberdade de dizer o que pensamos, de escolher quem achamos melhor e lutar pelos direitos merecidos.

Nem todos acham que o ato de votar é uma Democracia, mas sim uma obrigação de cidadão.

(RED15)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Primeiramente, o que devemos ter em nossa mente é o que significa um voto. Podemos dizer que é um simples papel no qual colocamos um país em jogo. Se todos tomassem consciência do que verdadeiramente é, não teríamos um país como é o nosso Brasil, onde pessoas clamam por melhores salários a procura de algo melhor para sua vida.

Dizer sinônimo de democracia é sermos realistas demais a certo ponto de acreditar que através de um voto elegemos alguém que pode mudar totalmente um país, como é o caso do nosso. Aonde nós vamos parar? Se cada brasileiro lutasse ou exigisse mais seus direitos, nós poderíamos viver muito melhor.

Nem sempre pensamos o que estamos fazendo e cometemos algo que deveria ser mais pensado, como por exemplo, o voto que milhares de pessoas jogam fora. Através de um simples papel que não dão valor, está em risco nossas vidas, que estão acabando, quando pensamos que ela acabou de começar.

(RED16)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

O nosso país tornou-se democrático a partir do momento em que todos os brasileiros com idade de 16 anos tiveram a oportunidade de votar.

Dal a escolha de candidatos para um melhor desenvolvimento e crescimento de todos os fatores que atendam a todos, e em primeiro lugar, a saúde, escola. Apesar de que em nossos dias atuais o país apresenta a maior decadência no atendimento à saúde, e isso entristece cada dia mais os brasileiros que, na esperança de terem escolhido o seu candidato, vieram a ter as grandes desilusões.

Espero que nas próximas eleições saibamos escolher os nossos candidatos e assim obtenhamos tudo que precisa o nosso país.

(RED17)

O VOTO COMO DESEJO DE DEMOCRACIA

O voto é um ato democrático. É através dele que temos a liberdade de demonstrarmos o contentamento ou insatisfação com o governo vigente. A partir do voto estaremos escolhendo nossos representantes, pessoas que tomarão decisões e posições por nós.

Decidir votar para determinada pessoa é primeiramente conhecer seu plano de trabalho e metas que serão primordiais para a população.

Votar neste ou naquele pelo simples fato de votar em alguém, é não estar fazendo uso adequado de um direito que foi conquistado.

A população deve estar consciente de que o voto é a maneira mais correta de exprimir seus anseios, e que o voto consciente ainda é a melhor solução para se conquistar a cidadania.

(RED18)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Através do voto escolhemos nossos governantes. Sabemos que ao passar dos anos, está cada vez mais difícil o relacionamento entre o homem e o voto.

Muitos brasileiros ainda têm uma mentalidade fechada sobre o valor do voto e sua importância para o desenvolvimento de uma nação com melhores condições: sociais, físicas e econômicas.

Apesar de todos os fracassos causados pelo voto, mesmo com todas as exigências que são impostas,

não estão se resolvendo nem metade desses fracassos, que por incrível que pareça, nossos governantes não se preocupam em saber que os jovens de hoje são o futuro de amanhã e podem estar em seus lugares.

Jovens com dezesseis anos votam, é um direito, alguns pode ser que estejam consciente que a melhora virá, mas em compensação, alguns apenas votam por votar.

Democracia: se a queremos, devemos lutar por ela e por um país mais justo.

(RED19)

VOTO - SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

O voto é uma democracia onde escolhemos a pessoa para governar o nosso país ou cidade. Para isso, devemos estar sempre atentos com o candidato, qual o seu ponto de vista diante dos problemas do país.

Quando eles querem o poder, fazem várias promessas que vão melhorar o país, principalmente em termos de educação para crianças. E daí, aparecem várias propostas, uma melhor do que a outra, que alimentam a nossa esperança de um país menos sofrido.

E, com tantas assim, devemos escolher a melhor. Acontece, com freqüência, pessoas ligadas a um partido querendo comprar voto, só para conseguir maioria. Não é certo. Devemos escolher o melhor por livre e espontânea vontade.

Nós temos o direito e o dever de votar.

(RED20)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Na última década, a cada dia que passa, estamos aprendendo a conjugar o verbo democracia. Embora ainda muitos não tenham se inteirado de seu real significado, todos de uma maneira ou de outra tentam usufruir este direito.

Quando nos aproximamos de uma eleição, percebemos até que ponto este direito adquirido significa democratizar. A sociedade não acostumada a exercer o papel principal de escolher e definir os comandantes do navio da nação, cujos proprietários somos todos nós, cidadãos; nos vemos na difícil posição de tomarmos o papel principal. Votar garante o direito de escolher quem irá defender nossos direitos e lutar por nossas necessidades. No entanto, esta conquista precisa de uma consciência maior de ambas as partes; consciência esta que integrará necessidades, direitos, deveres e objetivos a atingir um fim maior que é a formação de um Estado novo, cuja conscientização da população e o bem estar comum e social estejam em primeiro plano.

Votar pode ser um sinônimo de democracia, pois esta conquista ainda está muito longe de ser a verdadeira expressão do que a sociedade espera desta administração. Ainda são necessárias mudanças para que outras prioridades básicas incorporem-se definitivamente ao conjugar democrata.

(RED21)

VOTAR É UM DEVER DO POVO

Hoje em dia as pessoas se revoltam quando falam em votar, porque nós, o povo, somos manipulados; nós não temos mais uma política honesta; o povo é muito desrespeitado pelos políticos, é comprado. Eles se aproveitam do povo carente e necessitado para conseguir votos, não medem conseqüências para chegar onde eles querem. Passam por cima de tudo e de todos. O povo atualmente já não acredita e nem confia mais em nada, porque muitos de nós fomos enganados, ficamos só nas promessas.

Dinheiro, promessas. No meu ponto de vista, as pessoas, nós que votamos, devemos ter pensamento positivo e não nos deixarmos levar por pessoas influentes. Devemos votar em quem quisermos e acreditar que

estamos escolhendo a pessoa certa. Os políticos dependem de nós, mas nós também dependemos deles. Unidos é que venceremos. A união faz a força, mas vamos nos unir e lutar por uma política justa, honesta.

(RED22)

NO BRASIL, A DEMOCRACIA É RELATIVA.

Voto é a arma que o povo tem para escolher os seus governantes.

Mas, eu me pergunto: será que vale a pena? Neste mundo tão cheio de políticos inescrupulosos e corruptos, quem você vai escolher? Não está escrito na testa de nenhum deles se são bons ou ruins.

Fica um dilema para o coitado do semi-analfabeto ou ignorante.

A pobreza no Brasil está tão grande. A população marginalizada, muitas vezes, se vende por qualquer par de sapatos, compra, óculos, etc.

A democracia, tão falada no Brasil, é relativa. Não adianta ter liberdade para ir e vir, se hoje com seu dinheiro, não dá para um lazer, cuidar da saúde e, muitas vezes, nem para uma boa alimentação.

Liberdade de escolher. Quem? Políticos como Magri, Alcení e tantos outros que ajudaram a fraudar a Previdência.

O Brasil precisa de gente honesta, comprometida de verdade com o assalariado, e, urgente, uma melhor distribuição de rendas. Diminuir os salários dos políticos e melhorar o nível de vida do trabalhador.

O Brasil é muito rico. Ele tem jeito. Basta querer.

(RED23)

ATUALIDADE

Todos empenhados num amanhã cada vez melhor, trazendo a cada novo dia a esperança de uma vida digna.

Hoje, nosso país vive uma das piores realidade já encontradas em todos os setores, em todas as classes sociais e políticas de toda a história.

Vemos através do dia-a-dia, dos meios de comunicação, o quanto há de desonestidade, de violência, fome e marginalização.

No País, no Estado e Município, temos servidores que escolhemos através do voto para governar, cada qual a sua parte, num conjunto de benefícios a todos os cidadãos, visando ensino, saúde e bem-estar de todos.

Todos têm o direito e o dever de através do voto optar pelo melhor. Ou ainda somos incapazes de nos posicionar? Esperamos que nos ofereçam algo? Ou ficamos esperando que alguém nos fale o que devemos ou não fazer?

Também compete a nós colaborar nessa missão, pois se nos acomodarmos, nosso País entrará numa desordem ainda maior.

Trabalhando juntos, com coragem, teremos com certeza orgulho de nosso País, condições melhores de saúde, educação, lazer e segurança.

(RED24)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA OU OBRIGAÇÃO?

Em uma democracia, o povo tem direito e liberdade para escolher seus governantes.

Nada melhor, então, que o voto, mas o voto livre e consciente para fazer tal escolha.

Porém, o voto deixa de ser um direito quando passa a ser um dever.

"É obrigatório votar!"

Votar por obrigação representa o mesmo que votar livre e conscientemente?

Continua o voto a ser sinônimo de democracia, a representar a vontade, a escolha do povo?

O voto é sinônimo de democracia quando o eleitor vota porque quer e sabe, realmente, de forma consciente, em quem está votando, porque está votando e quais os reais motivos que o levaram a votar em determinado candidato.

O voto representa democracia para um eleitor, para um povo consciente e realmente informado, caso contrário, é apenas um voto.

(RED25)

ELEIÇÕES DE 92

O país está vivendo um ano eleitoral, no qual serão eleitas autoridades municipais, prefeitos e vereadores. Nesta época, há muitas contradições nas idéias. Se num lado estão aqueles que acreditam numa melhora (política) com a mudança política, outros já desiludidos não se preocupam em participar ativamente das eleições.

Apesar de ainda faltarem alguns meses para as eleições, de acordo com a Constituição Brasileira, os afastamentos e pedidos de licença já estão ocorrendo e os meios de comunicação divulgam o enorme número de candidatos. Alguns não têm bagagem suficiente para ocupar um cargo público e desenvolver um bom trabalho, porém estão tentando uma vaga na Câmara ou até ser prefeito. Talvez em benefício de si próprios, deixando as aspirações do povo em segundo plano.

A conscientização do povo na conquista do voto e os patrocínios por parte dos empresários é tarefa difícil nos dias de hoje, devido a muitas promessas não cumpridas no passado.

Espera-se que as eleições deste ano tragam renovações necessárias e políticos conscientes de que é fundamental muito trabalho na luta constante para a solução dos problemas visando o crescimento integral do município.

(RED26)

DIREITO E DEVER DE TODOS

Anos atrás, no Brasil, o voto era um direito só dos homens, mas com o passar desses anos, a mulher reivindicou seus direitos, podendo assim também votar, bem como os jovens acima de 18 anos, com exceção dos analfabetos, que não podiam votar.

Hoje os tempos são outros e a democracia evoluiu.

A aprovação através da Constituição deu o direito aos jovens acima de 16 anos votar, sem obrigação até completar os 18, depois vira um dever. Bem como os analfabetos que não podiam votar porque não sabiam escrever e hoje já votam, sabendo muitas vezes escolher melhor seus candidatos do que pessoas alfabetizadas, que vendem seu voto por ninharia, achando que não vale nada. Então por que reivindicou por ele se não dá o valor que ele tem?

Ano de 1992, ano de elegermos novamente candidatos, candidatos esses que prometem e prometem para os eleitores que sempre ficam à espera de mudanças e de dias melhores.

(RED27)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Todo o cidadão brasileiro tem direito de votar, mesmo os analfabetos já têm esse direito de escolher a pessoa certa para governar um país caldo que, com certeza, um dia, com a força brasileira, há de se levantar e produzir bem mais que no momento. Se todos ficarem calados, aceitando tudo de cabeça baixa, nunca alcançarão alguma coisa, mesmo que seja a fama de ser um hipócrita.

Luta, palavra fácil de ser pronunciada, mas por muitos difícil de ser praticada.

Salário, por todos os trabalhadores chamado de "Salário Miséria", mas temos que aceitar, fazer o quê?

Agir? Não podemos. Falar? Nunca somos aceitos. Criticar? Para quê?

Brasil, país cheio de riquezas, de poder, mas paupérrimo em humanidade, em sentimentos, ou mesmo pena, dos fracos.

(RED28)

O NOSSO BRASIL

Atualmente, o nosso País anda numa crise, não que ele nunca tenha estado em crise - ele só vive em crise - só que nos últimos tempos, o problema piorou cem por cento, porque com a democracia que dizem existir, já era para ter se conseguido alguma coisa, como por exemplo, evitar que corruptos se infiltrem na política, não a fim de resolver milhares de problemas que afligem o povo brasileiro e sim, a fim de ganhar algo em troca da função exercida, a fim de enganar, de ludibriar todos nós. Portanto, no meu ponto de vista, o voto nunca foi nem nunca vai ser um sinônimo de democracia.

Não é democracia pelo simples fato de só os grandes poderem optar, escolher, mandar.

(RED29)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

O voto é um assunto muito polêmico.

Ouvimos dizer que os brasileiros têm uma força grandiosa nas mãos através do voto, mas será que estamos realmente preparados para esta responsabilidade?

Devemos reconhecer que o voto é um grande sinônimo de democracia, porém precisamos estar conscientes que foi uma democracia conquistada com muitos esforços e que não devemos deixar que esta democracia tome um rumo diferente em nossa história. A democracia que estamos presenciando nos dias de hoje no Brasil com relação ao voto é preocupante, sendo que algumas pessoas, onde a falta de informação é grande, estão trocando esta por pequenas coisas.

Por outro lado, reconheçamos a importância dessa democracia, pois é através dela que muita coisa tem mudado em nosso país e é esta democracia que nos tem dado o direito de refletir, analisar e escolher com total liberdade quem irá nos representar.

Precisamos estar atentos para esta democracia e que todos tenham consciência da sua importância e transformem assim o voto em sinônimo verdadeiro da democracia.

(RED30)

O SISTEMA

Num país onde a democracia é vigente, deve-se ter consciência de sua importância.

Todo cidadão deveria ser democrático, crítico, participativo do meio em que está inserido, cabendo a ele diferenciar os fatos de que participa.

Desde a descoberta do Brasil, muitos mandantes já fizeram parte da história, mas foram poucos os que lutaram pela melhoria da situação em que o povo estava.

Com um regime mais liberal, deu-se abertura para poder encontrar a igualdade, surgindo os deveres e direitos.

O voto é exemplo dessa igualdade, pois a manifestação, o desejo de vencer e melhorar fez com que as pessoas se tornassem capazes de participar dos fatos, escolhendo seus governantes junto à classe dominante.

(RED31)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O voto é um direito de todos os cidadãos, independente de classe, raça ou cor. É dever do cidadão estar consciente do que é votar. O voto de cada um é

muito importante, pois vence o candidato que tiver a maioria deles.

Voto: sinônimo de democracia? Sim, era isto que deveria acontecer. A maioria ganha, mas de que adianta se a minoria, a elite e grandes proprietários detêm o poder sobre a maioria e esta nada faz para mudar?

Para os governantes, nós não passamos de mero detalhe, quanto mais fácil é governar um povo desinformado que um crítico. Todos nós sabemos disso e precisamos reverter esse quadro. Precisamos nos unir, assim como diz o ditado: "A união faz a força", pois só assim conseguiremos atingir algum objetivo em comum.

Nós temos o poder de decisão. Vamos analisar e decidir o melhor para a maioria. Se queremos que alguma coisa mude, não podemos esperar que comece lá de cima, de nossos governantes, porque isso jamais acontecerá. Mas nós, povo unido e consciente do nosso voto, poderemos dar essa reviravolta: a maioria sobre a minoria, pois é isso que propõe a democracia.

(RED32)

ELEIÇÕES 92

Inicia-se mais uma batalha rumo às eleições. Batalha esta que nos preocupa muito quanto ao futuro e, ao mesmo tempo, ficamos curiosos com relação às promessas de cada candidato para o futuro do nosso município.

É uma longa e árdua caminhada, pois, como já sabemos, o povo está cheio de promessas não cumpridas, de políticos que só querem sugar, ganhar muito dinheiro, numa total exploração dos nossos cofres públicos.

"Voto: sinônimo de democracia". Será mesmo? A cada nova eleição pensamos e investigamos muito até escolher nossos candidatos. Ao escolhermos, pensamos que eles irão cumprir com suas promessas e resolver pelo menos um pouco dos nossos problemas. Qual nada, fica tudo da mesma maneira. Nada muda. Todos dizem: - Precisamos escolher políticos novos, com idéias modernas! Qual nada, todos copiam os mesmos estilos dos políticos antigos e nada fazem para o bem do povo, mas sim para o seu próprio bem-estar.

Voto democrático é ter o direito de votarmos em nosso candidato favorito. Bela mentira, pois muitos só votam naquele que pode mais, que tem maior poder aquisitivo. Aquele que paga mais alto leva o maior número de votos. Uma grande parte do povo já se acostumou a tocar seu voto por dinheiro, cargos públicos e muitas coisas mais. Isto é Democracia? Não. É um verdadeiro comércio.

A política em si, no papel, é muito bonita, mas na realidade é uma verdadeira sujeira. Quando é que isto vai acabar? Não sabemos. Temos é que continuar lutando para que, um dia, ao escolhermos nossos candidatos através do voto, sejamos realmente recompensados, assim como o povo merece.

(RED33)

BRASIL, VOTO E DEMOCRACIA

O voto deveria realmente ser sinônimo de democracia. Porém, não é o que acontece no Brasil. Se o voto fosse realmente sinônimo de democracia, não nos seria imposto. Nós, os brasileiros, somos obrigados a votar e se isso não acontece, estamos sujeitos a muitos problemas e punições já previstas por lei.

A partir do momento que alguma coisa é imposta, ao meu ver, isso não é ser democrático. Ser democrático é poder fazer ou não fazer aquilo que eu julgue certo ou errado.

(RED34)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Gradativamente, o brasileiro se desgasta com seu medíocre voto, a cada época de eleições.

O voto é um sinônimo de democracia, sim. Só que o "povão" é muito manipulado pelos candidatos e a

massa pensante, ou seja, as pessoas mais instruídas, não consegue reverter a situação.

Tudo seria democrático, se a maioria votasse nulo, para mostrar ao governo que a insatisfação é plena. Que todos estão sentido na pele e no bolso a triste dor de ser cidadãos brasileiros. Envergonhados de terem seu salário mínimo avaliado em 46 dólares. Enquanto isso, nosso país vizinho, sem qualquer estrutura, possui salário mínimo de 169 dólares.

Concordo que as opções de candidatos às vezes não são satisfatórias. Todos aqueles que se candidatam só querem aproveitar as mordomias do cargo.

Mas, já que temos o direito de escolher, também temos o direito de exigir, ou seja, haver uma participação dos eleitores junto ao governante.

Tem que haver uma cobrança a cada candidato eleito, pois o voto é secreto, mas, nem por isso, vamos nos omitir na hora de fazer melhorias em nossa sociedade.

Se nós não nos divulgarmos, quem vai se omitir é o candidato eleito.

(RED35)

DEMOCRACIA DISFARÇADA

Foram muito aplaudidas as eleições diretas para presidente. Mas até que ponto esta eleição direta, onde o povo escolhe o seu representante, ajudou o povo brasileiro?

Quando o sistema de governo era o Militarismo, todos o culpavam pelas dificuldades pelas quais o povo passava. Não tinha-se liberdade para escolher o seu representante, não tinha-se liberdade de expressão, enfim, devia-se obediência ao governo.

Mas agora que o povo escolhe seu representante com eleições diretas, a situação está pior que antes, os problemas são maiores. Conseguimos a tão sonhada "Democracia", onde temos liberdade de expressão, direito ao voto, muitos direitos que antes não tínhamos, mas não temos o direito a um salário justo. Os profissionais em Educação e muitos outros estão desvalorizados, com um salário de fome e condições precárias de trabalho.

Esta Democracia disfarçada em que vivemos não nos ajuda em nada, porque temos liberdade para tudo, mas não temos condições financeiras para usufruir.

(RED36)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Como já estão prestes as eleições, começam os candidatos a fazer seus mais emocionantes discursos, cada um com um vocabulário diferente, para garantir o voto do eleitor.

O nosso povo humilde, trabalhador, mas com pouca instrução, elege o candidato que mais tem lábia, ou talvez aquele que fala simples, que sabe mesmo conquistar, dando alguma coisa em troca do voto.

O voto é sinônimo de democracia, mas o povo deve ser orientado para votar não pelo simples fato de cumprir com os seus direitos de cidadão.

Devemos, como educadores, tomar os nossos alunos críticos, capazes de agir, de pensar perante a sociedade em que estão inseridos; levar a criança aos conhecimentos reais da política em que nós vivemos. Assim, ela mesma poderá ajudar os seus pais a votarem.

Num país como o que vivemos, com o salário baixo, quase que um pai de família não pode sustentar seus próprios filhos, como ele vai poder ter consciência de que um voto dele é muito importante? Se isso não mudar, nunca o Brasil vai ser um país feliz.

(RED37)

O VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Será que o voto realmente nos garante um país democrático?

Viver democraticamente é termos direitos e deveres iguais e, nos dias de hoje, isso acontece em nosso País? Sabemos que não; que nos é passada essa idéia de maneira ilusória para pensarmos que sim. O que acontece é que estamos visivelmente separados em duas classes: a burguesia e trabalhadores. A classe trabalhadora esmagada pelos burgueses, sem como se defender, pois as leis sempre os favorece, deixando-nos cada vez mais distantes uns dos outros, ou seja, uma classe da outra.

Os trabalhadores cada vez com menos poder aquisitivo e, por consequência, sem instrução para defender seus direitos.

Esta é a nossa democracia: sem esperança de um futuro melhor, com menos desigualdade entre os homens.

(RED38)

O VOTO

O cidadão é livre para escolher o candidato que mais lhe convier, apesar que não fazendo a escolha certa, todos sofrerão por este ato não pensado, mas como foi a vontade da maioria, temos que aceitar. Não somos obrigados a agir e pensar todos da mesma maneira, nem concordar com atitudes dos demais: cada um tem o direito de falar, pensar e agir livremente.

Muitos não sabem fazer a escolha certa, fazendo assim com que todos sofram as consequências, mas como o voto é um direito de todos, somos livres para escolhermos o que achamos melhor.

Em qualquer circunstância, podemos escolher uma profissão, emprego, estudar, morar onde mais convier.

É através do voto que colocamos um líder no poder. Cada um escolhe o melhor. Temos o direito de escolher e votar naquele que achamos com capacidade para zelar de um patrimônio tão importante. Mesmo que ao estar com o poder nas mãos haja abusos, o povo brasileiro sofre com isso, pois a falta de compreensão é demais. Ninguém faz nada para ajudar os que sofrem, como por exemplo, os aposentados, que estão sofrendo há vários anos. É uma falta de respeito para estes, que deram uma vida toda por uma nação onde somos livres.

(RED39)

PARA QUE VOTAMOS?

Muitas pessoas se fazem esta pergunta: Mas por que votar se escolhemos tanto nossos governantes e eles muitas vezes não fazem nada do que prometeram em tempo de campanha?

Mas é preciso votar sim, pois é através do voto que podemos reivindicar os nossos direitos. Nós escolhemos um candidato de um partido porque acreditamos que possa ainda existir alguém que vai mudar o Brasil, esse país com seus filhos doentes e cheio de descamisados, que não têm direito a moradia e a alimentação porque não conseguem um emprego que lhes dê recursos para viver.

Diante disso, é preciso que alguém faça algo pelo Brasil, pelo estado, pelo município, pelo bairro e, principalmente, por nós que somos eleitores, nós que vamos às urnas e escolhemos, de uma forma democrática os nossos candidatos. Porque, apesar de muitas vezes fazermos a escolha errada, ainda assim confiamos. Mas votar é preciso.

(RED40)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Na época do Brasil Colônia, havia algumas restrições quanto ao voto. Nem todas as pessoas podiam votar: os escravos, os menores, os idosos, os analfabetos e as mulheres. Assim foi até que o sistema de governo mudou e os fatos sociais também contribuíram para mudar também a cabeça do povo. Povo e políticos começaram a

lutar pelo direito do voto feminino, dos analfabetos e idosos, pois escravos não havia mais. Isso foi um movimento que deu certo e eles passaram a votar. Novamente mudou o sistema de governo e os anos se passaram e até os jovens manifestaram o direito de votar e os políticos, convenientemente contribuíram para que eles adquirissem esse direito. Finalmente conseguiram. Mas será que uma criança que pensa ser adulto se interessa realmente pela política? Será que tem maturidade para definir o futuro de seu país? Se há exceções e se elas analisarem os jovens de hoje, verão claramente que não são interessados por política e muito menos responsáveis para tomarem uma decisão tão importante. O voto é sinal de democracia quando há uma conscientização global do povo quanto à sua cidadania. Porém, para aqueles que já gozam dessa cidadania e têm interesse pelo seu país e vontade de que a nação evolua, estes sim farão a democracia no país.

(RED41)
VOTAR É PRECISO?

A democracia que existe hoje em nosso país já é desacreditada, isto é, não existe mais o voto de confiança do povo.

O país atravessa momentos difíceis em que é preciso existir democratas, pessoas justas em quem podemos dar voto de confiança, pois os altos índices de desemprego, analfabetismo, fome, miséria só causam violência, roubos, etc., sendo as classes populares as mais afetadas. A democracia é a principal fonte das melhorias que os brasileiros esperam, pois os corruptos somente roubam do povo e não pensam nos baixos salários e nas dificuldades pelas quais atravessa o país, tanto na área educacional, como na saúde, bem-estar social e outros.

Votar é preciso, mas depende da consciência de cada ser humano, de cada político especialmente, que não desanime o povo e sim que aja da maneira certa, sem corrupção. O povo confia no seu voto, mas está desacreditado das palavras políticas.

(RED42)
VOTO: OBRIGAÇÃO OU DIREITO?

Para que votamos? Para eleger alguém que possa nos guiar, orientar, informar, enfim, que administre bem nosso país, sem hesitar em suas decisões. Deverá ter uma política de governo bem definida, responsabilidade, capacidade e muita força de vontade para lutar e vencer.

Mas isso não acontece.

O voto, na maioria, virou um comércio, em que vende-se ou troca-se por algo.

É o que chamamos democracia? Tenho certeza que não.

Democracia é o poder que temos de escolher uma pessoa que, com certeza, seja competente para o cargo, sendo a sua proposta a melhor.

A escolha deverá ser feita sem interferência de outras pessoas, ou seja, escolhendo sozinho e analisando bem sua proposta de governo. E tendo o direito de reivindicar o que foi prometido em campanha,

Democracia é você ter o direito de falar, mostrar o que está errado, sem medo de repressões.

Mas, no Brasil, há muitos analfabetos que votam sem ao menos conhecer o candidato. Votam por quê? Porque são obrigados. Se recusarem-se a votar, o que acontece?

Isso é democracia?

(RED43)
ELEIÇÕES

Estamos em um ano político, em que devemos escolher um prefeito e deputados. Mas a quem escolher?

Devemos escolher aquele que for menos corrupto, que lute pela causa do povo, e não por interesses de uma minoria. Aquele que seja justo com o trabalhador, dando-lhe melhores salários, condições dignas de sobrevivência, saúde, educação.

O povo sofre tanto que não acredita mais nos candidatos. Por isso, nas eleições, observa-se um índice elevado de votos em branco.

Para fazermos uma boa escolha nestas eleições, devemos conhecer a origem de cada partido e as propostas de cada um para votarmos no que for mais ao encontro de nossas expectativas.

Vamos votar conscientes, por um país melhor, mais digno, mais justo, mais humano.

(RED44)
O VOTO

O voto é um direito de todos os cidadãos, desde que não seja forçado. Os políticos sempre procuram os mais necessitados, as pessoas que não possuem qualquer tipo de informação. Com isso, fazem promessas e acabam vitoriosos em suas campanhas.

Os candidatos devem expor seus argumentos de uma maneira simples e sem promessas, para que o cidadão possa escolher com uma decisão própria e não votar em um candidato que prometeu maravilhas.

Não é através desses votos que o país terá uma democracia digna, pois isso não depende totalmente do voto e sim da capacidade e competência do candidato. Por isso, cada candidato deve empenhar-se em demonstrar sua competência e fazer com que essa país progrida cada vez mais e possua uma democracia digna.

A democracia em um país subdesenvolvido como o nosso não será nada sem pessoas capazes de fazer algo em prol da humanidade.

(RED45)
O VOTO

Está inserida na Constituição Brasileira uma lei que dá direito ao cidadão votar, ou seja, escolher livremente em quem votar.

Percebo que o cidadão, não por culpa dele, mas devido a todo um contexto histórico, ainda não está preparado para votar. Falta-lhe muita informação para que depois não venha se decepcionar com sua própria escolha.

Com o decorrer dos tempos, o cidadão vai evoluindo junto com sua história e aí, quem sabe, então vamos ter cidadãos conscientes e críticos para escolher certo. Assim, teremos um sistema de governo com pensamentos centrados nos problemas sociais da nação brasileira.

Democracia existe. Falta o cidadão ter trabalhado seu senso crítico para que em futuro bem próximo, o Brasil seja um país governado por pessoas pensantes.

(RED46)
ATÉ QUE PONTO O VOTO É DEMOCRÁTICO?

Desde muitos anos, lutamos para ter o voto livre e democrático, mas até que ponto o voto é livre, pois desde o momento em que não se votem perdem-se os direitos de cidadão brasileiro?

Para conseguir o voto livre, os nossos antepassados lutaram muito. Foi uma conquista que se deu por etapas e muito vagarosa.

Os primeiros a conquistarem foram os homens, logo após as mulheres mostraram que também eram dignas desta conquista.

Até que ponto o voto dos adolescentes de 16 anos e dos analfabetos favorecem aos cidadãos brasileiros, aos trabalhadores?

Os políticos sabem que os adolescentes e os analfabetos são mais fácil de ser manipulados. É aí que

acontecem os absurdos de votarem no político mais bonito, no que fala melhor. Os jovens devem ser melhor orientados para terem consciência da importância de votar.

(RED47)

O DEVER DE VOTAR CERTO

Curiosamente o voto tem sentido oposto no campo político e cultural. Cultural pois é grande o percentual de indivíduos que ainda não se inteiraram do real sentido de saber eleger.

O saber eleger não significa necessariamente que o indivíduo seja letrado, mas que precisa ter consciência de que através de seu voto muita coisa poderia ser mudada.

É assustadora a maneira como o povo brasileiro é enrolado nesse fio sem duas pontas que é a chamada política. Todos verdadeiros mestres na arte de manipular as pessoas a seu favor, corrompendo-as por tão pouco, tanto é que estamos passando pelo período, talvez o mais difícil e corrupto da política brasileira.

É inexplicável como os cidadãos desse país que se diz democrático não têm voz ativa, pois a classe dominante sempre está presente em todas as situações, impedindo os dominados de reverter esse processo de ridicularização contra os direitos do cidadão, estes mesmos direitos que estão na Constituição.

Não se pode vender os olhos para esse problema. É preciso tomar consciência da importância do voto, pois é através dele, mas conscientizado, que todos poderão usufruir de um país que tenha condições mínimas de vida e sobretudo resgatando o respeito pelos que nele vivem.

(RED48)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

A democracia é o poder que emana do povo, porém se existissem circunstâncias e condições ideais para que realmente esta frase tivesse veracidade, poderíamos sentir o voto como sinônimo de democracia.

São muitos os esclarecimentos a serem feitos em todos os setores. No educacional, quando falo em educacional, não estou me referindo somente a aprendizagem nos bancos escolares, mas àquela que trazemos de nossos pais, nos ambientes de trabalho, entre amigos, enfim, o esclarecimento em vários segmentos da sociedade, de onde somos participantes ativos, de que o voto tem uma importância fundamental e é muito valioso para todos nós e precioso para aqueles que o querem. Porém, aí encontra-se o perigo: como podemos afirmar que o voto é sinônimo de democracia se a maioria esmagadora dentro de nosso país, aquela mais pobre, tanto econômica como culturalmente, põe à venda seu voto, trocando-o por algo que algum candidato lhe fornece ou lhe presenteia? Não, o voto não tem sido sinônimo de democracia. Ele está sendo mal usado, servindo como barganha entre inescrupulosos esclarecidos e inocentes mal esclarecidos.

O voto será sinônimo de democracia no dia em que nosso povo for esclarecido, sabedor da valiosa preciosidade que tem em suas mãos: o voto, que nos serve para dizermos sim ou não aos representantes dos contribuintes, que através dele temos força para decidir o destino de uma nação.

(RED49)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Seria muito bom se isso fosse verdade, mas atualmente voto é sinônimo de: desilusão, corrupção e vergonha.

Quando o povo escolhe um candidato, pensa que está escolhendo o melhor, mas, às vezes, não é. Em nome daqueles votos que o elegeram, o político faz barbaridades, rouba, desvia verbas para outros fins, enfim,

ele se esquece que foi eleito pelo povo e que o povo espera que faça alguma coisa por ele.

O voto não deveria ser obrigatório. Assim seria verdadeiramente democrático. O povo vota por medo, porque se não votar, tem que pagar multa. Isso é democracia?

Deixe o povo livre para escolher se vota ou não para ver se alguém consegue se eleger.

Para poder votar, o povo precisa ser mais instruído, ler mais, escolher melhor, para depois não se arrepende do que fez.

(RED50)

O VOTO, UMA ARMA COMUM

O voto sempre foi uma maneira legal de levar ao poder pessoas capazes de administrar o patrimônio público com seriedade e dignidade.

É isso que deveria acontecer, mas será que ocorre isso? Muitas vezes, candidatos com superproduções de marketing político nos passam uma idéia de mudança e de dias melhores, nos deixam envolver por filosofias baratas em cada ano eleitoral.

A mudança não ocorre, nada muda, a fome, a miséria, a falta de moradia e, principalmente, uma população doente por não conseguir se libertar e que se torna cada vez mais envolvida por políticos oportunistas, que só pensam em seu bem-estar próprio e no de quem os ajudou financeiramente.

O voto, hoje, no Brasil, tornou-se sinônimo de corrupção pelo que o candidato oferece pelo voto e a oportunidade que damos a ele de se tornar corrupto.

(RED51)

POLÍTICA OU POLITICAGEM ?

Hoje, o Brasil encontra-se em fase de questionamentos, onde o povo mostra sua insatisfação, os políticos apresentam sua capacidade cada vez mais aguçada de ludibriar e enganar os poucos que ainda acreditam e a nação está prestes a assumir a sua verdadeira identidade de colônia.

A população brasileira, após tantos anos de esperança em seus líderes, está percebendo os absurdos que ocorreram e ocorrem no país, sem nunca aparecerem os autores e as causas, tendo apenas as conseqüências desses atos. Então, percebe-se as verdadeiras razões de insatisfação e descrença da grande massa, que sempre arcou com os prejuízos.

Os que se dizem grandes líderes, na maioria, não passam de pessoas treinadas e especializadas em seus discursos, a fim de convencer as pessoas, tendo em vista interesses próprios, deixando as necessidades coletivas na estampa de suas campanhas, porém esquecendo-as nas práticas sociais.

Desta forma, o país está cada vez mais endividado, onde os pequenos pagam pelas atitudes dos grandes, acreditando que poderá haver mudanças, mas esquecendo-se de que nada se faz para realmente o Brasil ser uma nação autônoma.

Sendo assim, a pergunta fica: Quem é brasileiro? Deus? O povo? Ou os políticos?

(RED52)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O voto é um direito do cidadão brasileiro.

Os jovens, a partir dos 16 anos de idade, já podem escolher seu candidato também.

Muitas vezes, o cidadão brasileiro não sabe para que serve o voto. O voto é um direito de todos.

Os jovens, os cidadãos, têm que saber para quem votar, seja para que for: prefeito, vereador, presidente ou governador, para ser uma democracia válida.

Muitas vezes, os políticos só querem pedir o voto do povo. Só fazem promessas. Olha bem o Collor de Mello: só colocou ministro corrupto lá dentro do poder, enquanto o povão brasileiro está passando dificuldade na parte do desemprego, na educação...

(RED53)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Votar é um direito e dever de todos nós.

Mas, muitas vezes, não sabemos escolher os nossos representantes. A maioria das pessoas deixam-se levar pelas promessas dos espertos, que se aproveitam de suas ingenuidades e falta de informação e, com isto, os aproveitadores acabam conseguindo o que querem.

Será que voto é mesmo um sinônimo de democracia? Muitas vezes faço esta pergunta a mim mesma e chego à conclusão que não é verdade, pois com tantas desigualdades sociais, injustiças que vivemos e vemos todos os dias, não podemos acreditar e aceitar que vivemos em um país democrata.

(RED54)

O JULGAMENTO

Saber julgar ou não. Isto fica a critério de cada um de nós. Só sei que, antes de mais nada, deve-se pensar muito bem antes de tomar qualquer decisão para não acontecer o que está se passando com o povo de nossa sociedade, estado e país quanto à saúde, o desemprego, a falta de consideração etc. dos que têm o poder em suas mãos, que poderiam fazer alguma coisa, mas não fazem. Somente sabem enganar o povo com suas promessas. Amanhã será melhor. Vote na democracia que, certamente, o amanhã será um país mais democrático.

(RED55)

O QUE É DEMOCRACIA?

É o direito de escolha de cada cidadão, liberdade democrática dentro de um sistema governamental.

Geralmente, a liberdade de escolha é restrita. Na realidade, o cidadão não opina. Somos manipulados, obrigados a concordar com decisões governamentais sem o direito democrático.

Esse é o Brasil. Democracia existe sim para aqueles que regem e ditam nossas leis. O povo passivamente é obrigado a concordar com suas decisões.

(RED56)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Democracia como? Livre ou dirigida?

Para mim, democracia é a pessoa ter liberdade. Só que hoje, para conseguirmos um emprego, precisamos de padrinhos. Além de concursados e capacitados, continua o mesmo ritmo de antigamente.

Por que isso acontece?

Logicamente temos amigos, parentes no poder.

Coitado de quem é só. Entre mil, um leva sorte.

Democracia, gente, é poder pisar no chão, andar de cabeça erguida, sorrir, comer. É poder eleger alguém que compete à comunidade, que lute por você, independente de ser seu amigo ou não. É tudo o que o cidadão brasileiro tem direito, até mesmo de viver.

(RED57)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Votar significa eleger uma pessoa para representar as pessoas que nela depositaram confiança e competência.

Existe uma demagogia por trás de tudo, na qual não confiamos nas pessoas que elegemos.

Enquanto não houver entendimento entre os políticos para tirar o Brasil da crise e resgatar a confiança do povo, vamos sempre de mal a pior.

(RED58)

SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Estamos entrando em mais um ano político, com eleições municipais. A democracia em si toma conta dos candidatos e como tema base da estrutura política dos mesmos se prega a democracia com êxito. Mas, na verdade, o monopólio do comando das situações é que faz os elementos se reafirmarem na carreira política e todo plano de trabalho se baseia em favor do povo, como por exemplo, mais escolas, ruas asfaltadas, postos de saúde e assim por diante. Estas são obras prioritárias para demonstrar o bom desempenho do político, ou seja, a preocupação é mostrar obras faraônicas, pois futuramente o mesmo, caso for eleito, será muito bem lembrado e em favor do povo naturalmente haverá o fim da recessão, do desemprego. As propostas apresentadas de várias formas, o voto é disputado na mais "fiel" competição, cada um manuseia os eleitores como pode, sem demagogias, na mais pura democracia. Naturalmente que o povo não será induzido a escolher. Este fará a análise da vida política de cada candidato, do partido, bem como verificará se as propostas são condizentes com a nossa realidade. Tudo isso seria ideal se todos nós usufríssemos da liberdade do voto. Mas sabe-se que a maioria é induzida. Assim sendo, a palavra democracia ainda é utopia no nosso país.

(RED59)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Será que nos tempos de hoje voto é sinônimo de democracia? Democracia é liberdade de escolher, pensar o que é melhor para nós, para a nação. Ao votarmos, estamos elegendo uma pessoa que terá nas mãos o futuro do país, escolhendo o que é de melhor para o povo.

As pessoas das classes mais baixas vêem o voto como um sinônimo de comida, sacola de alimentos, ou até uma consulta médica.

A maioria do povo brasileiro não está preparada para votar. Vota naquele que dá mais. Por esta razão, em nosso país, voto não é sinônimo de democracia e, sim, de permuta, pois quem promete mais, mente mais, leva a melhor.

(RED60)

DEMOCRACIA É UM DIREITO DE TODOS

Desde a antiguidade, o povo vem lutando para alcançar uma democracia justa. Quantos e quantos mitos da nossa história morreram de uma maneira brutal para defender a idéia de liberdade de um povo oprimido de várias maneiras: no trabalho, nas ruas, na própria casa etc. Seu salário é uma humilhação, não consegue mandar seus filhos para a escola ou fazerem-se profissionais para melhorar sua condição de vida. Muitas vezes, querem ir até cursar a faculdade, mas não conseguem nem terminar o primeiro grau. Por falta de comida, roupa, alimentação, eles precisam largar do estudo para ajudar em casa.

Sempre procurando liberdade e dignidade de viver, o povo luta contra a minoria que tem o poder nas mãos, que só pensa no prestígio, ganância da classe burguesa. É ela quem manda nos menos favorecidos.

Seria tão bom se todos pensassem junto, que todos merecem emprego, uma democracia justa, sem prejudicar um ao outro, sem massacrar o povo brasileiro que lutou e ainda luta por uma democracia limpa.

(RED61)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Nós realmente temos o direito de votar para o candidato que escolhermos. Mas, porém, em tempos de eleições, nos são oferecidas construções de obras há

muito tempo esquecidas, benefícios pessoais etc. Nos manipulam através dos meios de comunicação.

Os discursos feitos pelos candidatos, o povo não compreende, pois nosso país tem um nível de educação baixo, com pessoas que não têm condições de ter acesso a livros, revistas, jornais e, por isso, é fácil nos manipular através de discursos que a maioria da população, que é de nível baixo, não entende nada.

Então, acho que o nosso voto não é totalmente democrático, pois somos comprados, confundidos e manipulados através da linguagem.

(RED62)
VOTO

Quando chegam as eleições, nós ficamos apreensivos, agitados, ou até mesmo doentes, pensando no voto, em quem devemos votar. "Será que João vai fazer o que prometeu? E José, vai fazer o asfalto, a praça, vai mesmo melhorar nosso bairro e a educação? Carlos não falou nada sobre a educação." Ficamos na dúvida e, sendo pressionados pelos pais, amigos e, às vezes, acabamos nos esquecendo que o voto é uma coisa muito importante. É com o voto que vamos lutar por uma democracia melhor. Votando, nós decidiremos o melhor ou o pior para a nação. Não deixem de votar, pois seu voto é um ponto a mais para a democracia.

(RED63)
VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Democracia foi um sonho para todos os cidadãos brasileiros que hoje conquistamos, mas não através do voto.

A conscientização do povo brasileiro já é uma grande conquista da democracia e não através do voto, mas sim nele próprio, na liberdade de criticar, nomear os seus governantes, reivindicar os seus direitos de conquistar novos campos de trabalho.

O voto é apenas um complemento para o povo eleger um candidato, porque a democracia está em cada um de nós brasileiros, que buscam seus objetivos.

(RED64)
VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Muito se ouve falar que o voto é democrático. Só que essa democracia não existe na verdade.

Temos a liberdade de escolher para quem votar, mas se quisermos falar em público que gostaríamos de anular ou deixar a cédula em branco, corremos o risco de sermos humilhados e, até mesmo, advertidos por pessoas que se dizem entendidas em política e democracia.

O voto é um direito de todos os cidadãos maiores de idade, segunda as autoridades competentes. De certa forma, somos obrigados a votar. Ajudamos a pôr uma pessoa que muito promete lá no poder. Quando ela está com a faca e o queijo nas mãos, zomba por trás das cortinas daqueles que ali a puseram.

A meu ver, isso não é democracia e sim pressão sobre o povo, que é coagido, embora diplomaticamente, para agir como os políticos querem. Onde está a democracia?

(RED65)
DEMOCRACIA?

O voto é um sinônimo de democracia, como todos nós sabemos. Mas quem sabe o que é votar? Muitos analfabetos votam neste ou naquele candidato porque ganham alguma coisa em troca. Ele prometeu e cumpriu, mas estas pessoas não conseguem ver que muitos compram seus votos em troca de uma camiseta ou até uma cesta básica.

Em época de eleição, os candidatos recebem todos os tipos de pessoas, apertam suas mãos. Depois das eleições, não vêem mais estas pessoas que lhes

ajudaram. É nestas horas que nós nos perguntamos: onde está a democracia? O voto já ganharam; não é mais preciso o povo.

(RED66)
DEMOCRACIA NÃO EXISTE

A eleição é uma maneira do povo escolher seus representantes: prefeito, vereador, presidente etc.

Mas, infelizmente, sempre escolhemos alguém que está voltado ao seu próprio interesse e pouco se preocupa com a população que lhe escolheu.

Prova disso está nítido no presidente Collor que, em sua campanha, dizia que, se eleito fosse, iria acabar com os pés-descalço, com os descamisados. No entanto, esse mesmo pessoal ao qual ele se referia está aí pior do que poderíamos imaginar.

Onde está o compromisso que ele assumiu e o juramento que fez quando subiu a rampa do Planalto do governo?

O povo não pode falar nada que é reprimido, ameaçado.

Onde está a democracia?

(RED67)
VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Quando ouve-se falar em eleições, logo sente-se aversão ao assunto, pois ao longo da história política brasileira, percebeu-se que escolher livremente nossos dirigentes nem sempre foi solução para os grandes problemas sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil.

Idéias liberais são inculcadas nas pessoas desde os primeiros anos de suas vidas, na sociedade e, principalmente, na escola. E, quando elas se tornam adultas e devidamente conscientes do dever de votar, crentes de estarem vivendo uma democracia plena, deparam-se com o impasse: quem escolher?

Sempre escolhem aquele que lhes parece bonito e bem apresentável, o que promete mundos e fundos. E, mais uma vez, se enchem de esperança, iludidos pela força da mídia e dos poderes dominadores.

Passado o mandato do escolhido, vem a decepção. As pessoas continuam pobres, ganhando míseros salários e sentindo, além de tudo, profundo arrependimento por sua escolha.

1992 é um ano eleitoral. Mais uma vez, o ciclo de esperança .

(RED68)
VOTAR EM QUEM?

É obrigação de todos votar, mas em quem? Quem pode fazer alguma coisa, melhorar? Todos prometem e muitos até querem mesmo. Mas, tomando o poder, muitas vezes, são obrigados à corrupção. Porque os bons são minoria. A maioria é de corruptos. E aí, a maioria vence. É por muita gente pensar assim que fala: "Bom seria mesmo que toda a população desse o voto em branco, para ver se os governadores percebem a revolta do povo." Mas isso não resolveria. Perceber, eles percebem. Só que nunca vão fazer nada. Uns porque não podem, outros porque pensam só em tirar para si e, enquanto isso, a população sofre.

(RED69)
VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Desde o dia em que nos foi dada a oportunidade de escolhermos nossos governantes, de poder falar, defender nossas idéias, já se deu o grande passo para a democracia.

Agora, o que acontece muito em nosso país nas eleições é o voto comprado, pressionado. Claro que uma

boa porcentagem até que vota consciente e no candidato e partido que achou melhor para representá-lo. Só que temos que olhar hoje em dia a classe mais baixa, a mais necessitada, pois é a que mais sofre, é a que é mais subornada nas eleições.

Por exemplo: quando dois políticos, não importa o partido, visitam uma favela, o que levou mais comida, falou mais bonito e pegou criancinhas no colo é o que vai ganhar o seu voto, porque ele sabe, ele sente na pele, desde criança vem passando por isto. Isso vai acontecer somente antes das eleições, porque depois eles nunca mais virão à favela, somente nas próximas eleições.

Neste caso e em muitos outros, a democracia em nosso país é muito falha.

O Brasil precisa com urgência da prática da palavra DEMOCRACIA, uma sociedade mais justa e igualdade a todos!

(RED70)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Nos dias atuais, é muito comum ouvirmos colocações pessimistas sobre a votação. Mal satisfeitas e decepcionadas com a atuação de determinados políticos envolvidos em corrupção e irresponsáveis quanto ao seu dever de prestar serviços à comunidade que o elegeram dando o seu voto de confiança, as pessoas dizem constantemente que, na próxima eleição, irão anular o seu voto, não o dando para ninguém. Dizem que irão participar do processo de votação porque é uma obrigatoriedade na nação. Mas, infelizmente, não fazem isso com alegria, com satisfação.

Analisando esta situação, podemos perceber, então, que o voto, aqui no Brasil, está sendo uma democracia parcial, pois o indivíduo tem liberdade para votar em quem quiser, mas, por outro lado, é obrigado a participar do processo de votação de qualquer jeito, mesmo contra a sua vontade.

Acho que a participação na votação deve ser livre, para que o voto seja realmente um sinônimo de democracia.

(RED71)

ELEIÇÕES 92

Esse ano é um ano político. O nosso país está precisando de muita gente séria no poder, que pense muito pelo povo brasileiro.

Na hora de fazer propaganda, eles iludem muito o povo com promessas de tantas coisas boas que o povo é tão pequeno de cabeça que, chega o dia das eleições e acaba votando e pondo no poder os piores candidatos, aqueles que só estão a fim de fazer para o lado deles.

E o povo fica de lado, passando fome, dificuldade de trabalho, não tendo onde morar. Cada dia que passa, mais crianças abandonadas, pedindo nas ruas, cheirando cola, matando para sobreviver.

Vamos pensar, e muito, nessas eleições para pôr pessoas que queiram fazer alguma coisa por nós.

(RED72)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Moramos num país onde podemos escolher democraticamente nossos representantes através do voto para nos governar.

Será o voto um sinônimo de democracia, se somos obrigados a eleger pessoas que não correspondem aos interesses da nação?

O voto deveria ser livre e não obrigatório, pois assim, os políticos deveriam trabalhar honestamente para conseguir o voto do eleitor e, assim, se eleger.

Atualmente, o povo brasileiro está cansado de escolher seus representantes, pois os mesmos, quando estão no poder, não trabalham mais para a nação e sim para encher seus bolsos, satisfazer seus interesses.

Assim sendo, o voto deveria ser democraticamente livre. Só então poderíamos escolher nossos governantes, desde que se mostrassem pessoas de boa índole.

(RED73)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Votar não é um simples ato de marcar um "x" no candidato preferido ou cumprir com uma obrigação. É mais do que isso: envolve um conjunto de conhecimentos, ideologias e vontade de transformar a realidade social existente ou a continuidade da mesma.

Diante da situação política e econômica por que passa o Brasil, dos desmandos governamentais, da falta de ética dos parlamentares, votar para escolher os nossos representantes torna-se um ato de grande responsabilidade.

O eleitor, cansado de ser enganado por promessas políticas com fins meramente eleitoreiros, passa a não acreditar em mais ninguém, mesmo que estes tenham sérios propósitos. Essa descrença pode ser observada quando comparamos a grande quantidade de votos brancos e nulos da última eleição para presidente.

Agindo dessa forma, estamos colaborando para que a situação continue como está. O homem deve ser um agente ativo da história e, desta forma, transformar a realidade social. Na história não há neutralidade.

O voto poderá ser sinônimo de democracia se for dado com consciência e conhecimento histórico-social, numa perspectiva do bem-comum. Neste sentido, é importante ter clareza sobre o papel dos meios de comunicação de massa e não deixar que estes sejam preponderantes na escolha do seu candidato.

O voto consciente ainda é a forma mais eficaz de exercício da democracia.

(RED74)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Em 3 de outubro deste ano, mais uma vez o povo brasileiro irá até as urnas para depositar o seu voto.

Sabemos que vivemos num país democrático, onde escolhemos os nossos governantes.

Mas o povo brasileiro já não acredita mais, vendo tantas barbaridades, aumentos, bagunças acontecendo lá dentro do congresso e nada se resolve.

(RED75)

"DEVEMOS CONSTRUIR A DEMOCRACIA"

Como sabemos, novamente nos encontramos em mais um ano político, isto é, um ano em que a expressão popular, através do voto, irá decidir o futuro brasileiro.

Infelizmente, a maior parte da população, com essa responsabilidade em suas mãos, não se encontra amadurecida, no sentido de escolher pessoas que irão dar um destino diferente, seja para melhor ou não, em sua própria vida, desde que, somos nós mesmos que sofremos as inseqüências dos nossos políticos.

Essa falta de consciência política que existe tem como fundamento todo o desenrolar do processo histórico brasileiro, pois o povo, em poucos momentos, teve participação ativa e verdadeira na transformação da sociedade brasileira. E, como resultado, temos hoje, como povo, essa dificuldade em constatar ou perceber que o próprio voto, que teria que ser uma atitude consciente e democrática, acaba sendo uma arma do povo usada contra o próprio povo.

Então, na minha opinião, o que está faltando é nós, enquanto sociedade, procurarmos desmistificar e deixar transparecer que devemos recorrer a vários recursos para podermos enxergar além daquele "xis" na

hora do voto, termos consciência de que aquele momento individual é histórico e, dessa maneira, estaremos então fazendo de nosso voto uma parte importante na construção da democracia.

(RED76)**SINÔNIMO DE DEMOCRACIA**

Queria-se a liberdade de votar. Muitas lutas ocorreram, muitos morreram pela causa que mais tarde nos foi dada. De que foi válida?

Num país como este, de muito analfabetismo, pouco esclarecimento e de conveniência governamental para que não se esclareça a maioria, o voto é realmente um sinônimo de liberdade?

Pois, quando se fala em liberdade de voto, fala-se da liberdade de expressão e de escolha que, na maioria das vezes, nos é podada, não mais através de prisões, mas sim de pressões.

A realidade é muito triste, pois poucos sabem o que fazer com tão grande responsabilidade.

(RED77)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Desde que nos lembramos, a escola e os meios de comunicação enfocam a questão da democracia como participação do povo, lembrando em primeiro plano o voto, sendo ele a forma de todos os cidadãos participarem ativamente. Agora nos perguntamos: até que ponto o voto simboliza democracia?

Somos milhares de cidadãos que exercem esse direito com o objetivo de alcançar, através de representantes eleitos, justiça, hombridade, honestidade.

No Brasil, revela-se, ao contrário, a corrupção no Parlamento, as intrigas com o Judiciário, as desigualdades sociais (luxo e lixo juntos), o grande índice de mortalidade infantil, miséria, menores abandonados, medidas e planos econômicos que não funcionam. O contraste é cada dia maior, um país imenso, com riquezas tantas e um povo que não consegue colocar o pão de cada dia na mesa.

Faltam leis que funcionam na prática, faltam governantes preocupados com o bem do povo e, principalmente, falta o povo consciente e instruído para exercer na íntegra seu papel de cidadão e votar consciente. Ser cidadão é saber votar, é conhecer e exercer sua postura junto a ele. É ter um conhecimento profundo de como e porque seu voto vai interferir na vida de cada um.

Este esclarecimento mais profundo da vida política do país e o poder do voto pode ser alcançado através de anos sucessivos de escolarização. Então, sim, o voto passará a ser sinônimo de democracia e participação inteligente do povo.

(RED78)**OS ELEITORES**

Desde muitos anos, as pessoas possuem o direito de escolher seus representantes.

Mas, com o passar do tempo, as pessoas vão até as urnas somente por serem obrigadas, pois não possuem mais confiança nos governantes, que estão somente fazendo barbaridades. Com isso, quem sai perdendo é o próprio povo.

O eleitor que vota em branco ou anula o seu voto, não ajudará a mudar em nada o nosso país, estado e município.

Temos que estar conscientes que votar é tentar mudar a política brasileira.

(RED79)**QUEM É O CANDIDATO QUE ESCOLHI?**

Vejo no voto uma arma muito importante que a população tem em seu poder, pois é dele que os

candidatos necessitam para se eleger. Mas, deparamo-nos com um problema que traz preocupação àqueles que preocupam-se realmente com a economia, a política, com a educação, ou, pode-se dizer, com a vida da nação. Porque os candidatos aparecem e com muitas idéias convincentes, mas que não serão postas em ação na maioria das vezes, a não ser que estas venham ao encontro de seu próprio benefício.

Preocupo-me ao vê-los subornando os eleitores de várias formas, com seus discursos planejados através dos meios de comunicação, com seus favores temporários, entre muitos outros. Mas seus alvos são as mordomias e os ricos salários que irão receber.

Aí, eu pergunto: Quem é o candidato que escolhi? O que fará em prol da nação? Será também ele um corrupto?

São perguntas que não sei responder. E isso me deixa preocupadíssima, pois existe grande parte do povo brasileiro que vende seu voto em troca de favores, ou até mesmo por um pouco de alimento, sem preocupar-se em quem estão votando e que conseqüências esse voto lhe trará.

(RED80)**(SEM TÍTULO)**

Os brasileiros vivem grande expectativa este ano. São eles que possuem a grande arma, o voto.

Na verdade, o voto tornou-se a forma mais mesquinha de corrupção, pois são muitas as pessoas que, em troca de pequenos favores, votam em um determinado candidato.

Em um país democrático, onde o povo tem poder, como pode a inflação chegar aos 50%, as escolas não funcionarem, etc...

O voto não é para ser vendido. É, sim, para ser analisado e, assim que os brasileiros perceberem que democracia é troca, não mais irão votar em candidatos que prometem. Voto em nosso país não significa democracia e sim favores.

(RED81)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

O voto é o único meio que nos dá direito de escolhermos alguém para colocar no poder.

A forma mais correta de cidadania é dar esse direito ao povo; é deixar que ele mesmo escolha quem deve receber o poder; é deixar que ele também participe e não que apenas seja obrigado a aceitar e, ainda, calado.

O povo brasileiro lutou muito para conseguir esse direito, que há tempos atrás não lhe era concedido. Porém, não é levada a sério essa conquista. O alto índice de votos brancos e nulos ocorridos nas eleições passadas são a prova disso.

Já que o povo lutou tanto para conseguir esse direito, e uma vez conseguido, não leva a sério. Nem sequer se preocupa em pensar para escolher uma pessoa decente e que mereça ter o poder nas mãos.

O voto é sinônimo de democracia. Porém deve ser levado a sério, com consciência, para que não compliquemos cada vez mais a situação do país, elegendo pessoas indignas do poder.

(RED82)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Mais um ano eleitoral que se inicia e, junto com ele, a responsabilidade de elegermos governantes competentes, com um passado político limpo.

Existem muitos candidatos que só querem se eleger e ocupar um cargo político pelo salário que lhes é pago, não pelo fato de tentar mudar o estado e até o país, solucionando os problemas, criando novas medidas e leis que beneficiem o povo.

Nós, os eleitores, devemos estar conscientes daquilo que for o melhor para todos; em qual candidato depositar nosso voto de confiança e não nos deixarmos iludir por falsos candidatos, que só lembram que o povo existe nestas épocas do ano.

Muitas vezes, certas pessoas vendem seu voto sem saber que estão prejudicando a si mesmos. Por isso, devemos acompanhar cada passo do candidato e nos conscientizarmos se ele é o melhor.

(RED83)

VOTO X DEMOCRACIA

Vivemos num país onde ética, valores morais, justiça e honestidade são cada vez mais sucateados. Parto do princípio onde se diz que voto é sinônimo de democracia. Qual democracia? Elegemos nossos representantes com o intuito de que nos ajudem e, no fim de todo o processo, eles nos roubam, nos traem e, sobretudo, violentam o nosso voto, nos fazem de idiotas, nos enganam abertamente, usam recursos que todos os brasileiros deveriam usufruir em benefício próprio.

Num país riquíssimo, milhares passam fome e se não fosse pelo próprio povo, continuariam na mesma condição. Paralelo a isso, vê-se uns poucos esbaldando-se com algo que não lhes pertence.

Pulam de partido, como macacos de galho em galho, visando não o povo, mas sim favorecendo-se, para poder continuar trapaceando.

Isso não é tudo, mas retrata os nossos representantes. Mas o povo sabe que, em meio a essa desordem, existem aqueles que sempre foram fiéis e tentam melhorar, modificar, construir um Brasil decente. O povo é soberano e saberá dar resposta na próxima vez que for às urnas. Terá mais cuidado e não mais se deixará ludibriar.

Me questiono muito com a seguinte frase: "Todo povo tem o governo que merece." Será?

(RED84)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Atualmente, com os valores sociais e morais em grande crise, até mesmo de identidade, com a corrida para o século XXI e tantas explosões escandalosas, o brasileiro se questiona da sua obrigação de escolher. Votar: sim ou não?

Fazendo uma retrospectiva, não só de âmbito político, mas num campo mais restrito como o das relações dos indivíduos na hora da escolha de um representante, quer seja para seu clube, seu bairro, sua escola, encontraremos polêmica nesta democracia tão apregoada a valores de poder.

Nas relações sociais em que o querer e o poder estão acima de qualquer característica pessoal, o voto do cidadão já não é mais sinônimo de democracia. Democracia é a livre escolha, mas para que eleger livremente um representante que continua fazendo de nossas vidas verdadeiras seqüências de analfabetismo e miséria?

Analfabeto pode votar, mas é aquele que sabe ler e escrever também não é analfabeto na hora do voto? Será sim, um analfabeto, mas, político, se não souber discernir as falcatruas do poder, se não souber entender e ler nas entrelinhas dos inflamados discursos de palanque toda uma ideologia que vai por caminhos tão bem estudados e estruturados para driblar a nossa competência de ouvintes. A retórica é convincente e argumentativa.

(RED85)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Mais uma vez se aproximam as eleições para o povo escolher, desta vez, os representantes da nação: presidente, vice, deputados. O voto é livre. Podemos escolher o melhor. Tudo é democrático.

Com as eleições, chegou também a vez dos candidatos ocuparem horários nos meios de comunicação e mostrar o errado e o certo.

Saem à procura dos eleitores para que compareçam à urna e depositem o voto no candidato de mais confiança e fiquem felizes esperando o resultado.

Os candidatos, nas suas campanhas, falam bem, vêem erros nos outros candidatos e tentam convencer mostrando os seus planos de governo, caso forem eleitos.

Falam da pobreza, da fome, da educação, dos salários baixos, da cesta básica, das crianças de rua, etc.

O pobre é bem visto, vira "popular", bate nas costas, são simples, sorrisos.

Doam cestas, roupas, dinheiro. E o povo fica feliz, ajuda na campanha, promete o voto e põe o voto na urna. Ele se elege, assume o cargo. O que acontece? Termina fome, miséria, salário baixo; educação não é problema, saúde...?

E o povo fica esperando até a próxima eleição para que apareça um justo, honesto e que traga alegria.

(RED86)

VOTAR É UM DIREITO OU DEVER

Após muitos anos de luta, conquistamos o direito de votar. Primeiro esta conquista era apenas dos homens e, alguns anos depois, se estendeu às mulheres.

Muito foi lutado para se adquirir este direito. Porém, hoje, frente a uma política em crise profunda e perante políticos sem escrúpulos, não sabemos mais se o voto é sinal de democracia.

O descrédito nos políticos fez com que o povo não veja o voto como direito, mas apenas como um dever. A prova disso são as últimas eleições: o número de votos nulos e brancos foi uma parcela considerável.

Perante esta situação, até que ponto o voto deve ser obrigatório? Muitas vezes, o cidadão vota apenas para cumprir um dever e acaba "votando por votar".

O nosso voto é uma "arma" poderosa que temos em nossas mãos. Quando não for bem usada, faz estragos enormes em nossa nação.

Votar sim, mas votar conscientemente, em políticos honestos e dignos de serem votados, que sejam nossos reais representantes.

(RED87)

VOTO DEMOCRÁTICO

O Brasil de hoje vem utilizando o sistema presidencialista para governar o país. Neste sistema, o cidadão tem o direito e o dever de escolher o seu representante de forma democrática, através do voto.

De outro modo, se não o fizer, isto é, não votar, causará implicações em como explicar o porquê não votou. Se o indivíduo estiver longe do local de votação, deverá justificar seu voto nos correios. Por aí, vemos que o voto não é tão democrático como se fala. Ele é, na verdade, obrigado a ser feito.

Conforme a crise atual que está no Brasil, o voto democrático de certas pessoas é pelo candidato que se dispõe a dar algo em troca e o cidadão o faz, não sabendo que sairá do seu próprio sacrifício mais tarde.

Por outro lado, se o voto não for obrigado, quem será que irá às urnas dar o seu voto? Os candidatos estão muito desacreditados. Eles próprios nos dão provas de que não merecem o poder.

Assim, vemos que o voto não é sinal de democracia, pois somos obrigados a votar e outros votam em troca de favores ou do bem próprio.

(RED88)

(SEM TÍTULO)

O voto, no Brasil, não está sendo um sinônimo de democracia.

Sabemos que a nossa constituição traz bem claro a obrigação do mesmo.

Concordo com o voto liberal: vota quem realmente sente o desejo de escolher determinado candidato.

Ir às urnas somente para cumprir uma obrigação com o Estado não é agradável. Talvez até mesmo votar em branco em sinal de protesto.

O melhor protesto seria não indo às urnas. Mas e aí? Como ficaria? E se a maioria da população estivesse descontente? O que fariam "eles" (os políticos)? É claro que, no nosso país, os milhões de analfabetos e a pouca instrução do povo faz com que "eles" agradem a muitos. Nem que para isso tenham que usar a força do capital. Sem falar das promessas incumpríveis, iludindo o eleitorado.

Teríamos que ter o voto livre, como nos países desenvolvidos. Mas, um dia, chegaremos lá.

(RED89)

A DEMOCRACIA

A democracia deve ser entendida por todos.

Ela está acima de qualquer almejo de um brasileiro. Mas, para isto, devemos entendê-la, praticá-la, respeitá-la perante as leis e formas em que ela é colocada a nós. Nós, os brasileiros, não estamos preparados ainda para viver democraticamente, pois esperamos sempre de poderes políticos, os quais não respeitam as leis a serem cumpridas. E problemas sérios na saúde, na educação, na alimentação.

Precisamos ter senso crítico, inculcar nos filhos e alunos os direitos e deveres de cada um.

Com tudo isto, nós, os brasileiros, devemos ter cautela e esperar dias melhores. Para que o nosso país seja um país aberto, com pessoas solidárias, onde o diálogo tenha um lugar nas famílias, nas escolas, em tudo e todos.

(RED90)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Será que as pessoas, ao votarem, estão tendo a democracia? Ainda hoje, apesar de a história ter mudado muito, acho que não, pois a corrupção anda solta. Vivemos no Brasil muitos exemplos.

Cada um deve ter liberdade para votar, escolher a pessoa certa, em quem tenha plena confiança e não como acontece, esperar ver se vai cumprir depois o que prometeu.

Mas isso não acontece. Muitos se deixam comprar em troca de alguma coisa que, para eles, pode ser muito, mas que é insignificante.

Por um lado, talvez o voto seja democrático pelo fato de podermos escolher um presidente mais liberal e até mais bonito, ou que saiba falar e que envolva com seus discursos. Mas, por outro lado, quando não sabem votar, as pessoas tiram sua própria democracia, pois as suas necessidades estão acima da inteligência, da informação e da integridade e isso as leva à escuridão, que impede de enxergar a realidade. Ficam esquecidas e frustradas.

Por isso, o voto nem sempre é o caminho mais certo para se chegar à democracia. Há outros que, em primeiro lugar, são necessários para que a pessoa aprenda a votar e tenha mais caráter. Só assim conseguirá contribuir para a democracia.

(RED91)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Nós, o povo brasileiro, vivemos em um país onde se diz que a democracia é um direito de todos.

Vale a pena analisar até onde esta afirmação tem veracidade.

Em nosso país, há muita violência, pessoas mal-intencionadas, políticos corruptos...

Não temos liberdade para sairmos às ruas sem correr todos os tipos de riscos.

Através do voto, o qual somos obrigados a colocar na urna, elegemos pessoas nas quais depositamos nossa confiança.

Estas pessoas são eleitas e agem de forma incoerente, fazendo as pessoas ficarem revoltadas e arrelias.

Ouvimos muitas pessoas dizerem que não confiam em políticos e preferem votar em branco ou, então, anular seu voto.

Voto democrático? Até onde? Se o voto é obrigatório e, se não votarmos, sofreremos penalidades.

Voto democrático está sendo uma palavra somente com sinônimos bonitos. O que funciona mesmo é o antônimo da palavra.

Votamos e escolhemos uma pessoa que vá ao encontro de nossos anseios, que defenda uma democracia digna para o povo.

O que vemos são as pessoas eleitas pelo tal voto democrático alterando nossos direitos, sem nos dar as mínimas condições de segurança.

E tudo continua do mesmo jeito.

(RED92)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Nos moldes atuais da nossa sociedade, da nossa realidade brasileira, o voto é uma conquista do povo às custas de uma sofrida e árdua luta. Mas a corrupção dos políticos, da classe dominante, já está tão engendrada nesta cúpula que eles utilizam a intenção do povo em escolher aquela pessoa que ele considera a melhor para ser o seu representante.

O voto aos dezesseis anos foi mais uma manipulação do que uma conquista. O povo já está acostumado a ser comprado, pois nas épocas eleitorais é onde tudo fica mais fácil. Nas prefeituras e postos de saúde se consegue consultas, laqueaduras em massa, alimentação, vestuário e outras, como num passe de mágica. E isto somente visando conseguir ludibriar o eleitor para se manter no poder.

Diante de tudo isso, eu questiono: o voto é sinônimo de democracia?

Poderia ser, se o eleitor fizesse uso do seu voto sem manipulações. Mas o povo, a maioria, ainda não está politizada. São poucos os que têm uma consciência crítica e que lutam para ver o "reverso da medalha". Mas, como dizem os políticos: "Minha gente, a luta continua..."

(RED93)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Desde que surgiu, o voto teve a intenção de ser um meio, uma possibilidade para que o povo pudesse escolher os seus representantes.

Porém, os últimos acontecimentos nos mostram a falta de competência e o descrédito dos políticos para com o povo, porque estes só pensam nos interesses particulares. Isso revela que a população em geral vota, muitas vezes, sem analisar criticamente os candidatos.

Devido aos sérios problemas que a maioria das pessoas enfrenta como: fome, miséria, desemprego, etc., muitas pessoas acabam vendendo seu voto em troca de comida. Por isso, muitas vezes o eleitor acaba votando não porque aquele candidato é melhor, mas vota naquele que o ajudou. Outro fato é que ninguém mais acredita na política e acaba votando porque é obrigado.

Precisamos refletir com seriedade nesta questão do voto, pois este é a nossa maior arma para lutarmos contra as desigualdades sociais e é através da nossa consciência crítica que faremos do voto sinônimo de democracia, onde todos devem ter os mesmos direitos em relação ao bem-estar de cada um.

Devemos lutar, independentes de cor, raça e nacionalidade para que a democracia seja igual para todos.

(RED94)

ACREDITAR NO SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Na atual situação do nosso país, não sei se podemos dizer que o voto é um sinônimo de democracia, pois o povo vota, mas não pode contar com seu voto.

O povo, com a condição sócio-econômica atual do país, já está descrente, pois a cada dia que passa fica mais difícil para sobreviver com dignidade em meio a tantas mentiras e desonestidade da parte de nossos políticos e governantes, que não se preocupam com o povo e o país, muito menos com a miséria em que esse mesmo povo vem vivendo.

Os políticos, em suas campanhas, prometem, se preocupam com o povo, com a educação, com a falta de empregos, com a fome, entre outras muitas necessidades e pregam isso em seus discursos em palanques oficiais, em rádios e televisão e o povo vai ouvindo e, em muitas ou na maioria das vezes, acredita nesses candidatos e dá a eles seu voto. Mas, ao se elegerem, talvez se esquecem do que discursaram, do que prometeram e se preocupam não com os problemas do povo, mas sim com seus próprios, se esquecendo de que o povo continua lá, em sua vida cotidiana, esperando que se cumpram as promessas e sua vida melhore: que o desempregado que precisa sustentar sua família consiga um trabalho digno, que o problema da fome no país seja solucionado, entre outras situações que precisam de soluções imediatas.

E isso, muitas vezes, não acontece. O povo vota, acredita, mas não pode contar com seu voto, pois talvez o seu candidato seja um corrupto e se esquece do povo.

Mas não vou dizer que não haja os honestos, que se preocupam realmente com tudo e todos, que querem realmente melhorar o nosso país, nos que podemos acreditar e confiar, ter esperanças de realizações. Ai sim, podemos dizer que votar é um sinônimo de democracia, pois podemos contar com o nosso voto, com que demos a nossa confiança na esperança de um país melhor.

(RED95)

VOTAR É SEU DIREITO

O ser humano, vivendo em sociedade, tem direitos e deveres a cumprir em todos os aspectos, sejam sociais, econômicos ou políticos.

O voto é um dos direitos que todos dispõem, porque é através dele que se escolhe alguém para nos representar.

Os representantes do povo não possuem mais credibilidade, devido às corrupções que atingem todos os setores da sociedade.

Apesar disso, existem pessoas conscientes, que sabem aproveitar esse direito, votando num candidato que possa ajudar o povo.

Por outro lado, há cidadãos indecisos ou alheios à política, que se deixam levar por promessas mirabolantes e votam sem ter consciência do que estão fazendo.

O voto é sinônimo de democracia quando a pessoa sabe em quem quer que a represente. Votar é um direito que vai ajudar toda a população.

(RED96)

NOSSO BRASIL AMADO

O Brasil está passando, já há alguns anos, por uma situação nada fácil. Vemos que tudo de ruim está acontecendo: crises, fome, doenças, políticos em conflito, roubo, enfim, outras coisas más, que estão na nossa cara.

Não devemos esperar por Deus, pois ele nos ajuda de uma outra maneira. Esta situação, quem deve mudar, somos nós e "eles", os homens que governam nosso país.

O que não está fácil é colocarmos um homem de caráter e honesto para mudar tudo isso. Tudo isso que eu digo são as vergonhas e a miséria por que muitos brasileiros passam e estão todo dia passando.

Vamos começar por nós, jovens, esta mudança. Vamos trabalhar mais em cima do progresso do nosso Brasil. Criticar quando necessário, cobrar quando preciso e corrigir as falhas de uma maneira ou de outra.

Esperança e coragem para nós não devem faltar. Vamos continuar lutando pelos nossos ideais. Vamos falar mais e ouvir menos e aprendermos de uma vez por outra a escolher melhor a pessoa para governar este país rico e, apesar de tudo, maravilhoso, que é o Brasil.

(RED97)

VOTO: UM DIREITO E UM DEVER DO CIDADÃO

Houve um tempo em que realmente acreditava-se que o voto era uma "conquista da democracia", um direito do povo, através do qual ele daria sua participação na escolha de um candidato.

Mas os anos passam e, diante de tantos políticos corruptos, que trabalham pensando em seus interesses, que fazem muitas promessas nas campanhas e depois não as cumprem, o povo se torna descrente.

O voto é a arma do povo e, por isso, nenhum cidadão deve ficar indiferente, deve votar conscientemente, na esperança de que alguma coisa vai mudar.

Existem bons candidatos, mas o problema é que a maioria do povo vive em situação tão precária, desesperadora, que vende o seu voto, pensando que suas dificuldades serão resolvidas e elege maus candidatos.

O voto é "sinônimo de democracia" se for feito conscientemente, elegendo candidatos democratas, que realmente governem pelo povo.

(RED98)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O voto, desde os mais remotos tempos, tem sido um sinônimo vivo de democracia, liberdade de escolha e consciência crítica.

Este direito, que foi concedido a nós através do voto, está sendo exercido pelos cidadãos com muito rigor e honestidade e, acima de tudo, com muita consciência crítica, com a qual temos muito claro que todos os cidadãos estão atentos a tudo que acontece em nosso país, estado e município, uma vez que o voto democrático é a única arma que nós, brasileiros, temos em nossas mãos.

É com esta liberdade de escolha que podemos acreditar no bom andamento e emprego do dinheiro público.

Um exemplo claro de que tudo esta sendo cobrado rigorosamente foi a saída de nosso ex-presidente Collor.

Temos que, cada dia mais, ajudar a cobrar de nossos representantes coerência no desempenho de suas funções para o bom crescimento de nosso país, estado e município.

Só teremos uma nação em ordem quando ninguém mais pensar em levar vantagem. Até lá, temos que lutar contra essas pessoas que se dizem "bons políticos" e que, muitas vezes, não passam de alguém querendo levar vantagem em cima do povo brasileiro.

(RED99)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Sabemos que o Brasil e outros países considerados capitalistas tendem a centralizar o poder nas mãos do governo, ou seja, da elite. Mas são também

países democráticos, porque os governantes são eleitos pelo voto.

No Brasil, temos uma política sem planejamento e mal administrada por políticos inexperientes que, na maioria das vezes, compram os votos para conseguir a eleição. Sabemos que o voto é a arma que os brasileiros têm. Estes, na maioria das vezes, são pessoas de baixa renda, com pouco estudo ou analfabetas, que não têm visão crítica dos problemas do país.

O povo brasileiro, a cada ano que passa, está ficando mais pobre em relação aos conhecimentos e dificuldades políticas, econômicas e culturais, pois são milhares de crianças que ficam fora de uma sala de aula, não por falta de incentivo, mas pela necessidade de trabalhar desde cedo para ajudar no orçamento familiar. A população é um brinquedo nas mãos do governo.

Através do voto, o povo pode eleger pessoas com capacidade e com conhecimento na área a atuar. Mas, para isso, o povo tem que ter também uma visão aberta e crítica de conhecimentos.

Sabemos que o governo tem que administrar o país em favor da população.

(RED103)

UM PAÍS DEMOCRÁTICO

Estamos em um ano em que muitos fatos estão acontecendo. Muitos bons e outros ruins. Mas, acreditamos que tudo irá tomar um rumo e os problemas irão diminuir, principalmente porque estamos em um ano político.

Teremos a oportunidade de, nesse ano, escolhermos novos representantes políticos. Pois estamos em um país democrático, onde temos o direito e o dever de votar. Mas devemos saber analisar cada candidato, para não nos arrependermos depois.

Precisamos nos lembrar que a democracia é muito importante e que foi com muita luta que conseguimos fazer do Brasil um país democrático.

Vamos pensar na situação em que nós, brasileiros, nos encontramos hoje, nos reunir e lutar juntos por um país melhor.

Só nós, com nosso voto e nossa união, podemos reverter a situação do Brasil.

Portanto, não deixe de votar.

(RED101)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

Estamos perto de mais uma eleição.

Não podemos ficar parados, deixando que outros façam a sua parte e a nossa também. Temos que agir, saber escolher através do voto os bons candidatos. Pois sabemos que está difícil a situação para todos nós nos últimos tempos.

O voto deve ser democrático e bem analisado. Não vamos jogá-lo fora por algumas ofertas que costumam fazer alguns desses candidatos que se ouve na televisão.

O voto passa pelas nossas mãos. Vamos democratizá-lo ainda mais, colocando certo nas urnas.

(RED102)

A IMPORTÂNCIA DO VOTO

O voto é um sinônimo de liberdade. Com ele, juntos escolhemos os nossos representantes. Por isso, deveriam votar somente aqueles que têm uma boa consciência desse ato.

O voto é importante. Concordo plenamente com essa idéia. Principalmente num país democrático. Mas, o mais importante é o saber votar, entender a importância disso para a nação. Esse voto é uma decisão. Estamos confiando em pessoas que vão administrar e decidir por tudo em nosso país, tanto interna como externamente.

Por isso, devia ser bem analisado e questionado pelo eleitor e não simplesmente como acontece: votar somente para ter um dia um documento nas mãos.

(RED103)

UM VOTO EM VÃO

Essa seria a única saída, ou o único meio de um povo sofrido, pisado e cansado de lutar contra a máfia do capitalismo covarde, que está aí para favorecer pequena porcentagem do povo que tem o poder e as riquezas em suas mãos.

Não possuem o mínimo de responsabilidade com o cargo que lhes foi confiado através do voto daquele desesperado que, a cada eleição, renova sua esperança em melhorar as condições de vida, que seja mais digna e mais humana.

Enquanto isso, os poderosos melhoram cada vez mais o próprio poder econômico, sem sequer pensar um pouco ao menos na situação do restante da população que vive em completo abandono. Não é necessário citar situação alguma, pois ela é geral. Além de tudo isso, nossos políticos são capazes de pedir o voto a esse povo massacrado através dos meios de comunicação, independente do meio social em que vive o eleitor. Pois nem um voto mais deveria ser confiado a candidato algum. E mostrar, através dessa atitude, que o povo não é algo a ser usado e jogado fora.

O povo deveria ser mais consciente em tomar suas próprias atitudes e fazer mudanças com as próprias mãos.

(RED104)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Vivemos num país em que a forma de governo é republicana. Dizem que o povo tem liberdade de escolha na hora de votar no seu candidato; também porque é preciso de alguém que represente o Brasil para os outros países, enfim para o mundo.

Será que nosso voto é mesmo válido perante tudo o que acontece?

Quantas vezes o nosso voto é subornado por dinheiro, uma cesta de alimentos ou simplesmente por conveniências políticas e promessas inovadoras de mudanças para um país melhor, onde tudo será diferente da gestão anterior.

O povo cansado, porém esperançoso, coloca mais uma vez o seu voto na urna, depositando ali a sua confiança e esperança para que o próximo candidato realiza tudo aquilo que o outro prometeu e não fez. Porém, quando se percebe, tudo continua igual. Resta apenas uma grande desilusão de ter confiado em quem não merecia o nosso voto.

Mesmo assim, o nosso povo, em cada eleição que acontece, novamente está ali para votar e crer que, talvez um dia, tudo isso possa se modificar.

Mas, para que isso ocorra, é necessário que cada cidadão brasileiro tenha a clareza que nem todos os que se apresentam como os que libertarão e organizarão a sociedade, falando sempre bonzinho, farão isso.

Assim, cabe a nós a responsabilidade de escolher bem o nosso candidato e não correr o risco de perder o nosso voto.

(RED105)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Estamos vivendo dias em que se fala muito de democracia. Mas, na verdade, só fica em palavras, pois se houvesse realmente democracia, não seria o voto obrigatório. Seríamos livres para decidirmos ir votar ou não.

O cidadão consciente não precisa ser obrigado a ir votar, pois ele sabe que do seu voto depende o seu futuro e até o dos seus filhos e netos.

Portanto, estamos longe de viver uma democracia verdadeira.

Essa situação só vai mudar na hora em que pessoas que estão no poder tomarem consciência de que não precisamos ser obrigados a decidir sobre nossos futuros governantes e, sim, que fazemos isso porque é necessário escolher governantes conscientes e aptos a dirigir o nosso país para um futuro melhor, com melhorias de vida para o povo brasileiro, já tão sofrido.

Por isso, o voto seria sinônimo de democracia se fosse livre e não obrigatório.

(RED106)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Quando chega a época de eleição, a maioria dos votantes se revolta com os candidatos, pois, geralmente, todos prometem muito e cumprem pouco.

Mas, nós temos a liberdade de escolher o melhor candidato. Por isso, antes de agirmos assim, devemos pensar que votar é importante, pois de uma maneira ou de outra, alguém irá assumir o poder. Então, que seja o nosso candidato.

É certo que o povo já está cansado de tantas promessas. Mas, antes de qualquer coisa, o voto é sinônimo de democracia e é pensando assim que nós, o povo tão sofrido e massacrado, poderemos mudar o país. Se votarmos, poderemos exigir do nosso candidato eleito, cobrar dele todas as promessas feitas na campanha e, assim, quem sabe, contribuir para que nosso país seja um país com futuro promissor, onde a miséria e o banditismo possam não mais existir, dando alívio a todos nós.

(RED107)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Voto: sinônimo de democracia? Uma pergunta muito simples, mas, ao mesmo tempo, difícil de ser respondida nos tempos de hoje.

A população brasileira ainda não sabe usar esta arma tão poderosa que tem em suas mãos.

Mas, de quem é a culpa? Será que os "políticos" não estão gostando desta situação? O que fazer para mudar? Como será nosso voto neste ano de eleições?

Como seria bom se realmente nós, brasileiros, usássemos o nosso voto para podermos dizer que ele é o sinônimo de democracia.

Mas, o que fazer para que indivíduos com situação financeira miserável, um analfabeto ou, até mesmo, um adolescente com dezesseis anos, que não quer nada com nada, faça do seu voto um sinônimo de democracia?

Quando esse quadro mudará?

(RED108)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Paira sobre o povo brasileiro uma enorme vontade de melhorar a situação do país, promover o bem estar social e, principalmente, cultural.

Fazer isso de que maneira?

Através do único e exclusivo direito do voto, podendo assim concretizar essas mudanças.

O país se encontra em total reforma e cabe a nós, através do voto, modificar esta situação, lutando e reivindicando por nossos direitos.

O voto é decididamente uma arma. Tornar-se-ia potente se o povo tivesse consigo mais cultura, sabedoria e muito poder de análise.

A situação é horrível, pois o grande problema é que a maioria de nossos votantes são analfabetos e isso enfraquece o valor do voto.

É assustador um país onde existem milhares de escolas ser considerado um dos países com o maior índice de analfabetismo. Isso propicia aos governantes um alto poder de dominação sobre o país.

Torna-se fácil governar, pois a maioria não sabe o significado do voto. Sendo assim, os mesmos usam de

suas técnicas infalíveis e, com um linguajar filosófico, acabam por enganar milhões de pessoas.

É sabido que povo sem cultura, sem estudo, é pobre e sem emprego. Isso gera a fome. Resumindo: tudo facilita aos candidatos a compra do voto.

Não seria impossível mudar essa situação, pois temos uma arma: o voto. Cabe ao povo se conscientizar de que é necessário sermos cultos, porque não há nada pior para desestruturar um país do que a falta de informação e intelecto de um povo.

(RED109)

DEMOCRACIA?

No meu ver, o voto não é sinônimo de democracia, pois se fosse, não seria obrigatória a presença no dia de eleição. Isso é só mais uma maneira de enganar o povo brasileiro, já tão cansado de lutar e sem solução nenhuma. Devia ser aprovada uma lei que votasse quem quisesse. Aí, quem sabe, os políticos seriam mais honestos. Há também a campanha do voto em branco, mas, no fundo, isso também não resolveria a situação.

Olhando por outro lado, nós elegemos quem gostamos e achamos que são pessoas honestas e preocupadas com o povo brasileiro. O problema não está no voto, mas, sim, nos políticos.

(RED110)

SINÔNIMO DE DEMOCRACIA

No país em que vivemos, falar sobre este assunto (sinônimo de democracia) é o correto das eleições, ou como deve ser uma coisa democrática, a importância do voto.

Não deveria ser obrigado a votar. Todos que querem votar, votariam. Quem sabe, assim existiria uma democracia correta, justa, sem certos absurdos que existem lá em cima.

O voto é importante. O difícil é achar a pessoa certa, correta. Lutamos para que isso aconteça.

(RED111)

O DIREITO DA CIDADANIA

A sociedade brasileira, devido as crises políticas e financeiras, que são decorrentes de uma governabilidade insatisfatória, vem acarretando descrenças perante as classes inferiores, que de formas precisas, tentam modificar esse quadro.

Perante o voto, mostram-se confiantes, alegando estar colocando em evidência sua democracia, onde, na maioria das vezes, errônea.

Temos que mostrar com nosso voto que modificamos esse quadro abstrato e cômodo, a partir de uma conscientização em massa do povo brasileiro, relegado sempre a segundo plano pela minoria, que apresenta o maior poder em mãos.

A classe dominante acredita que, com um pacote de arroz e de feijão, compra nosso voto. Mas a colocação não está descartada. Ainda se tem no Brasil esse tipo de atitude. Não é com um pacote de arroz que conseguiremos sobreviver numa sociedade onde o lucro é, nas entrelinhas do pensamento, o centro de tudo.

Se, por acaso, abolirem o voto obrigatório, onde ficará nossa democracia? Como mostraremos que somos fortes? Indo às urnas, mesmo sem imposição, mostrando a "eles" que acreditamos num país melhor e mais humano.

(RED112)

DEMOCRACIA... UM DIA, QUEM SABE

Não sendo o voto apenas um direito e sim uma obrigação, já não ressoa como democrático.

Tendo em vista o desinteresse do cidadão em selecionar seu candidato, o político, já então corrupto, força esta escolha.

Às vésperas das eleições, os candidatos já instalam comitês, ou seja, um mercado de troca-troca.

O eleitor mal informado e, às vezes, muito necessitado, vende seu voto por um talão de luz, de água, remédio, cervejas, ou até mesmo pela promessa de um bom emprego.

Nos comitês, deveriam conter apenas as propostas dos candidatos e, quem sabe, o recolhimento de sugestões para o candidato possível eleito.

Deveria ter punições para este tipo de político.

Enquanto houver comprador, haverá vendedor.

Deveria ter mais campanhas para a conscientização da população, principalmente a mais carente.

Isso já seria um passo para a tão sonhada democracia.

(RED113)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Fala-se tanto da democracia através do voto como se isso fosse realidade.

O voto, na verdade, não é livre para a maioria, pois há muita massificação por parte das lideranças políticas em cima da classe mais pobre (baixa renda) e sem cultura. A maioria não tem senso crítico formado. Engolem o que vêem ou ouvem através dos meios de comunicação, ou pela rua, ou mesmo no meio onde vivem.

Há demais interesse de trabalhos sociais e até de governantes em manter o povo alienado, abaixo do seu controle, plantando urnas em volta da cidade com os mutirões, muitas pessoas sem trabalho. Contando votos em cima da miséria e pobreza de senso crítico do povo.

Os serviços sociais deveriam estar exclusivamente à serviço dos menos favorecidos, para que viessem a se tornar cidadãos conscientes, livres, realizados, ao invés de ainda explorá-los, comprometendo-lhes o voto por uma pequena cesta básica.

O voto só representará democracia o dia em que o povo poder, de cabeça formada e independente de qualquer vínculo social ou político, ouvir e analisar as propostas de cada candidato e, assim, tomar sua decisão livremente.

(RED114)

(SEM TÍTULO)

Em todo um contexto social e político que o voto foi instituído como lei para instituir os poderes políticos que organizariam todo um andamento funcional de uma sociedade organizada ou não, seria sim, o voto, um sinônimo de democracia. Desde que, eleitos os poderes, cada um exercesse sua função determinada pelo voto, conscientes de suas responsabilidades e funções em benefício do bem estar de toda uma organização física e social que lhe pertencem.

Porém, vejo que, por não se oferecer oportunidade de que todos tenham clareza, conhecimento e consciência política do valor do voto e da escolha dos nossos representantes políticos, fica um grande questionamento nas questões: Quem deve votar? Quem deve ser candidato? Quem está preparado realmente para que se tenha ou não uma democracia justa, humana, igualitária, se uma grande maioria de cidadãos não tem consciência de direitos e deveres?

(RED115)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Nem sempre o voto é sinônimo de democracia, porque a política é induzida a nós, que não percebemos o quanto somos enganados. Dependendo do cargo de um determinado político, só ficamos sabendo um lado de sua vida. O outro, nem imaginamos. Por isso, votamos no melhor em nosso ponto de vista.

Só não há democracia em determinada situação, como na troca de valor do nosso dinheiro.

Mas, além de tudo isso, não vejo outra forma de escolher nossos administradores.

(RED116)

ELEIÇÕES

Se fizemos um retrospecto na história do Brasil, vamos perceber que desde o início do domínio territorial tivemos conchavos, oligarquias e eleições fraudadas visando o interesse de uma minoria dominante, ou seja, latifundiários e empresários da época.

Nos dias atuais, isso não mudou, pois somos conseqüência do passado. Inclusive, hoje torna-se mais fácil, pois a mídia invade nossos lares com "verdades" vistas com os olhos de quem as faz, tornando-se um condicionamento para nós.

Para mudarmos todo esse sistema, devemos ter uma cultura suficiente para vermos e sabermos analisar o certo e o errado, com uma visão social, política e econômica não só do nosso país, mas o que está ocorrendo em todo o planeta terra. Só assim teremos condições de cobrar e mudar os governantes federais, estaduais e municipais do nosso país, para que ocorra uma verdadeira democracia.

(RED117)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Estamos num ano muito importante para os cidadãos e políticos do Brasil. É mais um ano de eleições. Ano de novamente escolhermos nossos representantes políticos. Mas, como sabemos, as pessoas andam meio que desanimadas e temem votar.

Agora, nos fazemos uma indagação e nos perguntamos: até que ponto deve-se obrigar as pessoas a votar, já que ouve-se falar tanto que "o voto é democrático"?

Mas, por outro lado, se não votarmos, como poderemos reclamar nossos direitos de cidadãos e exigir melhorias?

Votar é importante. Deve ser feito conscientemente e por quem saiba fazê-lo. Devem votar pessoas que, ao menos, tenham uma escolaridade de primeiro grau e não aquelas analfabetas, que nem o nome sabem fazer.

Se quisermos ter uma política séria em nosso país, devemos começar pelo voto democrático, onde votam aqueles que realmente saibam o que estão fazendo.

(RED118)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Será mesmo sinônimo de democracia?

Aí está mais um ano político e o brasileiro, com certeza, não ligará a mínima para votar.

Os políticos que estão aí (Brasília, é claro, porque os nossos acho que estão fazendo a parte deles), voltando a Brasília, que nós ajudamos a colocá-los, não estão fazendo absolutamente nada para que o Brasil dê certo. Ao contrário, só se preocupam com eles. Estão aí seu João Alves, Ibsen Pinheiro etc... e, se não bastasse isso, agora eles não estão nem preocupados em começar a revisão da Constituição.

Até hoje, não consegui descobrir se é o povo que não sabe votar ou se são os políticos sem caráter.

Prefiro ainda acreditar que os políticos é que têm a grande culpa desse país estar do jeito que está. Sim, porque a classe trabalhadora, nós fazemos a nossa parte: trabalhamos digna e corretamente, pagamos em dia nossos impostos, pagamos luz, água telefone, enquanto que eles, além de fazerem pouco ou quase nada, ganham tudo isso pago - por nós, é claro, que ajudamos a segurar esse país com nosso trabalho digno e honesto.

Que nesse ano político o povo vote conscientemente e que os políticos tenham consciência política para exercer suas funções.

Que cada brasileiro seja responsável por um pedacinho desse Brasil, começando, é claro, pela nossa cidade, dando exemplo pelo Brasil a fora.

(RED119)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O rádio, a televisão, os jornais, enfim, toda a imprensa anuncia mais um ano de eleições. Com isso, muito se fala em voto e democracia.

Na teoria e principalmente para quem está no poder, para quem já recebeu o voto do povo, para quem está por cima, enfim, para os governantes em geral, voto é, sem dúvida, sinônimo de democracia.

Mas, será que voto também é democracia para quem tem que votar porque o voto é obrigatório? Muitas vezes, votar sem ter candidato para receber o voto, ou ainda, os candidatos que se apresentam não merecem o nosso respeito, o nosso sacrifício em votar neles. Sair de casa para cumprir com o dever só porque o voto é obrigatório e não ter em quem votar porque são todos iguais, não vejo como um ato de democracia e sim um sacrifício, uma ilusão, uma violência, um atentado à dignidade humana brasileira.

(RED120)

O POVO E O VOTO

Houve uma época na história em que o voto era restrito para homens que tinham poder de riqueza. Com o tempo, foram realizadas muitas manifestações a fim de tornar o voto um direito de todos. A partir daí, mais ou menos no começo do século, o voto tornou-se democrático. As mulheres e os homens do povo passaram a votar.

Com o direito adquirido, tudo parecia mais fácil: as pessoas começaram a ter um poder decisivo na escolha de seus próprios destinos.

Mas, ao passar do tempo, o direito do povo foi sendo corrompido de maneira gradativa, até chegar em nossos dias. A realidade hoje é que voto não significa mais poder de decisão e sim uma contribuição para aqueles que se apresentam melhor diante da população.

As pessoas, de maneira geral, não acreditam mais em ninguém que se diz político, defensor dos direitos. Eles aparecem nos programas de comunicação cheios de idéias, descem ao nível do povo só até conseguirem o voto. Depois que se elegem, o poder toma conta de suas idéias, deixando-os corruptos e arbitrários.

Outro problema que tira a nossa liberdade é a chamada compra, o suborno: pessoas sem escrúpulos que usam a população mais humilde para conseguir seus votos. Essas pessoas não possuem consciência do mau que fazem a si próprias e ao outros, mas são induzidas a uma melhora momentânea de vida.

Voto significa poder de decisão e não de discriminação, como está ocorrendo. Mas o povo, sem o mínimo de poder aquisitivo, não tem conscientização, porque só pensa em como poderá sobreviver nesse mundo.

(RED121)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Quando se aproxima uma eleição, esta palavra volta à tona para ser discutida por todos: "o voto".

Muitas idéias se contradizem sobre o voto. Uns defendem o voto facultativo, outros o voto obrigatório. Há que diga que o voto é sinônimo de democracia. Será?

Atualmente, o voto, sendo obrigatório, não é sinal de democracia, pois não tenho a liberdade de votar ou não.

Voto democrático deveria ser com consciência, não para ganhar um quilo de feijão, arroz ou uma

camiseta. Voto tem que ser com a cabeça, não com a barriga.

Todos os candidatos deveriam ter as mesmas possibilidades e recursos financeiros nas campanhas, para que o voto seja democrático também para quem está sendo votado. Eleição é para eleger o melhor, não para ver quem tem mais dinheiro para gastar.

O voto só será democrático quando os que forem votar tiverem visão política de que seu voto está definindo o futuro de uma nação, pois com ele poderá evitar que nasça o analfabeto, o miserável, o menor abandonado, o desempregado, a prostituta, o corrupto.

Devemos ter uma visão mais aberta, para não sermos manipulados pelos meios de comunicação de grande massa, que influenciam em muito na hora de decidir um voto, manipulando e distorcendo a visão das pessoas.

O voto só será democrático quando o povo tiver a consciência política para usá-lo

(RED122)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Há muito tempo nosso país enfrenta graves crises econômicas. A questão não é desconhecida de ninguém. A miséria, a fome e a falta de escolas para todos têm aumentado a cada ano, abrangendo a grande população.

A causa destes problemas não é a população em si, mas uma pequena parte desta população que está concentrada no poder que comanda o país. São os 5% de pessoas que possuem o capital e 2% das mesmas que comandam os meios de comunicação.

Então, como nos defender de uma metodologia em que a mente está alienada pelos poderosos? O voto poderia ser uma das armas principais para o povo, mas este está alienado. Por incrível que pareça, a eleição para presidente são de 4 em 4 anos, a qual coincidirá com a Copa do Mundo. Ora, um povo feliz, todo envolvido pelo futebol, não terá consciência para analisar seu voto.

Através destes fatos e muitos outros que todos nós conhecemos, podemos então chegar à conclusão que vivemos em um país que se diz democrático, mas a democracia fica só nos papéis. Na realidade, o voto é mais uma forma de manipulação dos 5% que comandam este país.

(RED123)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Temos o voto como um dever de todo cidadão brasileiro. Um dever que deveria ser realmente respeitado por cada cidadão.

Muitos cidadãos, quando vão até as urnas, vão com aquela idéia confiante de que dias melhores virão. Enquanto outros cidadãos apenas cumprem seus deveres por medo de uma punição posterior, não dando nenhum valor àquilo que estão fazendo.

Cada brasileiro deveria ser mais consciente e dar mais valor a este ato de votar, para que a situação começasse a mudar. Para que novas propostas surgissem, dando melhores condições a todos os brasileiros de terem uma vida digna, onde pudessem ter o necessário.

Enquanto milhares de cidadãos elegem, através do voto, presidentes, deputados, governadores, etc., as dificuldades do nosso país são alarmantes.

Precisamos de administradores mais conscientes e responsáveis para que o nosso país se torne mais humano, mais justo e mais fraterno, através de uma democracia consciente.

(RED124)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Nesse ano, já estamos nos preparando para as eleições estaduais e federais. Os meios de comunicação já começaram a apresentar as propostas de alguns partidos.

A maioria dos brasileiros não acredita mais em promessas e discursos. Alguns candidatos falam, prometem. Depois de eleitos, simplesmente esquecem do que falaram. Estes estavam somente pensando neles e não levaram em conta as pessoas humildes que acreditaram neles e depositaram seu voto de confiança.

Existe também o candidato "mau caráter", que é aquele que compra o voto para poder se eleger. Esse, antes mesmo de assumir o poder, já está pensando nas falcatruas que vai fazer.

Mas, no meio de tanta podridão que são as eleições para os cargos públicos, existe aquele candidato que está interessado em ajudar as pessoas, que quer fazer alguma coisa para melhorar o Brasil. Então, cabe a nós, cidadãos brasileiros, ouvir, analisar e criticar as suas propostas e eleger um candidato que valorize as pessoas que o colocaram lá, que tente fazer um Brasil melhor.

(RED125)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Finalmente o povo brasileiro adquire o direito de votar.

Então, observa-se que o merecedor da confiança do povo não está cumprindo com suas palavras, desmerecendo o respeito como líder ou regente de um país capitalista, rico em natureza e em espaço.

Às vezes, deixa-se de eleger aquele que realmente faria pelo povo e para o povo por falta de conscientização ou conhecimento.

Democracia até que ponto, se não temos voz através do voto, pois não nos fazemos ouvir? Apenas nos calamos através da anulação de votos.

É preciso que haja consciência e uma análise profunda, para que façamos valer a opção certa na hora de votar.

(RED126)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

No Brasil, com dezesseis anos os jovens já podem votar. Essas pessoas têm estrutura para isso? Acho que não!

E os bandidinhos que, com dezesseis anos, são considerados menores. Menores de quê? Eles votam, então também podem ser presos.

Voto é coisa séria. O futuro está em nossas mãos. Precisamos ler e reler cada item das promessas dos candidatos.

Será que os candidatos já trabalharam ou só mandaram em seus empregados?

Precisamos de governantes sérios, que tenham capacidade de resolver assuntos sérios, como inflação, salário. Devem investir mais na educação e na saúde.

Queremos votar em candidatos sérios, competentes, honestos! Tem? Onde estão?

Queremos um Brasil mais humano.

(RED127)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Pelo menos é uma das armas que nós eleitores possuímos para nos defender dos maus políticos, mas, como se vê, não tem sido aproveitada.

Estamos aí, com políticos nos vários setores do governo, que não estão nem um pouco preocupados com o povo.

O direito de votar seria sim uma democracia, se os votantes, eleitores, estivessem cientes do que estão fazendo, não deixar serem levados por promessas e outros

argumentos que os políticos se utilizam para induzir os eleitores a seu favor.

O povo deve ser conscientizado da importância do voto para que ele se torne realmente um sinônimo de democracia e, assim, podermos, como eleitores conscientizados, dar uma virada em tudo o que está acontecendo no setor político, o que podemos chamar de "pouca vergonha".

(RED128)**VOTO: DIREITO DO POVO**

O povo brasileiro está muito insatisfeito com os políticos, com os governantes do nosso país.

Dizem que votar é direito do povo. É, mas eles lançam três ou quatro candidatos e nós, brasileiros, devemos escolher um que, muitas vezes, não é aquele que gostaríamos que fosse, mas era o melhor entre eles. Confiamos no candidato, damos nosso voto de confiança e ele, no entanto, nos decepciona, nos desanima com suas atitudes, com sua ganância.

Depois de eleito, esquece tudo o que prometeram e não cumprem nada. Isto é votar com confiança, com dignidade?

Mas há de mudar esse quadro, com o povo brasileiro, que é a maioria, lutando, discordando e reivindicando nossos direitos como cidadãos. Aí poderemos dizer que há democracia neste país.

(RED129)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

O voto foi e é uma conquista do povo brasileiro. Ele tem o direito de escolher seus representantes de uma maneira espontânea, devido sua livre escolha.

Sabendo-se que o voto é, na verdade, sinônimo de democracia, ficam sempre as dúvidas. Se fosse como deveria realmente ser, um ato democrático, tal afirmativa seria correta. Mas, no país em que vivemos, entre muita politicagem, onde pessoas vendem seu voto por arroz e feijão, não é democracia, pois seus votos passam a ser conjuntamente, como se um só escolhesse o voto de muitos.

Faz-se necessária uma conscientização em relação ao voto, como votar adequadamente, num país como o nosso Brasil.

Não é simplesmente ir até a urna e votar e sim, antes analisar propostas para se ter uma noção do que é melhor para nosso país. É preciso escolher um bom representante para o governo, atendendo as necessidade de sua população. Façamos do voto um ato realmente democrático.

(RED130)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

O Brasil está passando por fases difíceis. Isso vem de décadas. O povo brasileiro só tem uma arma na mão, que é o seu voto, e não sabe aproveitar.

Os nossos governantes estão com menos credibilidade, chegam a ir na C.P.I., onde estão sendo acusados de corrupção, e dizer que Deus os ajudou a enriquecer, querendo enganar o povo que os elegeu.

O povo tem que ter condições de ter à mão sempre livros, jornais e outros meios de comunicação para se manter informado e poder votar com mais informação nas pessoas. Para que o Brasil possa melhorar, vai décadas e décadas ainda. Mas alguém precisa esclarecer o povo que essa é a única arma que temos como garantida, pois somos nós quem os escolhemos.

Procurar ler e assistir programas na televisão que não promovam um só candidato, para que dê liberdade de todos exporem suas propostas e para que o voto seja democrático. Nós temos que votar em quem realmente confiamos.

(RED131)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Hoje o nosso país está atravessando uma crise muito grande em vários aspectos. E um desses aspectos é a forma, o modo de como escolher os nossos governantes.

Temos como meio o voto. Só que o nosso povo se encontra um tanto incrédulo dessa forma ou desse meio de escolher os governantes, porque, no Brasil, há muitas fraudes, falta de seriedade e, principalmente, a confiança de que o nosso candidato irá cumprir com o que nos prometeu. Ou será que é ele que irá governar?

Então, com todos esses acontecimentos, o nosso voto perdeu a confiança de ser democrático, pois sempre somos enganados.

(RED132)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Estamos nos aproximando de mais uma eleição. Iremos votar para que os eleitos nos representem, conseguindo verbas, elaborando e aprovando projetos para uma vida mais digna para nós, brasileiros. Mas, será que estarão do lado da maioria do povo brasileiro? Estarão pondo em prática o que aprovarão?

Devemos votar. É um dever e um direito de cada cidadão brasileiro. Mas, votar é sinônimo de democracia?

É sim, somente quando nossos direitos forem colocados em prática, quando houver justiça social, quando forem elaboradas leis iguais para todos.

Porque quando elegemos alguém, é para lutar, defender e caminhar junto com o povo no dia-a-dia.

(RED133)**VOTO É SINÔNIMO DE DEMOCRACIA ATÉ QUE PONTO?**

Em ano eleitoral, nos é lembrado constantemente que o voto é a nossa arma, nossa defesa. Porque, com o voto, nós é que escolhemos o próximo a entrar no comando.

Mas, será que voto é realmente sinônimo de democracia?

O que dizer a respeito da constante distribuição de dinheiro, medidas econômicas milagrosas, gêneros alimentícios e outros em época de campanha eleitoral? Não é esta uma maneira de ludibriar as pessoas, induzindo opiniões positivas a respeito de algum candidato?

Está certo que, no momento do voto, estamos sozinhos, mas, e as cabeças mais pobres? Já não foram antes trabalhadas e estão pré-direcionadas?

Há ainda políticos coerentes com a verdadeira democracia?

Os noticiários revelam a cada momento novas fraudes e corrupções. Surgem pessoas novas que se candidatam, em quem resolvemos crer e, muitas vezes, sem demora, traem nossa confiança, redigindo e concordando com medidas absurdas, que dificultam nossa vida, deixando claro que a democracia era prioridade somente na campanha eleitoral.

O voto é sinônimo de democracia, pois nós é que escolhemos. Mas, os candidatos são realmente escolhidos de maneira democrática ao se candidatarem? Ou são colocados de maneira arbitrária pela direção dos partidos, sem verificar os reais interesses da comunidade?

(RED134)**O PREÇO DO VOTO**

Atualmente, está muito difícil escolher a pessoa certa e que mereça de fato o nosso voto, pois muitos dos candidatos que são mencionados na lista deveriam propor propostas lógicas e objetivas, assumindo o que falam durante o período.

Nós, cidadãos, deveríamos prestar muita atenção a cada comício realizado, pois cada candidato tem a sua proposta política. Muitos votam por votar, só para dizer: "eu votei". É dessa maneira que, muitas vezes, o povo sofre sem merecer. Outros já se vendem em troca de ninharias.

Mas, a culpa não é só do votante e sim do candidato eleito, que deveria ter consciência do compromisso que pegou, pois, se nós o elegemos, queremos que mostre competência em todos os sentidos, principalmente com a educação, não gastando fortuna em coisas fúteis.

O voto é muito importante, pois está comprometendo o país ou o estado. Por isso, deveríamos nos conscientizar e valorizar quem mereça de fato o nosso voto.

(RED135)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

O voto é uma conquista de democracia.

O povo escolhe seus dirigentes, bem como pode impedir dos mesmos fazerem absurdos que não trarão benefícios gerais à população de nosso país.

Entretanto, em nosso Brasil, a tal democracia anda muito devagar.

É necessário muita luta para termos a democracia atingindo todos os setores: salário, desnível social, a escola.

Há muita demagogia neste nosso país.

Eu acredito que, com a ajuda de nós, educadores, ao transmitir uma história crítica, uma ação transformadora, teremos futuros agentes com muito bom senso, pregando totalmente a democracia de canto a canto, num país que tudo tem para dar certo.

(RED136)**VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?**

Em nosso país, o período de eleições é muito criticado, pois os nossos políticos são muito desonestos. Todos querem entrar no poder a qualquer preço, comprando os ignorantes, sem consciência crítica, com dinheiro, comida.

No nordeste, neste período, acontecem milagres, como o da água. Passam anos e anos com escassez de água, mas, quando é época de eleições, os políticos transformam o sonho em realidade.

O povo brasileiro deveria se conscientizar que o voto não pode ser vendido por coisas banais. Pois, quando ele vende o seu voto, ele está colaborando com os políticos sem caráter e sem responsabilidades, que só querem entrar no poder para enriquecer através de desvios de verbas.

Para nós, é de suma importância saber em quem votamos, pois devemos votar conscientemente, para não nos arrependermos no futuro.

(RED137)**A DIFÍCIL E CAÓTICA SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA NO BRASIL**

O Brasil atualmente passa por uma complicada situação sócio-econômica que muitos brasileiros estão duvidando que Deus também seja brasileiro.

Ao atravessar por esta crise, o cidadão fica desacreditando de que ainda possa haver uma solução.

Políticos demagogos, injustiças sociais e, até mesmo, falta de justiça são uma das principais causas que deixam os brasileiros desacreditados. Porém, pode ser a "hora da virada". Novamente é ano político. Devemos analisar, raciocinar com muito cuidado ao escolhermos os

futuros governantes desta nação. Sejamos coerentes, para não deixarmos cair em demagogia, pois quem elege esses políticos, somos nós, cidadãos brasileiros. E, quem sabe, poderemos voltar a acreditar que Deus também é brasileiro.

Se Deus realmente é brasileiro, por enquanto fica uma grande incógnita, mas o que não podemos esquecer é que nós somos brasileiros e responsáveis por esta pátria.

(RED138)

E VOCÊ, É BRASILEIRO MESMO?

O país está atravessando uma crise tão difícil que o povo, já tão desacreditado, tão sem esperanças, já não sabe mais a quem se apegar.

Os salários não suprem as necessidades básicas do povo. Cada vez mais os trabalhadores são massacrados em seus direitos, existentes apenas no papel.

Deus deve ser brasileiro sim, pois, apesar de tudo, o povo ainda sobrevive. Mas, e o povo, será brasileiro mesmo?

Acostumados ao comodismo, esperam por milagres, mas não é Deus que vai operar esse milagre e sim o povo.

É preciso reunir forças e tentar mudar esse quadro. O povo é quem tem o poder de mudar, de transformar. Porém, não sabe usá-lo. Uns esperam pelos outros e a situação continua a mesma.

Enquanto isso não acontece, continuamos dizendo sim, continuamos abaixando a cabeça para tudo, aceitando os fatos, os planos, as medidas tomadas pelo governo, os abusos de preços, sem nada fazermos, apenas reclamar.

Se você sozinho não consegue grandes mudanças, comece a mudar seu bairro, sua comunidade, seu grupo de família, de amigos, sua escola. Pelo menos, estará dando sua colaboração.

Mas o povo é muito pobre de cultura, de informações. Sendo assim, cada vez mais será dominado e sem ter por onde agir.

(RED139)

TÁ BEM, DEUS É BRASILEIRO, MAS, PÔ DE QUE LADO ELE ESTÁ, AFINAL?

O povo brasileiro está muito acomodado com a situação em que está vivendo. Reclama, fala, discute, mas não faz nada para sair dessa situação miserável.

Só pensa que Deus pode ajudar a sair dessa. Mas, está na hora de acordar e abrir os olhos, que nada cai do céu, que, para melhorar as condições de vida, cada um deve cumprir sua parte.

E, na hora de escolher os seus representantes, escolher pessoas competentes e honestas para nos representar, que pensem no povo e não só na sua pessoa.

É por aí que nós, brasileiros, vamos ter uma vida mais digna e melhor poder aquisitivo e deixar de pensar que "Deus é brasileiro".

(RED140)

O VOTO

Anos atrás, nem todos tinham o direito ao voto. Hoje, o voto é um direito de todos.

Votar é escolher! Escolher o melhor que possa nos representar em todos os momentos: fáceis e difíceis.

Ser um representante: líder de sala, na comunidade, no município, no país; é responsabilidade. Muitos assumem e, depois, o poder faz com que esqueçam de que são representantes, que é uma profissão.

O poder faz que se esqueçam da moral, dos compromissos assumidos quando ainda eram candidatos. É por este motivo que muitos, ao receber a cédula, anulam o seu voto, pois já estão desacreditados, a exemplo que temos no governo brasileiro: corrupção, suborno, morte... na vida dos nossos representantes. E sem punição. E, quando há, com mordomias.

É através de uma nova revisão constitucional, onde os "ladrões políticos" sejam realmente punidos é que iremos melhorar o nosso Brasil. Daí sim, voltará a credibilidade no político, onde o leitor se orgulhará ao votar e o voto será sinônimo de democracia.

(RED141)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

Foi e está sendo tão pregado voto livre, democracia. Mas nós, brasileiros, parecemos estar tão conscientes, mas, na realidade, o que fazemos? Nos deixamos envolver por discursos bonitos, promessas e mais promessas, confundindo a cabeça do povo, principalmente a classe operária, os menos favorecidos pela sorte, batendo de porta em porta, oferecendo-lhe dinheiro e comida.

E pregam que o voto é livre e democrático?

Isto enquanto estiverem nos palanques, porque, depois que assumirem o poder, cadê o povo? Onde estão as prioridades?

Para mim, voto desta forma não significa sinônimo de democracia.

Voto democrático é deixar o povo opinar e poder reivindicar seus direitos, principalmente os básicos, necessários, que são saúde e educação.

(RED142)

VOTO: SINÔNIMO DE DEMOCRACIA?

O voto deveria ser sinônimo de democracia, mas, na atualidade, o eleitor, com seu voto, apenas coloca no poder políticos desconhecidos, pessoas que sobressaem exatamente no período que antecede a uma eleição e, após eleitos, esquecem os interesses da população. O voto seria democrático sim, no momento em que, ao votar, estivéssemos elegendo políticos verdadeiramente honestos, voltados aos interesses da nação.